

Entrevistas semiestruturadas realizadas no curso da pesquisa de doutorado “A artesanaria sociológica de Heleieth Iara B. Saffioti (1934–2010): trajetória e práxis” (Moraes, 2025)

Financiamento: Processo nº 2021/00305-2, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP); Processo nº 2023/02845-0, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Local: Google Meet (ambiente virtual)

Data: 30/11/2021

Entrevistadora: Samantha Camacam (S.)

Entrevistada: Amelinha Teles (A.)

Duração: 02:18:35

[Início da gravação]

S.: Vai começar. Pronto, comecei a gravação. Bem, então, a dinâmica da entrevista, eu gostaria de deixar a senhora bastante livre mesmo. Gostaria de focar bastante mais... nas histórias, nas narrativas, muito mais do que na teoria do nó, muito mais do que nas obras. Mas, eu queria saber bastante da sua história com a Saffioti, né? Acho que a poderia começar mesmo pela sua história de como que você conheceu.

A.: Então, eu sou... eu fui presa política. Quando eu saí a prisão, em 1974, eu fui contato com mulheres eh... dos clubes de mães que, enfim, que organizavam no Movimento Custo de Vida e mais com o movimento feminino pela anistia... e com o Brasil Mulher, né? Eu entrei em contato com o Brasil Mulher em 1975, um jornal feminista e... eh, pra mim, é o primeiro jornal feminista, né, dessa época de 1970. E aí então, ali encontrei eh... mulheres de várias organizações, ex presas políticas, mulheres eh... enfim, militantes de diversas áreas, né? E tinha um pequeno grupo ali inicialmente eh... defendendo feminismo que eu fazia parte. Porque eu já defendia o feminismo mesmo na clandestinidade. E... que eu vivi quase oito anos na clandestinidade.

S.: Uhum.

A.: Então, e aí foi uma luta ideológica muito grande, uma luta cansativa, sabe? Era muita... debate, eh, sem fim, né? E... nós ali na... naquela discussão, e além de que, ah, eu tinha a discussão dentro do Brasil Mulher e tinha discussão com companheiros do Partido Comunista do Brasil que eu participava que também eram contrários ao feminismo. Então, tinha um bloco dentro do Brasil Mulher contrário ao feminismo; tinha no partido que eu participava também, contrário ao feminismo; e, nos clubes de mães, essa palavra “feminista” era muito mal vista, né? Era muito mal interpretada. Então, eu vivia querendo achar um caminho de superar isso, né? De de transpor tanta tanta dificuldade dentro do campo amigo, né? Que era o campo amigo, né? O campo onde eu atuava e... eh... e com muita dificuldade. Nossa! Cê nem imagina.

E aí então, eu não tinha nenhum... eh, digamos assim, a leitura que eu tinha a respeito de mulheres eram leituras eh... “autorizadas”, vamos dizer assim, pelo partido. Então, eram leituras que não chegavam ao feminismo, né? Que falavam da situação das mulheres... muitas

vezes eu... eu concordava com com essas... interpretações, essas análises, mas me falava a discussão sobre o feminismo. E aqui, foi assim que eu encontrei a Heleieth Saffioti, né? Eu encontrei... primeiro o livro dela. Não ela, o livro. E eu, eu, no primeiro momento, achei aquele livro complicado! Cê já leu o livro dela?

S.: Sim. Uhum.

A.: Nossa! É complicado, difícil, chato!

S.: Muito difícil. [riso]

A.: Eh. [riso] Eu falei: “ah, meu Deus, eu vou ter tudo isso aqui pra eu/ eu queria buscar/ que acho que eu e outras companheiras. Não era eu sozinha não. Queríamos buscar... eh, argumentos pra enfrentar nessas três frentes, né, que era: partido, Brasil Mulher e Clube de Mães e periferia. Entendeu? Eu tinha que enfrentar...

S.: Uhum.

A.: E também, e vou me estender também aos sindicatos, né? Nesse... trabalho acabou a gente aglutinando mulheres sindicalistas que defendiam as mulheres, mas nem podiam falar que eram feministas, nem eram feministas. Então, dentro desse campo aí, dentro dessa situação, vamo dizer, eu fui então, eh, eu fui uma das, mas não fui a única (outras mulheres fizeram isso), buscar na Heleieth Saffioti alguma informação ou argumento. Né? E... eh... num primeiro momento, porque a Heleieth Saffioti ela trabalha com a história e com a economia, né? Questões econômicas. Ela é marxista, né? Ela...

S.: Uhum.

A.: ...defende uma tese marxista. Ela se coloca não feminista, né, no livro. Então, nós fomos discutir com ela. E ela era feminista! Era feminista, mas não convinha naquela época, eu entendo perfeitamente, a dificuldade dela de ser feminista... dentro da academia é totalmente fechado! Dentro do ambiente que ela vivia, num ambiente de intelectuais. Era muito muito complicado. Eu me lembro que um dia, eu não sei se foi em 75 ou 76, que eu fui na USP discutir, ahn, sobre as mulheres e... falei qualquer coisa, assim, de femismo. Gente, eu lembro que o pessoal caiu em mim como se eu tivesse...

S.: Uhum.

A.: ...usado uma expressão muito agressiva, né, muito violenta! Porque a reação foi muito forte, muito agressiva contra a posição de feminismo. Então, eu... eh... eu entendia a Heleieth, sabe? A dificuldade dela assumir. E nós ficamos conversando entre nós, buscando argumentos e... pra entender o feminismo... porque gente! Parecia mentira, né? Tô falando com você, que não sei quantos anos você tem, mas, enfim, que hoje feminismo todo mundo é. A TV Globo é feminista, sei lá quem é feminista, né? As artistas aí que a gente conhece todas se declaram feministas. Mas, eu tô falando de um tempo de muita repressão, de muita repressão. Pra você ter uma ideia, o Vladimir Herzog foi assassinado no DOI-CODI em 1975! Eu tive companheiras, militantes do movimento de mulheres, porque falar movimento de mulheres ainda era possível, mas falar movimento feminista... então, nesse movimento de mulheres, tinha feministas e não feministas, né? E... e eu vi mulheres ali eh... sendo torturadas, sendo presas, em 75, né? Então, era uma situação muito difícil e você eh... e eu acho que pra um momento, assim, nosso muito difícil! E... e só pra lembrar que 1976, no dia 8 de março, eu acho que foi no dia 8 de março mesmo,

nós fizemos um... um ato lá no auditório do MASP aqui em São Paulo. E foi, eh, uma/ cê tá me ouvindo bem?

S.: [aceno em concordância]

A.: Tá ouvindo.

S.: Tô, tô ouvindo sim. Eu só, a chuva tá forte, mas tô ouvindo. [risos]

A.: Tá bom. E aí então eh... as, nós éramos da coordenação, porque nós que pedimos o local... [risos] nós é que pensamos em falar alguma coisa [trecho incompreensível]. Mas, chegou lá na hora ninguém conseguia pegar o microfone. A gente tava, assim, intimidada. A gente era muito tímida, né? Eu digo assim, e eu e minhas companheiras a gente tinha... “ah, mas se eu for chegar lá na frente... falar, todo mundo vai dizer que tô querendo aparecer”. “Eu já tenho... ela já tem divergência comigo porque eu sou feminista” então...

S.: Uhum.

A.: E eu lembro que naquele... eh, naquela dificuldade de dizer que estamos abrindo aqui um ato, né? Foi o primeiro ato! Depois que... deu o golpe... 64... foi o primeiro...

S.: [latidos no ambiente]

A.: ...o primeiro/ eu levei um susto porque eu tenho cachorro também. [risos]

S.: [risos]

A.: O meu [palavra inaudível] aqui, eh.

S.: Ai, desculpa. [risos]

A.: Mas, isso acontece. E aí, então era o primeiro ato e aí uma mulher negra de trancinhas ela saiu lá detrás, pegou o microfone, falou assim: “eu sou... eh, homossexual”/ porque naquela época, ninguém nem sabia que que era lésbica... ali...

S.: Uhum.

A.: ...no movimento foi até bom ela falar que era homossexual porque aí as pessoas iam entender melhor. “Eu sou homossexual, sou negra! E sou negra. E venho aqui pra denunciar discriminação que sofrem homossexuais e mulheres negras”. E foi por aí fora. E aí, eu nunca soube o nome desse mulher porque só vi essa vez. Eu sei que ela tinha vindo dos Estados Unidos porque eu falei “gente, como que uma mulher dessa”.. não e eu não fiquei impressionada dela falar que era homossexual não porque eh... eu já, eu já tinha me habituado muito com essa situação, eh, nas diversas situações de vida que eu vivi, né? Assim, de me relacionar com muita gente, inclusive, fiquei presa, né gente? Eu fui presa na cadeia! Você vê muita coisa.

Então, não me/ mas, dela falar que é negra é que me/ sabe? Eu falei [suspiro], gente, eu fiquei admirada de ver ela falar negra porque ninguém falava assim. “Eu sou negra e sou lésbica”.

S.: Uhum.

A.: Hoje, milhares falam isso! Né, nas reuniões, na... na mídias, nas manifestações. Isso não era comum. Então, pra você ter uma ideia, isso foi um espanto. Eu escrevo isso no meu livro: o medo maior das mulheres não foi... não sei se cê já leu um livrinho meu? Não?

S.: “Do breve história do feminismo”?

A.: Foi... é reeditado? Cê leu também?

S.: O reeditado não, eu li o mais antigo.

A.: Não, tem um mais eh... que eu atualizo algumas coisas, não tudo. Não faço uma revisão.

S.: Uhum.

A.: Eh, é de 19... não. É de 2017.

S.: Ah, esse aí eu ainda não li.

A.: Eh, então depois você vê.

S.: Uhum.

A.: Então, eu falo assim, gente/ mas, eu falo lá nesse livrinho que cê leu. Isso aí tá escrito lá naquele livrinho. Gente... as pessoas ficaram com mais medo dela do que da polícia que tava lá porque tava cheio de polícia! Eram trezentas pessoas que a gente contou, né? Nós ficamos ali contando quantas pessoas, mas tinha um grande número de policiais. Eh, pode ser que... sei lá, que um terço ou mais eram policiais infiltrados ali, muitos... muitos como se fossem cidadãos comuns, mas eles tavam eh... realmente... informantes ali. Tavam ali com o fim de controlar o ato. [breve silêncio] E assim acabou esse ato. Mas, eu tô dizendo assim, nós não tinha argumento nenhum! Era um discurso, eu sou mulher, eu quero ser feminista porque mulher é em tudo nós somos alijadas de tudo, nós somos marginalizadas de tudo, eh... as mulheres não podem isso, não podem aquilo.

Então, quando nós pegamos o livro da Heleieth, nós desenvolvemos mais daquela parte da história que ela pega história, educação, e que a gente vai vendo, assim, não, realmente a nossa história já aponta essa... desigualdade, né? Ela já, e reforça essa desigualdade e que, inclusive, na educação nós vamos entrar na escola muito depois que os homens! Nós vamos poder entrar na universidade muito depois!

S.: Uhum.

A.: E tudo é uma luta enorme, né? Então, nesse... nessa discussão, é que eu conheci a Heleieth Saffioti, né? E aí... eh... conversamos muito, né? E... eu sou eternamente grata à Heleieth Saffioti! Porque ela abriu... abriu (nosso) horizonte, sabe? O horizonte daquela turminha que ficava ali reunida, assim sabe, como discutir com os homens; agora, nós discutimos com os homens, nós discutimos com as mulheres, nós discutimos com as mulheres da periferia... certo? Feminismo não é palavrão! Feminismo tem uma razão de ser, né? E trazia os argumentos, ela nos ofereceu argumentos!

Porque depois disso, nós começamos a ler alguma coisa sobre feminismo que as meninas conseguiam trazer. Tudo era xerox de apostila, não era nem um livro. Eu não lembro de nem um livro que eu tenha pego na mão a não ser da Alessandra Kollontai, da... da Inessa Armand, da... Lênin, né?

S.: Uhum.

A.: Qual que é o livro dele? Ele tem um livro que/ bom, não era nem sobre isso! Acho que pegaram alguns artigos do Lênin, fizeram o livro, pegaram artigos da Inessa Armand, fizeram

um livro... alguma coisa Clara Zetkin, mas nós, assim de feminista... não tivemos essa oportunidade. Algumas vezes, então chegou, me parece ser “trabalho doméstico”, “trabalho invisível” da Isabel Larguia. Eh... “A metade do céu”, eh? “Somos a metade do céu” que é um livro lá das mulheres chinesas. Mas, tudo assim: bem revolucionário, bem ligado a (tendências) marxistas.

S.: Uhum.

A.: Então, a Heleieth e, assim, para o partido e tanto para o partido, quanto pro... pras mulheres da periferia que eram muito orientadas por homens também. Elas eram controladas por homens! Eh, a luta de classes é que tinha que prevalecer. E a Heleieth mostrou que não! Sem dúvida, pra mim, eu falo sempre, cê falou “não precisa falar da teoria do nó”, mas eu vou ser eternamente grata ela ter dito isso, sabe?

S.: Uhum.

A.: Ela ter depois, ela ter explicitado isso, né, em teoria. Porque, quando ela conversava com a gente, ela nem tinha escrito isso. Ela conversava! Ela dizia: “olha, gente, a mesma contradição ou se é outra contradição a mulher eh... fica em casa, trabalhando eh... lavando louça, lavando roupa, ela tá subsidiando o capitalismo! Assim como o marido dela lá, o companheiro, o filho, que deixa também o lucro lá dentro da empresa. É explorado, ela também é explorada. E ela é explorada de uma forma invisível! Então, isso aí não dá pra... eh, que isso é chamar de amor, né? Você se dedicar e não é.

Então, a Heleieth ela era eh... bastante enfática nisso. Toda contradição... né? Essas contradições (tinham que) ser enfrentadas e ao mesmo tempo. Não dá pra falar “hoje eu vou enfrentar...” entendeu?

S.: Uhum.

A.: E ela criticava a União Soviética que ela falava enquanto, ela sempre fazia qualquer piadinha que ela era muito irônica/ cê conheceu ela? Não?

S.: Não, não cheguei a conhecer.

A.: Ela era muito irônica, ela era muito petulante! Eu falo assim petulante mesmo.

S.: Uhum.

A.: Ela, como é que se diz? Ela se achava, né? Ela... ela, não é à toa que ela conseguiu vencer todos aqueles obstáculos dentro da academia porque ela foi, ela peitava! “Eu quero é isso e vou!” Ela era, um tipo assim eh... um tipo determinado, ao mesmo tempo atrevida, né? Eu acho que ela era bastante atrevida. E ela, então... ela colocava “não, nós vamos por tudo isso em discussão! Põe isso em discussão!” Ela era mais da luta de classes porque ela tinha, eh, era muito rigorosa, né, dentro da academia tanto que vinha uma linha ali, né?

Mas, ela nunca fechou pras outras contradições, pelo contrário: ela já tratou delas lá na tese (ou sei lá quê que chama aquele livro, né, dela), ela já tratou disso. Então, isso nos deu uma segurança muito grande. Porque uma mulher marxista, uma mulher que defende a luta de classes, então não pode porque o que que o partido – tanto o partido quanto a periferia, eles diziam o quê – que essas feministas são pequeno-burguesas, elas estão dividindo a luta de classes, elas tão eh, elas são divisionistas, separatistas, pequeno-burguesas, desvirtuando todo

o propósito do proletariado, da classe operária. E, quando a gente entrava com o argumento da Heleieth, a turma ficava sem muito argumento contra nós, entendeu?

S.: Uhum.

A.: A gente [trecho incompreensível]. E citava, né? “Cê já leu Heleieth Saffioti? Então, leia! Vai ver o que que nós tamo falando, vai ver o que que é a nossa luta”, entendeu? Então, nós, pra ela foi bom que nós divulgamos o livro dela...

S.: Uhum.

A.: ...fora da academia, né? Que acho que o livro era mais conhecido dentro da academia e para nós foi ótimo! Porque a gente... esses marxistas, né, que... ortodoxos, sei lá, enfim, conservadores que viam na Heleieth, na Heleieth [sinal de discordância], viam no feminismo um perigoso. “Era um perigo!” Nós tavamos sendo inimigas da luta de classes. Era nada disso! Nós não queremos eh... é que esse bloco luta de classes nos escondam, como tem escondido o tempo todo a nossa situação.

S.: Claro.

A.: E aí, então, eh... ela nos deu muito argumento e nós usamos e abusamos da Heleieth Saffioti. Às vezes, tinha [risos] até tinha coisas na discussão que o pessoal falava “não, mas cê que a Heleieth falou isso, mas onde que ela falou isso?” Falei, “ah, nem sei se ela falou”.

S.: [risos]

A.: Mas você falou que era a Heleieth Saffioti, fechava a boca de muita gente.

S.: Uhum.

A.: Todo mundo ficava chateado, mas ouvia, entendeu?

S.: Uhum, entendi.

A.: Foi (bem) interessante...

S.: E você pode contar um pouco mais de como foi esse encontro? Como é que chega esse livro pra vocês?

A.: Esse livro chega pelas meninas da USP.

S.: Uhum.

A.: Meninas que tão estudando na USP, nas Ciências Sociais, eu acho que elas pegaram... será que foi na biblioteca? Não, o livro, carne e osso assim, um livro pra mim, eu fui ter depois.

S.: Eh, mas não o livro em si, mas as leituras mesmo.

A.: [trecho incompreensível] (Naquele) momento era o livro físico era quase impossível [trecho incompreensível].

S.: Sim.

A.: ...ditadura, cê não pode sair com um livro só de falar “a mulher na sociedade de classes”, a polícia viu andando com esse livro... nossa! Aí, era comunista, terrorista, subversivo, é um

horror! Cê não imagina. E eu também não tinha o livro. Eu sempre fui uma pessoa muito pobre, naquela época eu era mais pobre do que eu sou agora, cê imagina.

S.: Então, era só as cópias mesmo, né?

A.: Cópias, às vezes vinha um pedacinho da cópia, a gente lia. Tinha uma menina na USP, eu não sei que fim levou – que era, o nome dela era Glorinha, eu lembro, acho até que eu acho o nome dela inteiro – ela que trazia! Pegava lá, “vamo vê Heleieth aqui e tal!”. E aí, a gente lia, né? E depois, conheci e eu sou da imprensa clandestina, eu sou uma das que faz [o jornal] “A Classe Operária” do Partido Comunista. Depois que eu sou presa, eu saio, eu vou pra imprensa alternativa e pra imprensa feminista, nesse tempo era só imprensa. E eu vendia o jornal “Movimento”. E o jornal “Movimento” era vendido no meio de intelectual porque é um jornal também pra intelectual, você olha assim... eu lembro que [risos] quando eu tinha que ler pra alguma mulher lá da periferia, eu tinha que ler pra elas. Ler, interpretar, pra ela poder entender o que tava [palavra inaudível] ali, entendeu?

S.: Uhum.

A.: Porque não era fácil. Mas, era vendido naquela... SBPC que é uma Sociedade Brasileira de Progresso, pelo Progresso da Ciência. Essa sociedade, eu vendia muito jornal lá e lá, então, eu tive a oportunidade de conhecer, inclusive, a Heleieth. Porque...

S.: Ah, foi lá então.

A.: Eh, assim, entrando por ali. Assim, ver a Heleieth, ver, né? Porque nem amiga dela eu era. E... mas, conversando com ela e tal, e ela “que ótimo”. E a Heleieth passou a gostar muito de mim na hora que ela viu que eu era ex-presa política.

S.: Hum...

A.: Que acho que ela via aquelas mulher toda, ela falava “ah, mulherada tá, leu meu livro, não sei quê”. Eu falei, “eu nem li seu livro, eu li pedaços”, expliquei pra ela. Mas, quando eu falei “eu fui presa política” e na/ e eu tinha, eu como pessoa responsável pela gráfica, a gente tinha uma biblioteca, mas não tinha o livro da Heleieth, entendeu? Não tinha. E... e aí então, ela, conversando com ela e tal, ah quando ela viu que eu era ex-presa política: “ah, mas o que que cê era?” Expliquei pra ela, aí nós viramos amigas por conta disso, entendeu? Porque muito, eu achei bonito isso nela, sabe? Porque muita gente tinha medo de mim, mesmo gente de esquerda, porque eu era ex-presa política. Eu entendo, né? Não tenho mágoa não, sabe?

S.: Uhum.

A.: Eu só tô te falando como é que era o mundo naquela época, né?

S.: Sim.

A.: As pessoas tinham medo. “Você foi presa política, você é visada, então vou conversar com você; nem quero saber de você perto de mim!” Você precisa de ver. Pra arrumar um emprego, arrumar alguma coisa, como era difícil, né? Então, a Heleieth foi o contrário. “Ah, me conta como é que é” e tal!. Falei, “ah, mas cê quer saber disso?”, ela “quero” não sei que e tal. Eu passei a ser amiga dela, né?

S.: Uhum.

A.: E aí, e como amiga, a gente conversava sobre feminismo, sobre os homens, sobre/ e a Heleieth era muito brava! Muito autoritária! Ela tinha aquelas crises. Eu falava: “Heleieth, calma aí, baixa a bola!”. [risos]

S.: [risos]

A.: Ela ria, eu falava “abaixa a bola, Heleieth porque cê... a vida, né, a vida é complicada...” e tal. “Às vezes, a gente tá aqui desmerecendo e tal”, “mas não, eu sei o que eu tô falando, sabe, Amelinha? Eu sei!” Ela sabia mesmo, ela era muito estudiosa, né? Muito! Gente, ela lia tudo! A mulher lia mesmo, né? Lia e conversava com as letras do livro, sabe? Ela conversava.

S.: Uhum.

A.: Noutra dia, ela vinha citando, conversando, eu falava “nossa, [palavra inaudível], nós falamos desse livro antes de ontem, cê já tá lendo”. “Ai, eu passei a noite lendo”, “eu passei a noite!” Ela era desse tipo, né?

S.: Entendi. Então, sua relação com ela, sua amizade começou depois de 75. Quando que cê conhece ela pessoalmente?

A.: [palavra inaudível] 77, 78, não me lembro bem, mas é por aí. Aí, ela... eu fico até a anistia, eu fico no movimento e no Brasil Mulher. O Brasil Mulher vai acabando depois da anistia e eu vou eh... participando dos congressos feministas, né, que tinha os congressos de mulheres que ninguém sabia se era feminista, se não era, aquela confusão. E daí, nós falamos: “vamos fazer a União de Mulheres?” Aí, eu fiz, eu junto com outras companheiras, várias companheiras! Fizemos, tem 40 anos isso, hein? Vai fazer agora, domingo nós vamos fazer uma live de aniversário.

S.: Ai que legal!

A.: Eh. Então, a Heleieth eh... e aí, nós vamos discutir um monte de coisa, e vamo discutir, ah e tem a campanha “Eu sou da luta por creche”. Nessa luta por creche, a Heleieth não participa, embora ela defenda creche. Mas, ela não participa, assim, ela não se empolga por isso, né? E quando eu vou na creche, eu vou trabalhar na creche, eu vou enfrentar violência de gênero, violência contra as mulheres, violência sexual, violência contra as crianças. Uma coisa absurda! Aí, eu volto, né, a conversar com a Heleieth porque a Heleieth já deixa também de ter o foco principal na... no trabalho, nas condições de trabalho das mulheres tal, o trabalho doméstico, pra violência doméstica, violência sexual. Mas, antes disso, nós vamos discutir a formação do primeiro organismo de políticas públicas para as mulheres promovido pelo o estado que é o Conselho Estadual da Condição Feminina.

S.: Uhum.

A.: Aí, eu vou encontrar muito com a Heleieth, que a Heleieth é do PMDB ou MDB (eu nunca lembro se é MDB ou PMDB, eu acho que era PMDB que tinha naquela época) e ela era desse partido. E esse partido tava apoiando o [Franco] Montoro, que era governador, e as femininas desse partido – acho que foi a Heleieth que sugeriu, né – me chamaram pra discutir eh... o conselho.

S.: Uhum.

A.: Feminino. O que que vai ser? Como é que vai ser? Aí veio uma, fala “na França é assim”, não sei onde é assim. E vou lá discutir, discuto com outras mulheres, discuto com as mulheres da periferia, levei as mulheres da periferia pra discutir que eu falei: “olha, é bom que elas entendam o que vocês estão falando porque, né, se é pra políticas públicas...”

Por um tempo, nós falamos por políticas públicas e foi muito bonito. E a Heleieth queria ser presidente, mas quem era, quem articulou tudo ali, do que eu entendi, foi a Eva Blay. Então, tava, enfim, o... o que venceu foi Eva Blay e não a Heleieth, a Heleieth perdeu. Mas, ela participou do conselho, né, na comissão da violência. Eu participei, inicialmente, na comissão da creche.

S.: Uhum.

A.: Então, a gente... e ela me deu esse toque que eu já tinha sentido na prática, mas ela deu essa... que estava... as crianças são as principais vítimas da violência sexual. Muitas vezes, eh... muitas vezes, perpetradas pelos pais biológicos, né? Então, ela traz isso com muita força e eu vou vendo isso na creche, entendeu?

S.: Uhum.

A.: Aí, [trecho incompreensível] até hoje eu sou conhecida como uma... a feminista que luta contra violência contra as mulheres, pelos direitos em nome das mulheres, pelos direitos. Mas, eu sempre lutei, lutei às vezes sozinha porque eu sou da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos e... da União de Mulheres de São Paulo, uma organização feminista que sofreu também muita pedrada tanto das, às vezes de algumas feministas, como do partido político então... partido político não concebia, eu não sei se concebe. Acho que agora eles nem tão dando bola pras mulheres!

S.: [riso]

A.: Eh, eles tão nem aí! Mas, eh, não concebia que as mulheres tivesse uma organização autônoma.

S.: Uhum.

A.: Tinha que ser controlada por eles. E nós: “aqui não”. Então, eles me expulsaram, expulsaram as outras, né, que tavam à frente desse trabalho. Foi até melhor pra nós, pra dizer, agora nós nem precisava gastar a nossa... as nossas... como é que fala? Os nossos neurônios fazendo a discussão com esse pessoal que não consegue entender, né?

S.: Uhum. E esse movimento que você falou que chegou até vocês, né? Partes do livro da Saffioti, não aconteceu tanto no movimento por creches, nem no partido político, nem no sindicatos? Esse movimento que aconteceu com as mulheres organizadas, não aconteceu nesses espaços, como aconteceu em 75?

A.: Eh...

S.: Os espaços que você estava, né?

A.: Não, é o seguinte, eu não entendi bem. Nós feministas procuramos, ou que queríamos ser feministas...

S.: Isso.

A.: ...nós procuramos na Heleieth e fizemos essa discussão.

S.: Uhum.

A.: Nós criamos esse espaço.

S.: Sim.

A.: Agora, muitas mulheres da periferia mais tarde vão aderir ao nosso movimento, entendeu?

S.: Uhum.

A.: Tem um efeito cascata que vai longe, né? Os partidos hoje, até hoje, você não vê os partidos de esquerda falando que são antifeministas. Eles não falam isso. Eu pelo menos não vejo, eu não sei porque eu não tô muito ligada, mas eu não vejo. Então, tem um efeito maior, não é ficou só entre nós. Entre nós ficou aquele, digamos assim, aquele contato físico, aquela amizade, aquele... aquela reflexão maior e tal, mas não quer dizer que os outros não. Essa influência caiu aí no mundo. Entendeu?

S.: Uhum. E também na entrevista que você deu pra Daniele [Motta] e pra Raquel [Lindôso], você conta que vocês faziam uma leitura coletiva, né? Da...

A.: Ah, sim!

S.: ...se você pudesse contar um pouco, eu achei bem bonito aquilo que você tava falando.

A.: Nós fizemos, inclusive, do livro da Heleieth Saffioti.

S.: Uhum.

A.: Fizemos a leitura coletiva. É o seguinte. Nós temos um Grupo de Estudos Feministas Heleieth Saffioti – chama Heleieth Saffioti –, antes era só Grupo de Estudos Feministas. Passou a ter esse nome porque nós começamos a estudar muito Heleieth Saffioti por necessidade mesmo do momento. Porque você vê “feminista não sei o quê”, “feminista aquilo”, “feminista aquilo outro”, e nós somos feminista o quê, né? Então, nós fomos buscar mais uma vez a Heleieth Saffioti. E foi muito bonito, gente. Nossa! O grupo tinha assim umas vinte mulheres e cada uma, em dupla ou em triplo, independe da... da situação, lia o capítulo e apresentava e aí punha pra discussão, né?

Então, a gente fazia encontro uma vez por mês, depois da leitura de um capítulo se discutia o que que entendeu por aquilo. E foi muito interessante! E assim nós lemos o livro todinho. Todinho!

S.: Que legal.

A.: Um sofrimento. E... mudou de sofrimento [risos] porque tinha hora...

S.: [risos]

A.: ...que ninguém tinha entendido bem tal, mas aí tinha umas professoras, sabe? Que procuravam entender melhor e tal e foi assim. Foi muito bonito sim a leitura desse livro. Nós fizemos a outra também que é “Gênero Patriarcado Violência”, né?

S.: Uhum.

A.: E nós fizemos, atualmente nós tamo na leitura da Lélia Gonzalez. E a Lélia Gonzalez cita também a Saffioti porque ela fala que tem feministas brancas que são a favor... das feministas negras que também [trecho incompreensível], né?

S.: Hum...

A.: Como as feministas negras porque, geralmente, eu acho interessante porque, às vezes, fica parecendo assim: não porque feminista negra é uma coisa, feminista branca... não. Tem branca que é antirracista, que defende o feminismo negro. Assim como tem feminismo negro que é antirracista e defende também os direitos das mulheres brancas. Não tem essa... desde que entenda que as opressões, qualquer uma delas, impede o desenvolvimento, né? Te tira a liberdade, te sequestra direitos, né? A Lélia Gonzalez traz muito isso também e cita a Heleieth Saffioti. Enfim, é isso.

S.: Uhum. Isso diz muito sobre o feminismo, essa construção coletiva mesmo, né? De [trecho incompreensível]...

A.: Eh! Tudo que eu falo aqui, a pessoa fala “não, mas cê inventou isso”, eu falei “acho que não porque [trecho incompreensível] ou alguém falou ou eu falei, alguém gostou e virou isso. Entendeu? Mas, nunca nós fizemos esse trabalho isolado.

S.: Uhum. Amelinha, cê tava falando do Conselho Estadual da Condição Feminina e... essa é uma história pouco contada da Saffioti. Tanto é que, nas entrevistas que eu já li dela, ela sempre fala que ela nunca foi nem filiada a um partido político, nem a nenhum movimento feminista pra ela não se comprometer com nenhuma parte. Aí você me falando que ela já foi do PMDB, pra mim é uma novidade. E aí, queria que cê me contasse um pouco mais tanto dessa filiação dela e de como que foi...

A.: Ah, não não não...

S.: ...e mais detalhes.

A.: Não, filiação não posso dizer.

S.: Mas, era uma participação assim?

A.: Às vezes, ela era só simpatizante do negócio, né?

S.: Uhum.

A.: Eu não sei. Não, isso daí eu já não posso dizer... se ela era filiada ou não. Agora, ela era próxima do PMBD!

S.: E como é que era? Você lembra de histórias...

A.: Eu não era do PMDB, né? Meu partido que eu participava, que me expulsou, era Aliança, né, [palavra inaudível] Aliança. E eu, eh, não sei te dizer, mas acho que o marido dela foi até candidato pelo PMDB!

S.: Sim...

A.: Eu acho que foi! Eu Araraquara, eu não sei...

S.: Foi vereador em Araraquara, né?

A.: Foi vereador, né? Então, eu nem sabia. Mas, eh, ele foi do PMDB e ela sempre conversou muito com ele, né? Ela tudo tudo tudo que ela fazia ela conversava com ele! Então, ela tinha sim uma ligação com o PMDB. Ela não foi de nenhuma organização feminista. Que eu saiba, não. Ela era uma feminista... e também acho que depois nem partido mais ela era. Mas, eh... ela era sim, ela era, como é que fala? Área de influência ou simpatizante ou o nome que queira dar, mas ela era vinculada ao PMDB. Eu sei porque eh... as meninas, o movimento feminista, em sua maioria aqui em São Paulo, ele tinha uma parte que era PT e outra parte que era ligada ao PMDB ou organizações de esquerda que faziam aliança com o PMDB. E... e o que que aconteceu? [som de latido] Pera um pouquinho que agora é o meu, cê viu né?

S.: [risos] Tranquilo.

A.: [latidos ao fundo] Xiu! E aí, ela... ela sempre tava ligada a essa ligada mais próxima ao PMDB.

S.: Uhum.

A.: O PT era radicalmente contra o Conselho Estadual da Condição Feminina! Embora tenham petistas eh... mulheres petistas que participaram do conselho. Mas a... as feministas do PT, eu me lembro delas fazendo questionamentos, assim homéricos! “Porque tá cooptando as mulheres”. Ah, preocupações justas, né? Justas. E elas trouxeram muito, elas ajudaram muito na discussão com as críticas que elas fizeram, né? E a Heleieth era defensora da formação do conselho. Então, se ela era filiada ou não, isso aí eu já não posso te dizer, né? Mas, ela tinha sim... uma participação muito próxima com o PMDB.

S.: Uhum. E como que se deu essa tentativa dela...

A.: [fala concomitante, trecho incompreensível] Não, só um instantinho.

S.: Claro!

A.: Depois ela foi [palavra inaudível] ao PT. Acho que na época do Lula, ela era muito... próxima do PT. Entendeu?

S.: Uhum.

A.: E das mulheres do PT, das feministas, né?

S.: Legal. Não sabia disso.

A.: Eh... eh, foi. Foi muito próxima.

S.: Uhum.

A.: Não sei se chegou a ser filiada porque eu sou meio traumatizada com partido, [risos] então eu nem [palavra inaudível] perguntei pra ela: “cê é filiada a esse?”, não sei quê. Não, interessa a nossa conversa, a nossa amizade é mais importante.

S.: Com certeza.

A.: Eh.

S.: Eh... e como que foi essa tentativa dela de ser presidenta da... do conselho? Eh, teve alguma rusga com a Eva Blay? Como foi?

A.: Não. Acho que rusga não, né?

S.: Não?

A.: Não, não sei. Não sei te dizer. Aí elas a... a Eva que pode te dizer. Mas, eh... ela... ela não falava muito sobre isso, né? Que ela queria ser. E eu sei porque ela falou assim: “nossa, você trabalha com tantas mulheres, você vai apoiar a Eva Blay?” Eu falei, “eu vou. Eu vou... o meu apoio não... era a não ser escrever uma carta, falar que eu tô apoiando. Não tinha direito a voto, eu não sou do partido nem nada, mas eu apoio a Eva Blay”, entendeu? Eu apoiei ela sim. E falei assim, “ô, Heleieth, você chegou tarde demais pra falar isso pra mim porque senão claro que eu ia pensar, né, cê queria”, entendeu?

S.: Ah, entendi.

A.: Mas, eu acho que... então, eu sei que ela queria por isso porque ela chegou a me pedir apoio.

S.: Uhum. Mas, já foi um pouco tarde no processo.

A.: Eh, ela entrou tarde no processo. Ela entrou tarde... e nunca também, isso quebrou nossa amizade, né sabe? Olha só, né? Hoje eh, hoje podia tá aí se matando, né? Falei, “ah, cê não vai me apoiar?”. “Não... isso aí não tem importância. Aconteceu, me deu vontade de ser presidente, mas a outra já tava”, cê entendeu? Preparando há mais tempo e tudo. Então... então, ficou a Eva Blay!

S.: Uhum. Entendi. Aí, nesse percurso, então, cê já tinha uma relação bem estabelecida, em curso assim, você e a Saffioti?

A.: Ah, já! Eu lembro que quando, em 1985, quando foi criada a... a primeira delegacia da mulher, o conselho pediu pra fazer uma capacitação para todos os delegados – até me lembro até hoje – eram 90 delegados, num seminário dentro da Secretaria de Segurança Pública. E a Heleieth era a pessoa cotada, né? Que ela era a pessoa que entendia do assunto, assim, teoricamente falando. Mas, ela fez questão que eu desse, que eu participasse desse seminário, que eu fizesse palestra sobre a minha experiência. Ela fez questão! Entendeu? E eu participei.

Outro dia eu tava procurando porque tem até foto em algum lugar assim, sabe? Eu com ela e tal.

S.: Ah, que legal!

A.: Eh, mas eu não sei onde é que tá, eu não achei aquela foto. Mas, tinha.

S.: Uhum.

A.: Então, calaram nós. Aí, nós, eu fui... ela foi trabalhar com... trabalhar, assim, na pesquisa, né? Fazer, eh, trabalho de violência sexual, até participei muito com ela. Muito! Junto às crianças... eu participava porque eu era/ aí depois, eu já tinha saído da creche, já tava pra violência. Pra você ver. Mas, eu fui pra Constituinte primeiro, né? Depois que eu fui pra violência, meu percurso foi esse. E participava bastante.

S.: Uhum. Então, as trajetórias de vocês se encontravam em determinados momentos, assim, das lutas feministas?

A.: Com certeza, com certeza, né? Por exemplo, na Constituinte, eu me lembro pouco da Heleieth Saffioti; já vou participar com outras. Mas, ela participa das/ eu sou coordenadora da

Constituinte aqui na... na comissão da Constituinte aqui do Conselho Estadual da Condição Feminina que foi muito importante, que se articulou com o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, que foi criado em 1985, né, com a Ruth Escobar, sendo a primeira presidenta. E nós articulamos e fizemos muito trabalho! Então, tinha a submissões, da violência ela participava!

S.: Uhum.

A.: Mas, lá em Brasília... discutindo e blábláblá, já vi menos a... a Heleieth Saffioti. Quer dizer, eu não me lembro, né? Pode ser que... então, tem momentos que nós tamos mais juntas, tem momentos que nós tamos mais distantes. Nessa Constituinte, eu participei com ela aqui São Paulo; lá em Brasília, não lembro. Agora, depois da Constituinte, da Constituição, eu sou um pouco a história do feminismo do meu jeito, né? Eu conto a história que eu vivi, né? Eu acho que quando acabou a Constituição que nós conquistamos, né, cê já deve ter lido em algum lugar, 80%/ eu escrevi um livro agora sobre isso, sabe? Um capítulo sobre! Que eu acho muito bonito essa luta.

S.: Uhum.

A.: E aí, eh, o conselho... praticamente acabou... né? O... acho que era Oscar Correia... o... como é que chamava o homem lá que era ministro, acabou com, que era o ministro do Collor, né? Acabou com o conselho porque não tinha sentido, “agora as mulheres têm direitos iguais, então não tem mais que tá lutando!” E nisso, junto uma dificuldade econômica, que sempre pega tudo, né? Eu sei que o movimento ficou muito ONGizado que era... a Sônia Alvarez falava “ONGizado”, né? Eu falo assim, com as ONGs, na ONG, não era pra ter muita mulher, ter poucas! Porque pega um projeto de cinco mil reais cê vai dividir por três e acabou. Você puser cinquenta, cinquenta vão querer, então é muito complicado. E a dificuldade também das mulher participar, foi muito grande. Então, eu falo assim: esse momento de esvaziamento que foi o esvaziamento aqui dentro e o crescimento lá fora, né? Porque tinha conferências internacionais que iam definindo os direitos humanos das mulheres. Eu, (por) defender os direitos humanos das mulheres, cito essa dificuldade das mulheres participarem. Porque as mulheres não falam inglês, não falam francês, não falam espanhol e a conferência internacional... além do que cê tem que ter eh... cacife pra angariar apoio financeiro pra você viajar, né? É caro.

S.: Uhum.

A.: Então, eu vou investir junto à Denise Dora, pela [palavra inaudível], nós vamos investir aqui na União de Mulheres e no Promotoras Legais Populares. E aí, eu volto pra Heleieth de novo que a Heleieth vai dar esse apoio pra promotoras. Porque é um trabalho que a gente, que é muito mal visto, que é o trabalho de base, sabe? Você conversar sobre o óbvio com mulheres que não tiveram a oportunidade de saber que tinha uma Constituição, que nessa Constituição participaram feministas, que tem uma campanha mundial sem as mulheres os direitos não são humanos, sabe? Então, nós vamos fazer esse trabalho.

Eu acho interessante porque a Heleieth, ela... é uma intelectual muito... muito sofisticada. Ela é uma intelectual sofisticada, né? Não é uma intelectual, assim, acessível. Eu não acho, nunca achei. E ela vai participar. E aí, eu falei: “olha, Heleieth, pra você participar, você tem que levantar cedo uma vez por semana porque não dá pra ficar eh... levantando ao meio dia”. Porque ela sempre levantou ao meio dia, né? Ela sempre lia a noite inteira, de manhã dormia um pouco... e trabalhar durante o dia. Geralmente, ela gostava de levantar meio dia. E aí, ela levantava cedo. Levantava cedo. Nove horas ela tava lá, entendeu?

S.: Uhum.

A.: Aquele dia, né, que a gente combinava. Então, eu... mais um motivo pra eu ser grata à Heleieth. (Problema) que a Heleieth era assim, ela não tinha... ela fazia correção em todo mundo. “Porque teoricamente você não fala essa palavra, você fala assim ó. As teorias não comportam, não suportam, não adotam essa palavra. Você tem que falar” essa assim assim assim. E ela falava isso pras mulheres, sabe, da periferia. Era muito interessante. As mulheres morria de rir! Sabe?

S.: [risos]

A.: [risos] Porque ela cuidava muito da linguagem, né? Ela cuidava muito da/ “não, não mantém esse negócio não, tem que falar certinho aqui”. “É um processo”, eu falava, “Heleieth, é um processo. Você vive nesse meio a vida inteira, né? Agora, elas tão aqui e eu tô aqui, então é um processo, né?” Mas, ela ficava bem... ela era bem... ela era rigorosa, né? Uma pessoa rigorosa com ela mesma porque não com as outras, né? Mas, ela deu apoio. Eu sou grata a ela também por ter dado esse apoio.

S.: E era um apoio em que sentido? Como é que ela participava?

A.: Palestra, discutia violência contra as mulheres, fazia grupos ali, discutindo... sabe? Mandava ler texto lá, uns textos dela, né, de preferência e pronto e ia embora. Ela dava muito apoio. Eu acho interessante que, nos últimos tempos, acho que a última vez que a Heleieth foi, nas Promotoras, foi 2008... porque ela tinha muita dor no corpo, né, gente? Ai... eu já tô ficando igual ela também com umas dorzinha. “Ê, meu deus”. (Acho que não é dor), mas o dela não era brincadeira não, né? E ela... ela também tinha depressão, né? Tava deprimida. Tinha época que ela se reclusa.

Mas, ela... na última vez, acho que foi em 2008, e eu, evidentemente, que eu como lutadora, ativista, militante, feminista do Brasil, eu defendi a Lei Maria da Penha, né? Participei dessa discussão dessa Lei Maria da Penha a vida inteira! Até chegar esse nome, esse formato. Nós discutimos. Quantas vezes que eu participei de encontros com a Heleieth! A Heleieth até era engraçada, né? Punha numa mesa assim e falava “olha, gente, cada pessoa aqui tem direito a vinte minutos”. Aí, ela já começava a falar assim: “imagina que eu estudei não sei quanto, eu viajei não sei quanto, fiz não sei quantas, se eu vou falar aqui vinte minutos!” Falava uma hora, gente!

S.: Nossa!

A.: A gente, “chega!” Nossa, mas ela era... era isso. Começava a falar, né? E aí, então, ela foi contra a Lei Maria da Penha. Radicalmente contra! Aí realmente, eu falei: “não, Heleieth, aí nós discordamos seriamente.” Mas, pensando bem, eu entendi. Depois que ela morreu, viu? Fiquei conversando com ela depois que ela morreu. [riso] Falei, “nossa, sabe que a Heleieth tinha razão?”

S.: Hum.

A.: Por quê? Se não acabar o patriarcado, não tem lei que resolva! Não tem. Mas, por outro lado, nós não acabamos o patriarcado; pelo contrário, ele tá mais, como ela dizia, né, “ele tá mais saudável do que nunca, com muita saúde, tá muito bem obrigada”. Que ela citava o Castells que era amigo dela e falava assim: “ele fala assim 'o patriarcado aqui vai muito bem

obrigada“. Bom, mas ajuda, né? Não vai resolver mesmo, sem vencer o patriarcado, a violência contra as mulheres é a expressão maior, né? Do patriarcado. Acho que ele tá [trecho incompreensível]... o grande desafio, a grande questão que a gente tem... e aí, eu entendi mais ela, do que ela queria dizer. Depois, eu li aquele livro “A criação do patriarcado” da Gerda Lerner que a Heleieth sempre citava ele, mas ele era em inglês, não tinha em português.

S.: Uhum.

A.: Aí depois, bem depois, é que apareceu em português. Aí quando apareceu, falei: “vou comprar esse livro, vou ler”. Aí, eu entendi. É difícil mesmo, a Heleieth tinha esse ponto, mas a Heleieth nesse ponto aí ela foi muito teórica porque, na prática, minha filha, o que melhora um pouquinho, (se) salvar uma vida, cê já fica feliz, né? Na prática é isso o que nós tamo vivendo. Mas, ela tinha uma pavor.

Falei, “oh, Heleieth, não vou te chamar mais não pra vir aqui nas Promotoras”.

S.: [risos]

A.: “Porque eu faço uma luta pra defender!” Porque as delegadas era contra a Lei Maria da Penha porque foi o Lula que sancionou. Elas eram do PSDB ou era, sei lá, elas são do contra mesmo! São contra, entendeu? Até porque a Lei Maria da Penha veio como política pública formatada num plano multidisciplinar, né? Onde vários setores entram em ação. E a delegacia era a única e soberana fazendo e acontecendo, o que tá voltando agora, né?

S.: Uhum.

A.: Porque nós tamo num Estado policial, num Estado autoritário policial. Eh, agora nós tamo. Então, eh... a Lei Maria da Penha as delegadas sabotaram aqui em São Paulo! Eu acompanhei de perto. Falei, “Heleieth, as delegadas sabotaram e você fazendo esse discurso? Não combina, né? Porque não é delegada, você é...” Nossa! [balbucio]

Eu vi que ela tava com dificuldade já, sabe, de... de um raciocínio mais (atualizado) talvez, não sei. Não sei... mas, eu continuava indo na casa dela, ia lá tomar, ela me chamava pra almoçar, era muito engraçado. Ela chamava você pra almoçar, só você que almoçava, ela não. Ela não gostava de comer, a Heleieth não comia nada não! Ela era magrinha, né? Magrinha magrinha! Ficou mais magra ainda. Era muito... ela não comia não. Ela gostava dum vinho, né? Beber era com ela mesma!

S.: [riso]

A.: Eu falei, “nossa, Heleieth, se eu beber desse jeito e não comer, eu fico tontinha! Daqui a pouco eu tô voando”.

S.: [risos]

~~A.: “Eu tenho que comer”. Aí, tinha comida, sempre tinha, mas ela não comia. Às vezes, até o pessoal falava: “vai lá comer com ela, quem cê sabe cê anima, né, ela comer e tal”. É o que a gente tentava. Mas... eu acho que isso. Eu, quando fui, eu era sempre convidada ou eu fui convidada umas duas três vezes lá pro NEIM, sabe? Lá da Universidade Federal da Bahia. E a Heleieth era sempre convidada pra lá, fazer reunião, discussão... e... e aí, um dia, ela foi a mulher homenageada, sabe? Lá reitoria, sabe aquele auditório... e ela chamou pra eu poder ajudar ela a... ela já tava, às vezes, ela sentia uma tontura, alguma coisa assim, sabe?~~

S.: Uhum.

A.: ~~Pedi pra eu ajudá-la no vestir e tudo. Até as meninas lá me puseram num quarto perto dela, né, vizinho. E aí, ela bateu, ela me chamou lá, eu bati no quarto, entrei. E eu fui [palavra inaudível], ela já tava pronta! Não tinha nem o que ajudar, né? Falei, “ô, Heleieth, engraçado, cê me chamou pra te ajudar a botar a roupa, mas você tá esperta, você já vestiu, já tá lindona e tal”.~~

S.: [risos]

A.: 'Aí, [risos] só tô estranhando uma coisa: eu tô achando, cê nunca teve bunda e agora cê tá com essa bunda toda?” Ela falou: “minha filha, você acha que eu vou ser homenageada na Bahia desbundada? Eu comprei uma bunda lá na” — como é que ela falava? “25th street”, né? Lá na 25 de Março.

S.: [risos]

A.: [risos] “Eu fui comprar, menina. Cê acha que...” ri tanto da Heleieth! [risos] Não, só a Heleieth mesmo, a Heleieth era... ela foi com uma...

S.: Ai, gente, que pessoa!

A.: ...uma calça comprida, toda fininha, sabe? Toda vaporosa.

S.: Uhum.

A.: ~~Aberta assim dos lados, tinha uma fitinha assim, sabe, pra prender. Então, quem prestasse muita atenção, claro que ninguém presta atenção nisso, mas como eu fui lá pra arrumar ela, eu prestava atenção. Os cambito dela, que a perna dela era fininha assim, via, e a bunda assim saliente. Ficava assim, sabe?~~

S.: Uhum.

A.: Ficava demais! [risos]

S.: [risos]

A.: ~~Essa parte aí, tudo que eu tô falando dela eu falo em público, mas essa parte aí, não sei, né? Pode ser que a família dela porque ela não ligava não, mas vai saber o que a família dela... né?~~

S.: Sim.

A.: ~~Preserva a... a história dela. Mas, ela era muito engraçada. A Heleieth era muito engraçada! Nossa! Meu deus! Ai, ela bebia, ela falava cada coisa. Ai, gente, olha que era demais! Mas, eu gostava dela mesmo assim, sabe?~~

A.: Eu falava, “sai, Heleieth, cê tá exagerando!”. Falava: “eu falo sim! Eu falo! Porque eu sei o que estou falando!” [risos]

S.: [risos]

A.: “Então, tá bom”. Mas, era demais.

S.: E vocês foram amigas até o final da vida mesmo, né?

A.: No finalzinho, até 2009.

S.: Uhum.

A.: Ela morreu em 2010, nesse ano ela ficou muito doente e eu sempre trabalhando muito, acabei não me encontrando com ela. Não lembro de ter encontrado com ela. Ainda falei, “puxa!” Quem me avisou que a Heleieth morreu foi Eva Blay. A Eva Blay falou assim, eu falei assim: “como é que eu faço pra vir, então, despedir dela?” Ela falou assim, “já vai pro cemitério”. Eu fui lá pro cemitério. E era muito chuvoso! Um dia de chuva! “Tinha que ser a Heleieth que morreu hoje”. Nossa, mas sabe aquela tromba d’água aqui nessa São Paulo que fica tudo ruim?

Eu peguei, tinha um táxi aqui na esquina, em aluguei o táxi e falei: “eu pago o tanto que você quiser, mas cê fica lá comigo no cemitério porque depois eu não vou achar...” porque era lá no... pra lá do Morumbi, sabe? Um lugar meio afastado. Eu falei assim, “não vou achar táxi nem nada, e eu quero ficar até o fim. Quero ver ela ser enterrada. Fica lá comigo”. Que eu conhecia o motorista que era aqui perto de casa, né? E falou, “não, pode deixar, Amelinha, eu vou lá com você”. Mas, uma chuva! [breve silêncio] E ela lá. [breve silêncio] Foi assim que eu despedi dela.

Porque eu sei que, já em 2009, ela tava com muita dor. 2010 também. Ela falou, “ah, Amelinha”, falei “ah, eu vou aí”. Falou, “ah, não vem não que eu tô com muita dor. Eu vou no médico agora, vou fazer no sei o quê”, papapa. E assim foi. Ela morreu no final do ano.

S.: Uhum. E você lembra uma última memória de quando você a viu? Uma última lembrança assim de pessoalmente?

A.: Olha, a última vez que eu a vi, talvez seja essa a última vez. Eu acho que foi em alguma reunião ali pela, ela morava ali na Praça da República, e a reunião era ali perto. E eu me lembro dela vindo falar comigo das dores, ela só falava das dores e falava o quanto que ela tinha que pagar que era muito caro o... os tratamentos pra essas dores... eu me lembro disso. Eu falei, “Heleieth, talvez, a gente tem que fazer vaquinha, né? Pras companheiras ajudar”. Ela falou: “não, por enquanto eu tô pagando, mas não sei até quando”. Eu acho que ou foi no final de 2009 ou no começo de 2010. E aí, sempre que eu ligava pra ela, ela tava fazendo tratamento, tratamento... eu achava que, no final do ano, eu ia encontrar com ela pelo menos. Né? Que a gente sempre fazia um encontro, sempre tomava um vinho. [trecho incompreensível]

S.: Uhum, entendi. Sinto muito pela perda, uma perda pessoal, né, além de tudo.

A.: Eh... uma perda grande! Uma pessoa que você pode conversar, trocar ideia, discordar, né? Eu acho interessante é isso. Porque imagina eu discordava da Heleieth! Falava assim: “acho que você gosta de mim pra discordar, Heleieth”. Mas, e teoricamente, eu achava que ela tinha muito mais base que eu, sempre respeitei. Mas, isso na prática, falava “não, isso aí não é assim não... na prática”. Mas, uma amigona!

S.: E como que era isso da troca de ideias na relação de vocês? Cê tá falando disso de discordar, teoria e prática, como é que era?

A.: Falava: “que que é isso, Heleieth? Isso aí eu discordo inteiramente! Então, eu vou procurar outra pessoa pra conversar sobre isso”.

S.: Uhum.

A.: Tinha hora que eu não tinha, sabe, eu não ficava contra argumentando. Às vezes, eu contra argumentava, mas, às vezes...

S.: Mas, era em relação ao feminismo, que que era?

A.: Eh, em relação à nossa militância. Sempre. Em relação às outras coisas, pessoais assim, não sei... não tenho muito... ela escondia muita coisa da vida pessoal dela. [trecho incompreensível] Você não sabia exatamente o que que era e ela era muito briguenta, né?

S.: Uhum.

A.: A Heleieth brigou com todo... nossa... “eu brigo mesmo!” [trecho incompreensível] Ela era assim. Eu falava: “comigo cê não vai brigar que eu não vou nem discutir com você.” Às vezes, às vezes, eu discutia com ela sim quando eu tinha base no que... eh... não, tinha coisa assim, por exemplo, ser contra a Lei Maria da Pena, ser a favor das delegadas. “Ah, sai, Heleieth! Nem vem que não tem.” Sabe? “Vamos conversar de outras coisas”. Mas, acho que foi a discussão mais desagradável que nós tivemos foi essa, da Lei Maria da Penha.

Foi algo que eu... não... não concordar, sabe, eu fiquei assim, eu falei assim: como uma mulher que dedica a vida estudando, pesquisando, orientando. Quantas pessoas foram formadas por essa mulher? Quantos profissionais excelentes que tão aí na vida! E fala um negócio desse comigo? Ah, não vem não! Entendeu? Eu falei, “não, Heleieth...” aí, nós discordamos mesmo. A gente se gostava, né? Então, mas aí foi quase que, 2009 eu fiquei muito com ela – isso aí foi em 2008 –, 2009 ficamos. Falei, não, eu procurei conversar de outras coisas, né? Eu não falava de violência e outras coisas. E depois ela morreu, né? Então...

S.: Uhum. E anterior a isso, vocês chegaram a escrever coisas juntas?

A.: Não, nunca!

S.: Nunca, uhum.

A.: Nem nunca pensei, nem nunca passou na minha cabeça escrever com Heleieth Saffioti.

S.: Ela chegou a escrever pra revista, né?

A.: Ah, sim! Mas, eu não, junto não. Muito que eu fazia, acho que fiz alguma entrevista com ela, alguma coisa assim bem informal. Porque... eu não sei, eu não tinha... eu sou uma... como é que fala? Essa semana eu vou ter que falar sobre isso: militância escrita. Porque eu sempre militei, por ser militante, em algum determinado momento, que eu tinha que escrever, certo?

S.: Uhum.

A.: Aí, eu escrevi. Então, tinha escrita e militância. Eu fui, né? Depois, eu tinha... eu resolvi escrever um livro sobre breve história do feminismo no Brasil. Eu resolvi escrever esse livro porque era o seguinte: eu falava muito de história, eu tinha lido o livro da Heleieth, foi ótimo, discutido muito. E que mais que havia? Eu achava que cada vez que eu descobria alguma mulher ou alguma coisa que acontecia na história aquilo me atiçava, sabe? Eu tinha que estudar, ver, procurar. Eu não achava nada! Que tristeza, viu? Cê sabe que outro dia uma historiadora, assim, me falou – ela me falou, não sei se é verdade, (tem que) pesquisar mais, né –, mas ela falou assim: “a primeira a escrever um livro de feminismo nessa década de 70 sobre história do feminismo no Brasil foi você”. Parece que fui eu.

S.: Olha que legal!

A.: Eu não sei se isso é verdade porque, por exemplo, eu escrevi na Brasiliense, nesse momento, eu fui best seller na década de 70, naquele momento. E... ahn... a aquela menina Branca Moreira Alves e a Jaqueline Pitanguy tinha escrito “O que é feminismo”, ou alguma coisa assim, mas não era história do feminismo no Brasil, né? Então, a historiadora falou que é o primeiro livro dela que ela estudou, uma moça nova assim. Eu falei, “olha, cê pesquisa direito pra ver se sou eu mesmo”. Eu não lembro de ter outro livro, eu vi acho que muita gente que escreveu sobre história do feminismo me cita, tem as teóricas, as acadêmicas. Tem aquela Celi Pinto, não sei quem, mas são acadêmicas. Da militância, só tem eu! Essa historiadora tava falando.

S.: Que incrível!

A.: Eh. Eu tive vontade de escrever porque eu achava assim, “gente”/ aí, aquela professora lá da Unicamp disse que eu sou a primeira feminista decolonial do Brasil que ela conheceu fui eu, por causa desse livrinho!

S.: Uhum.

A.: Porque eu resolvi escrever a história do Brasil do ponto de vista feminista. Ou sei lá o feminismo. Porque eu falei: a história do Brasil é contada por homens, pros homens, machista, exclusivista e não sei mais o quê. Então, eu resolvi. Mas, eu não tinha, eu sou muito petulante também. Eu falo da Heleieth, mas eu sou igual, né? [trecho incompreensível] Porque fui me meter nisso? Eu não sou da academia, eu não tenho, eu sou uma mulher pobre, trabalho feito doida e vou ficar escrevendo escrevendo tudo assim à mão, né? Porque naquele tempo não tinha nem computador, né?

S.: Uhum.

A.: Enfim, eu tô dentro do ônibus eu escrevia um pedaço. Aí falava, não, isso aí tem que ver melhor, não não sei quê. O que me deu o apoio, o suporte pra escrever mesmo... que eu comecei escrever, ah eu fazia muita palestra! Nossa, gente! Teve uma época que eu não sei quantas porque eu nunca recusei convite de ninguém. As pessoas me convidam, eu nunca recusei. Se eu falar pra você que eu não posso, é porque eu não posso mesmo, né? Não é porque... aí né acontece. Mas, aí eu fazia aquelas palestras, tinha que preparar aqueles papelzinho pra falar da história. Eu ia lá, pegava a Heleieth, falava assim: “mas, só a Heleieth? Não tem ninguém?” Não achava.

Aí, apareceu aquela menina lá no conselho, a Maria Lucia [de Barros] Mott, uma historiadora. Ela começou contar a história das mulheres... ela fez a pesquisa. Então, por exemplo, a Maria Firmina dos Reis eu conheci pela Maria Lucia Mott, aquela Nísia Floresta eu conheci pela Constância [Lima] Duarte, que era uma pesquisadora, ela ia lá no conselho conversar com a gente. A Nísia Floresta?

S.: Uhum.

A.: Aí, eu vou prestando atenção e vou anotando nos papelzinho. Falei, “olha, gente, tinha uma mulher que chamava Nísia Floresta, não sei o quê, que aliás nem chamava Nísia Floresta, mas ficou com esse nome”. Aí então... eu vou juntando esses papezinhos tudo dentro duma caixa, cê acredita?

S.: Que incrível!

A.: Caixa de sapato assim, né? Eu vou juntando tudo, [trecho incompreensível], aí eu fui levar pra Zuleika Alambert, que era comunista do Partido Comunista, uma feminista também que também sofreu muito dentro do partido. Ela... enfim... ela foi a primeira deputada comunista aqui em São Paulo, sabe? Na assembleia.

S.: Uhum.

A.: E aí, ela falou, eu falei assim/ e eu era muito amiga dessa também. Eu sempre gostei de gente mais velha que eu porque eu queria saber a história, né?

S.: Uhum.

A.: Onde que eu, não tinha livro naquele tempo. Os livros eram... né. Aí, a Zuleika falou assim: “vamo fazer o seguinte, toda quarta-feira você vai almoçar comigo e leva um pedacinho do que cê escreveu. Aí, eu falo assim pra vc, 'tá bom', 'tá ruim’“. Eu falei: “tá bom”. Foi assim! Foi assim que eu escrevi. O primeiro, né?

S.: Uhum.

A.: Escrevi e... aí eu apresentei pra Brasiliense que aceitou, imprimiu, aquela coisa. Então, eh... é a mulher que me ajudou muito. Que, nesse tempo, eu nem falava com a Heleieth Saffioti sobre isso porque eu falei ela vai botar tanto defeito e eu vi na Zuleika uma pessoa com mais experiência que eu, muito mais, mais conhecimento, mas que era militante que nem eu. Que a Heleieth é uma militante intelectual acadêmica.

S.: Uhum.

A.: E a Zuleika era uma militante... como eu. Com mais experiência, né, com mais oportunidade. Ela já tinha sido deputada, ela foi do exílio, ela foi do Comitê Central, né? E eu nunca nem cheguei na na, eu nunca fui de direção nenhuma, então a diferença é grande. Mas, foi assim. Então... por que que eu tô te falando isso? Não, acho que é porque eu vou falar sobre isso, né?

S.: Sobre escrita e militância.

A.: Eh. Então, mas aí que eu comecei escrever, mas eu nunca propus pra Heleieth Saffioti escrever. [breve pausa] Aliás, eu nunca propus pra ninguém. Quando você me escrevendo com outras pessoas, é porque... eh... esse livro da Unicamp, não sei se você viu, a “[Por que a] Creche é uma luta das mulheres[?]”. Cê chegou a ver?

S.: Sim! Eu cheguei a ver, mas ainda não li.

A.: Eh, esse livro, eu tô junto da Ana Lúcia [Goulart de Faria] e do Flávio [Santiago] porque nós trabalhamos juntos que eu fui professora visitante lá na Unicamp na Educação.

S.: Que incrível!

A.: Como dentro do... do plano que nós fizemos de trabalho, nós fizemos o plano junto, e eu ia fazer um livro sobre creche e feminismo. Como a Ana Lúcia tinha feito um outro antes sobre creche e feminismo, eu falei, “ah, então, não vai ter, vai ser outro... nome”... né? Eu tinha até feito um artigo pra Ana Lúcia porque ela me pediu pra por no livro dela. Aí, eu pus esse “Por que a creche é uma luta das mulheres”. Por quê? Eu falei, ah, as pessoas leem, vão entender, se vão entender, vão discutir. Mas, aí porque eu tinha que fazer junto, cê entendeu? Ou então, às

vezes, as pessoas vão fazer um livro e elas chamam várias pessoas pra escrever, aí elas me chamam.

S.: Uhum.

A.: [palavra inaudível] Eu nunca chamei ninguém não, nem um... chamei pra esse “Por que a creche é uma luta das mulheres?” Mas, eu não tenho esse hábito de ficar escrevendo. Agora, por exemplo, eu escrevi um artigo pra uma revista que o Flávio, que é esse meu amigo lá da Unicamp, pediu pra gente assinar junto. Falei, ah, tá bom, então vamo fazer, eu fiz e tudo. Mas, ele pediu, né?

S.: Uhum.

A.: Eh... que escrevesse junto, a não ser... eu não lembro. Então, na Heleieth não, e a Heleieth também nunca propôs pra mim. Porque a Heleieth era cheia de grandes projetos e projetos financiados, né?

S.: Uhum.

A.: Não é meu caso! Eu sou... eu sou periferia, filha. Eu sou trabalho de base, sabe? Militância de graça. O que eu trabalho de graça eu falo assim, gente... o pessoal fala: “isso aí vale dinheiro”. Falo assim, “realmente vale, mas eu não... nem cobro nem cobraria! Não é a minha intenção, né?” Então, é diferente. Agora, ela me chamou pra fazer seminário junta. A gente podia ter feito um artigo sobre aquele seminário, isso podia, agora que cê tá falando, né? Uma coisa que eu poderia ter proposto pra ela, mas... minha militância não chegou a tanto, então... [trecho incompreensível].

S.: Uma questão que eu fiquei pensando também desses seminários eh... em que medida também ela participou desse processo das lutas pelas DDMs. Você sabe da participação dela além dos processos de formação?

A.: Ah, eu acho que é, eu não sei, eu acho que ela participou... ela participou bastante. Eu vi, eu ouvi, assisti várias conferências eh... em que ela participava, não sei se ela organizava, mas ela participava sobre as DDMs. Eu já fui várias aqui na OAB, na... aonde mais? Ela trabalhou um tempo com a... não sei se a, é a UFRJ, né? Com a Suely Almeida...

S.: Isso.

A.: ...trabalhou com ela. Então, elas fizeram sim. Mas eu não...

S.: Uhum.

A.: ...assim, eu participei [palavra inaudível] mais aqui em São Paulo. Eu participava mais em São Paulo, Brasília... na época da Constituinte... e nas conferências. No Rio, eu participei muito e participo até hoje, mas é de movimento social. E a Heleieth, eh, esses projetos são têm financiamento da Fapesp, de... sei lá mais o quê e tal, isso aí já é outra pegada, né? Veio de uma... das universidades e tal...

S.: Uhum.

A.: ...não participei não. E, aliás, tá cada vez pior porque, assim, até tava conversando com alguém, não sei, que agora elas nem convidam o pessoal do movimento social. Já é mais difícil convidar porque não tem nem o financiamento assim pro transporte.

S.: Nossa...

A.: Entendeu? Então, falou assim: “não posso ficar convidando por conta disso”. Então, já é outra... é outra esquema. E eu sou do movimento social, então... eu participo lá da UFRJ da Faculdade de Direito do Promotoras Legais Populares, eu participo com as professoras lá. Com a Cristiane Brandão, com a Mariana Trotta, com a Livia Gimenes, mas é assim: elas articulam eh... com a OAB, com outras instituições, um financiamento pra me bancar no transporte, entendeu? Essas coisas aí.

S.: Uhum.

A.: Mas, não a universidade, a universidade... tá difícil, né? Atualmente...

S.: Muito!

A.: ...atualmente. Já estava ruim antes, mas agora tá muito pior então...

S.: Tá uma lástima, Amelinha. Tá muito difícil.

A.: Agora, eu vi, eu participei, cê sabe o que que é LASA [(Associação Latino-Americana de Estudos)]?

S.: Não.

A.: Acho que é Associação Latino Americana de Pesquisador, alguma coisa assim, eh... que eu posso até ver depois direito pra você eh...

S.: Não, tranquilo.

A.: ...mas, eu participei de várias encontros da LASA, sabe? Eh, a cada dois anos, não sei. E quando foi em 2012, ainda participei nos Estados Unidos em São Francisco. Eh, 2012 foi em São Francisco. E eu participei, eu participei não! Eu assisti, não participei, né? Porque é bem também burocrático assim da homenagem à Heleieth Saffioti que fizeram. Ela é muito famosa no mundo! Porque ela era muito metida, né? Heleieth falava, [trecho incompreensível]. Falei assim: “ah, Heleieth, cê...” “não, você eu sou reconhecida no mundo inteiro”, ela falava isso. Mas, depois que ela morreu que eu vi que era mesmo, né? Falei, “olha!” E eu ia assistir as mesas, falando assim da importância dela.

S.: Uhum.

A.: Eu fui amiga duma mulher importante, viu?

S.: [risos] E o que que você acha que essa importância tinha assim pra ela? Isso era uma coisa...

A.: Ah, ela tinha orgulho de ser importante!

S.: Uhum.

A.: Era muito orgulhosa sim... de ser reconhecida. Né, porque como ela falou ela era filha de gente pobre: “eu chegar onde eu cheguei, a tendência era eu não chegar... a maioria ninguém chegou, eu cheguei, né?” Então, ela tinha muito orgulho desse empenho dela, dessa resistência, desse enfrentamento, ela era muito combativa, né? E ela discutia, gente, ela discutia... eu... achava legal porque ela discutia com os homens! Teve um dia que eu tava lá na OAB, era um seminário “Violência contra as mulheres” ou “Violência sexual”, alguma coisa assim. Aí, e eu

não sei se você já lidou com esse tema, mas assim todo mundo gosta de saber assim qual que é o perfil da vítima, qual que é o perfil do agressor. Um saco, né?

S.: Uhum.

A.: Perfil! Perfil. É uma forma assim de querer dizer que tem exceção dentro do... das nossas relações e isso é o comum, né, é a rotina. Aí, ela virou, aí um... uma mulher lá na OAB, aquelas advogadas toda pepepe, falou assim: “mas, a senhora podia nos dar mais informações a respeito do perfil do agressor?” Aí, ela falou assim: “bom” – ela falou umas coisas lá, né, mais ou menos assim, cê não entendeu nada do que eu falei, mas tudo bem – “o agressor pode ser esse senhor que está aí ao seu lado”. Gente! “Pode ser qualquer um desses homens que estão aqui”, tudo aqueles homens engravatado, sabe? Que é advogado, na OAB... [risos]

S.: [risos]

A.: ... todo mundo se mexendo... [risos] (aí enfim,) eu ri porque nossa! Falei, “Heleieth, você arrasou! Todo mundo incomodado.” Ela falou assim, “incomodo mesmo! Pode ser qualquer um. Quem que é o agressor? Depois de tudo que você explica, que é o pai biológico, que é aquele pai que a filha ama o pai, o pai ama a filha e ele faz isso. Você ainda vai perguntar qual o perfil? Ah, que... coisa mais, como é que fala? Porque aquele Lombrosiano lá, que coisa mais absurda, gente! Você tem assim o olho puxado pra cima, então você é o perfil? Ah, pelo amor de Deus, né?” Então, ela acabou também! Ela entrava nesses, elas tirada ela tinha todo tempo. Gente, o que ela criticava esse Fernando Henrique Cardoso! [riso]

S.: [risos]

A.: Eu não sei se o Fernando Henrique foi colega dela... ou se foi do tempo dela... na escola, eu não sei bem. Eu sei que, na USP aí, né?

S.: Uhum.

A.: Gente, ela era terrível, ela fazia... um dia, eu fui pra USP pra fazer uma mesa lá [trecho incompreensível] e a Heleieth também foi convidada. Aí, eu falei, “Heleieth, como cê vai de carro, você podia me levar, né?” Porque eu detesto ir na USP, eu moro aqui no Bixiga, lá na USP, falei “tenha dó!” Ela falou: “então, vamo junta e tal”. Aí chegamos lá e quando nós tamos conversando, falei: “ô, Heleieth, cê sabe que é a primeira vez que eu sou convidada [por] uma professora da história da USP pra falar sobre feminismo? Cê acredita?” Eu falei com a Heleieth. “Então, eu vou até agradecer muito, né? Falar, “gente, vocês tão se abrindo pro mundo, né?” Porque professora da USP, até um tempo atrás, naquela época, não procurava militante, né? Que a gente é desmerecer seu estudo falar com militante.

S.: Uhum.

A.: Então, a Heleieth falou: “pois, eu... eu vou dizer é um absurdo nunca ter convidado, cê vai falar isso e eu vou falar o contrário!” Entendeu? [risos] Então, eu falei “tá bom”. Aí, eu abri e falei, né, falei: “olha, eu quero agradecer muito, principalmente, a uma professora porque eu venho muito aqui na USP a convite de alunos, de alunas, né? De, como é que fala? DCE, esses movimentos, né? Essas coletivas que são criadas na USP. Agora, professora me chamar, professora de departamento” – era uma professora famosa, sabe, eu esqueci o nome dela, mas ela era famosa naquela época –.

S.: Uhum.

A.: Aí, eu falei assim: “eu fico muito agradecida e fico alegre de ver que vocês tão considerando militância, que a militância às vezes é muito desconsiderada na academia o que eu acho uma pena porque eu gosto do diálogo, né?” Aí, a Heleieth foi falar, foi falar assim. “Olha, eu não tenho nada a agradecer por ter sido convidada!” [risos]

S.: [risos]

A.: Já começou assim! Aí, já foi pro... [risos] gente!

S.: [risos]

A.: Porque aí ela começou a falar coisas que eu não me lembro agora direito porque... eh, sabe? Eh... da história dela com a USP que eu não conhecia muito, né? Então, eu não sabia, né? Porque, aí, que ela me contou depois na volta, né? Falei, “nossa, Heleieth, cê tinha que cascar daquele jeito. Eu sabia que você ia falar contra o que eu falei, mas não daquele jeito”. Ela falou assim: “ih, falei pouco, Amelinha! Tinha que falar mais. É que a USP, quando eu me, quando eu fiz minha tese, era com um...” – como é que chama aquele Fernandes? –

S.: Florestan Fernandes.

A.: Florestan Fernandes! “Ele foi cassado, foi embora pro Canadá, uma coisa assim. Então, eu fiquei sem orientador. Aí, ele, o Florestan Fernandes, pediu” – porque naquele tempo não tinha nem e-mail essas coisas assim que cê pode falar, tal [trecho incompreensível], então naquele tempo não tinha isso – “pediu ao Antônio Candido pra ser meu orientador. E ele aceitou e tudo, foi ótimo, muito delicado, muito educado. Aí, quando foi na hora de montar o lugar que eu tinha que defender, as Ciências Sociais não me aceitavam porque dizia que era uma tese de Economia. E a Economia não aceitava porque dizia que era marxista e lá não tinha essa economia marxista na... naquele departamento, naquela faculdade lá, naquela escola.

Então, eu fiquei jogando, eu ia, trazia aqui, trazia aqui”. Até que Araraquara, ela já era professora lá, né, aceitou fazer como se fosse de livre-docência a banca. Mas, ela dizia: “eu sofri muito nessa USP, Amelinha. A USP me discriminou porque eu era das Ciências Sociais, mas estudava Economia; eu era marxista, ah [palavra inaudível]. Nem marxista eu era”, ela fala, né? “Mas, eu estava Marx sim, ué, como eu vou falar de classe sem falar de Marx?”

S.: Uhum.

A.: Então, ela falou “eu tinha que ter falado mais!” E todas essas divergências que ela tinha com a USP, ela... ela despejou ali naquela mesa e eu já nem sabia mais [risos] o que dizer, né? Entendeu?

S.: Uhum.

A.: Porque eu só falei isso porque eu falei, “isso eu vou cobrar”. Uma cobrança que eu fiz da USP, eu vou fazer sempre em qualquer universidade que eu vou fazer (aliança). Não tem, militância e academia têm que tá juntos porque nós tamos no mesmo barco! Cada um com instrumento diferente de trabalho, mas nós precisamos também, nós é que fortalecemos, até instigamos a produção de conhecimento, a militância. E a academia nos traz de volta, enriquecendo essa nossa experiência. Então, eu jamais posso imaginar nós, a academia de um lado e nós do outro.

S.: Uhum.

A.: Isso é uma coisa que eu aprendi na vida. Mas, a academia foi muito agressiva com a gente, principalmente, pela USP. Eu me lembro um dia, a primeira vez que eu fui lá, que as meninas me chamaram, as meninas das Ciências Sociais sempre chama a gente, aquela molecada [trecho incompreensível]. “Então, vamo discutir feminismo, que que nós vamos fazer?” E vira uma professora e fala assim: “estuda”. Ai, que que ela falou, gente? Que era um desvio pequeno-burguês, ela devia ser professora marxista, não sei. Gente! Eu ouvi aquilo, fiquei assim abismada! Isso foi acho que em 1976.

Então... eu falei um, também lá na USP um dia que, aqui no Brasil, teve controle da natalidade durante a ditadura. E a professora falou assim: “isso é um absurdo o que você tá falando! Você tem documentos que mostram isso?” Falei, “estuda Elza Berquó, sabe aquela demógrafa lá da Unicamp? Estuda” – e do Cebrap que ela é do Cebrap ou era, né, não sei – “estude ela que cê vai ver”. Mas, eu ter que falar isso pra uma professora dói, né? Dói quando a professora me falar na frente de todo mundo que eu não tem procedência isso que eu tô falando, aí eu tive que responder pra ela pra ela estudar: Elza Berquó. E a Elza Berquó é uma cientista...

S.: Uhum.

A.: ...demógrafa, conhecida no mundo inteiro, então não tinha como ela... então, cê tem que ter essas cartas na manga pra poder discutir, gente? Que isso! Nós tamo trocando ideias. Eu falei: “teve controle de natalidade sim”. E agora eu ando falando isso, na Comissão da Verdade eu falei e agora eu ando escrevendo também sobre isso porque eu falei, “gente, parece que cê tá falando um absurdo!”. Eu sou escritora? Não, eu não sou. Nem sou escrevente, como é a Conceição Evaristo porque ela... da literatura, ela é uma pessoa especial, eu não. Eu sou ensaísta talvez, né? Uma coisa assim. Mas, eu escrevo por causa disso porque eu falei, “gente, não tem...” e, assim, hoje só vale o que tá escrito, né? Se você falar... que era assim, ninguém dá bola.

S.: Uhum.

A.: Cê tem que escrever, assina embaixo, carimbar, publicar, então [palavra inaudível] eu escrevo. Escrevo! Vou escrever e é assim. E... enfim. Mas, eu tô lembrando por causa da Heleieth, né? Porque ela descascou! Falei, “ai, Heleieth, foi bom”. Aí, ela foi lá na USP, nas Ciências Sociais, lá em cima... ela me mostrou uma sala lá que tinha a fotinha de quando ela se formou, sabe?

S.: Uhum.

A.: Ela tava toda com aquela... indumentária lá que eu não sei, entendeu? Eu falei assim: “ai, que bonitinha, Heleieth!” Falou: “ah, você tá achando que eu não me formei aqui? Me formei sim!”

S.: [risos]

A.: [trecho incompreensível] Eu achei bonitinho. Eu falei, “não, eu sei, né? Que...” enfim, é isso.

S.: Mas, muito importante isso que você traz, né, Amelinha, a luta da militância é contra, né, o alvo da militância, né, a luta em si, mas também a luta pelo reconhecimento do saber que a militância produz, né? E que é um conhecimento muito legítimo.

A.: Por isso que eu gostava da Heleieth! A Heleieth, em 2010... 2010. Eu encontrei ela em 2010. No oito de março, ela não foi. Ela não foi. Mas, as meninas passaram lá na Praça da República ela olhou lá de cima, ela ficou tão feliz que aí depois eu fui conversar com ela. Falei “e aí, que que cê achou?” “Ai que bonito, Amelinha! Sabe, ver todo aquelas de roxinho, [palavra inaudível] roxa, que alegria!” Então, ela dava muito valor pra essa militância. [riso]

S.: [riso] Uhum.

A.: E tem coragem, e tem que valorizar muito, não é porque eu sou militante não, mas se não são essas militantes, essas meninas... olha, se não são elas que sai por aí...

S.: Com certeza.

A.: ...e saber que nós existimos com os problemas. Porque [palavra inaudível], “nossa, mas olha a mulher foi morta!” Todo dia tem mulher morrendo pelo marido, pelo namorado, pelo ex companheiro... “ai, nossa que horror!” Eh, esse horror é, nós todas tamos aqui ameaçadas o tempo todo, entendeu? E a gente não se dá conta disso... então, eu acho bom que... que isso aconteça. Esse ajuntamento. Ela foi a união da militância com o... a academia. Assim, pra mim, né? Não tô falando que ela fez isso, né?

S.: Uhum.

A.: Até porque ela (nem diz que ela) fez isso. Mas, ela... eu acho que queriam fazer o ano passado dez anos sem a Heleieth, né? Nós íamos fazer o congresso lá em Araraquara com o Edinho que ela fala... [risos] eu achei engraçado o dia que nós fizemos, nós fizemos o seminário lá com o Edinho que era os cinquenta anos do livro dela, né, que foi em 1969. Mas aí, nós falamos com... o Edinho, “ela sempre falou que foi sua professora”. Ele falou: “ela nunca fui”. Ele era das Ciências Sociais, mas [risos] nunca teve aula com ela. Entendeu?

S.: Hum... entendi.

A.: Ele... ele vivia com ela, era amigo dela, né? Inclusive ele fez a primeira casa de atendimento às mulheres, eh, vítimas da violência chama Heleieth Saffioti em Araraquara, né?

S.: Uhum.

A.: Deu o nome em vida! E me chamou porque ela me indicou que ele tinha que me chamar pra falar disso. Ele já me conhecia porque eu já falava disso e ele me conhecia, o Edinho, porque ele era do PT e eu trabalhava com o pessoal do PT um tempo e ele... eu conheci ele assim. Mas, ela que falou tem que entrar, fazer essa – eu falo “femenagem”, né, que nós criamos essa expressão, mas lá era homenagem à Heleieth Saffioti –, “pra fazer tem que ter a Amelinha”.

S.: Uhum.

A.: Ela pediu isso. E... então, mas eu acho que é isso dessa combinação e esse seminário que nós não fizemos, que nós temos que fazer porque live, né? Acho que o pessoal ia fazer na live, depois não sei se desistiu. Mas, nós temos que fazer ainda alguma coisa lá. Que era pra ser lá na Chácara [Sapucaia]...

S.: Sim.

A.: ...que ela fez a doação da chácara, né? Pra prefeitura, então... não, prefeitura...

S.: Pra Unesp.

A.: ...pra Unesp, mas a prefeitura é obrigada a tomar conta, né, administrar também.

S.: Isso.

A.: Ela... nós temos que fazer o encontro lá, né, gente? O encontro da Heleieth, mas eu não sei quando porque essa pandemia não acaba.

S.: Eh... e agora parece tá piorando de novo...

A.: Eh, já voltou a quarta onda com essa ômicron, né? Ômicron.

S.: Sim.

A.: Então, a coisa tá assim e assim vamos.

S.: E assim vamos. Deixa eu te perguntar mais uma coisa, Amelinha. Cê falou dessa relação entre universidade e militância, né? Aí, recuperando outra coisa que cê falou antes das ONGs. Sabe a Maria Betânia lá do SOS Corpo?

A.: Sei, ham.

S.: Ela vê muito a história da Saffioti a partir dessa triangulação entre academia, militância ONGs, que ela vê que ela tinha um papel muito importante nessas ONGs também. Aí, eu queria que você me dissesse um pouco o que que você acha desse papel dela nas ONGs, se você vê dessa mesma forma, se você concorda ou não...

A.: Eu acho que as ONGs... as ONGs feministas, né?

S.: Sim sim.

A.: Vou falar das ONGs feministas. Eu acho que são importantes porque elas são profissionais do feminismo, mas são militantes ao mesmo tempo, né? Dedicam à militância, tanto é que elas se colocam como profissionais pra poder, eh, ampliar, aprofundar essa militância, né? Então, eu acho fundamental as ONGs, tipo a lá da Maria Betânia, eu acho... eu chamo de SOS Corpo, mas parece que mudou. Mas, eu sou de antigamente...

S.: Ah, tá.

A.: Eu... inclusive, eu atuo sempre, já participei de várias atividades com elas e tenho, elas são muito... tudo que elas falam eu presto muita atenção porque elas ensinam muito pra gente. Produzem muito!

S.: Uhum.

A.: Eu acho super importante, né? As ONGs, tipo, aqui em São Paulo tem também... eu não, ONGs feministas fortalecem movimentos feministas e tornam os movimentos feministas mais estruturados até porque elas têm mais infraestrutura do que nós.

S.: Uhum.

A.: Então, elas puxam, né, pra essa estrutura. É uma pena, mas nós feministas do movimento social, como é meu caso, a nossa estrutura é pequena, é frágil e a gente sente muita dificuldade, né? Isso aí traz muita dificuldade. E as ONGs são mais estruturadas, então elas dão um apoio pra gente, sabe? Puxa a gente pra cima, eu acho ótimo! Tenho nada contra ONGs. E acho que

a Heleieth também trabalhou com as ONGs e... militân... essa esse triângulo aí que ela faz universidade, ONG, movimento, né? Que ela faz?

S.: Uhum.

A.: Eu acho que tá perfeito, tá perfeito! Isso tem que crescer e ampliar cada vez mais no Brasil.

S.: Uhum. E você sabe de alguma passagem da Saffioti pela União Brasileira de Mulheres? Ela... cita em alguns momentos, mas você conhece alguma história... pela UBM?

A.: Eu acho que o PCdoB sempre buscou na Heleieth Saffioti... uma legitimação até pro seu feminismo, eu acho que sim. Mas, e ela, a Heleieth nunca se [palavra inaudível], se convidou ela, ela vai. Vai e apresenta. E... ela era a única, única não, seria absurdo eu falar isso, mas daquelas velha acho que é a única feminista marxista, né? É a única, né? Tem outra no Brasil? Daquele tempo?

S.: Daquele tempo acho que não, né?

A.: Não, tem a... a Zuleika Alambert, mas não é da academia, né?

S.: Eh.

A.: Uma feminista assim teórica marxista é a Heleieth, não tem outra não.

S.: Uhum.

A.: Então, ela é uma baita duma referência, isto é, um partido comunista tem que, né, tirar o chapéu pra ela, né?

S.: Uhum.

A.: Não sei se ela... eu nunca conversei com ela sobre isso porque eu fui expulsa desse partido.

S.: Uhum.

A.: Essa UBM eles criaram pra contrapor à União de Mulheres. Cê entendeu? Enquanto a nossa era organização autônoma, a deles é com organização com o PCdoB.

S.: Entendi.

A.: Então, nossa! Eles, eh, puseram muita... muita... como é que fala? Muita... ataque contra nós, entendeu?

S.: Uhum.

A.: Então, eu nem converso sobre isso, falo só “Heleieth, ó, cê pode ir, vai pra onde cê quiser, mas eu não quero...”

S.: Uhum.

A.: Eu não me impressiono com esse movimento infelizmente.

S.: Uhum.

A.: Sabe? Porque aí não é nem ONG, nem é movimento: é partido. O partido, eu acho que é melhor ter assim: as feministas do PT. Eu acho melhor! Do que ter uma organização fechada,

amarrada, burocrática. Não... se tivesse as feministas, comunistas feministas do PCdoB, eu acho que seria melhor talvez.

S.: Uhum.

A.: Contribuía mais pro movimento, eu penso.

S.: Entendi. E com a sua organização, ela tem uma história?

A.: Quem? A Heleieth?

S.: Uhum.

A.: A Heleieth sempre participou! Participou assim nunca eh... ela participou mais ativamente nas Promotoras Legais Populares que era da União de Mulheres. É!

S.: Entendi. Mas, assim, de outras atividades...

A.: De violência.

S.: De violência.

A.: Todas em relação à violência de gênero, nós participamos juntas. Muitas! Mas, ela participava com outras organizações também.

S.: Uhum.

A.: Ela nunca foi exclusiva da União de Mulheres, nunca!

S.: Uhum.

A.: Nem, nem... acho que ela nunca se... se declarou da União de Mulheres! Não, ela vinha que a gente convidava, ela vem, mas não era... uma militante da União de Mulheres. A Heleieth é difícil dela ter uma militância como a nossa, né? Porque o perfil dela é outro, né?

S.: Uhum.

A.: Ela [trecho incompreensível], ela tá trabalhando em projeto, né? Agora, quando era pra discutir [palavra inaudível], ela aparece, né? Mas, não é uma constância. É organização, vou te falar uma coisa, tem que ter constância. Tem que ter perseverança! Cê tem que tá todo dia. Eu vejo aqui, às vezes, eu falo, “nossa, eu tô com 77 anos, minha filha. Eu podia tá... né, aposentada!” Mas, não tem aposentadoria não, cê ser de um movimento é movimento. Aí, a pessoa: “nossa, mas tá acontecendo isso, não sei quê, aí eu queria ver sua opinião, papapá”. Então, é todo dia, toda hora. Não tem como.

S.: Uhum. Compreendo. E... e dessa, assim, sempre que a gente vê falar da Heleieth sempre aparece muito esse jeito dela assim mais impetuoso, ela falava o que pensava e isso acabava gerando alguns conflitos também. Aí, ouvindo você falar dessa relação tão próxima, de tanto carinho mútuo parece, né, de você, eu fiquei pensando: como que era o convívio dela com outras pessoas? Você pode contar um pouco dessa história com outros... outras militantes de outras organizações...

A.: Não...

S.: ...se ela tinha essa amizade próxima, como que era? Era amistoso?

A.: Ela tinha muita amizade com outras militantes, sempre teve! Ela se relacionou com o movimento como um todo, né? Às vezes, lá em Recife, lá junto ao SOS, ela foi pra Bahia, encontrava com os movimento feminista, ela...não, ela tinha uma relação, ela era toda assim intempestiva, mas muito... eh... muito afetiva também, sabe?

S.: Uhum.

A.: Então, ela fazia, tinha boas relações com gente de diversos movimentos, diversos movimentos. Inclusive, com o feminismo negro, a Heleieth sempre, ela foi precursora assim, sabe, de entender. Eu falo assim, eu escrevi um artigo, não sei se você viu sobre ela... dum... dum... dum site marxista que pediu pra eu escrever. Eu pus assim: “O que diria Heleieth Saffioti” nos dias de hoje, é o nome do artigo.

S.: Hum...

A.: Mas, ela seria interseccional, feminista interseccional, sem dúvida nenhuma. Taria aí fazendo essa discussão toda. Porque ela trazia a questão intergeracional, ela trazia muito forte, né? A questão racial desde do primeiro momento, até porque ela foi orientanda do Florestan Fernandes que trazia essa questão com muita força. A questão das mulheres é que ela teve mais dificuldade porque não tinha uma referência na academia. Tinha? Não tinha. Aliás, o que ela traz pros documentos que ela lê na academia a respeito de mulher, ela faz aquela crítica e com razão, né? Porque a Heleieth falou, “gente, como é que tem uma mulher que escreve um negócio desse?” Escreveu, tá lá escrito. Eu não lembro agora os nomes, mas ela que levanta, né? Então, ela é muito... ela convive muito bem com todo mundo. A Heleieth convive muito bem com todo mundo! E briga também com todo mundo! [risos] Nossa, gente!

S.: [risos]

A.: [trecho incompreensível]

S.: Eh, interessante esse seu artigo, já li sim. Queria só retomar o que cê falou do nó, né? Naquele, na entrevista que você deu pra Daniele e pra Raquel que eu já comentei, tem outras questões que você levanta também, né? Como a questão do patriarcado, a questão do... dessa disputa que existe, né, entre o feminismo de falar de gênero e não falar mais de patriarcado...

A.: Ah, isso ela vinha com tudo, né! [risos] A Heleieth.

S.: [risos] ...e eu queria que você me dissesse um pouco também se... como que isso assim influenciou na sua trajetória também, essas ideias da Saffioti. Você fala que você é muito grata a ela...

A.: Sou.

S.: ...e como que isso hoje também eh... está na sua história.

A.: Só um minutinho.

S.: Claro, sem problema.

[Breve pausa]

A.: Eu tô... morrendo de sede. Tá um sol, batendo aqui em mim.

S.: Fica à vontade! Mas, é um pouco disso, né? Como que essas noções, essas disputas também...

A.: Eu... eu aprendi a respeito do patriarcado... eu tive que estudar muito sozinha, né? Um livro que foi meu bê-á-bá foi o livro do Engels, né? “A origem da família, da propriedade e do Estado”.

S.: Uhum.

A.: Foi meu bê-á-bá! E ele traz um pouquinho do patriarcado... ele traz. Né? E ele traz eh... ou eu entendi assim, né? Pode ser também, né? Que a gente entende do jeito que a gente quer, né?

S.: Hum.

A.: O patriarcado antes do capitalismo. Então, a opressão das mulheres é antes do capitalismo.

S.: Uhum.

A.: E... e isso aí, essa discussão pra mim, por isso que a luta das mulheres é muito importante porque se a gente não enfrentar a luta das mulheres não vamo enfrentar o capitalismo nem a luta de classes, né? Aliás, dentro da luta de classes, tem o patriarcado também, né?

S.: Uhum.

A.: Ele tá dentro da própria classe, né? E isso aí, é o que eu discutia com as comunistas, falei: “isso aí nós encontramos o mundo assim, não fui eu que inventei não”, né? Trabalhador bate na trabalhadora. Trabalhador, se puder, vai contra o aumento do salário dela porque vai tirar do dele. Eu já vi! Isso aí eu tô falando coisa que eu já vi. O trabalhador vota, tem um terreno perto da empresa e o patrão diz que é pra fazer uma votação... o que que querem: se querem creche ou campo de futebol. Os homens querem campo de futebol, as mulheres querem creche, então fica o campo de futebol. Entendeu? E o filho não é só da mãe, é filho do trabalhador também que vai ficar sozinho em casa sem ter quem cuidar. Entendeu?

Então, quer dizer, essa discussão eu fazia desse jeito, né, eu fiz muito com os comunistas, mas infelizmente eles... aí, eu não sei, aquele povo não queria entender isso não. Pra mim, eles não são comunistas não, eu me considero comunista no sentido do idealismo que eu tenho é o mundo de igualdade sem injustiças sociais, enfrentar tudo isso. Mas, eh, com a Heleieth, ela veio com essa discussão pronta, né? Ela já tinha essa discussão mais elaborada que nós. Muito mais. Entendeu? E, quando veio o gênero pra nós, foi muito engraçado porque gênero, quando chegou pra nós, militantes aqui em São Paulo – eu diria no Brasil, em muitos lugares do Brasil –, nós não entendíamos nada desse negócio de gênero.

S.: [riso]

A.: ~~Não entendia nada. E aí... muita gente foi contra gênero porque falava assim: “não, nós somos feminista, agora vamo ficar discutindo gênero? [palavra inaudível]”. E aí, nós ficamos assim, “eh, não sei, né, porque tem o patriarcado, tem o feminismo. O feminismo vem pra contrapor o patriarcado, agora esse negócio de gênero...” e a Heleieth trouxe pra nós que gênero já existia antes de ter esse nome. A humanidade sempre classificou as pessoas em mulher, em homem. Isso foi antes de... então, gênero já existe antes, quer dizer, pra gente entender isso foi um processo! Muita conversa, não foi fácil não. E, por outro lado, eu lembro que um dia eu discutindo com as menina, eu falei, “gente, sabe que gênero é uma boa da gente usar?” Olha~~

~~só, pra você ter ideia da grande compreensão que eu tinha da questão. Eu falei: “a gente pega gênero e fala assim, na igreja, eles não deixa discutir feminismo, mas aí a gente fala na igreja que nós vamos discutir na igreja as questões de gênero. Aí eles não sabem o que que é” e deixava a gente discutir. E a gente discutiu feminismo do mesmo jeito.~~

S.: Uhum.

A.: “Isso aí é questão de gênero!” Então, nós... [trecho incompreensível]

S.: Muito esperta você! [risos]

~~A.: ...não, assim, muito e grandes argumentos, né? O sindicato a mesma coisa, gente. O sindicato tinha pavor de feminista! E continuava tendo porque a gente queria mulher na presidência e eles queriam eles... nossa! “Vamos discutir as questões de gênero!” Pronto. Então, pra... a Heleieth falava que era muito mais palatável e era mesmo! Agora que, com o bolsonarismo, é que ficou ruim, né? Eles não gostam de gênero, eles odeiam, nem explicam o porquê, enfim, eles... um dia, nós fomos discutir com um pessoal que pensa mais ou menos assim e eles falaram que nós queremos que as mulheres viram homens e os homens viram mulheres. Eu falei, “então, vai ficar tudo igual, né, porque... não vai tudo igual? O mundo vai ficar igual. Não é isso que nós queremos, nós queremos mudar o mundo! Cês não tão entendendo”. Mas, era uma confusão. Comecei a discutir com eles, isso... os que é possível de discutir porque tem uns que... né, vão até te espancar se você for responder qualquer coisa.~~

S.: Uhum.

A.: Mas, agora virou essa confusão. Agora, aquela povo, aquelas feministas lá, ela apoia até a... a Heleieth, isso aí eu vou cobrar dela o resto da vida porque eu não... não entendi. Ela apoia aquela moça a... tsc, é uma famosa aí [palavra inaudível], tem a Helena Hirata e tem uma que trabalha com ela, como é que chama?

S.: Kergoat? A Danièle Kergoat?

A.: Eh, a Kergoat, eh. Que ela é contra o patriarcado a Danièle Kergoat. Eu não sei disso, né, fiquei pensando assim... mas, enfim, feministas bem famosas, como a Danièle Kergoat, uma feminista que é uma referência, né? Eh... e que traz essa dúvida em relação ao patriarcado, segundo a Heleieth Saffioti, porque eu nunca vi, eu vi. Eu li as coisas dela assim... eu acho difícil aquela coexistencialidade, aquela consubstancialidade, acho aquilo meio complicado, mas não... não vi que é contra o patriarcado. Não entendi assim.

Então... eu pensei comigo, a Heleieth ela traz isso duma forma muito bonita, ela me convence. Gênero sempre existiu porque classificação sempre existiu... ou existe há muito tempo. O patriarcado não ao se afirmar como patriarcado, né? Quer dizer, o poder masculino, soberano, né? Ele começa a formatar, então, que gênero... que as mulheres têm certas qualificações, têm certos, que não tem a ver com a biologia, mas que ele associa com os aspectos biológicos, né? Então, esse gênero é uma construção histórica, é uma, como é que ela fala? É uma “categoria histórica”! E nós temos que trabalhar assim, só que nós temos que trabalhar com o gênero sob a ordem patriarcal. Eu acho isso fantástico! Eu achei. Depois que eu vi ela falando isso, eu também sou... gênero sob a ordem patriarcal. Fica muito... porque quase se era o mundo inteiro, a vida inteira, nós vamos dividir, multiplicar, formatar, né, nossa. Isso a vida inteira. Agora, sob o patriarcado, é submissão, é exploração, é domínio. Essa que é a questão, entendeu? Isso que nós temos que enfrentar e é difícil, é difícil enfrentar. Mas, é isso que nós temos que enfrentar.

Porque eu ignorar isso, parece que, nossa – a Heleieth fala isso, né –, parece que nós somos umas bocó, né, gente?

S.: Uhum.

A.: Nós tamo aqui submissa, apanhando, morrendo por quê? Não tem explicação. Porque não tem patriarcado! Então, ela falou assim “eu acho um absurdo”. Aí, eu comecei a achar igual a ela também. Falei, “é verdade” porque nós não somos boba, nós não somos menos inteligentes, menos capazes, então houve um sistema que foi se forjando e que aproveitou das nossas diferenças biológicas, ao invés de enaltecer as diferenças, né, passaram... a tratar essas diferenças como sendo defeitos, né? Então, nós nascemos cheia de defeito porque nós somos diferentes. Então, isso que tem que ser enfrentado pra quê? Pra nos explorar e dominar. Né? Com isso, explorar e dominar as classes sociais. A Heleieth explica bem isso, eu acho legal isso, entendeu?

S.: Uhum.

A.: Então, esse feminismo interseccional e essa teoria do nó dá conta disso, né?

S.: Uhum.

A.: Tem feminista que acha que feminismo interseccional é muito esvaziado, despolitizado, né? Pode até ser, não sei como é que as feministas interseccionais negras dos Estados Unidos, se for igual a Angela Davis, elas são bem... bem politizadas, são bem politizadas. E aí, a Angela Davis aceita o interseccional, ela já falou isso, ela já... ela até falou que é legal ter uma palavra que diz tantas opressões, né? Porque a gente ficava sempre discutindo qual que é opressão, opressão, esqueceu dessa, né? Então, você falou dessa tem todas. A Angela Davis falou. Eu sou muito Angela Davis, sou antes da Heleieth Saffioti. Eu conheci a Angela Davis, assim, no partido. Como eu era, conheci de nome, né?

S.: Uhum.

A.: Assim, amiga da Angela Davis eu não sou. Amiga de conversar, nunca tive essa oportunidade. Mas, eu fiz a defesa dela junto com o partido, junto com... outras pessoas, outras militantes, outros – principalmente, que lá só tinha homem no partido no qual eu militei, eu militei com homens –. Era a defesa Campanha pela libertação da Angela Davis, sabe? Aqueles anos lá.

S.: Uhum.

A.: Então, a Angela Davis é minha estrela-guia. Se a Angela Davis falou, pronto!

S.: [risos]

A.: [risos] Pronto, pronto.

S.: Perfeito.

A.: Eu tive a oportunidade de vê-la uma vez, lá em Brasília. Porque aqui na, quando ela veio aqui no Ibirapuera, eu não vi.

S.: Uhum. Nunca tive essa... essa oportunidade, mas teve ter sido uma coisa incrível, né?

A.: Ah! É emocionante a Angela Davis! Uma história muito forte, ela é uma figuraça. [trecho incompreensível]

S.: E comporta uma história, né?

A.: Eh, ela é... ela é uma história aí, composição, política, né? Ela é um tipo também bonito que é a Judith Butler, embora a Judith Butler eu não consigo entender muito tudo que ela pensa, chega uma hora que me dá um... mas, o que ela pensa em relação a gênero, sei lá... ela...

S.: [risos]

A.: ...não sei, pra falar a verdade. O pensamento dela... mas, eu concordo. Não entendo, mas concordo, sabe como? Porque ela tem uma posição política muito clara e definida contra o neoliberalismo, ela mostra isso de forma bem enfática. Então, eu sou Judith Butler, eu sou, entendeu?

S.: Uhum.

A.: Eu acho que é igual a Heleieth Saffioti mesmo pra ler o livro dela assim, ai, gente, foi difícil. Mesma coisa a Judith Butler, né? É difícil pra nós militantes, sabe? Eu acho que tinha que... o da Judith Butler talvez a gente tentar, né, em leitura coletiva, ver se a gente consegue, né, entender. Porque não é fácil.

S.: Uhum. Eu mesma tenho muita dificuldade, até hoje não entendi. [risos]

A.: [risos] Eu fico lendo, lendo, relendo. Às vezes, tem gente que escreve sobre ela e a gente até entende, né? Mas, lendo ela é difícil.

S.: Mas, aí a gente também não sabe se a interpretação tá certa. [riso]

A.: Eh, a gente não sabe se tá [palavra inaudível]...

S.: Eh...

A.: [riso] ... mas que bom que essa daqui me explicou direitinho. [risos]

S.: [risos] Mas, muito legal isso que cê faz porque você pegou, assim, o patriarcado e tentou meio que traduzir pra militância porque é muito inteligente esse uso. Já que não dá pra falar de feminismo, vamo falar que a gente vai estudar gênero, né, vamo falar de gênero. E aí, tipo, hoje em dia, não dá pra fazer isso, a gente precisa repensar uma estratégia.

A.: Mas, é porque naquela época funcionou bem. Eu falei, “gente, eles não entende nada disso. Nós tamo tentando entender e eles não entendem, então nós eh... vamo falar assim”. Nossa, quanto debate que eu fiz na... em sindicato, a “questão de gênero”, “a Amelinha vai discutir a questão de gênero”. Chega lá... (que não era mulher, tal), papapa, é as nossas lutas mesmo [riso]. Acho que ninguém entendia também direito e eu também nem entendia direito pra explicar muito e também nem queria explicar muito porque senão complicava, sabe?

S.: Uhum.

A.: Nós temos muito pouco liberdade de pensamento e liberdade de expressão. Isso é um grande problema no feminismo. Eu falo assim, “às vezes, a gente fica discutindo aqui, brigando entre nós, gente, porque nós não temos esse... hábito de conviver com a liberdade de expressão, com a liberdade de pensamento” que a Heleieth tentava trazer assim... eh... trazer isso, né? Então,

no debate. É a liberdade de expressão, ela pensava assim. O pensamento dela é esse, ela fazia questão de... nós não temos esse hábito. Nós... temos que camuflar sempre, né, o que que a gente pensa. Isso é péssimo! Mas, a nossa história de repressão, de censura, né?

S.: Uhum.

A.: Então, a gente vem de uma história pesada, violenta. Que dificulta o desenvolvimento de ideias, sabe? [palavra inaudível] abrir pra ideias. Por isso que a gente vê a sociedade [riso]... assim...

S.: Uhum. Um debate democrático, né?

A.: Eh... nós não temos esse hábito. Então, hoje, a gente tem que explicar se/ eu falei assim, “gente, se alguém perguntar se a terra é plana, não briga com a pessoa, explica pra ela, conta uma história.”

S.: Uhum.

A.: “Não sabe contar história? Então, vai ver ler que teve um dia que descobriram, os cientistas, descobriram que a terra era redonda...” entendeu? “Que antes era, eles pensava assim também, que a terra era plana”. Muito porque nós tamo voltando pra trás, então tem que ter essa paciência histórica mesmo de... de explicar que um dia nós tivemos direito a isso, a isso, por quê, e era muito bom, então que a gente vai tentar recuperar esse direito que era muito bom quando tinha, direito de pensar. Porque nós/ a ditadura quebrou muito esse país, quebrou a alma da sociedade, então isso que dificulta muito, sabe?

S.: Uhum, com toda certeza. Amelinha, já tomei bastante do seu tempo [riso], aí queria ir caminhando pro final também e... queria só fazer uma pergunta assim mais pra finalizar mesmo, né? Ó, tem uma visita aqui agora na entrevista [cachorro aparece] [risos].

A.: Que bonito, né? Olha só.

S.: Essa daqui é a Amora. [risos]

A.: Ah é?

S.: Sai, Amora. Já foi dar atenção pra você [riso].

A.: [riso].

S.: Mas, passado, agora, né, onze anos da morte da Saffioti, como que você tem visto a transmissão... dessa, não sei, desse legado dela, dessa teoria e prática pras novas gerações. Você acha que permanece aí alguma coisa? Acho que há algo de interessante. Tem pessoas jovens estudando, coletivos feministas novos que continuam e antigos que continuam transmitindo suas ideias, né? Eu tenho visto isso como uma coisa muito positiva, né?

A.: Uhum.

S.: Pelo menos do resgate dos 50 anos do primeiro livro dela, eu acho que a gente conseguiu fazer um balanço nesse sentido. E também queria saber um pouquinho de você, né, depois, pra finalizar nossa entrevista, quem que é a Saffioti ao seu olhar? Quem que é a Heleieth pra você?

A.: Olha, eu acho que a Heleieth pela força, pela importância dela, eu acho que ela é pouco falada aqui no Brasil. Ela é pouco conhecida e pouco falada e acho que, por exemplo, quando

fez os 50 anos do livro dela, nós tomamos iniciativa imediata de preparar esse evento. Nós fizemos o evento aqui na câmara... tinha 80 pessoas. Entendeu? Eh... nós, aí a USP fez depois, eu acho que a USP lembrou depois, eu não sei se a USP lembrou antes, teve depois na USP. Nós pedimos pra fazer em Araraquara, aí foi feito lá na universidade e eu fiquei abismada que tinha uma, não tinha ninguém das Ciências Sociais, tinha uma aluna das Ciências Sociais que dizia o seguinte: que dentro dos textos recomendados de leitura, não tinha um da Heleieth Saffioti. Então, eu acho que ela é muito, muito... infelizmente, como esse país tá voltando pra trás, eu fico pensando tem razão de tá voltando pra trás porque nós não absorvemos a produção enorme duma mulher dessa, tinha que ser mais absorvido. Não só pelo movimento, mas como pela... pelas instituições, né? Eu acho que a Heleieth merecia.

Nós criamos aqui na câmara, assim foi iniciativa nossa da União, a gente fez um projeto de lei, deu pra uma vereadora pra aprovar. É o Prêmio Municipal Heleieth Saffioti de Direitos Humanos. Mesmo assim, quem participa é... na lei, nós fechamos quem que ia participar pra defender o prêmio pra indicar e quem vem são os movimentos nossos mesmo, entendeu? Não vejo nenhuma... nenhum pacto, assim, fora da nossa órbita ali, né? Não vejo. Então, acho que a Heleieth é injustiçada, esquecida, né? Eh, aqui no Brasil. Por isso que eu te falei quando eu vi lá na... nos Estados Unidos falando dela, eu falei “ah! Nossa, até que enfim eu vejo alguém falando dela!” Da importância do livro dela. O livro dela parece que é mais conhecido fora do que dentro. Falei, “ah, fiquei impressionada!”

E eu acho que assim que a Heleieth nós temos que preservar a memória dela, nós feministas temos que preservar. Nós feministas, como é que fala? Interseccionais, antirracistas, anticapitalistas, eh, antisexistas, anti, né, enfim, nós temos que preservar a memória da Heleieth Saffioti. Trazê-la sempre, seu pensamento, fazer essa discussão porque, mais do que nunca, é necessário! Mais do que nunca. Nós tamos vivendo um retrocesso, gente! Nós tamos vivendo num país da destruição. Tem mais de 615 mil mortes de covid que foram muitas delas causadas pelo desprezo que o governo federal e demais governantes que não conseguem eh... enfrentar essa... esse fascismo, essa política genocida desse presidente que deixa esse país órfão de tudo. E nós temos legados importantes que tão sendo destruídos! O negacionismo é pra negar... a nossa história.

Então, a Heleieth é história do Brasil também. A história do Brasil cabe à Heleieth perfeitamente em todos sentidos. Então, temos que trazer sim eh... esse pensamento, né? E a Heleieth ela é, ela é uma inspiração pra nossa luta, eu vejo assim, de resistência. Porque ela enfrentou muita coisa sozinha, ela não fala, não comenta, mas ela... ela tem seu lado pesado da vida, sabe? Que ela nunca comentou, não quis falar e... então, e nós temos também, nossas dificuldades na vida, nós somos sobreviventes, então nós temos que levar esse pensamento, divulgar, sabe? Fazer todo um trabalho, acho que tinha que ter... essa biblioteca que ela entregou lá pra Unesp tem que ser aproveitada, gente. Ela tinha na casa dela o que foi levado pra lá. Tem que ser aproveitado! [trecho incompreensível] ...e entregou pra universidade. Ela trabalhou e agradeceu à universidade. Ela deu a chácara e deu a biblioteca, sabe? Então, a universidade tem que tratar a Heleieth com mais carinho.

S.: Uhum.

A.: Ah, a Heleieth faz falta! Magina agora com esse Bolsonaro o que que ela não ia fazer. Porque... magina! Então... é muito bom ter que lembrar dela, eu penso que, espero que a gente possa fazer um encontro presencial... assim, aberto, sabe? Universidade em movimento, né?

Trazer a Heleieth, trazer essa discussão... tem muita gente que estuda ela, ela é muito conhecida. Mesmo ela sendo esquecida, ela é... como é que fala? Citada. Ela é citada, ela é referência. Ela é uma referência.

S.: Uhum.

A.: É um marco histórico no feminismo! Esse feminismo dos anos de 1970... eh... que tem, que se desdobrou nos anos de 2021, que nós tamo até aí, né? Isso aí a Heleieth Saffioti deu uma contribuição imprescindível, sabe assim? Eh... garantiu esse feminismo fosse, não não se deixasse perder e ser... esmagado, inclusive até pela esquerda, entendeu?

S.: Uhum.

A.: Pra não falar da direita que essa eu nem cito. Então, eu acho que é muito bom a gente recuperar sempre a Heleieth Saffioti.

S.: Perfeito.

A.: É o lugar justo da história, tá bom?

S.: Perfeito. Assim como ela, acho que você também muito parte da história do Brasil, parte das história das mulheres e foi uma honra imensa ter você como interlocutora desse entrevista. Eh... é uma honra imensa poder tá conversando com você, obrigada pela disponibilidade, assim, tão de prontidão. Maria vai ficar muito feliz de saber da nossa conversa. Eh, e assim que a gente tiver a transcrição certinha eu te envio e pode deixar que as partes partes que você não queira que eu coloque, você pode me dizer se outras partes também, eu posso retirar. E... é muito legal poder contar, assim, é uma satisfação muito boa mesmo, poder contar com outras gerações pra que também nós, as novas gerações possam continuar a retransmitir essa história das mulheres que fazem parte da construção coletiva do feminismo enfim. É uma honra mesmo... de todo meu coração, Amelinha, ter podido conversar com você hoje.

A.: Muito obrigada pelo convite, obrigada, sucesso aí no seu trabalho e viva Heleieth Saffioti! E [trecho incompreensível] [risos]

S.: Viva! [risos] Muito obrigada, viu? E aí, se você tiver alguma dúvida, a gente vai se falando por e-mail.

A.: Tá bom, querida.

S.: Tá bom?

A.: Tá bom. Um beijo grande então, tchau.

S.: Um beijo, um abraço. Se cuide.

A.: Mande um abraço pra Maria.

S.: Pode deixar, mando sim! Tchau, Amelinha, brigada.

A.: Tchau.

Local: Google Meet (ambiente virtual)

Data: 11/04/2022

Entrevistadora: Samantha Camacam (S.)

Entrevistada: Celi Pinto (C.)

Duração: 01:36:50

[Início da gravação]

S.: Pronto. E aí, cê você quiser um intervalo, pode falar, tá bom?

C.: Tá, tá, tá tudo bom.

S.: Cê tem alguma dúvida nesse começo?

C.: Não, nenhuma.

S.: Não?

C.: Vamo lá!

S.: Vamo lá! Pra gente começar, eu queria primeiro te mostrar umas fotos...

C.: Hum.

S.: ...algumas eu, eu... consegui da minha pesquisa lá do mestrado...

C.: Hum.

S.: ...outras já tem circulando aqui circulando no nosso campo feminista há um tempo. Vou compartilhar com você a tela, rapidinho. Então, uma guia... as fotos. São algumas fotos que eu trouxe aqui só pra gente começar pra avivar a memória. [riso] A memória e também... não só do que viveu, mas...

C.: Hum.

S.: ...pra pensar outras coisas, né? Então, essa primeira foto aqui... eh... ela é de 1957, ela é de quando a Heleieth foi pros Estados Unidos com o marido dela...

C.: Hum.

S.: ...né? Aqui é a Heleieth em cima do carro. [risos]

C.: Óbvio! [risos]

S.: E o Waldemar. [risos] Essa é a primeira foto que eu queria te mostrar, bem antes de ser a Heleieth que a gente conhece, né?

C.: Uhum.

S.: A próxima foto é essa daqui que é de 67 no dia...

C.: [risos]

S.: ...da defesa dela de livre-docência. Essa foto tem lá no acervo dela em Araraquara num álbum que tem muitas outras fotos, tem toda a banca, é bem legal esse material. Essa daqui é de 99...

C.: [risos]

S.: ...ela em São Paulo. Essa em 2005, essa mais famosa.

C.: Essa foto é ótima! [risos] Essa eu conheço.

S.: É linda. Essa daqui já é mais famosa, acho que é a mais clássica dela, né? No apartamento dela na Praça da República... e essa daqui de 2010, que foi o último ano da vida dela, também no apartamento dela em São Paulo. Então, essas essas fotos eu trouxe, assim, só pra gente começar nossa conversa. Acho que cada uma ilustra um momento da vida dela. Acho que... trouxe pra gente começar a pensar um pouquinho aqui juntas. Aí, a primeira pergunta que eu queria te fazer é como que foi, como se deu a sua história com a Heleieth? Como que cês se conheceram...

C.: Ah... falta uma foto muito legal aí! Tem uma foto...

S.: Hã?

C.: ...eu e a Heleieth entrando na... cidade proibida em Pequim que alguém nos chama, as duas lá atrás [movimento com o corpo de alguém que se vira para trás], a gente tira uma foto. Eu tenho essa foto aqui. [risos]

S.: Ai, que incrível! Eu quero! [risos]

C.: [risos] É ótima! Assim ó: eu conheci a Heleieth hum... eu fiz doutorado na Inglaterra e voltei da Inglaterra em fim de oitenta e três. E lá pra fim de oitenta e... cinco, eu acho, oitenta e... oitenta e cinco. Eu fui à primeira ANPOCS... na vida!

S.: [trecho incompreensível]

C.: Que era ainda em Águas de São Pedro, São Paulo, tá?

S.: Uhum.

C.: Hum... e eu, e lá eu encontrei a Heleieth. E havia dois grupos hum... sobre a mulher apesar de uma imensa hum... rejeição a nós e preconceito de toda ordem, tinha “Mulher e Trabalho” e “Mulher e Política”, tá? Mulher e Trabalho era liderado a... a Heleieth, Mulher e Política era liderado pela Fanny Tabak. E elas eram duas damas das... uma da Ciência Política outra da Sociologia, inimigas de morte! Então, nós não só éramos, hum, muito jogadas nos cantos da ANPOCS por se tratava de mulher que não era um tema digno, como ainda por cima tinha essas duas criaturas brigando ainda.

Aí, quando chegou uma geração mais jovem que era a nossa, muito mais jovem que a Heleieth e que a Fanny, nós começamos, ao longo do tempo, nós não tínhamos nenhuma inimizade com as pessoas do grupo da Heleieth – eu tava no grupo Política porque eu sou da Ciência Política, então eu... trabalho com política, né, com teoria política... ahn... com a mulher na política –. Então, ahn, a gente começou a achar que aquilo não tinha sentido aqueles dois grupos. A Fanny tava mais retirada. Nós conseguimos juntar esses dois grupos num grupo só: “Estudos de gênero”, né?

Aí, eu fiquei mais próxima da Heleieth, a Heleieth ficou no grupo, porque, no início, a coisa não tava/ eu conheci a Heleieth na década de 80. Ela já era a Heleieth Saffioti, ela já tinha seu

famoso livro, tá? Evidentemente, ela era uma pessoa muito difícil! A Heleieth, você já deve saber disso, ela brigava com deus e o mundo...

S.: Uhum.

C.: ...ela punha a boca no trombone. Então, ela tinha muitas inimizades, ela brigava muito e essa aí talvez tenha sido os maiores defeitos da Heleieth, mas as maiores qualidades da Heleieth! Porque ela nunca teve medo, na década de 80, ahn, de entrar num banco, e se ela achava [trecho incompreensível], ela punha a boca no trombone! Onde fosse, não interessava pra ela se era banco, se era uma... um supermercado, se era a loja mais fina de São Paulo. Ela simplesmente... e ela tinha, então ela, obviamente, ela brigava muito!

S.: Uhum.

C.: Ela discutia muito! E havia muito preconceito contra a Heleieth na época porque ela tratava com questões da mulher que... havia muito preconceito sobre pessoas que tratavam com/principalmente, a Heleieth que veio lá da década de 60! Então, por aí que eu conheci a Heleieth foram nas reuniões da ANPOCS. Ahn... que ela era essa figura assim... óbvio, que ela era uma figura muito especial porque ela era uma pessoa muito carismática. Ao mesmo tempo, ela era uma mulher... branca ahn... com, de alta classe média pra dizer o mínimo, ahn, ou seja, ela tinha muito capital social, muito capital econômico. Tinha um marido que lhe dava todo o apoio e era muito engraçado. Ela era absolutamente feminista, mas o Saffioti, como ela chamava, ia às reuniões da ANPOCS ficava lá, sentado, olhando pra ela.

S.: [risos]

C.: Então, ela tinha um grande apoio. Inclusive, a Heleieth ficou muito mal depois que ele morreu. Ela era uma pessoa extremamente mimada. Ela era filha única, ela morou a vida inteira na rua da República, na Praça da República número um e com a mãe! Então, ela era uma... uma pessoa muito particular nesse sentido então... ela teve uma grande tragédia na vida que você deve saber, ahn, então, que ela nunca falou, sendo que todo mundo sabia. Mas, ela era essa figura, eu conheci a Heleieth assim.

S.: Uhum. Uma pessoa cheia de contradições.

C.: Ah, era.

S.: [risos]

C.: E só podia ser! Ela era uma pessoa que tava dentro da USP, ela tava dentro depois da UNESP, ela peitou o... Florestan Fernandes que nenhum homem fazia, entende?

S.: Uhum.

C.: Vendo o Florestan Fernandes, ahn... orientar uma tese sobre mulher na sociedade de classes, uma coisa assim, que na época era um absurdo! Ela tinha, era uma mulher muito corajosa! Ela tinha muito... ela era muito autocentrada. A Heleieth ficava furiosa se fosse pra casa e tu discordasse dela! Todo mundo discordava da Heleieth! Chegava ser um esporte nacional entre as mulheres também [risos] brigar com a Heleieth.

S.: [risos]

C.: Mas, a Heleieth, eu acho assim, foi extremamente importante, não só pelo livro que ela escreveu, que é um livro que... ahn... é um marco! É um marco. Se tu for ler a... a americana que escreveu “A Mística Feminina”, a Betty Friedan, ela cita a Heleieth Saffioti. Ou seja, ela é uma marco internacional! Foi muito importante por isso e também pela postura dela. Ela brigou a vida inteira. Depois que o marido morreu, ela ficou muito, ahn... sozinha, a mãe dela morreu também. A Heleieth parece que desistiu de viver. Ela teve uma desistência diante da vida. Ahn, porque ela era muito ligada ao marido, ela era muito ligada à mãe, ela era filha única, viveu a vida inteira com a mãe. E a mãe dela morreu muito velhinha, ahn, ela sempre morando nesse fantástico edifício na... no endereço Praça da República número um.

S.: [risos] Entendi. E vocês, você comentou no e-mail que vocês se conheceram bastante pessoalmente, né?

C.: Sim!

S.: Como que era essa relação de vocês duas?

C.: Olha, eu nunca tive uma relação de... a gente, a vez que nós fomos... eu sempre tive uma relação com a Heleieth, brigava muito com a Heleieth, achava que a Heleieth tinha um marxismo meio fuleiro, então eu discutia com ela na... nos grupos e fazia e colocava ela contra a parede. Mas, a gente depois teve uma relação muito boa! Nós fomos juntas pra... o quarto, a Quarta Conferência Mundial das Mulheres em Beijing na China. Nós fizemos, nós fomos primeiro no hotel, nós fugimos do hotel! Tem coisas fantásticas nessa...

S.: Uhum.

C.: ...época. Ahn, nós pegamos um táxi, eu, a Heleieth mais uma amiga da Heleieth que é uma psicanalista que eu não me lembro o nome. Era uma amiga meio que ela tinha encontrado pela vida e meio rapidamente assim. Elas tinham ido juntas pra Pequim. Pegamos um táxi em Pequim e Pequim era uma loucura na época! Não é essa China capitalista aí. Os táxis só podiam andar dentro de um perímetro, eles não podiam passar de um bairro pro outro.

S.: Uhum.

C.: E, simplesmente, era de noite, os carros largaram... no meio do nada! Nós tinha uma polícia que parou esse táxi, fez a gente sair e aí tinha um ônibus...

S.: [risos]

C.: ...tinha um ônibus que tava levando, tinha parado no caminho um ônibus, um micro-ônibus não sei o quê, e tava levando as pessoas, mulheres – algumas mulheres brasileiras –, ahn... pros hotéis. Nossa e prenderam o sujeito do táxi que a gente não sabe pra onde ele foi. E a Heleieth teve uma crise histérica que ela se atirou em cima desse ônibus e gritava assim: “Eu quero a Ruth Cardoso!” Que a Ruth Cardoso era a presidente, era a presidente da comissão da... delegação das mulheres ah... que o Fernando Henrique era presidente da república. Ah, ela batia no ônibus, o ônibus abriu a porta, nós entramos...

S.: [risos]

C.: ...[risos] pelo escândalo que a Heleieth fez. Porque nós achávamos que ia passar o resto da nossa vida na floresta... [palavra inaudível] de Pequim, no meio daquele monte de... se bem que

os... os policiais, um deles falava inglês muito bem, nos entendi. Tanto que ela berrou tanto pela... ela falou “eu quero! [risos]

S.: [risos]

C.: “A Ruth Cardoso!” Ela berrava pela Ruth Cardoso. Nós acabamos entrando no ônibus. Aí, era obrigatoriamente, proibidíssimo mudar de hotel! O hotel era muito ruim, Pequim era muito barato na época. Era de graça tudo! Aí, “vamo sair desse hotel, vamo pro centro de Pequim”. Nós fomos pra um hotel cinco estrelas, nós fugimos do hotel! Pagamos o hotel, fugimos do hotel, fomos pra um hotel cinco estrelas. Nos divertimos muito! Porque a Heleieth era muito divertida. Ahn... nos divertimos muito! Andando de táxi com... um chinês que não entendia uma palavra do que a gente dizia. Então, ah, eu me dava muito bem com a Heleieth! A gente passeou muito!

Depois que a gente ficou ainda mais uns dias (ainda) em... Pequim. Fomos ao interior, alugamos um carro com motorista, com tradutor ahn... com intérprete em inglês. Andamos por... não pelo interior da China, mas pelos arredores de Pequim, vimos coisas maravilhosas! Nós... então, eu tinha uma relação bastante pessoal com ela assim, eh... em função desses múltiplos encontros feministas que a gente fazia. Depois ela – ela era uma figura, não sei –, depois ela veio, à época que o PT dirigia, que foi o governo do estado do Rio Grande do Sul, a polícia militar do Rio Grande do Sul, foi chamada a brigada militar, ela foi... houve uma tentativa de união, de chamar um pouco essa brigada militar pra dentro da universidade pra dar uma... só vou abrir a janela aqui pra (vir) vento.

S.: Tá bom.

C.: Ahn, pra dar uma... uma perspectiva mais democrática pra brigada. E... se fazia curso de extensão pra soldados da brigada, pra coronéis da brigada. Foi uma... foi uma – o pessoal da Sociologia principalmente –. E ahn... chamaram a Heleieth pra dar uma conferência final pra (essa brigada). A universidade aqui tem um salão de atos que cabe mil e quinhentas pessoas, é imenso o salão de atos! Então, aquele salão de atos tava lotadinho de soldados da brigada militar ou da força pública, como você chama em São Paulo, mas lotado assim! Olha assim. [gestos de grandeza]

A Heleieth foi falar, a Heleieth disse, a Heleieth assim: “eu não sei falar sentada”. E ela era uma mulher muito elegante! Ela se vestia muito bem, né? Tinha muita grana pra se vestir, ela se vestia muito bem. Ela pegou o microfone, ela caminhava na frente do palco, aquilo/ dizia, falava sobre sexualidade, sobre orgasmo e sobre/ aqueles soldadinhos todos com os olhos desse tamanho, olha pra Heleieth...

S.: [risos]

C.: ...foi uma das cenas mais maravilhosas. Ela deu um show!

S.: Uhum.

C.: Caminhando na beira do palco... realmente ela era uma figura muito especial. Eu tenho... ela não é só uma pensadora e ela foi uma pensadora... ahn... óbvio ela é... a “*founding mother*” da...

S.: [risos]

C.: ...do feminismo brasileiro. Apesar do livro dela ter muitas críticas, eu mesma já escrevi dois artigos sobre... o livro dela. Ela, tu já deve ter lido... várias vezes, mas o livro dela começa dizendo que não é feminista.

S.: Uhum.

C.: E ela diz que não é feminista porque ela era marxista e os marxistas eram absolutamente contra o feminismo. Ahn... e ela depois vai dizer que, ela vai dizer que ela fez aquilo em função de uma banca que ela tinha (também) que tinha Antonio Candido, que tinha ahn... Florestan. Era uma banca muito pesada, era uma banca masculina e etc., mas ela foi, ela depois, ela foi sempre uma pessoa calcada dentro do marxismo, entende?

Ela teve muita dificuldade/ então, eh, como o casamento do marxismo com o feminismo sempre foi um casamento tenso e cheio de... de brigas... ela teve sempre uma posição muito complicada ali pra conseguir se achar naquela história ali. Mas, ela era... depois, ela começou a começar a trabalhar mais a questão da violência, né? Aí, eu perdi um pouco de acompanhar a produção acadêmica porque ela trabalhou... e tem gente que sempre me disse... ahn... tem uma amiga minha que é uma socióloga, não vou dizer o nome dela porque afinal de contas vai ficar gravado, mas uma socióloga do Rio, que a... que eu gosto muito, que ela sempre diz: “a figura da Heleieth foi mais importante pro feminismo brasileiro porque propriamente do que ela escreveu”. [risos]

S.: [risos] Interessante.

C.: Além de ter escrito esse grande livro que, realmente, é um livro, ahn, reverenciado não só Brasil, mas em qualquer lugar que se fale do feminismo e fale dos primeiros (do feminismo) da década de 70, vai se falar na Heleieth. O livro é traduzido pro inglês, o livro tem ah... uma importância internacional porque ela foi realmente uma fundadora. Isso é muito importante. É óbvio que todas pessoas que são fundadoras, elas... padecem muito de começar uma... um campo de estudo, um campo de estudo que tinha um preconceito ainda muito grande.

Até hoje tem algumas, muito menos, mas tinha um preconceito muito grande. Então, eu acho que a... ela foi uma pessoa muito importante nesse aspecto assim da, e depois ela se tornou essa figura assim, entende? Que ela ahn... de sair brigando, entende? Ela depois se envolveu em um problema muito sério na PUC ahn... que tu deve saber também que eu não sei exatamente porque, mas ela acabou sendo acho que demitida da PUC depois que ela se aposentou na Unesp. Porque ela sempre foi uma pessoa com muito, ahn, assertiva assim e acho que foi muito importante pro feminismo ter aquela figura assim que tinha tanto poder. Porque ela tinha... ela tinha, ela tinha um poder que não vinha quase, não... também não vinha da academia, entende?

S.: Uhum.

C.: Aí, ela vai fazer, ela faz uma fundação em Araraquara... que ela fez a fundação, pôs o nome do marido, né? [gesto de dúvida]

S.: Uhum.

C.: Por que não por... ah... Heleieth e... ahn... não sei, não me lembro o nome dele ahn... Saffioti, não, pôs o nome dele na fundação! Então, é toda essa... que, na realidade, ele não era um acadêmico, eu acho que ele era um industrial, né? Ou não...

S.: Ele ele era químico-físico, né?

C.: Hum...

S.: Mas, aí depois, depois da morte dela, o instituto ganha o nome dela também.

C.: Ah, ganha também? Ah tá.

S.: Ganha. Mas, é isso mesmo que... que você comentou. Só uma dúvida que eu fiquei, essa conferência final que foi realizada lá com os soldados, foi em que ano mais ou menos?

C.: Ai... tem de ver porque aqui faz tanto tempo que o PT sumiu! Ah...

S.: [risos]

C.: ...eu acho que isso foi... aí, tem que ver, eu acho que foi o governo, o último governo... não sei se foi no último governo... ahn, do PT, se foi o governo do Tarso... quando é que a Heleieth morreu?

S.: 2010.

C.: Ah não, isso foi muito antes. O governo, deixa eu ver. Hum... não foi, acho que foi antes do governo Tarso, acho que foi ao redor de dois mil [palavra inaudível]. Eu não sei te dizer, eu não sei te dizer.

S.: Sem problemas, sem problemas. E você tava falando bastante da tese dela, né? Você lembra quando que você entrou em contato com a obra dela? Não exatamente com a figura dela.

C.: Eu lembro que, quando eu li a... Heleieth, eu tava... em já conhecia a Heleieth. Ahn...

S.: Ah...

C.: ...foi bem, foi quando, foi bem quando eu cheguei de volta da Inglaterra, eu comecei a me envolver mais com as questões de feministas, sempre trabalhei com consciência política, né? Mas, essa questão sociológica era uma questão menos... afeita à minha área específica de trabalho, mas eu depois eu escrevi, eu escrevi dois textos sobre, acho, a Heleieth. Um que eu chamo que ela é uma feminista bem comportada, né? Porque ela nunca rompeu com a... e depois eu escrevi um outro que acho que foi pra revista da... do pessoal da Bahia...

S.: Uhum.

C.: ...que aí, eu acho, que eu era mais madura intelectualmente pra entender a Heleieth como uma pessoa que fez uma coisa muito importante, entende? Ela trouxe esse tema pra frente. Isso aí foi na década de 80 que eu tive contato com o livro dela e depois, eu vou te dizer, o livro dela que eu tenho, eu tenho dois volumes do livro da Heleieth. Eu comprei um segundo volume pra escrever um artigo porque o primeiro era tão riscado que eu não consegui ler mais, entende?

S.: [risos]

C.: De tanto comentário, tanto risco!

S.: Uhum.

C.: Aí, eu encomendei um livro novo, comprei um livro novo. Eu tenho dois livros de Heleieth Saffioti porque eu comprei porque o primeiro era tão riscado, tão cheio de coisa! [palavra inaudível] “Eu tenho de ler esse livro sem todos os preconceitos que eu tinha”, então claro que

nas minhas observações... aí, eu li o livro de novo, limpo assim. Eu comprei o livro de novo pra ler. [risos]

S.: [risos]

C.: Então, mas foi nessa época que... e óbvio que a Heleieth sofria crítica de dois lados, entende? Sofria crítica das feministas, nós, sociólogas, ciência política, porque a Heleieth tinha aquela história da classe, que a classe que era importante, que as mulheres... então. E os marxistas batiam na Heleieth – primeiro, era porque ela era mulher e as mulheres eram muito... – batiam na Heleieth porque ela era mulher e ela tava falando de um tema que não tinha importância. E aí, vem falar da luta de classes, tava falando lá dos direitos das mulheres. Então, ela ficou meio ensanduichada em uma certa época. Eram feministas que diziam: “eh, o que tu tá fazendo aí na verdade, tá pondo a mulher, tu tava dizendo uma hierarquia da... da mulher em relação à classe e não é disso que se trata!” E, por outro lado, os marxistas diziam: “que que tu tá falando de mulher? Isso é bobagem!” Então, ela ficou meio ensanduichada. E ela soube se impor, entendeu?

Acho isso importante, ela... acho que todas críticas que se façam à Heleieth nunca se possa esquecer que ela foi uma fundadora dum tema extremamente complicado! Óbvio que ela teve condições de emergência muito satisfatórias. Ela era uma pessoa, ela tinha uma condição social muito boa, ela era uma mulher branca, ela era uma mulher que tinha estudado em colégios bons. A família da Heleieth é uma família simples, eu acho que a mãe dela era professora. Mas, ela casou muito cedo com um homem que tinha muitas posses, então ela foi sempre uma pessoa que teve muito apoio! Ela era muito apoiada por ele! E ela, assim, [balbucio] mas ela era uma pessoa muito mimada a Heleieth pela vida, sabe?

S.: Uhum.

C.: Ahn, então, ela foi muito, mas ela conseguiu fazer uma coisa muito, acho que ela fez uma coisa muito importante. Ahn... eu acho que a gente tem que sempre nunca esquecer que a Heleieth falou quando ninguém falava! Ela se expôs quando ninguém se expunha. Ela... [balbucio] ela bateu de frente com o que havia de mais sofisticado, mais ahn... elitista na Sociologia que era a Sociologia da USP! Com o Florestan Fernandes, entende? Ela foi lá e peitou o Florestan.

S.: Uhum.

C.: A Heleieth eu acho que ela era uma pessoa... muito importante. Acho que ahn... falar dessa Heleieth assim, pessoa, é muito importante também porque ela foi uma pessoa de muita coragem.

S.: Uhum. Falar dessa figura, né?

C.: É, é uma figura, era uma figura. Apesar de ser uma figura muito frágil fisicamente, né? Ela era uma mulher muito magra assim, muito...

S.: Uhum.

C.: [trecho incompreensível]

S.: Uhum.

C.: Era muito engraçada a Heleieth. [risos]

S.: [risos] E tinha várias questões de saúde, né?

C.: Isso eu não sei, essa parte eu não sei. Tinha? Eu acho que ela tinha algum, tinha psicanalistas mil toda hora, né? Ela mãe [trecho incompreensível], ela hiper psicanalisava.

S.: Ah é? Ah, isso eu não sabia.

C.: Ah, falava muito. Mas, eu não sabia que... que ela tinha problemas de saúde graves assim. Isso eu não sabia.

S.: Uhum. Uhum. Só um instantezinho.

C.: Tá.

S.: Cê tá me ouvindo bem?

C.: Tô, perfeitamente.

S.: Pra mim aqui tá oscilando muito você.

C.: É?

S.: Uhum.

C.: Quer que eu coloque um fone?

S.: Não, é que apareceu aqui o aviso que tá ruim a conexão, mas vamo prosseguir. Mas, se tiver ruim, eu te aviso.

C.: Tá.

S.: Eh...

C.: Eu tô do lado do wi-fi.

S.: Eh, eu acho que pode ser aqui mesmo. Eh, e vocês chegaram a escrever, trocar, dividiram ideias nessa...

C.: Não, não.

S.: Não?

C.: Não.

S.: Cês divergiam muito? Como que era?

C.: É o seguinte... a questão é que eu sempre fui uma pós-estruturalista à quase [palavra incompreensível]. Eu fiz uma tese de doutorado em 84, eu defendi em 86. Fiz uma tese de doutorado com o Ernesto Laclau que foi o... um dos iniciadores do pós-estruturalismo.

S.: Uhum.

C.: Então, eu nunca comunguei dessas ideias da Heleith. Então, ah, a gente discutia em apresentações assim, mas eu nunca tive, ahn, um... uma troca intelectual mais aproximada com a Heleith porque realmente nós corríamos em... em linhas diferentes de análises. Sempre, aliás, sempre corremos em linhas diferentes de análise. Então, não... teve gente mais próxima da Heleith.

S.: Uhum.

C.: Hum... talvez mais próximas pela proximidade do Rio de Janeiro, pela proximidade do trabalho que ela fez. Ela fez na PUC do Rio, né? Foi a briga dela, não foi?

S.: Foi no de São Paulo.

C.: São Paulo, foi São Paulo?

S.: Foi no de São Paulo.

C.: Tá, então tá.

S.: Entendi. Então, essa troca intelectual ela tava alguém da relação pessoal mesmo.

C.: Ah, sim. A gente não tinha... essa relação tão, nunca tive uma relação de troca de texto, pensar, fazer projetos juntas. Ahn, a Heleieth sempre gostou de ter um grupo de estudantes que trabalhassem com ela, entende? Ou seja, pessoas que ela pudesse ahn... [riso] a Heleieth nasceu para brilhar, não para passar fome, como diria o Caetano, sabe? [risos]

S.: [risos]

C.: [risos] Ela não trabalha obrigada, entende? Então, ahn, ela dificilmente escreveu textos com outras pessoas, acho que não escreveu nenhum. Ahn... ela era uma figura bem interessante assim, bem... uma figura! A Heleieth era uma figura!

S.: [risos]

C.: [risos] Ahn... agora, tu já entrevistasses muita gente? Tem muita gente que conhece bem a Heleieth aí, por aí, né?

S.: Sim, eu tô começando agora na verdade.

C.: Hum.

S.: Porque eu tava esperando, né, a aprovação do comitê de ética.

C.: Hum.

S.: Por enquanto, eu conversei com a Amelinha Teles.

C.: Hum.

S.: Você tá sendo a segunda pessoa que eu tô conversando.

C.: Uhum.

S.: Mas, tem bastante gente na minha lista ainda. [riso] Aliás, se você quiser depois me indicar alguma pessoa, sempre tá aberta essa possibilidade.

C.: Ah não, eu acho que tem muita gente aí que conhece a Heleieth, que trabalhou com a Heleieth, que... pode te dar uma... o pessoal da Sociologia.

S.: Uhum.

C.: Mais próximo. Por exemplo, a Bila Sorj tu tem? [trecho incompreensível]

S.: Ela tá na minha lista também.

C.: Ah tá! Ela é fundamental!

S.: Uhum.

C.: Ela, não sei se ela trabalhou... eu sou muito amiga da Bila!

S.: Olha!

C.: Até porque eu e a Bila somos irmãs gêmeas. Nós nascemos no mesmo dia, mês e ano.

S.: Ah é? Não acredito! [risos]

C.: [risos] Nós nos chamamos de maninhas!

S.: [risos]

C.: (Falam assim:) “vocês são irmãs? Vocês são tão diferentes.” “Óbvio que não somos irmãs, nós nos chamamos de maninhas!” [trecho incompreensível]

S.: Gente, que coincidência, né?

C.: Nossa, é mesmo, ahn, então, a Bila sabe muito sobre a Heleieth.

S.: Uhum.

C.: Porque esse pessoal da Sociologia teve mais contato com a Heleieth.

S.: Uhum. Não, mas ela tá na minha lista também.

C.: Ah, tá. Ela é uma pessoa importante. É que eu tenho uma fotografia aqui, todas as mulheres numa reunião [aponta para um lugar], que aliás a Heleieth não tava porque a Heleieth não era chamada. Não tava.

S.: Ah é? Conta mais sobre isso.

C.: Eh, por exemplo, ahn... nós fizemos, eu fui do comitê – que é a fotografia que eu tenho aqui na minha frente – eu fui do comitê avaliador das pesquisas sobre mulher da Fundação Carlos Chagas...

S.: Uhum.

C.: ...ah, eram, não sei se tu tivesses notícia sobre isso, na década de 80, no fim da década de 80 até 2000, mas principalmente na década de 90, teve um grande financiamento da Ford para pesquisas sobre mulheres, gênero depois, financiado pela Ford e administrado pela... ahn, Fundação Carlos Chagas. Então, havia um grupo de dez, nós éramos dez, ahn... mulheres e nós fomos, por quase dez anos, nós fomos, nós avaliamos e acompanhamos esses projetos. E fizemos muitos seminários, fizemos, a Heleieth nunca participou. Tenho impressão que a Heleieth participou uma vez como bolsista desse projeto! Ela pediu uma bolsa do...

S.: Hum, interessante.

C.: ...né. Ela pediu uma bolsa, ela nunca participou. E era uma geração toda mais moça que ela. Toda mais moça. E a Heleieth nunca participou dessa... desse grupo. Eu tenho aqui assim [aponta para a fotografia], tem o quê, umas cinquenta mulheres aqui. Tem algumas, infelizmente, já mortas. E uma pessoa que é íntima da Heleieth que tu não pode deixar de entrevistar: é Mary Castro!

S.: Hum, ela tá na minha lista também.

C.: A Mary Castro é íntima, ou seja, a Mary Castro quando ia a São Paulo pra essas reuniões, se hospedava na casa da Heleieth.

S.: Uhum.

C.: Ela era íntima da Heleieth. Acho que de todas as pessoas que – também é uma grande amiga minha, muito querida –, de todas as pessoas que eu convivi, a pessoa que era mais próxima, como amiga da Heleieth é a Mary Castro.

S.: Perfeito.

C.: A Mary Castro é uma figura super importante! Enxergando ela aqui agora, eu me lembrei dela. Ela é uma figura fundamental!

S.: Uhum.

C.: Pra ser, pra ser entrevistada. Olha, ela era muito muito amiga da Heleieth!

S.: Muito obrigada, vou reforçar esse convite!

C.: Eh, ela era, ela conhecia muito a Mary, a... a Heleieth, tanto que quando nós íamos todas pro hotel, esses dez anos, a Mary parava e se hospedava na casa da Heleieth. Era muito amiga da Heleieth pessoal. De todas nós ali, era a grande amiga da Heleieth.

S.: Uhum.

C.: Mas, a Heleieth não participava desses grupos, não participava dessas reuniões, não participava desses grandes congressos que nós fazíamos. Ela... [sinal de distanciamento]

S.: Mas, não participava ou não era convidada, como você tinha comentado?

C.: Acho que ambas as coisas. Ela não participaria e ela não/ é porque ela era muito crítica, era muito difícil conviver com a Heleieth. Então, eu tenho a impressão que ela traçou um caminho sempre muito pessoal assim. Ahn... tem toda uma ideia, tinha toda uma ideia na época do feminismo que eu... militei, participei na década de 80, 90, era uma ideia de sororidade, uma ideia de ahn... apoio mútuo, uma ideia de que não tava na cabeça da Heleieth.

S.: Uhum.

C.: A Heleieth era muito bloco do eu sozinho, entende? Ela era uma feminista, ela brigava, gritava, esperneava se as mulheres sofriam violência, ela não tinha nenhum problema de gritar dentro da loja mais fina de São Paulo! Entende? Se ela achava que alguém não tava sendo bem tratada porque era negra por exemplo. Agora, ela era uma figura muito ahn... acho que depois ela chegou a fazer um grupo na universidade, na... na PUC-SP, mas ela... ela nunca... ela nunca, como é que eu vou te dizer... ela nunca foi desse grande grupo de feministas que estavam na Carlos Chagas que depois nós criamos a REF, a Revista de Estudos Feministas. Ahn, ela nunca esteve nesses grupos.

Ela sempre era a Heleieth, ahn. Ela nunca participava das... ela participava, ela era uma pessoa muito posicionada politicamente, ela participava eu lembro do Fórum Mundial, aqui em Porto Alegre, ela participou. Inclusive, eu fui debater ela... foi acho que 2001, o Fórum foi 2001, 2002, 2003 e 2004. Então, ela era uma pessoa... mas, sempre assim, ahn, ela não fazia parte

desses grupos, desse grande grupo que era o grupo da Carlos Chagas. Foram trabalhados anos nessas pesquisas juntos. [trecho incompreensível] Na REF, na Revista Estudos feministas, quando nós fundamos a revista ahn... há vinte anos atrás, há vinte cinco, olha quanto tempo já faz que a revista existe. Mas, eu acho que ela é uma figura mais distante assim, não sei o que as outras pessoas vão dizer, mas ela tava (nesses grandes grupos).

S.: Uhum.

C.: Sempre encontrava, na ANPOCS ela ia, ela ia. E... depois ela tinha problema com a questão, com o conceito de gênero, ela brigava muito com o conceito de gênero. Porque o conceito de gênero era um conceito, pra ela, ahn... eu me lembro da Heleieth acho que aqui em Porto Alegre, no Fórum Mundial, brigando sobre o conceito de gênero. O conceito de gênero tirava da mulher a centralidade.

S.: Uhum.

C.: Ela tinha um entendimento, não só dela pra dizer a verdade, mas de todo, um entendimento ainda muito rasteiro do que era gênero, então... dizia assim: “ah, estudo de gênero tem que estudar o homem também”. O que não tem nada a ver! Mas, não tinha essa ideia, ou seja, essa ideia sofisticada do que é o conceito de gênero que nós temos hoje depois de muita discussão e que veio muito do... surge na Quarta Conferência em Beijing, então ele vem e se desenvolve a ideia. Essa ideia... ainda, ela corria muito... o conceito ainda tava sendo muito construído. Ahn... e a Heleieth odiava o conceito!

S.: Uhum.

C.: De gênero. Ela achava que era estudo sobre mulher, não gênero porque o gênero tirava a mulher da centralidade que não tem nada a ver, mas ela dizia. Então, tinha todas essas questões quando nós passamos muito mais a estudar a questão de gênero e dizer mulher é uma convenção do gênero, entende? Aí, não sei, ela sempre teve uma dificuldade em aceitar isso.

S.: Uhum. E você se relacionou de alguma maneira forma com esse debate do patriarcado, até do próprio conceito do nó, né, que ela fala das relações sociais? Você chegou a debater isso no campo, como que foi isso? Porque, na verdade, são conceitos que até hoje estão em disputa no campo feminista, né?

C.: Desculpa, eu perdi tua pergunta.

S.: É porque, na verdade, esses conceitos, como patriarcado, como o próprio nó, da interseccionalidade, esses são conceitos que ainda tão em disputa. A gente ainda fala sobre essas questões hoje.

C.: Eu acho assim, oh. Ahn, o conceito de patriarcado... eu participei muito disso aí. O conceito de patriarcado ahn... eu acho que ele foi muito abandonado por todas nós porque o conceito de patriarcado ele se fechava na verdade, ele se batia, ele com o conceito de capitalismo.

S.: Hum.

C.: Eu acho que depois que a... a Pateman escreveu o livro do “[O] Contrato Sexual”, eu acho que, a Carole Pateman escreveu, eu acho que ela... reequalizou o conceito do patriarcado. Eu acho que atualmente o conceito de patriarcado tá sendo usado, até inclusive por mim, defendendo minha a... [risos] de uma forma, olha, as relações que nós vivemos hoje elas são

são capitalistas, são racistas, são lgbtqia+fóbicas, mas elas são, elas tem uma, a sociedade é patriarcalizada. Não é por nada, entende? Você vê uma fotografia... do Bolsonaro com seu ministério, eu teria duas mulheres. Vê a fotografia do... Lula hoje na Folha de São Paulo com todo seu grupo. Quantas mulheres tem ali? Duas! Então, eh, as relações, é uma coisa muito doida isso, entende?

S.: Uhum.

C.: Tu pega um cara como o [Gabriel] Boric, no Chile, pôs lá mais da metade das... por quê? É jovem! Tem outra perspectiva. Agora, tu pega essa mesma esquerda... ou a centro-esquerda, (como queira) chamar – bom, não é autoritário, já é alguma coisa bem diferente do Bolsonaro – por um lado, só tem homem naquele negócio! Tinha uma mulher e tinha a Gleice Hoffman que é a presidente do partido. “(Meu deus), que estranha essa fotografia.” Na Folha de São Paulo hoje. “Que estranha essa fotografia!” A gente mal (do desgoverno) do Bolsonaro, mas essa fotografia só tem homem branco. E velho ainda por cima! [risos] Sabe?

S.: [risos]

C.: Então, tu ainda sente a história do... dessa sociedade patriarcalizada, dessa política patriarcalizada que é diferente, entende? Daquele conceito antigo do patriarcado. Eu acho que ele se reatualizou muito. O nó da interseccionalidade, eu acho que uma coisa é o nó da interseccionalidade, outra coisa é a questão da classe como sendo o guarda-chuva sobre o qual estão todas as outras opressões. Que são duas coisas completamente diferentes!

Porque uma coisa são os marxistas clássicos ahn... que estão reaparecendo agora, assim, da forma do neoestalinismo meio estranho que todas as opressões estão sob um guarda-chuva da opressão de classe. O dia que a opressão de classe acabar, todas as outras opressões acabarão imediatamente que é uma bobagem completa! Ahn... as opressões de raça não acabaram em Cuba, as opressões ahn... às mulheres não acabaram em Cuba e que não existe diferença... [balbucio] os homens são obrigados a dividir o trabalho doméstico, está na Constituição cubana!

S.: Uhum.

C.: E oh... as cubanas se matam de rir com essa larápia porque são um [palavra inaudível] mais machista que existe. Então, a ideia, uma coisa é isso, entende? Que não pode ser comparado, que era que, no fundo, a Heleieth dizia quando dizia eu não sou marxista, [gesto de negação] eu não sou feminista. Porque eu tô querendo... naquele livro quando ela dizia “eu não sou feminista”, ela tava ainda pensando no guarda-chuva.

Outra coisa é pensar que essas dominações tão todas interligadas, tão todas entrelaçadas. Ou seja, que elas são, ainda por cima, elas são hierárquicas porque uma coisa é tu ser uma mulher pobre negra, outra coisa é tu ser uma mulher professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como eu – aposentada, não professora –, professora emérita da universidade e branca! Entende?

S.: Uhum.

C.: Então, nós somos essas duas mulheres? Somos duas mulheres. Sofremos opressão? Sofrem. Agora, tem mais outra opressão que eu comecei a me dar conta, que é fantástica, né? Que é o etarismo, né?

S.: Uhum.

C.: Ser velho, ahn, é uma coisa assim... sabe? “Eu vou te explicar”. “Não, moça, não precisa me explicar. [risos] Talvez, quem tem que explicar sou eu pra ti”, sabe?

S.: Uhum.

C.: Então, óbvio, mas todo caso, é muito diferente. Então, essa ideia da interseccionalidade ela é uma ideia fundamental! É fundamental porque não tem todo no Brasil, inclusive, não só a questão racial, mas a questão da população lgbtqi+, principalmente a população trans, é uma estupidez o que as pessoas sofrem. Tem toda a questão racial, não só negra, como indígena. Então, isso nós não pensávamos na década de 80. Nós, assim, “ah, era o feminismo branco de classe média de professoras da universidade?” Era. Lamento. Era.

Nós fizemos, né, eu sempre digo... tenho dito em várias entrevistas isto: nós fizemos muitas coisas, nós fizemos o que nós podíamos. O que nós sabíamos. Fizemos muita coisa! Entendeu? Muita coisa que existe hoje foi nós que lutamos lá com unha, mas realmente quando as mulheres negras [palavra inaudível], “ah, porque o feminismo da década de 70, 80 era um feminismo branco de mulheres universitárias, a maioria heterossexuais”. É, éramos isso mesmo. Um dia que uma pessoa me disse isso numa... achando que ia me ofender, eu disse “éramos, nós éramos exatamente o que eu tá descrevendo! Mas, nós não sabíamos, não soubemos fazer outra coisa e nós fizemos muito.”

S.: Uhum.

C.: E não dá pra tirar, entende, a... assim como não dá pra tirar da Heleieth, a... porque, “ah não, porque a Heleieth era uma marxista”. Mas, a mulher pôs a cara pra bater, entende? Isso foi importante, isso mudou o quadro, isso abriu portas! Agora, se o livro dela, se eu concordo com muitas coisas? Não, discordo de muitas coisas que ela disse. Agora, ela foi lá e abriu portas! Ela bateu feio no preconceito etcetera. Assim como nós na década de 70, 80 – 80, praticamente, foi a época que eu participei do movimento feminista –, mas, bom, realmente nós éramos mulheres... de dentro da universidade de classe média, branca. “Ah, éramos isso? Éramos isso.” Agora, fizemos um monte de coisa. [risos] A gente [palavra inaudível], entende? Então, eu acho que isso aí tem que ser também ahn... creditado a uma pessoa como Heleieth. Começou... nossa! Começou dizendo, “olha, gente, oi. Eu tô aqui”. [risos]

S.: Uhum. Então, justamente, né, esses conceitos já existiam. Inclusive, tem algumas autoras que falam que a questão do nó das relações sociais foi um conceito criado por ela. Sei lá, um precursor...

C.: Hum.

S.: ...da interseccionalidade, mas isso é um debate extenso.

C.: Eh...

S.: Tem algumas que dizem, acho que é um esboço, acho que entra mais na questão do guarda-chuva, né?

C.: Eh.

S.: Que a senhora colocou. E... uma pessoa que eu fiquei pensando entre essa relação figura e as ideias dessa figura, da Saffioti, dela não ser convidada pra alguns espaços, como a Fundação,

mas como que era? Elas eram recepcionadas nesses espaços? Se discutiam as ideias dela nesses espaços?

C.: Não.

S.: Não?

C.: Ah... o livro da Heleieth... ele teve, assim, ele teve um... uma importância quando foi lançado e eu não tava aqui... eu nem morava no Brasil, eu fiz meu doutorado na Inglaterra, eu morei quase cinco anos lá. Então, essa discussão toda do livro dela eu não peguei, mas ahn... não se considerava tanto o livro da Heleieth.

S.: Uhum.

C.: Não se considerava tanto, diziam “ah tá, o livro da Heleieth é importante, é importante tá tá tá, é importante”, foi isso. Agora, ela trouxe a questão pra frente, mas ela não era uma referência... teórica que se usasse porque era uma referência muito antifeminista porque ela mesma se colocou assim no livro. Eu não me lembro da Heleieth como referência. Agora, ahn... as pessoas trazem porque tem um renascimento do marxismo em algumas áreas, e feministas, as pessoas trazem mais a Heleieth pro campo... ahn... pro campo do feminismo algumas vezes, entende? Ou também talvez, a gente menos ahn... preconceituosas, buscando na Heleieth aquilo que deu. Que fui muito, entende? De mostrar como é... é que a questão do trabalho da mulher, como a mulher era a menos reconhecida, ou seja, que havia uma questão dentro da sociedade de classes, dentro do capitalismo, essa questão chamava-se mulher. Eu acho que, atualmente, as pessoas retomaram isso, a Heleieth, neste sentido. E depois, ela também trabalhou muito tempo na questão da violência, né?

S.: Uhum.

C.: E ainda, ela teve uma época que ela quis se afastar do marxismo e... incorporou o Max Weber, os trabalhos dele, e aí ficou uma confusão completa. Porque Max Weber e Marx, realmente, é difícil colocar essas duas figuras juntas. Tu vem da Sociologia? Ah, então tu sabe...

S.: Oi?

C.: Tu vem da Sociologia?

S.: Não, eu não venho da Sociologia. Não.

C.: Qual é tua graduação?

S.: A minha graduação é em Psicologia.

C.: Hum...

S.: Tenho uma formação mais multidisciplinar. [risos]

C.: Ah tá. Então, havia toda essa história de, ela tentou mudar um e aí, a coisa era muito confusa...

S.: A questão da dominação, né?

C.: Exato! A questão da dominação.

S.: Uhum.

C.: Aí, ela resolveu incorporar o Max Weber e o Max Weber não tinha nada a ver com aquela história. E depois, ela trabalhou bastante com a questão de violência. Eu não sei se ela publicou muita coisa sobre a violência. Mas, ela teve alguns trabalhos, teve algumas pesquisas que ela tava fazendo sobre questão de violência. Uma época ela andou fazendo uma pesquisa, que eu acho que nunca foi publicada ou se foi eu não sei, sobre violência doméstica de ahh... contra crianças... [balbucio] violência doméstica sexual contra criança.

S.: É, nunca foi publicada.

C.: É, isso aí ela andou fazendo, ahh, eu assisti ela falando sobre isso. Sobre uma pesquisa que ela fazia com uma outra pessoa, quem era, meu deus? Tava fazendo essa pesquisa...

S.: Era Suely Almeida?

C.: Não.

S.: Não? Eh.

C.: Era uma outra pessoa... ahh... uma pessoa da geração dela eu acho.

S.: Hum.

C.: Que ela fazia um trabalho sobre, ela chegou a trabalhar, era uma coisa que... até eu me lembro muito disso porque foi muito impressionante. Ela só trabalhou com aquelas – óbvio, que era a única fonte que ela tinha – gente que denunciou.

S.: Uhum.

C.: Abuso sexual de crianças dentro de casa. Então, ela só pegou os processos de denúncias. E era uma coisa muito impressionante o que ela relatava, entende assim? De o que acontecia dentro da classe média! Não era assim, você não teve aquela ideia preconceituosa que os incestos e não sei o quê aconteciam porque todo mundo dormia no mesmo quarto, na favela lá? Não. Ela... [palavra inaudível] não é bem assim! Entende? Mas, isso que ela só... mas, acho que, tenho a impressão que ela nunca publicou isso, mas...

S.: Eh.

C.: ...eu vi ela apresentando isso naquele seminário.

S.: Num congresso?

C.: Num congresso! Acho que foi na ANPOCS.

S.: Uhum.

C.: Certamente ela apresentou. E era uma coisa muito interessante, muito pesado inclusive o trabalho dela.

S.: Eh, ela nunca publicou, só tem em forma de relatório mesmo...

C.: Ah, tem?

S.: ...que ela fez pro CNPq. Eh.

C.: Ah...

S.: Eu encontrei esse relatório.

C.: Hum...

S.: Mas, é uma pesquisa muito incrível mesmo, mas não chegou a ser concluída.

C.: Ah...

S.: Eu acho. Que teve vários problemas com pesquisadores...

C.: Ela, não sei, a... os meandros dessa pesquisa, eu me lembro que era uma pesquisa que a mim impressionou muito os dados que ela tinha que eram dados muito interessantes, dados novos assim, dados muito legais. Ahn, ela era uma pessoa, que eu acho que era incrível assim, a Heleieth tinha muita... vivacidade, entende? Ela era uma mulher de idade com muita vivacidade! Não sei com quantos anos morreu a Heleieth. Ela não morreu tão velha. Quantos anos morreu a Heleieth?

S.: Foi 76.

C.: Ela morreu com 76 anos?

S.: Uhum.

C.: Né, ela tinha muita vivacidade, ela tinha muita criatividade, ela tinha muita vontade de trabalhar. Eu acho que depois, nos últimos anos da vida dela, eu acho que... sei lá, ela tinha problema de anorexia também não teve, uma época?

S.: Não sei, isso eu não conheço. Eu sei que ela tinha fibromialgia...

C.: Ah.

S.: ...que ela tinha muitas dores...

C.: Mas, é muito psicológico, né? Tu sendo psicóloga.

S.: Uhum.

C.: [risos]

S.: [risos] É, tem muito a ver.

C.: Mas, a... ela tinha, era tipo assim, a... a questão da PUC abalou muito ela. A questão da morte do famoso Saffioti [riso] abalou muito ela. E a morte da mãe. E as pessoas que eu conheço que eram amigas mais próximas da Heleieth, que moravam em São Paulo, diziam assim: “a Heleieth se deixou morrer”. Porque uma mulher de 76 anos não precisa morrer, né, poxa? [risos]

S.: Claro.

C.: “A Heleieth se deixou morrer”.

S.: Uhum.

C.: Hum... ela era muito magrinha, muito... e tu sabe que ela perdeu um filho, né?

S.: Sim, sim.

C.: Que é uma história muito complicada da vida dela.

S.: Sim.

C.: Então, a Heleieth tem uma história assim, ahn... de muita superação também, né? Então, um [palavra inaudível] muito complicado.

S.: Sim, uma dor que ela nunca falou, né? Que todo mundo sabe muito pouco e acho que com certeza deixou sua marca na história dela.

C.: Ai, impossível não ter deixado, né? Porque era filho único que se suicidou na cama deles, né? Eles voltaram numa viagem de férias...

S.: Nossa.

C.: ...uma história de uma... de uma violência, assim, contra eles, né, completa.

S.: Uhum.

C.: Não, nunca falou. Nunca vi a Heleieth se referir a isso.

S.: Uhum.

C.: Agora, eu sei que a Heleieth fez muita análise. Pra superar isso. Eu sei que a Heleieth é uma pessoa muito analisada, psicanalisada.

S.: Uhum.

C.: Ahn, mas e ela era uma pessoa de uma agressividade... e ela foi melhorando com a idade porque, no início, a Heleieth era de uma agressividade assim, quando eu conheci, que eu tinha medo! [risos]

S.: [risos]

C.: A Heleieth dando patada pra tudo que é lado! Depois, ela foi adocicando... foi melhorando, foi acalmando um pouco. No início, ela era muito brava. Tinha muito medo dela. [risos]

S.: [risos] Eu tenho medo só de ouvir vocês contando as histórias. [risos]

C.: Eu tinha muito medo dela no início porque ela era muito poderosa. Ela era poderosa... ela nunca teve poder acadêmico, mas ela era uma pessoa poderosa, entende? E ela brigava, ela gritava, ela tinha uma voz estridente assim, ela... vrá! [risos]

S.: [risos]

C.: Que medo da Heleieth! Mas, depois não, depois a gente foi... foi... ahn... acalmando, foi... e, bom, e aí ela foi se retirando e eu acho que foi muito em função de questões pessoais. O negócio da PUC eu acho que foi muito pesado pra ela... e foi muito pesado pra ela a morte do marido, a morte da mãe.

S.: Uhum.

C.: Que eram figuras muito centrais na vida dela.

S.: Uhum.

C.: Protegiam muito ela. A Heleieth era uma pessoa que jamais, não sabia nem, a Heleieth não sabia onde era o supermercado! Entende? Ou como é que punha água num copo. Ela foi, assim,

muito protegida por essas duas pessoas assim! Então, chegou um momento que eu acho que ela sentiu muito... muito fragilizada assim. Ela tinha muito pouco [palavra inaudível], né? Ela era uma mulher tão forte e ela tinha muito poucas ferramentas pra enfrentar a vida. Ela sempre foi... a sensação que eu tinha da Heleieth, no fim da vida, é que ela tinha poucas ferramentas pra enfrentar a vida. Quando morreu o marido e morreu a mãe, ela... as ferramentas que ela tinha eram ferramentas intelectuais [risos]. Ela não tinha uma ferramenta pra enfrentar a vida... ahn... como ela é! Essa vida que a gente enfrenta no dia-a-dia, entende?

S.: Uhum.

C.: Quer dizer, pode ser a Heleieth Saffioti, mas quando falta ovo na geladeira precisa ir na comprar! [risos]

S.: Uhum. Tá desamparada mesmo, né?

C.: É, e ela era muito amparada e chegou um momento que faltou ovo na geladeira e [riso] ela não sabia nem onde se comprava ovo, entende?

S.: [risos]

C.: Quem é essa perspectiva assim, sabe? Uma pessoa que foi muito mimada, muito autocentrada e eu acho que muito da rapidez com que a Heleieth – a Heleieth assim se isolou e morreu – foi muito assim ela se deixou, ela não tinha... ferramentas pra enfrentar a vida. A vida como ela é! A vida de todo dia que a gente enfrenta.

S.: Uhum.

C.: Ir no supermercado, andar, pega o carro... a Heleieth acho que nunca dirigiu, nunca teve carro, sempre alguém dirigiu pra ela, sabe? Então, assim... [risos]

S.: Uhum.

C.: ...abraçando... ela não sabia, ela não sabia gerir.

S.: Faz muito sentido, Celi.

C.: Não sei se alguém te disse isso, mas eh...

S.: Não não, não me disseram. Mas, faz muito sentido. Parece que ela focou assim, canalizou todas as energias dela nessa vida intelectual mesmo, né?

C.: Eh. Sim, ela tinha, obviamente, um aparato que possibilitou que ela fizesse isso, né?

S.: Uhum.

C.: Porque se eu não comprar coisa pra minha geladeira, a minha geladeira esvazia [risos].

S.: [risos] Sim.

C.: Então, quando tu tem um aparato que faz as coisas pra ti é muito mais fácil. Mas, eu acho que isso, mas ela foi uma pessoa muito importante. Acho muito bom você fazer uma tese sobre ela. Nossa! Eu acho que ela merece uma tese. E merece uma tese dessa pessoa que foi a Heleieth também, além de... já se fez muita homenagem à Heleieth, já se escreveu muito sobre ela ahn... já se escreveu muito sobre, mas quem era essa figura no feminismo brasileiro? Quem era ela? Quem foi ela pro... pra história do feminismo no Brasil? Eu acho pra... não só pra uma história

intelectual no sentido de analisar as obras da Heleieth, mas eu acho muito bom que tu converse com as pessoas, que contem quem (ela era).

S.: Uhum.

C.: Acho que a Mary Castro é uma pessoa excepcional. Tu diz pra Mary Castro que quem indicou muito ela fui eu. Sou muito amiga da Mary!

S.: [risos]

C.: Então, se ela não quiser dar entrevista pra ti, telefona, me chama que eu digo “como assim?”

S.: Perfeito, vou falar! [risos]

C.: A Mary é uma pessoa, olha, a Mary é uma pessoa com muita idade. Então, eu tô... [trecho incompreensível] a Mary é a geração Heleieth.

S.: Uhum.

C.: Mas, é uma pessoa muito inteligente, muito brilhante e era próxima da Heleieth!

S.: Uhum.

C.: Muito próxima mesmo. A pessoa que eu conheço que era mais próxima da Heleieth, pessoalmente, era a Mary Castro.

S.: Pode deixar que eu vou te citar com certeza. [risos]

C.: Diz pra ela que eu disse: “olha, que ela sabe. [trecho incompreensível] Eu sei que ela se hospedava na casa da Heleieth”. [risos]

S.: [risos]

C.: Era muito amiga da Heleieth realmente.

S.: Perfeito.

C.: E a Bila eu acho que também conhece muito a obra da Heleieth.

S.: Uhum.

C.: Das pessoas que eu me lembro assim mais pra ti entrevistar são essas.

S.: Perfeito. Celi, posso te fazer mais umas perguntinhas?

C.: Sim, pode fazer.

S.: Eu queria saber também em relação à atuação política, tanto sua quanto da Saffioti, né?

C.: Posso buscar uma aguinha?

S.: Claro, fica à vontade!

[breve intervalo]

C.: Já abusei e fiz um café também. [risos]

S.: [risos] Fica à vontade!

C.: Ah... até tinha fechado todas as portas porque meu vizinho de baixo tá fazendo uma reforma imensa no apartamento, é um barulho tão, às vezes, e derrubou parede!

S.: Nossa senhora.

C.: Não, e veio falar pra mim. Digo, “óbvio, tem que fazer. Faze, quer fazer”. Um dia, eu tinha uma banca que eu tive que pedir pra eles pararem porque eles tavam derrubando a parede e eu digo, “olha, não dá. As pessoas não tão ouvindo o que eu tô falando”.

S.: Gente...

C.: Hoje, bem às três horas começaram a bater ali em cima. Aí, eu fechei todas as portas da casa pra ver se eu, que é no banheiro da suíte, pra ver se não aparecia; agora não, pararam.

S.: Ai, coitada. E sempre demora muito obra, né?

C.: Eh, mas eu também fiz obras ano passado, eu reformei cozinha e deve ter incomodado bastante, então não tem problema.

S.: Foi uma troca então. [risos]

C.: Não, foi tudo bem. Mas, e daí, que que é?

S.: Então, sobre atuação política. Se vocês trocaram... não trocaram. Mas, se você participou, eh, militou em algum espaço ou soube que a Heleieth participou em algum espaço. Porque eu sei que a Heleieth nunca quis se filiar a nenhuma organização feminista nem política e que ela não queria assumir uma posição, ela falava, né? Aí, queria saber de você se você tem algum conhecimento, alguma experiência, alguma história pra contar sobre isso?

C.: Ahn, não. Vou dizer a verdade, se tu me perguntar qual era a posição política da Heleieth, em quem a Heleieth votava...

S.: Uhum.

C.: ...eu não sei.

S.: Uhum.

C.: Não sei mesmo! Não sei mesmo. Ahn... ela tinha toda pinta de comunistona que ficou dentro do MDB, mas não sei. Isso aí é uma besteira que eu tô dizendo. Eu não tenho a menor ideia da posição política da Heleieth realmente. Ela era uma mulher progressista, certamente ela tava neste campo mais de centro-esquerda ahn... certamente, ela não seria uma bolsonarista se estivesse viva. Mas, eu não sei da... eu não sei da posição política da Heleieth. Não tenho a melhor ideia! Acho que ninguém tinha.

S.: Uhum.

C.: E ela nunca participou de nenhum grupo organizado, acho que não.

S.: Uhum. A Betânia Ávila, acho que você conhece do SOS Corpo...

C.: Óbvio que eu conheço a Betânia! [risos]

S.: ...ela vê a trajetória da Saffioti nessa triangulação, né? Eh, universidade, feminismo e organizações feministas, as ONGs. Como que você vê isso? Você acha que ela... ela circula nesse triângulo de forma... igualitária?

C.: Ah, a Betânia diz que feminista, organizações... eu não tenho esse conhecimento, eu não tenho.

S.: Uhum.

C.: A Betânia que é uma ongueira histórica... [risos]

S.: [risos]

C.: ...deve ter isso muito mais claro sobre, eu não sei das participações da... da Heleieth... em ONGs.

S.: Uhum.

C.: Talvez, mais... depois que ela se aposentou, mas eu não sei. Essa parte da vida da Heleieth em ONGs eu não sei. Agora acho que teve sempre num quadrado muito... acadêmico.

S.: Uhum.

C.: Ela nunca teve num quadrado, nunca chegou assim a uma posição política, ahn... representar assim uma posição feminista política-partidária ou pública, entende? Eu acho que ela nunca teve. Sempre...

S.: Uhum. Nem no sentido das lutas feministas, de mulheres...

C.: Acho que não.

S.: Uhum.

C.: Acho que não. Pode ser. Agora aí, aí, que fique bem claro pode ser puro desconhecimento porque eu não moro em São Paulo...

S.: Não, sem problemas.

C.: ...a Betânia também não mora em São Paulo, mora em Recife [risos], mas, em todo caso, só a Betânia conhece mais essa... ahn... esse mundo das ONGs que ela é do SOS Corpo e...

S.: Sim, com certeza. Eu pergunto mesmo porque vai que vocês tiveram alguma troca aí na região sul. E... a gente sabe por aqui, por exemplo, que ela contribui bastante em algumas dimensões de conquistas de políticas públicas.

C.: Sim.

S.: Por exemplo, espaços formativos pra... pra criação das DDMs, né?

C.: Uhum.

S.: Você sabe, você presenciou, você vivenciou algo em relação a isso que a Saffioti participou? Algo nesse sentido?

C.: Acontece que essas coisas foram muito estaduais, entende?

S.: Eh, muito locais, né?

C.: Eh, muito locais. Ahn, certamente, ela deve ter participado disso até porque ela tava trabalhando muito com a questão da violência em certo momento. Agora, eu não sei porque isso aí é uma coisa muito local, é uma coisa muito estadual, entende?

S.: Uhum.

C.: Aqui não teve isso. Ahn... o Rio Grande do Sul conhece a Heleieth como acadêmica, entende?

S.: Uhum.

C.: A Sociologia conhece a Heleieth. Tem uma tese da História, que eu não sei se tu conhece, que é um livro agora que ele deve tá aqui, até posso te dizer. [começa a procurar livros em sua estante] Ah, aqui é o livro da Heleieth, é esse livro aqui ó. “Intelectuais feministas no Brasil do ano de 1960”, tu conhece esse livro?

S.: É de quem?

C.: Natália Pietra Mendéz.

S.: Conheço, conheço.

C.: Ah tá. Que era uma tese de História, [trecho incompreensível] do Departamento de História aqui da UFRGS. Eu fui banca dessa tese.

S.: Eh, ela fez entrevistas, né, com a Saffioti.

C.: Eh, eh.

S.: Uhum.

C.: É uma pessoa interessante de entrevistar também.

S.: Verdade. Vou anotar o nome dela.

C.: A Natália é uma pessoa bem jovem...

S.: Uhum.

C.: bem jovem... e muito aberta. Acho muito bom tu anotar aí, pode dizer que fui eu que indiquei também. [risos]

S.: [risos] Pode deixar. Eh... a Amelinha falou que ela brigava muito com a Saffioti por ela ser contra a Lei Maria da Penha.

C.: Eu não sabia que ela era contra a Lei Maria da Penha! [risos]

S.: [risos] Eh, era uma divergência entre elas. Você lembra se vocês tinham uma divergência assim nesse nível mais visceral?

C.: Não não, eu tinha muita divergência com a Saffioti, mas na época da questão do marxismo da Saffioti. Agora, nessa, nem sabia, tu tá me dando uma informação agora. Não sabia disso.

S.: Uhum.

C.: Por que que ela era contra a Lei Maria da Penha ainda que mal pergunte? Não tô fazendo nenhuma tese, mas...

S.: [risos] Não, era mais em relação à questão do abolicionismo penal. Ela achava que o punitivismo não era a solução.

C.: Ah tá...

S.: Era nesse sentido. [risos]

C.: Mas, não sabia disso, não sabia disso.

S.: Eh então. A Amelinha disse que saía faísca entre as duas.

C.: Imagino!

S.: [risos] Porque, né, uma feminista ali na luta, tentando conquistar uma política pública e uma intelectual indo lá e batendo contra. É bem difícil.

C.: Não sabia que a Heleieth... essa era a Heleieth, mas eu não sabia que a Heleieth tinha sido contra a lei Maria da Penha. [risos]

S.: [risos] Essa é a figura, né?

C.: A figura é essa. [risos]

S.: Eh, e passados onze anos da morte da Saffioti, você considera que o legado dela continua sendo mal comportado, fazendo uma brincadeira aí com seu artigo de 2014?

C.: Então tá. Eh, ahn, eu acho que o legado dela, atualmente, nós estamos num momento tão desgraçado, tão ameaçador, ahn, a ameaça que nós tamo vivendo – não ameaça só em relação às mulheres, mas ao regime democrático –. É tão ameaçador o momento que nós estamos vivendo que esses trabalhos pioneiros de defesa de direitos eu acho que eles são fundamentais! Eu acho que eles não são, eles cada vez mais tão mais, cada vez mais nós temos de gritar: “olha, tem uma mulher na década de 60 escrevendo isso!” Entende?

S.: Uhum.

C.: “Tem uma mulher na década de 60 discutindo essas questões!” Então, eu acho que não. Eu acho que, talvez, eu acho que a Heleieth hoje tenha mais importância do que ela teve num momento que o feminismo florescia assim doidamente na década de 90 no Brasil – apesar das feministas jovens achar que começou agora, né –.

S.: Eh. [risos]

C.: Mas... [risos] o feminismo, a gente assinava todas as petições... na década de 80, eu fui uma pessoa que tive muita ahn... trabalho na Constituinte, escrevendo coisas, indo a reuniões, indo pra Brasília brigar por artigos na Constituinte de 88. Então, tinha toda uma história assim. O feminismo, apesar da gente ser mal tratada até dizer chega, nós éramos, havia uma efervescência feminista muito grande. A gente lia muito as americanas, as francesas. Trazíamos as mulheres. Tinha dinheiro. A gente trazia... a gente trouxe Nancy Fraser pra fazer ahn... conferência pra nós.

S.: Incrível!

C.: Então, havia uma certa... nós da Carlos Chagas.

S.: Uhum.

C.: Havia uma efervescência e nessa efervescência a Heleieth tava ultrapassada.

S.: Uhum.

C.: Talvez, seja isso que naquele momento, naquela efervescência, naquele monte de gente discutindo... a Heleieth era aquela senhorinha que ficava lá, dando aula, que brigava, que gritava, mas que não se metia nessa história. Entende? Ahn... eu não sei ahn... qual que eram as posições... da Heleieth. Ela era muito elitista, entende? Ela era uma pessoa muito... [trecho incompreensível] ela tinha preconceitos sobre uma série de coisas que ela não dizia.

Então, aquilo foi um momento, depois veio o governo Lula e nós tivemos uma imensa ação na Secretaria de Políticas pras Mulheres. Eu tive muita atuação nisso aí, eu dirigi um projeto embrionário aí com mais duas pessoas sobre as eleições de 2010. E – bom, a Heleieth já tava morta – a Heleieth durante toda essa primeira década... ela nem... a Heleieth era uma pessoa que tinha passado.

S.: Uhum.

C.: Sabe? Ahn... porque foi uma efervescência não só teórica muito grande, mas política muito grande. Os governos... a Secretaria de Políticas Para as Mulheres levou um bando de feministas pra dentro do governo, e não só pra dentro do governo, mas chamava pra discutir, pra... então, houve um... eu chamei já em artigo, em artigos meus, um “feminismo de Estado”.

S.: Uhum.

C.: Nós fizemos um feminismo de Estado, entende? Nós estávamos lá, eu tava lá, entende?

S.: Uhum.

C.: Nós estávamos lá, nunca tive cargo ahn... cargo oficial, mas eu ia pra assessoria, eu ia discutir, eu cheguei, eu coordenei essa pesquisa nacional, ahn, saiu um livrão sobre as eleições e... então, esse mundo político a Heleieth nunca participou. Ela era uma, ela tava lá.

S.: Uhum.

C.: Mais ligada assim... eu acho que ela tinha muita desconfiança do PT. Porque o PT... até pelo marxismo... agora isso aí é uma coisa assim que eu tô inferindo.

S.: Uhum.

C.: Mas, não que ela não teve participação, né? Por exemplo, em 86, quando a Jacqueline Pitanguy é a presidente do Conselho dos Direitos da Mulher, nós tivemos muito [conexão instável, fala cortada], nós fizemos muito, nós... ahn... trabalhamos muito no sentido de colocar na Constituinte e colocar na Constituição uma série de garantias e tem uma das Constituições que tem mais garantias pras mulheres é a Constituição de 88, brasileira de 88. Essa discussão a Heleieth não entrou!

S.: Uhum.

C.: A gente vivia socada em Brasília incomodando aqueles deputados, incomodando e fazendo cartas e fazendo petições... isso aí a Heleieth não não não tenho ideia da Heleieth nessa época, entende? Era um outro, era... um outro mundo. E depois, já... já no século XXI, ela já tava mais velha ou mais cansada ou... ou seja, não sei qual era a relação da Heleieth com o PT... ahn...

sempre achei que a Heleieth era PSDBP, PMDB, alguma coisa assim. Não sei, mas também eu tô inferindo isso.

S.: Uhum.

C.: Ela nunca se aproximou desse feminismo de Estado aí tão forte assim até porque ela tava com toda essa história da PUC, questão da violência. Eu não sei qual é a relação dela clara aí com a... tu tava falando, com as delegacias das mulheres, mas aí é uma questão bem estadual, né?

S.: Uhum. Não, mas muito interessante isso que cê tá falando do feminismo de Estado. Muito interessante também o que que você coordenou, incrível!

C.: Eu coordenei, nós coordenamos uma pesquisa, nós ganhamos uma licitação... ahn, e foi... e tem um livro imenso que nós temos um monte que a gente não pode vender que foi publicado pela Nova Imprensa Oficial. Eu e o José Eustáquio [Diniz], do IBGE, nós coordenamos uma pesquisa nacional sobre as eleições. Eleição da Dilma.

S.: Uhum.

C.: Sobre as eleições, sobre as mulheres nas eleições, bom, né, foi a eleição da Dilma em 2010. Foi uma grande pesquisa! Ahn... muito interessante. [trecho incompreensível] o que era governo, o que era política.

S.: Uhum. Parabéns pela pesquisa.

C.: Nessa pesquisa, foi uma pesquisa documental, pagamos inclusive o Ibope pra fazer grupos focais porque a gente não tinha... como fazer nacionalmente nós, né? Depois a gente analisou. Quando nós chegamos no governo, a gente podia falar sobre qualquer assunto, mas quando nós falamos em aborto, nós fomos censurados pela... pela Secretaria de Política das Mulheres.

S.: Olha só. [risos] Sempre, né?

C.: Censurados! Sentamos na frente da ministra, eu e o José Estácio, nunca vou me esquecer! Disse assim: “isto aqui não pode sair!”

S.: Uhum.

C.: “Não pode”. Então, não era nenhum, era uma pesquisa sobre aborto, as pessoas achavam que... era uma defesa do aborto. “Não pode sair”.

S.: Nossa.

C.: [palavra inaudível] Isso é outra coisa que não tem nada a ver com a Heleieth.

S.: Não, tem a ver na verdade. Que foi um dos motivos, foi o motivo pelo qual, na verdade, ela foi demitida da PUC.

C.: Hum.

S.: Ela se envolveu numa discussão também sobre aborto. Então, tem tudo a ver, a gente tá falando da mesma questão. [riso]

C.: É impressionante isso a... a história do aborto, nós... eu nunca vou me esquecer. Eu, o José Eustáquio e a Fátima... pera aí que eu vou mostrar o livro... que deve estar aqui. “Mulher nas eleições” foi o Zé Eustáquio, eu e Fátima Jordão que é uma jornalista.

S.: Uhum.

C.: É esse livro aqui ó.

S.: Olha só!

C.: Esse livro que tem... 509 páginas! A gente trabalhou nele um ano, nós ganhamos um milhão de reais pra fazer a pesquisa. Nós ganhamos não, nós concorremos uma licitação... com oito universidades no Brasil inteiro, só universidades... e o IBGE. E fizemos uma imensa pesquisa e aí nós queríamos publicar o livro. E a Secretaria de Política pras Mulheres não queria publicar o livro. Aí, a gente falou assim, “vem cá, tá dentro... nós temos dinheiro pra publicar o livro, está dentro do projeto – que nós apresentamos pra concorrer a esse edital e ganhamos o dinheiro –, tá a publicação do livro!” Nós temos, esse aqui tem todas as mulheres que escreveram... ahn... eu tô olhando aqui pra ver se não tem ninguém aqui que tu possa entrevistar, mas não, acho que não.

S.: [risos]

C.: Todas as mulheres, nós escrevemos o livro, tava pronto o livro e a gente não conseguia publicar.

S.: Gente, mas por quê?

C.: Aí, nós fomos à Brasília, o José Estáquio... conhecido como Taquinho, eu e a Fátima. A Fátima? Foi. Nós fomos. Quem era... a ministra era a Eleonora Menicucci.

S.: Uhum.

C.: Que era uma pessoa que eu conhecia desde a década de 80. Junto com a Heleieth, bem quando eu conheci essa gente toda. Ela sentou, pôs todo o staff dela e disse: “eu li todos artigos e não gostei de nenhum”. [risos]

S.: Gente... que ódio. [risos]

C.: Aí, o artigo da Fátima falava sobre aborto. E a Fátima disse... que era uma mulher muito mais velha, que... não, era da idade da... da Eleonora, da Leo que todo mundo chamava de Leo. Ela disse assim, “Eleonora, se o artigo que tá criando problema é o meu, eu retiro o artigo”. A Eleonora olhou pra ela e disse: “Eleonora não, ministra”.

S.: Gente! [riso]

C.: E nós todos tivemos que...

S.: Outras relações, né?

C.: ...nós todos tivemos de tratar ela como ministra. E aí, a gente saiu de lá, ela disse, “não, porque tinha artigos também que falavam que as campanhas das mulheres são muito... tinham gasto muito”, não é gasto muito, foi uma pesquisa científica. Nós fomos lá, o grupo, o pessoal da Unicamp fez análise do financiamento... disse: “olha, o voto de uma mulher petista é muito

caro!” Não é uma denúncia é saber porque que uma mulher pra se eleger tem que gastar tanto! E eles ficaram bravos porque tinha isso.

S.: Uhum.

C.: Esse livro saiu... nós saímos de lá... voltamos, a gente foi de manhã pra voltar de noite de Brasília, saímos de lá os três com umas caras de patetas que aí a gente ficava “e aí, que que nós vamos fazer?” E o livro tá censurado. Aí, eu fui muito amiga de uma pessoa que faleceu ano passado, fim do ano passado, que foi a Lourdes Bandeira

S.: Ah, sim.

C.: Eu sou amiga dela, eu fui amiga pessoal mesmo. Eu fui amiga da Lourdes desde o, a Lourdes é gaúcha.

S.: Uhum.

C.: E nós fizemos os pré-vestibulares juntas.

S.: Gente!

C.: Então, conheci a Lourdes... e a Lourdes era vice-ministra, ela era secretária executiva do ministério. E eu me encontrei com a Lourdes num ANPOCS, peguei a Lourdes num canto e disse: “Lourdes, tu vai publicar esse livro a pau! Mas, tu vai publicar esse livro! Não adianta me vir com Leo pra cima de mim porque eu conheço a Eleonora também há... 20 anos, há 30 anos, entende? Tu tem que publicar esse livro!” Mas, eu num canto eu com a Lourdes. Era foi representando a ministra na ANPOCS. “Tu tem de publicar!” E esse livro foi publicado pela minha amizade pessoal com a coitada da amiga falecida [palavra inaudível] ano passado. Foi só por isso que foi publicado. Porque eu fui lá e peitei num canto a... a Lourdes Bandeira e disse, “Lourdes, tu vai publicar!” Um absurdo!

S.: Gente, como sempre é tudo tão difícil, né?

C.: Por causa do aborto!

S.: Sim, mas não só por causa do aborto, mas por causa da realidade que vocês tavam mostrando.

C.: Eh eh.

S.: E... [balbucio] na realidade, ela queria que ocultasse a realidade.

C.: Eh, então, olha foi difícil. Isso aqui foi um trabalhão fazer...

S.: Uhum.

C.: ...e publicar. Aí, publicaram pela Imprensa Oficial, não fizeram nenhuma divulgação e esse livro tem dados importantíssimos. Eu tenho uma caixa desses livros! Esse livro não pode ser vendido, é um livro publicado pela imprensa oficial.

S.: Gente...

C.: Não pode ter em livraria e eles nunca fizeram nenhum tipo de... então, mesmo dentro do PT, mesmo dentro ali... dessa centro-esquerda que é o PT, não era fácil a vida da gente apesar de ser um feminismo de Estado. Nunca se fez tanto pelas mulheres como durante os governos

petistas de políticas públicas contra a violência, de questão de... propriedade Minha Casa Minha Vida pra mulher, propriedade rural pra mulher, a questão da... de cotas e... se fez foi muito bom a existência do ministério e a própria época que a Eleonora e a Lourdes dirigiram o ministério. Agora, tinha questões do partido também.

S.: Uhum.

C.: Então, eram questões que vinham de cima, eram do partido. Mas, foi bem interessante. Essa questão do aborto é muito complicada.

S.: Uhum.

C.: O Brasil, o Brasil lida com essa questão com uma infantilidade que nem o Papa Francisco lida! O Papa Francisco, eu sou uma pessoa ateia, não tô defendendo o papa porque... porque tem alguma relação religiosa com ele, mas o papa tem uma postura mais sofisticada do que qualquer político brasileiro sobre aborto!

S.: Nossa, tem toda razão.

S.: Eh, é impressionante. É o papa! A coisa mais conservadora que existe, socado dentro do Vaticano, entende? E tem uma postura mais, a postura é... absolutamente... o mundo discute a questão do aborto e o Brasil não discute porque a família brasileira vai vir abaixo?

S.: Uhum. E é uma questão assim central de não se colocar em debate político, né? Porque...

C.: Lula disse esses dias que era a favor, já não é mais!

S.: Uhum.

C.: “Desculpa, me enganei, me enganei que eu era, não sou mais”.

S.: [risos]

C.: Aquela coisa assim... gente, ninguém é a favor do aborto, é a favor do direito das pessoas fazerem aborto.

S.: Exato.

C.: Não precisa ser a favor do aborto, se tu quiser. Se não quiser abortar, tu não aborta! Ou seja, mas é o direito que as pessoas... é uma coisa assim... é um troço, uma questão que tu fica pasma pensando porque tão difícil nesse país discutir isso. Nem na Argentina que... quase conservador, Portugal?

S.: Uhum.

C.: Espanha? Sabe? E no Brasil, assim, parece que vão... mas, eu me lembro, óbvio que tu não era nascida, eu era muito jovem, quando se aprovou o divórcio no Brasil, também a ideia era que todas as pessoas iam se divorciar porque podiam. [risos]

S.: [risos]

C.: Não, gente, quem não quiser se divorciar, não vai se divorciar! Vai se divorciar quem já tava separado ou... não existe, sabe?

S.: Uhum.

C.: A ideia é assim: “que não, a família vai se degradar”. Mas, por quê? Tu tá muito bem casado vai continuar, não é obrigado, não vai bater na tua porta. E o negócio do aborto é muito incrível! Agora, eu acho que tem uma questão de poder sobre o corpo da mulher.

S.: Uhum.

C.: Eu acho que é o último poder que... os homens têm, que o patriarcado tem sobre o corpo da mulher é esse, entende?

S.: Por isso que...

C.: Não é teu corpo, o corpo da mulher nunca é dela.

S.: Uhum.

C.: Então...

S.: Por isso que isso impede até de fazer o debate, né?

C.: Eh, então assim, é o último baluarte do poder. É a política que não deixa entrar, mas no corpo, entende? Porque poder sobre teu próprio corpo aí já é demais, né?

S.: Uhum.

C.: Muito incrível e, no Brasil, isso é muito forte. Bom, depois vira, isso é transformado em religião. Aí, tu pega, entende, tu faz pesquisa sobre no meio das mulheres ahh... cê faz duas, já tem essa pesquisa. Cê faz duas pesquisas, perguntando “tu é contra ou a favor do aborto?” em comunidades evangélicas. 90%, 95% das mulheres dizem que são contra. Aí, tu passa um mês e volta e pergunta assim: “você já fez um aborto?” 60% das mulheres fizeram.

S.: [risos] Exato.

C.: Eh, uma doidera isso, entende? É um troço... complicadíssimo de resolver porque as pessoas não tem coragem de dizer “eu sou a favor do aborto, a favor do direito ao aborto”. “Não” e a pessoa fez.

S.: Uhum.

C.: Incrível!

S.: Acho que a dificuldade de publicar esse livro ilustra bem, né?

C.: Eh. Que é incrível assim, se tu ler, tu não vai nem achar o aborto aqui de tão disfarçado, tão rápido que ele passa.

S.: Uhum. Tá escondido, né?

C.: Escondido. Mas, é isso aí.

S.: E você tem uma última lembrança da Heleieth que você... se recorda?

C.: Não... não sei a última vez que eu vi a Heleieth pra dizer a verdade. Não, não sei, não me lembro. Me lembro assim porque, aí ela se afastou muito, entende? Depois que morreu o Saffioti, como ela chamava [risos]...

S.: [risos]

C.: ...ela se afastou muito, ela nunca mais foi à ANPOCS, ela nunca mais apareceu, ela se afastou de tudo. Eu não sei quando é que ele, tu sabe quando é que ele morreu?

S.: Foi... em 99, né?

C.: Eh, pois é, exato.

S.: Foi em 99...

C.: A partir dali ela... e ela, então, ela sobreviveu a ele onze anos ainda, né?

S.: Isso, uhum.

C.: Ele era moça! Ela só tinha 65 anos quando ele morreu.

S.: Pois é, tinha muita vida ainda, né?

C.: Tinha muita vida, mas ela... e mãe dela morreu logo depois eu acho.

S.: Eh... não me recordo quando que a mãe dela morreu.

C.: Eh, a famosa mãe da Heleieth.

S.: Eh, Dona Angelina, né?

C.: Eh, exato. Eu não tenho, eu não consigo me lembrar. Também eu não tenho uma memória tão... minha memória me trai, mas eu não me lembro a última vez que eu vi a Heleieth, eu não me lembro. Deve ter sido um desses encontros assim, mas...

S.: Uhum.

C.: ...que ela tava trabalhando com violência, isso eu sei.

S.: Uhum. E, por fim, [risos] que lugar que você considera que ela ocupa no feminismo brasileiro hoje?

C.: Acho que de mãe fundadora.

S.: Uhum.

C.: Óbvio que tu vai mais pra trás e vai encontrar feministas... mulheres feministas, fim do século XIX, brigando, como a Bertha Lutz. Mas, a Bertha não é feminista, ela era uma mulher que lutava pelos direitos... ao voto. Eu acho que ela era uma... principalmente, se tu pensar na área das Ciências Sociais, na área dos estudos acadêmicos, ela realmente é uma mãe fundadora. Eu acho que é o lugar que ela ocupa com todas as críticas que se possa fazer ao livro dela que é um grande livro, sem dúvida.

S.: Uhum. Perfeito, Celi. Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer que...

C.: Não, eu acho que não.

S.: ...as perguntas não abarcaram?

C.: Eu acho que, talvez, eu não tenha muito mais a dizer sobre a Heleieth, eu acho que é isso. Agora, se tu precisar de mais alguma coisa, é só dar um grito.

S.: Eu agradeço muito pela participação!

C.: Então tá, Samantha.

S.: Foi muita rica a nossa conversa, eu aprendi muito!

C.: Então tá, prazer, Samantha! Prazer conhecê-la.

S.: Prazer!

C.: Tchau!

S.: Tchau, Celi, muito obrigada, viu?

C.: Tchau tchau!

[Fim da gravação]

Local: Google Meet (ambiente virtual)

Data: 19/04/2022

Entrevistadora: Samantha Camacam (S.)

Entrevistada: Mary Castro (M.)

Duração: 01:27:35

[Início da gravação]

S.: ...conceito do Bourdieu. Na verdade, esse trabalho ele segue a abordagem biográfica, então eu quero traçar um pouco mais a história mesmo da Heleieth, né? Pensando quais foram as posições que ela ocupou nesses campos pra além dos temas que ela articulou. Obviamente, que os temas, os conceitos, as ideias que ela trabalhou e pelas quais ela é conhecida estão em jogo nesse campo porque, tanto o conceito de nó, de patriarcado, são conceitos que inclusive tão em disputa até hoje, né? São conceitos, inclusive, que a gente tá discutindo até hoje no feminismo e acho que a gente vai continuar discutindo por muito tempo.

Mas, o meu objetivo principal é de fazer mesmo uma análise biográfica, de entender as relações pessoais, entender também as posições que ela assumia nos espaços. E por isso que eu queria conversando, assim, queria primeiro dizer que eu quero te deixar bastante livre pra você dizer o que você quiser, né? E eu queria mais abordagem mais essas histórias, essas narrativas. E essa a gente pudesse começar você contando como que vocês se conheceram, né? Que ano que vocês se conheceram... de você contar um pouco dessa história mesmo eh... acadêmica e pessoal de vocês duas.

M.: Samantha, eu tô com oitenta anos e sou péssima de memória!

S.: Uhum.

M.: Mas, eu vou fazer um esforço. O... eu creio que eu conhecia primeiro a Heleieth eh... não pessoalmente, mas nos trabalhos. Eh... eu sou marxista e tava muito angustiada pela falta, de muito poucas autoras feministas e marxistas. E tava fazendo um trabalho sobre serviço doméstico e aquele trabalho dela sobre serviço doméstico foi fundamental. Eh... depois, o trabalho dela sobre mulher e classe. E creio que conheci a Heleieth numa... num congresso feito pela União Brasileira de Mulheres que eu era parte e Heleieth era sempre convidada.

E, pra variar, nós estávamos na mesma mesa, Heleieth me deu uma bronca porque a Heleieth não era fácil! Heleieth e isso faz parte, inclusive da própria metodologia marxista, de apostar mais no debate do que no diálogo. Então, no debate ela, inclusive, várias vezes quando nós discordávamos, ela dizia: “Mary, por que que você não aprende falar português? Porque passou muito tempo nos Estados Unidos, fez muitas pesquisas em países da América Latina...”

E a Heleieth falava um português espetacular! Mas, era baixa! Porque ela ia com esses golpes baixos.

S.: Uhum.

M.: Tanto que no movimento feminista a Heleieth não era nada querida. Não era querida porque... Heleieth [palavra inaudível] respeitável, acho até muito irônico que hoje pessoas que não conheceram Heleieth ou algumas que tinham... só um momentinho que minha filha tá chamando, só vou dizer que estou [palavra inaudível].

S.: Claro!

M.: [atende o celular brevemente] Lola, eu tô dando uma entrevista, daqui a pouco eu telefono pra você, tá bom? Beijo. Desculpe, que ela é médica...

S.: Fica tranquila.

M.: ...se eu não... não eh... se eu não responder, ela bate aqui com ambulância e tudo!

S.: [risos]

M.: Filho é fogo. Mas, Heleieth era muito, quando ela defendia as ideias dela e ela lia muito, ela não era uma pessoa fácil.

S.: Uhum.

~~M.: E acho até irônico que a Revista Estudos Feministas, você já viu? Fez um... uma... um dossiê sobre ela.~~

~~S.: Uhum.~~

~~M.: Não chamou as pessoas, por exemplo, não é... pra mergulhar, mas ela não chamou pessoas que eram amigas, que conviviam com Heleieth como eu.~~

~~S.: Hum...~~

~~M.: Sem citar nomes, chamou pessoas que... eram antagônicas à Heleieth. E a pessoa que organizou aquele dossiê acho que nunca nem viu a Heleieth! Entende?~~

~~S.: Uhum.~~

~~M.: Mas, essas são essas coisas das competições que tem. E Heleieth não é, não aceitava muitas críticas. Então, nós éramos grandes amigas, eu ficava na casa dela, ela ficou na Bahia, eu adorava a mãe dela eh... fiquei naquele apartamento que ela morava na República, gostava muito, saíamos junto, íamos a... mas, quando eu disse, quando eu escrevi com a Lena [Lavinas] contra o patriarcado, considerando que gênero era um termo mais forte que o patriarcado, ela começou a me criticar em todo lugar que ia. Mas, depois nós refizemos. Então, mas as inimizades eram... isso eu aprendi com ela, sabe, Samantha?~~

S.: Uhum.

M.: Que você pode brigar com as pessoas, brigar por ideias, mas não com a pessoa, com o caráter. Nós nos gostávamos, mas teve um tempo que ela telefonava pra mim: “tá tudo errado o que você escreveu! Não concordo!”

S.: [risos]

M.: Eu digo: “não concorda por quê?” Nós íamos nas mesmas... eh... me lembro uma vez no... num congresso que houve da UBM e a União Brasileira de Mulheres – e eu era da União Brasileira de Mulheres – nós távamos defendendo a... eh... a licença de maternidade. Heleieth esculhambou! Levou uma vaia, sabe?

S.: Uhum.

M.: E eu inclusive disse: “olha, Heleieth, você me desculpe” Eu inclusive falei com o público porque eu era muito querida também pelo público porque tem esse negócio de... era do partido, a UBM era do partido. Disse: “pessoal, não é bem assim”. Mas, a Heleieth: “vocês são todas umas burras! Porque é contra o feminismo isso de licença. Mulher, gravidez não é doença. Cuidar de filhos não é doença. O que tem é que as mulheres brigarem...”

E tinha... tinha algo importante no raciocínio dela. Que as mulheres tinham que brigar era pra que o Estado eh... fizesse políticas públicas e serviços para minimizar o trabalho de reprodução. Interessante que a Heleieth dizia isso, Samantha – eu tô falando nos anos, se eu não engano, nos anos... 2000 –...

S.: Uhum.

M.: ...e eu só vim compreender que a Heleieth tava correta, quer dizer, tava correta no sentido: ela estava correta, mas no correto em termos da ideia, da posição de que... as mulheres com a licença da maternidade tavam assumindo de que o papel de mãe era um papel da mulher. E não do Estado. Hoje, que é um tema que a Silvia Federici e que eu tô trabalhando e que concordo, mas acontece que eh... faltava sentido pragmático.

S.: Uhum.

M.: Você lutar naquele tempo pra que o Estado, inclusive porque as mulheres com ou sem licença da maternidade não iriam lutar pra políticas públicas coisa nenhuma porque não havia essa conscientização. Então, Heleieth, às vezes, lhe faltava pé no chão. Era de um idealismo, mas muito concreto. E a outra questão, essa é, a leitura dela, ela teve brigas sérias com... marxistas de peso porque ela era mais a favor de Lukács que era um marxismo crítico aos determinismos, aos economicismos e a Heleieth trabalhou muito a consciência. E o interessante, se você estudar as publicações da Heleieth desde a primeira tese dela, que foi aquela tese da mulher, eh... a mulher, classe eh... como é?

S.: “A mulher na sociedade de classes”, né?

M.: “A mulher na sociedade de classes”, ali é um marxismo ortodoxo.

S.: Uhum.

M.: Ela foi mudando mudando mudando, então ela tinha capacidade de dialogar, ela gostava de Butler. E eu dizia, “mas, Heleieth, como é que nós marxistas podemos ler essa questão da performática?” Ela disse: “Mary, tem algumas questões da deconstrução que tá inclusive no Lukács!”

S.: Uhum.

M.: “Então, há que tomar cuidado”. Quer dizer, ela era uma pensadora espetacular! Agora, uma pessoa muito difícil.

S.: Uhum.

M.: Heleieth, de alguma forma outra pessoa... agora, quem entendia de Heleieth... [fala com alguém no ambiente] ó, por favor, eu tô aqui, ô Diva. Quem tinha... desculpa é porque tava fazendo um barulho aqui, eu não tava ouvindo bem você, Samantha, desculpe.

S.: Tranquilo.

M.: O... perdi o raciocínio, deixa eu ver. Você tinha que saber que a Heleieth foi uma pessoa muito sofrida.

S.: Uhum.

M.: Era muito dura na defesa das ideias dela, mas de uma grande solidariedade! Ela brigou comigo, ela brigou com... a Eva Blay que seria muito interessante, mas depois fez as pazes. Eva Blay e... Bela Feldman-Bianco também foi uma pessoa com quem ela teve algumas disputas, tudo. Foram pessoas que foram ao enterro dela.

S.: Hum...

M.: Tem outra pessoa que eu gostaria muito que você entrevistasse que foi orientanda dela que, às vezes, telefonava pra mim de chorar! Das coisas duras que a Heleieth dizia, mas a Heleieth lhe dizia coisas duras, depois ela voltava, lhe procurava, como se não tivesse nada. Como aquela ideia ali, olha, Samantha, você é uma burra! Eu não tô de acordo com o que cê tá dizendo!

S.: Uhum.

M.: Você tinha que tomar aquilo... é a defesa dela, da ideia dela, mas ela não tomava aquilo pessoal. E a academia não é assim! A academia é muito competitiva.

S.: Uhum.

M.: Ela não defendia as ideias dela por competição. Ela defendia as ideias porque ela tinha estudado. Heleieth passava 48 horas por dia estudando e estudando tinha eh... recursos, então vinha livros de fora. Ela estava a par de tudo que saía! E não só sobre feminismo, feminismo, marxismo. Depois, ela foi começar os últimos trabalhos dela, cê sabe que tem vários trabalhos que só foram publicados depois que ela faleceu.

S.: Uhum.

M.: Ela começou a se interessar muito pela Psicanálise, pela subjetividade. Áreas que marxistas ortodoxos não iam.

S.: Uhum.

M.: Heleieth sofreu muito com a demissão, com a expulsão dela da PUC. E tanto que quando eu fui eh... e ela foi profética. Eu fui admitida na PUC há... nós tamos em 2021, né?

S.: Dois.

M.: Quê? 2022.

S.: Isso.

M.: Quê?

S.: Isso mesmo, 2022.

M.: 2022. Eu entrei na PUC, mais ou menos, em 2008.

S.: Uhum.

M.: E aí, fiquei felicíssima porque tinha acabado meu trabalho na Unesco, em organizações internacionais, eu ganhava muito bem e tava reduzida apenas ao meu eh... a... a minha

aposentadoria na Ufba. Aí, eu telefonei: “Heleieth, recebi um convite pra ser professora na Universidade Católica de Salvador”. Ela disse: “tome cuidado. Tome cuidado, não confie na igreja! Olhe o que eles fizeram comigo.” Heleieth tava com sete ou oito orientandos e era a paixão dela! Hoje, eu reconheço porque é a minha também, Samantha.

S.: Uhum.

M.: Com 80 anos, o que me dá vida hoje, é ensinar. É escrever, é estudar. Essa era a vida da Heleieth!

S.: Uhum.

M.: Estudar, escrever, ficava muito em casa porque cuidava da mãe dela, né? Eh... e quando a PUC a demitiu depois que ela fez, deu uma entrevista... a favor da legalização do aborto, a PUC a demitiu. A PUC não deixou que ela continuasse com os orientandos dela. Cortou. Isso ela falou comigo que tava com um baque e ela não era muito de expressar sentimentos.

S.: Hum...

M.: Ela expressava em termos de solidariedade, agora de dizer... assim, “gosto de você” não dizia.

S.: Era mais contida.

M.: Era contida.

S.: Mas, ela disse: “tô sofrendo muito”. E ela falou isso mais ainda com quem ela tinha mais proximidade do que eu, eu morava em Salvador, mas com quem morava lá em São Paulo que é a Olivia Rangel.

S.: Hum...

M.: Que foi, depois vou lhe dar o... o endereço porque eu acho fundamental! Foi quem conviveu com Heleieth e viu todo que foi o sofrimento quando a Heleieth se deu conta que ela não teria mais orientandos, que ela não daria mais aula, que a vida dela era... podia escrever... mas, a escrita, a pesquisa, a leitura não é a mesma coisa que dar aula.

S.: Uhum.

M.: O contato, o que me rejuvenesce é o contato com os jovens! E era isso que a Heleieth também gostava. Dos orientandos, de dar aula. O que eu aprendo com dar aula porque tem perguntas que colegas, colegas de... do mesmo nível acadêmico não lhe fazem.

S.: Uhum.

M.: Porque as trocas de ideias têm algo, sei lá, se de competição ou porque não querem fazer perguntas que podem parecer ingênuas. O jovem não! Os jovens na sala de aula lhe botam de saia curta! Porque fazem perguntas que podem parecer ingênuas, mas que você diz, “diabo, como é que eu vou responder essa merda? Eu não... que isso?”

S.: [risos]

M.: Nós ríamos muito! Nós conversávamos muito! Heleieth era apaixonada por dar aula. Heleieth morreu de desgosto. E a igreja, de alguma forma, contribuiu, como também os colegas dela da PUC que não... não deram tanto apoio como ela merecia.

S.: Uhum.

M.: Foi o mesmo caso meu. Aí, ela foi profética, ela dizia: “Mary Mary...” eu disse, “não, mas tá muito bom, tem uns padres muito avançado, eu digo que sou marxista, eu tô dando aula sobre gênero lá na PUC, lá na Ucsal [(Universidade Católica do Salvador)] em Salvador...” ela: “Mary Mary... não confie na igreja.”

S.: E o que aconteceu com você na PUC?

M.: A Ucsal em Salvador? Eu tinha colaborado na formação de dois doutorados.

S.: Uhum.

M.: Com outros colegas, não foi só eu, com uma equipe. Fizemos um doutorado em Política Social e Cidadania e formamos o doutorado em Família. Em dois mil e, creio que foi 2009, 2008, 2009, o arcebispo lá da Bahia, que eu esqueço o nome dele, escreveu um artigo contra a ideologia de gênero. Que ideologia de gênero era coisa de pedófilo...

S.: Nossa.

M.: ...que ensinar criança sobre sexualidade... e outras besteiras. Aí, eu escrevi uma carta dura para um jornal dizia que aquilo era um bando de ignorância que ele não sabia o que era gênero, que ele não sabia qual era o conceito de ideologia e que não sabia como era importante educação sexual nas escolas, inclusive pra impedir violência contra mulher.

S.: Uhum.

M.: A carta não foi publicada, mas, dois dias depois, eu fui chamada na... pela direção da pós-graduação e disseram que eu tava demitida. Aí, eu perguntei: “por que que eu tô demitida? Foi por aquela carta?” “Não, que carta? Não teve nenhuma carta, não foi publicada. É que nós lhe achamos que você não coaduna...” olha, depois de dez anos! E uma outra amiga de Pelotas, Márcia eh... Márcia Calazans, a mesma coisa. Cinco anos na PUC de Pelotas, demitiram.

S.: Uhum.

M.: A igreja é cruel.

S.: Sinto muito.

M.: No caso da Heleieth, a Heleieth era queridíssima. A Heleieth dava nome àquela PUC de São Paulo! Muita gente foi fazer doutorado porque tinha uma Heleieth Saffioti.

S.: Uhum.

M.: Não era dogmática. Então, criou alguns problemas entre marxistas dogmáticos, entre feministas liberais... e feministas empiricistas. Pessoas que só trabalhavam com números, com números, com números, ela... ela criticava mesmo, sabe?

S.: Uhum.

M.: Agora... eu demorei a separar isso e eu tenho um grande orgulho e eu coloquei lá naquele... de ter reconhecido que grande mulher, não só grande intelectual, que grande mulher e que as grandes mulheres, as grandes pessoas talvez sejam, ainda mais contribuam quando discordam de você do que quando lhe digam apenas amém.

S.: Uhum.

M.: E Heleieth era disso.

S.: Uhum.

M.: E depois se você ler Marx... é... Marx era assim. É a polêmica, o que é a dialética? A dialética é a contradição? E a Heleieth era isso. Mas, Heleieth não lia só marxismo. Tinha um... eu me emociono falar da Heleieth e ela me faz falta até hoje, sabia? Faz muita falta porque nunca mais descobri, tenho boas amigas, inclusive grandes amigas marxistas, mas... Heleieth, como uma Heleieth Saffioti... nós não temos mais no Brasil.

S.: Dá pra ver que a senhora tem muito carinho por ela.

M.: Foi e olha que passamos um tempo... pessoal no Fórum Social Mundial. Eu tava numa tenda, uma vez lá em Porto Alegre, aí o pessoal disse: “ih, acabei de vir numa, no Fórum Social, da tenda da Heleieth que a Heleieth disse ‘Mary castro não entende nada!’”

S.: [risos]

M.: “‘Diz que é marxista, mas leu... o que ela entende é de Weber, de Bourdieu’”... ela detestava aquele trabalho de Bourdieu de dominação, sabe?

S.: Uhum.

M.: “Essa questão de dominação não entende nada!” Aí, o pessoal ia: “ih, Mary, Heleieth tá lhe esculhambando na outra tenda”. Dizia: “deixa lá”.

S.: [risos]

M.: Eu caí na gargalhada, disse: “ela tem razão é porque nós estamos discordando, mas eu vou lá falar com ela”. Aí, no dia que eu telefonei, disse, “olha, Heleieth, tô te telefonando” – e não foi, foi antes dela ser, foi depois dela ser demitida da PUC –. E eu lhe digo com honestidade, Samantha. Não foi por paixão, não foi por saber que ela tava muito sozinha, que ela tava triste, nada.

S.: Uhum.

M.: Foi porque eu me dei conta, lendo outros autores que, de fato, e hoje eu defendo o conceito de patriarcado, que, de fato, Heleieth tinha razão. Patriarcado era poder. Eu aprendi com Heleieth a... a entender que nós tínhamos que ler o patriarcado de acordo com Paterson [Carole Pateman?] sobre o contrato social, o contrato sexual. Foi quando eu li o contrato social e sexual, indicado por Heleieth, e, quando Lukács, eu disse “ela tem toda razão”. Aí, telefonei pra ela, ela ficou feliz da vida!

S.: [risos]

M.: Aí, ela disse: “ah, vou lhe mandar os textos!” Aí, me mandou os últimos textos dela, mas, se eu não me engano... nem sei se foram publicados, mas eu acho que são porque tem o museu,

né? Sobre subjetividade que ela fala da importância da subjetividade, o museu lá em Araraquara, né?

S.: Isso, eh, como se fosse um memorial, né? Mas, ainda esse acervo tá em tratamento, em fase de higienização com a... assim, os documentos pessoais dela ainda estão em tratamento, mas tem a biblioteca que leva o nome dela, esse centro cultural leva o nome dela e do esposo, né? Que foi pra lá...

M.: O esposo também já faleceu?

S.: Sim, ele faleceu em 99, né?

M.: Foi antes dela?

S.: Ele faleceu... é, ele faleceu antes dela sair da PUC até.

M.: Ah... eu...

S.: Eh.

M.: Puxa, eu tenho uma memória...

S.: Não, sem problemas, a vida é assim. A gente... [risos] a gente vai apagando coisas, né? Mas, Mary, deixa eu te perguntar uma coisa, quando você falou que você fazia parte da UBM, vou voltar lá atrás. A Heleieth ela não fazia parte da UBM, ela só era convidada pros encontros?

M.: Heleieth era crítica aos partidos...

S.: Uhum.

M.: ...era uma marxista... não era a favor de eu ser do PCdoB, como eu sou até hoje, ela diz que não.

S.: Uhum.

M.: Ela era crítica dos partidos. Ela era chamada pra UBM, mas ela não... outra pessoa que eu gostaria também que você ouvisse muito que era, quando ela sempre vinha ao Rio, preparava alguma coisa pra Heleieth falar, é a Regina eh... Regina Simões se eu não me engano.

S.: Uhum.

M.: Eh, nós temos inclusive um retrato de nós todas juntas Heleieth, Regina, eu. Eu posso lhe passar, ela tem um grande carinho...

S.: Eh, se você puder me passar depois eu agradeço.

M.: Eh, também adoro aquele retrato dela com Marx atrás, né?

S.: Uhum.

M.: Regina também. Regina era... nós tínhamos o... nosso clube aqui no Rio de estudar a Heleieth Saffioti.

S.: Uhum. Entendi.

M.: Regina, eu, Karen Giffin estudávamos trabalhos da Heleieth e a Heleieth mandava pra gente.

S.: Uhum.

M.: Você podia criticar a Heleieth, mas tinha que tomar cuidado como! [risos]

S.: [risos] Depois, tinha que aguentar! [risos] E a Regina fazia parte também da UBM ou isso já era outro momento?

M.: Não não não não. A UBM admirava a Heleieth, mas sabia que... Heleieth era... não era... ela achava que os partidos e essas organizações embotam o pensamento crítico.

S.: Uhum.

M.: E ela era muito crítica. Então, eu acho que... aceita a posição dela, mas eu creio que são mais coletivistas e acho que não se muda nada. Tem que fazer briga dentro dos partidos, dentro das organizações, dentro dos coletivos. Acho que você sozinha... tanto que há autores, há professores na PUC que disseram, “Mary, ninguém”... eu perguntei uma vez: “mas, como é que vocês não fizeram uma greve, não fizeram um manifesto quando a PUC demite uma mulher como a Heleieth Saffioti?” E o que me disseram foi que Heleieth era muito eu sozinha.

S.: Uhum, entendi. Faz muito sentido, né? Ela nunca chegou a participar por dentro mesmo das organizações, só era convidada.

M.: Eh, nem da associação de professores, nem nada!

S.: Hum, interessante... interessante, Mary. Isso diz muito, né, sobre as respostas que a gente dá aos eventos que acontecem. E aí, teve algum momento também que, eu já li sobre a vida dela, que ela não se filia, mas que ela se aproxima do PMDB naquele momento, mas também por conta do marido. Você sabe de algo a respeito disso ou não?

M.: Não não.

S.: Não?

M.: Ela eh... eu nunca cheguei a conhecê-lo pessoalmente, mas ela falava muito bem dele, mas sempre dizia: “ele é ele, eu sou eu”.

S.: Uhum.

M.: Tanto que ele morava em São Paulo, ele morava...

S.: Em Araraquara?

M.: Em Araraquara e eles se falavam toda noite. Aí, a gente tava conversando, quando eu tava na casa dela, ela disse: “ Mary, daqui a pouco a gente conversa que eu tô falando com meu amorzinho”.

S.: [risos]

M.: Aí, era... eu via que era uma carinhosa, mas... sozinha.

S.: Entendi. E, Mary, que cê falou também em relação aos embates que vocês tinham, né? Em relação às ideias. Vocês chegaram, em algum momento, a escrever, trocar, dividir ideias, assim, no sentido de produção conjunta?

M.: Não.

S.: Não? Não era algo...

M.: Nós não escrevemos nada. Eu creio Heleieth... com [Maria] Aparecida [de Moraes] eu acho que ela escreveu alguma coisa, não foi? Não sei.

S.: Eh, teve um prefácio, poucas coisas, né?

M.: Eh, ou ela teve com a Suely, tem uma mulher...

S.: Uhum.

M.: ...Suely, que... ela escreveu algo, mas... a parte teórica, comumente, era da Heleieth, viu? Com a Aparecida eu não sei, sinceramente, porque eu não lembro da Aparecida e eu respeito muito a Aparecida.

S.: Uhum.

M.: Inclusive, o debate teórico dela eu também gosto. Mas, eu creio que com as outras pessoas ela... porque uma grande pesquisa sobre violência contra a mulher que ela trabalhou com um grupo grande, mas que ela chegava nesse grupo, dava aula, debate teórico, mas não me lembro da Heleieth ser uma pessoa de trabalho de campo.

S.: Hum, entendi. Mas, isso você diz no Rio, em São Paulo ou você não se lembra?

M.: Olha, eu não morava em Salvador.

S.: Uhum.

M.: Mas, os trabalhos que eu vi, Heleieth com Suely, com outras pessoas eh... eu via que a parte dela era mais a parte teórica, ensaísta.

S.: Uhum. Menos pesquisa de campo.

M.: Eh. É o que hoje eu sou. Eu hoje eu não posso ir mais a campo. O meu campo hoje são os livros, tanto das feministas, as ideias ou como representam-a, e a literatura.

S.: Uhum.

M.: Creio que a Heleieth... bom, porque também, quando eu conheci a Heleieth e ficamos mais amigas, a Heleieth já tava com, mais ou menos, 60, 70 anos, né?

S.: Hum, entendi.

M.: Então, não era mais... isso de ter essa habilidade de ir à campo. Mas, ela sabia ler dados e trabalhava na parte de roteiro... e dos debates teóricos muito bem, mas os livros da Heleieth que são mais famosos, como aquele também “O lugar [poder] do macho”, aquele último sobre a violência, né? Você vê que são trabalhos teóricos.

M.: Ela usa dados tudo, mas não é pesquisa de campo.

S.: Uhum, sim. E além desses encontros que você citou, vocês chegaram a ocupar outros espaços políticos, acadêmicos juntas?

M.: Nós tivemos em... eu não lembro qual foi, mas ela me chamou pra uma banca. Me lembro de... ter compartilhado com Heleieth de várias mesas, não só na UBM, em vários outros espaços. Inclusive, espaços acadêmicos: na própria Usp, na Ufba (que se amava muito ela).

S.: Uhum. E como que eram esses encontros? Como que era a recepção dela? Ela era bem recebida? Como era? Cê lembra?

M.: Como eu lhe disse, por setores populares, como da UBM, quando ela falou que era contra a licença da maternidade, ela recebeu uma grande vaia.

S.: Uhum.

M.: Mas, comumente, ela era recebida como a diva.

S.: Hum... essa figura.

M.: A figura!

S.: Uhum. Entendi. Interessante ver isso, né? É o lugar das ideias da Saffioti e a figura da Saffioti.

M.: A figura, quer dizer, aquela de que pode falar qualquer coisa, mas é a diva!

S.: Uhum.

M.: Agora, acontece que ela teve várias outras eh... reuniões da UBM e muito bem recebida. A única que eu vi que não foi recebida era nessa que o auditório tava cheia de mulheres populares que tinham vindo do setor rural e que tavam todas a favor da licença da maternidade.

S.: Uhum, entendi. Então, quando ela se envolvia com o setor popular, temas assim, você achava que ela se descolava um pouco da... da materialidade ali.

M.: Eu creio, foi só, Samantha...

S.: Nesse tema em específico, né?

M.: ...só vi essa recepção negativa pra ela, dela porque nas outras ela... e com mulheres de setores populares que iam a todas às reuniões da UBM, nos congressos da UBM eh... vinham muito de setores populares. Porque a UBM é organizada em núcleos no Brasil todo, né?

S.: Uhum.

M.: São mais 3mil mulheres no Brasil todo. E nesses congressos ia era ônibus e cheio. Heleieth sempre foi muito bem recebida, mas botava posições políticas, era muito bem recebida na sua crítica ao capitalismo, na sua crítica ao patriarcado, na sua crítica à raça.

S.: Uhum.

M.: Eu creio que... o Brasil se sofre de amnésia.

S.: Uhum.

M.: Porque essa questão de se falar que interseção é um grande – interseção raça, classe e gênero –, olha, a Heleieth já falava nisso! Eu falei isso em 92 o meu conceito era de “alquimia”, “alquimia das categorias sociais na produção do sujeito político”.

S.: Uhum.

M.: Só que eu botava raça, gênero, classe e geração. E a Heleieth discordava de geração, mas a Heleieth dizia “é um nó o racismo, o classismo e o gênero fazem um nó. E esse nó tem que

ser desfeito de todos os lados”. E hoje se fala muito pouco, quer dizer, é uma amnésia. Eu não li, você chegou a ler a... a Revista de Estudos Feministas que traz o dossiê sobre ela?

S.: Sim, o dossiê recente, né, do ano passado?

M.: Eh.

S.: Sim.

M.: O que que você achou? Eu não li.

S.: Eu acho que é um resgate, principalmente, em função dos 11 anos de morte, é uma homenagem também. E acho que 2013 com republicações dos livros dela, vem-se um movimento de resgatar o pensamento da Saffioti. Então, nesse sentido de resgatar o pensamento e de... reavivar essa memória, eu acho muito interessante. Agora, esses bastidores do campo da Sociologia, eu já não tenho tanta propriedade pra dizer, como a senhora, né? [risos] Pra entender esses meandros dos personagens, dos agentes. Mas, eu achei interessante.

Não traz, alguns artigos trazem coisas novas, por exemplo, o da Nadya Guimarães eh... e? Esqueci qual que é a outra autora, mas da professora Nadya Guimarães, trazendo uma análise de como o... lá a tese dela já trazia pontes entre a produção nacional e a produção internacional. Fazendo uma análise das referências francesas e também inglesas e americanas que já tinha na tese de livre-docência da Saffioti. Então, traz coisas muito interessantes. É aquilo que eu te falei no começo acho que muito já vem sendo dito sobre a Saffioti nesse âmbito da história das ideias, eu acho que a gente tem...

M.: Ela era de uma erudição...

S.: Uhum.

M.: ...lia tudo, lia tudo!

S.: Acho que isso é muito importante, né? Da gente resgatar as ideias, mas tem um âmbito também da história dessa personagem que eu... que é o que eu pretendo resgatar, que precisa ser dita também. Quem que era essa pessoa? [risos]

M.: É difícil, Samantha, você resgatar a parte biográfica dela porque ela era muito, gostei do termo que você mesmo usou, contida.

S.: Uhum.

M.: Por exemplo... vou dizer que, vou dizer que eu convivi com a Heleieth de 2008 até a sua morte, de 2002 até a sua morte. E fui várias vezes a São Paulo, ficava na casa dela, bebíamos vinho junto, ríamos muito. Ela gostava muito do meu ex-marido porque eu tinha uma relação com o Pedro, assim como ela tinha com o marido dela. Nós separamos corpos, mas continuamos grandes grandes amigos!

S.: Uhum.

M.: Mas, eu vim a saber por outras pessoas que ela teve um filho que suicidou. Ela nunca me falou.

S.: Uhum. Sim... deve ser um... foi uma história muito traumática, imagino, né? Na vida dela. Porque várias pessoas contam o mesmo que ela nunca falava sobre essa história.

M.: Ela nunca falou.

S.: Uhum.

M.: Como era a relação com o marido também? Ela nunca me falou.

S.: Uhum.

M.: Então, era uma crítica e nós sabemos que... por mais que se faça teoria e hoje cada vez eu me entendo mais pela teoria do que pelo empiricismo, mais nós sabemos que a teoria sai de algum lugar. Teoria em grego quer dizer “algo que é através de”.

S.: Uhum.

M.: Então, há uma relação entre o nosso corpo, a nossa vida, a nossa biografia e a teoria.

S.: Perfeito.

M.: Mulheres negras inclusive do feminismo negro, falam muito nisso, né? A teoria tá na carne.

S.: Uhum.

M.: Então... ela não falava sobre. Hoje, é mais comum essa questão de pra algumas até... lugar de fala, pra algumas um *egotrip* que, às vezes, fala...

S.: [risos]

M.: Não é porque eu vivi nos Estados Unidos, Samantha, e, às vezes, de ver certas antropólogas que iam falar sobre um tema e acabava “porque eu isso”, “eu aquilo”, “eu aquilo outro”, “aquilo outro”. Era eu eu eu eu eu.

S.: Uhum.

M.: Nos livros da... da Heleieth, ela lia muito, desde a tese dela com o Florestan Fernandes, ela leu muitos livros! Literatura internacional, literatura nacional. Contribui, inclusive, e nisso ela era muito generosa de telefonar e dizer: “Mary, saiu um novo livro da Donna Haraway que você precisa ler”. Eu, “mas, que [palavra inaudível] interessante”.

S.: Hum...

M.: “Mary, me fale um pouco mais que autores eu devo ler sobre interacionismo simbólico. Cê acha que tem alguma coisa interessante?” Eu dizia: “lê Mead, Heleieth”. Ela lia Mead e disse “você tem razão, tem razão. Mead é o cara pra ser lido”. Então, ela gostava de discutir ideias! Mas, você não tem um livro dela que diga “eu isso, “eu aquilo”, como você tem, hoje sim, né?

S.: Uhum.

M.: Hoje, grande parte dos livros feministas entrelaçam a biografia e a história. É até um desafio pra você, uma pessoa nova redesenhar em que medida os debates teóricos da Heleieth tem a ver com coisas vividas.

S.: Uhum.

M.: Tão contextualizadas no corpo. É difícil.

S.: E inclusive com as próprias questões sociológicas, né? Como que tão colocadas, né? Porque não é só o sujeito em si, né?

M.: Claro.

S.: Muito interessante isso, Mary. E acho que isso faz parte, inclusive, duma própria tradição marxista, né? Eu venho duma tradição marxista mais dura, mais fechada que não tem lugar pro sujeito, né?

M.: Não tem.

S.: E olha que eu venho da Psicologia, minha formação é em Psicologia.

M.: Ah, que interessante.

S.: Que fala da subjetividade [risos]. Então...

M.: Eu creio que foi por isso é que nos últimos trabalhos dela são subjetividade e quem fala mais de subjetividade no marxismo é Lukács.

S.: Uhum.

M.: Falava em literatura. Então, o Lukács tem uma parte eh... ela me repetiu isso várias vezes que ele... um trecho de Lukács que ela me mandou, se eu lembro bem porque eu já usei várias vezes. Que por mais que vocês olhem os vários fatores materiais, políticos e econômicos há um lugar pra o imprevisível... que sai.

S.: Uhum.

M.: Ela... ela, às vezes, ria muito. “Você já se deu conta, Mary, que como o inconsciente sai?” Eu disse, “não, não era isso que eu queria dizer!” “Era isso que você queria dizer sim.”

S.: [risos]

M.: “O inconsciente não pede licença!” Mas, isso foi os últimos trabalhos dela.

S.: Bem interessante.

M.: Os últimos trabalhos dela ela foi, ficou interessada no desconstrucionismo... e que é hoje Judith Butler uma mulher que tá fazendo... o caminho contrário! E várias desconstrucionistas tão fazendo o caminho para o marxismo.

S.: Uhum.

M.: O decolonial que eu estudo hoje é uma interação. Eh... Zizek aquele tcheco. Ela foi se interessando por psicanálise. Foi uma grande perda não só como pessoa humana, como pra um pensamento marxista não ortodoxo e mais heterodoxo dessa interação inconsciente, subjetividade, materialismo, a morte de Heidegger. Porque era... quando ela tava chegando.

S.: Faz muito sentido, Mary.

M.: Agora, mesmo nesses textos, você, como é psicóloga, leia esses textos e diga onde é que ela está como pessoa?

S.: É difícil porque aí também não sei se cabe a nós, como sociólogos, né? Eu no meu lugar de doutoranda em Sociologia, né? Que aí também tem um outro olhar. [risos]

M.: Claro.

S.: É um outro desafio, mas é muito interessante essas questões que você... coloca.

M.: Eh, porque eu tô estudando hoje maternidade e distintas epistemologias. Já acabei a parte africana, agora tô na parte eh... do feminismo negro norte-americano. As autoras bell hooks, Collins, Wallace... o que eu passei, tá sempre lá o eu. Não é aquele eu em que o coletivo, o mundo termina no meu umbigo. Elas botam a experiência dela pra provar, inclusive, os privilégios, que há diversidade entre mulheres negras, o meu privilégio e o privilégio de outras.

S.: Uhum.

M.: Mas, tá lá o eu. Eu acho difícil... em Heleieth você descobrir o eu. Você descobre de uma grande teórica, filósofa. Ela lia Filosofia, leu muito Spinoza. Então, eu acho que foi através de Spinoza que ela começou a se interessar pelo debate das emoções, da afetividade. E me convenceu da importância do patriarcalismo quando, nos seus últimos trabalhos, o terrível que é pras mulheres, o mito do amor romântico. O mito. A maternidade idealizada, o romantismo idealizado e como o que poderia ser uma potência é uma subjugação das mulheres – que tá também na Paterson [Pateman?] –.

S.: Uhum.

M.: Não era azar. A autora que ela mais aconselhava, eram os dois, era Paterson [Pateman?] e Lukács. Lukács eu nunca consegui ler muito não porque ela é difícil paca. [risos]

S.: “A ontologia do ser social”! [risos]

M.: Uh! [risos] Mas, ela lia.

S.: Interessante.

M.: Cê ve os... é interessante você fazer uma relação dos... das teses que ela orientou.

S.: Hum...

M.: Ela orientou teses de autores, de jovens sobre marxismo, sobre política e sobre o Brasil, sobre o feminismo, sobre gênero, sobre violência. Ela nunca foi monocrômica!

S.: Uhum. Tem toda razão.

M.: Porque tem autores que... “oh, minha especialidade é violência, então só me chamem pra teses sobre violência; minha especialidade é mulher rural, só me chame pra mulher rural.” Ela não. Ela tinha um conhecimento das teorias canônicas, das teorias básicas – do marxismo, do feminismo, da filosofia – que é, o que de alguma forma apesar dela ter as birras com Bourdieu, [fala em tom de segredo] competição pura com o Bourdieu...

S.: [risos]

M.: ... era o que Bourdieu fazia. O que que Bourdieu dizia? Não interessa o tema concreto que você tá estudando. Se você tem um bom aporte teórico e a teoria não se faz só em cima daquele tema.

S.: Uhum.

M.: Você discute a violência... através da propriedade privada, através do marxismo, através da... do patriarcado. Cê não precisa fazer vinte mil questionários sobre violência pra escrever sobre violência.

S.: Uhum.

M.: Ela apostava na teoria! E nisso ela foi uma grande ensaísta! E não é que com isso dizer, que há que tomar cuidado, que ensaísta e teórica não é a mesma coisa que abstracionista. Não! Tanto que você vê que nos livros dela ela usa... dados, ela usa pesquisas que, se não são delas, são de outras pessoas... mas, [palavra inaudível] mais além. E nisso, ela... quebra o mito que a academia patriarcal tinha de que os homens são bons pra teorizar e as mulheres são boas pra pesquisar.

Ou que... nos Estados Unidos – eu morei quase 15 anos nos Estados Unidos e lecionei lá, fui professora visitante da Universidade de Georgetown, ensinei na Columbia – em revista com *Science*, as autoras – isso eu tô falando porque de 2014, 2015, não sei hoje que eu nunca mais li –, mas até 2015 todas as autoras latino-americanas, inclusive brasileiras, eram estudos de caso; os debates teóricos, as norte-americanas. Heleieth rompeu com esse mito!

S.: Olha que curioso.

M.: Heleieth foi uma das primeiras... então, eu isso de dizer que ela lia, autores internacionais tudo pode ser muito interessante isso. Ela lia e lia tudo, ela lia e era uma erudita. Mas, eu acho que a grande singularidade da Heleieth ela era uma teórica. Eu acho que Heleieth fez epistemologia, Sociologia epistemológica. É aquela, o que é Sociologia epistemológica? A união de Filosofia, Sociologia, que trabalha com conceitos que passa. Isso em alguns autores, outro dia tive uma discussão com uma grande amiga que dizia assim: “não, mas a Sociologia, a Sociologia boa é aquela empírica”. Eu disse “me desculpe, tem grandes ensaístas e Heleieth foi uma das primeiras grandes ensaístas”. No... livro dela de... “A mulher na sociedade de classes” ela, de alguma forma, ela tá questionando o marxismo vulgar, o marxismo economicista e tá questionando grandes nomes do marxismo, inclusive o próprio Marx. Eu acho que a Heleieth foi precursora do debate que tem hoje do debate sobre reprodução social, como tá em Silvia Federici.

S.: Uhum.

M.: Reconhecer o valor do trabalho doméstico, não só para a família, mas para o sistema. Tava lá em Heleieth! Ela pode não ir com a profundidade que vai hoje Silvia Federici, é outro tempo. Mas, ela foi precursora.

S.: Uhum. E ainda fazendo um paralelo entre centro e periferia do capital.

M.: Não sei nem te dizer as viagens. Heleieth viajou muito? Não me lembro.

S.: Ela viajou muito pra França, né? Que ela chegou a contribuir com o centro nacional lá de pesquisa... ela foi uma vez ou outra pros Estados Unidos, mas ela não viajou muito não pelo que eu sei da história dela. Mas, pra França ela contribuiu, ela tem algumas histórias assim de colaboração internacional.

M.: Eh, isso eu não sabia. Eu ficava perplexa como é que ela... eu sou rato também do *New York Book*, de percorrer, de vez em quando, eu vou na *Amazon* francesa, na *Amazon* norte-americana pra saber o que que há de novo.

S.: Uhum.

M.: Eu acho que era o que ela fazia, viu?

S.: Uhum. Procurar literatura, né?

M.: Nova! Que a Heleieth tava sempre a par do último debate.

S.: Uhum. Muito interessante, Mary. A Betânia Ávila, né, que você deve conhecer muito bem, ela, nesses últimos dossiês agora em homenagem à Saffioti, ela deu uma entrevista que analisa a trajetória da Saffioti numa triangulação: teoria, feminismo e ONGs, né? Ela vê que a trajetória dela pode ser resumida nesse triângulo teoria, feminismo e atuação em ONGs. Você concorda que a Saffioti, além de uma teórica, foi uma militante? Você acha que ela consegue... ela conseguiu percorrer bem nessa triangulação.

M.: Eu creio que sim, mas num sentido peculiar. Como boa marxista, ela sabe o valor do conceito de práxis. E o que é o conceito de práxis? É a relação entre teoria e prática. Ela levava os debates teóricos para as ONGs e discutia com as ONGs. Não era de ser a militante onguista clássica, de movimento social clássico, que tá nas manifestações, mas tá o tema aí de aborto, chame a Saffioti que a Saffioti vai discutir com a ONG. E ela discutiu muitas coisas lá com a... eh... gostei muito dessa apreciação, inclusive eu gosto muito da Maria Betânia, era um tipo de militância, militância das ideias.

S.: Uhum.

M.: Ela acompanhava o que que as ONGs tavam fazendo. Então, quando ela era chamada pra uma ONG, pra dar alguma conferência, ela tava atendida. E contribuía com o debate teórico pra aquele tema do momento.

S.: Uhum.

M.: Tenho certeza que ela hoje taria discutindo o que é fake news, o que é discurso de ódio, o conservadorismo, o aumento do conservadorismo na sociedade brasileira. Inclusive porque não era só os livros teóricos. Heleieth lia jornal... lia jornal do Brasil, do Estados Unidos e da França todos os dias!

S.: Olha só! Era muito atendida.

M.: Converse com uma pessoa que foi, que também teve brigado um tempo com ela, mas que depois refez e que a conheceu muito como Eva Blay. Eva Blay! Eu ia até recomendar também a... a Betânia, mas você já teve com a Betânia. Eva Blay. A Olívia Rangel que foi orientanda dela.

S.: Uhum.

M.: E a tese da Olivia Rangel foi sobre militantes de esquerda e mulheres que foram torturadas e mulheres militantes que a orientadora foi...

S.: ...a Heleieth.

M.: A Heleieth. Eva Blay, Olívia Rangel e a Regina Simões. Acho que são... cê me cobra que eu mando os...

S.: Pode deixar, te peço sim. Eh, mais umas coisinhas que eu tava pensando. Eh, aqui em São Paulo, por exemplo, na criação das delegacias de defesa da mulher, a Saffioti foi uma das que contribuiu nos processos de formação, né, de operadores de direitos por exemplo. Você soube ou houve essa troca assim em termos de estado? Ou você soube dela contribuindo nessa luta de políticas públicas? Como que é essa conversa pra você?

M.: Teve sim. Ela foi à Bahia, várias vezes, pra discutir esse caso das DEAMs [(Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher)] com o NEIM, o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres. Eu tinha, por outras coisas, tinha certos problemas, eu era afastada do NEIM. Então, aí eu acho que quem pode lhe dizer mais dessa contribuição da Heleieth Saffioti pra o NEIM que era o núcleo de estudos sobre mulher, mas muito ligado a movimentos sociais, ONGs e com uma orientação pra políticas públicas. Pode ele falar como a Heleieth contribuiu para o SUS também, SUS não, pro PAISM... PAISM [(Programa de Assistência Integral à Saúde Mulher)] que é o Programa de Saúde da Mulher, né?

S.: Uhum.

M.: E pras DEAMs, eu acho que a Cecilia Sardenberg.

S.: Ah, legal. Conheci a Cecilia também, mas em outra ocasião, mas vou anotar aqui também.

M.: E também era apaixonada por Heleieth e os discursos que, como ela fez, foi à Bahia várias vezes e fazer conferências sobre... políticas públicas, não era o lado que mais me interessava.

S.: Uhum.

M.: Meu interesse tava nos debates conceituais, por isso é que minha relação com a Heleieth era o debate sobre o patriarcado, sobre o contrato social, sobre gênero, sobre nó, sobre alquimia, as interações entre raça e gênero, mas com a... tanto as DEAMs e... também as casas, Heleieth também muito contribuiu. Isso Cecilia pode dizer mais pra... as casas de proteção a mulheres...

S.: Uhum. Legal, vou falar com a Cecília.

M.: ...mulheres vítimas de violência.

S.: Uhum.

M.: Essa parte eu não...

S.: Não, tranquilo, já ajudou bastante. Vou mandar e-mail pra ela. E no artigo que você mandou, você disse que também legou, né, deixou deixou pra gente uma agenda eh... intelectual-política, né? Eu queria que você contasse um pouco mais disso, né? Como que você avalia isso da transmissão? O que seria essa agenda intelectual-política? O que ela deixou pra nós, as novas gerações?

M.: Quem que foi que disse que eu me lembro do livro?

S.: Não...

M.: Do que escrevi? [risos]

S.: [risos]

M.: Lê lá! [risos] Porque eu tô me lembrando mais nada.

S.: [risos] Não, mas é uma pergunta justamente isso: o que que você acha que ela deixou pras novas gerações, né? Você acha, você diz assim...

M.: Um debate.

S.: ...que é meio que um programa de estudos, que é uma agenda intelectual-política, né? Então...

M.: Eu acho que essa de leituras, de... de debates, inclusive, entre feminismos. Sair do sectarismo.

S.: Uhum.

M.: Feminismo liberal, feminismo emancipacionista, o feminismo decolonial. Heleieth eh... também tinha trânsito não só com a UBM que é ligada com o PCdoB, mas ao NEIM que é ligado ao PT, Cecilia Sardenberg foi uma das fundadoras do PT. Ela tinha também com o PMDB, com outras ONGs do PMDB e ela eh... com uma outra organização que é a Marcha das Mulheres...

S.: Hum.

M.: ...que é uma mais radical. Que são organizações que quase não se falam por causa daquele... então, Heleieth não... nos legou a importância do debate teórico e do diálogo. Isso eu acho que sim. Ela, ultimamente, tava muito interessada na questão da sexualidade, do afetivo, do emocional.

S.: Uhum.

M.: Então, que não é o azar que tão aí esse. Agora, é um legado mais metodológico.

S.: Uhum. Perfeito.

M.: Não separar, não ficar no empiricismo raso do descritivo, de leituras só de dados. Alguns autores, não vou dizer quem, criticava Heleieth dizia que ela não sabia fazer pesquisa e não sabia ler dados. Eu acho que sabia, mas que ela não tinha muita paciência de ficar nessas que é um senhor trabalho, né?

S.: Uhum.

M.: De fazer *survey*, de fazer questionários e tudo. O ensaísmo, o ensaio. O Heleieth nos legou a importância das mulheres não se contentarem em serem tão somente pesquisadoras, mas serem também reflexivas, epistemológicas, teóricas e ensaístas.

S.: Uhum. Então, eh... você acha que ela ocupa esse...

M.: E o combate à violência e o combate da violência é só com leis. Há que entender mais o extrato da violência. Quando ela discute o contrato social, o sexual, o que que ela quer dizer ali? Que já no casamento tá implícito o contrato que dá direito ao homem ser violento. Dá direito ao corpo da mulher pelo homem.

S.: Um direito político, né?

M.: Um direito político.

S.: Uhum.

M.: Agora, lê lá porque já me esqueci.

S.: [risos] Tudo bem. Então, seria esse lugar que você considera que ela ocupa na Sociologia brasileira? Um lugar de teórica. Esse é o lugar dela pra você?

M.: Uma teoria que passa por conhecimento do empírico, mas que não se perde na coleta de dados, quer seja qualitativos ou quantitativos.

S.: Uhum. Que lugar...

M.: Você pode fazer boa teoria lendo. É o que eu tô fazendo hoje porque, inclusive, eu não posso mais ir a campo, eu tenho problema de mobilidade, mas eu tô lendo os outros.

S.: Uhum.

M.: E daí, ter a leitura... ter o trabalho documental. Heleieth sabia trabalhar com documentos. A pesquisa documental, Heleieth sabia. E Heleieth fez uma Sociologia eclética que era, ao mesmo tempo, história, política, econômica e que, cada vez mais, estava se aproximando das correntes psi.

S.: Uhum.

M.: O inconsciente. Ela era fascinada pelo inconsciente! Coisa que muitos sociólogos... então, aquela ideia de disciplina, Sociologia como uma disciplina rígida? Não. Uma disciplina que trabalha com ideias! O que não quer dizer, por favor, não me interprete de que é abandonar o empírico!

S.: Não, de forma alguma.

M.: Decola do empírico, não aterrissa do empírico.

S.: Uhum.

M.: Grande parte dos sociólogos primeiro leem leem leem teoria teoria depois vão ao campo. Saem da teoria e vuu... aterrizam no empirismo. Heleieth não. Heleieth decolava no empírico! Quer esse empírico fosse dados de um *survey* que ela mesmo fez ou uma equipe, que fosse dados do censo, que fossem pesquisas de outras pessoas, de outras áreas, que fosse da Literatura. Hoje, um grande campo que eu decolo é da Literatura, da Literatura africana, da Literatura norte-americana, da Literatura brasileira sobre maternidade. Heleieth lia muito Literatura.

S.: Uhum.

M.: Heleieth não foi monocrômica. E por outro lado, contribui muito, indiretamente, pra um ramo da Sociologia que tá crescendo, a Sociologia Pública, como chamam alguns autores. O que é a Sociologia Pública? A Sociologia preocupada em entender o seu tempo e contribuir pra mudanças desses tempos.

S.: Uhum. Perfeito.

M.: Bota tudo isso lá, hein!

S.: [risos]

M.: Se não daqui a pouco vão dizer: “Mary, disse que Heleieth é uma abstrata”.

S.: Não, fica tranquila que eu entendi muito bem, Mary. [risos]

M.: Sei que você entendeu. “Que Mary é contra a Sociologia quantitativa, que Heleieth era contra a Sociologia quantitativa”. Ela não era nada contra isso! Ela era contra que não se decolasse.

S.: Uhum.

M.: Ela voa além da altura do cruzeiro.

S.: Uhum. Perfeito.

M.: Ela voa alto.

S.: E que lugar que você vê que ela ocupa no feminismo brasileiro?

M.: No feminismo brasileiro, ela sempre assumiu um papel fundamental contra a violência contra a mulher quaisquer que fossem. A violência simbólica, aquela em que a mulher é cúmplice da violência contra ela. A violência entre mulher, como é o caso do trabalho doméstico remunerado da patroa e da empregada. A violência na academia dos homens serem donos da teoria e as mulheres tá lá. A violência contra a mulher foi sempre o básico. Mas, ela era, ao mesmo tempo, a violência contra a mulher e a favor de uma outra sociedade. Não propriamente um socialismo como já modelado nos países existentes. Sempre teve bons, boas relações com os cubanos. Em Cuba, se lê muito Heleieth. Eu dei vários cursos em Cuba, Heleieth é uma das feministas brasileiras mais lidas! Mas, o socialismo dela era um socialismo feminista ainda em construção.

S.: Uhum.

M.: Nunca foi identitarista, ou seja, um feminismo que só vê o direito das mulheres contra o direito dos homens. Ela era contra a supremacia masculina, mas não era mulher versus homem.

S.: Uhum. Perfeito, Mary. E você tem uma última lembrança dela?

M.: Olha... tenho de um telefonema que foi... um ou dois meses antes dela morrer. Que ela me mandou um texto que é difícil paca aonde ela discute sobre inconsciente e que ela me disse que tava muito triste com a situação da mãe. Acho que a mãe morreu antes dela, não foi?

S.: Isso.

M.: Ela tava muito triste com a morte da mãe. Ela me disse algo... que ficou muito gravado: “morreu minha mãe e me tiraram meus filhos”. Mas, não era o filho que se suicidou, eram os alunos.

S.: Ai, que triste. Isso diz muito sobre... ela.

M.: A PUC contribui pra morte da Heleieth. Ela morreu de tristeza.

S.: Uhum.

M.: Inclusive, se eu não me engano, ela não estava com nenhuma doença... terminal, não foi, Samantha? Eu não me lembro.

S.: Eh, não tinha, ela tinha algumas doenças, assim, mas nada que fosse... terminal, como você mesmo falou.

M.: Se você falar com Olivia Rangel, inclusive teve uns papos com Heleieth – que é uma pessoa inclusive maravilhosa –, Olivia Rangel é minha irmã. E Olivia foi quem me deu a notícia e chorando e foi Olivia que me disse: “a PUC matou Heleieth. Heleieth tava numa tristeza...” E eu senti isso dois meses antes que ela tava muito muito triste. A vida da Heleieth... tem gente que... eu vivo bem se tiver minhas duas doses de whisky de noite, se eu tiver livro pra ler, se eu tiver uma boa série pra ver, quase não saio e porque dou aula. Heleieth também era assim, o dela era vinho. [risos]

S.: [risos]

M.: Adora um vinho. Mas... morreu de tristeza porque tiraram a ambiência intelectual.

S.: Uhum.

M.: Porque se você só lê e não tem diálogo não adianta nada. Tem ideias que, tem ideias que lhe surgem quando você tá dando aula.

S.: Sim!

M.: Não é?

S.: Uhum.

M.: Cê dá aula, Samantha?

S.: Eu dei bastante aula, por enquanto eu tô só no doutorado. [risos]

M.: Mas, você, apesar de jovem, já vi que... é bem antenada.

S.: [risos]

M.: Você não sente que, às vezes, vem ideias quando você tá dando aula?

S.: Com certeza, né? É um outro nível de elaboração, né?

M.: Quando você tá conversando com o orientando, né?

S.: Uhum, sim. Muito forte tudo isso, Mary. Acho que essa última lembrança significa...

M.: E ela morreu muito só. Muito só.

S.: Uhum.

~~**M.:** Muito bonito que façam essa... essas homenagem. A homenagem da... como é que se diz? Da Betânia. Betânia era uma pessoa que, de vez em quando, ligava pra Heleieth, mas da REF... [aceno de discordância]~~

~~**S.:** Entendi.~~

~~**M.:** ...ali ninguém ligou pra ela não. Ali ninguém ligava pra ela.~~

~~**S.:** Entendi.~~

~~**M.:** Vai botar isso não, hein? [risos]~~

~~**S.:** [risos] Pode ficar tranquila, posso tirar essa parte se você quiser.~~

~~**M.:** Se não, tu me compromete.~~

S.: [risos] ~~Posso tirar essa parte se você quiser.~~

M.: ~~Não... melhor tirar, né?~~

S.: ~~Melhor, né?~~

M.: [risos]

S.: [risos] ~~Mas, é bom pra eu entender um pouco melhor os bastidores da coisa.~~

M.: A academia é cruel.

S.: Eh, o Bourdieu tava certo, né?

M.: Quê?

S.: O Bourdieu tava muito correto.

M.: Ah, isso nós tínhamos muita briga. Ela não gostava de Bourdieu.

S.: Uhum.

M.: “Você tem uma... isso aí é reverência a macho! Não há nada que você escreva que não diz o ‘habitus’, eh... o ‘habitus’, a ‘violência simbólica’, eh... a ‘dominação masculina’. Ora! As mulheres já disseram aquilo há muito tempo!”

S.: Uhum.

M.: Então, eu gosto do Bourdieu.

S.: Então, a Heleieth ia ficar muito brava comigo porque tô usando um pouco de Bourdieu na tese.

M.: [risos] Ia ficar mesmo! Ela ficava brava comigo porque eu usava Bourdieu. [risos]

S.: [risos] Ai, Mary, adorei conversar com você! Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer que as perguntas não abarcaram?

M.: Eu quero ver, eu quero acompanhar e quero ler seu trabalho.

S.: Pode deixar. Eu vou fazer a transcrição dentro de algumas semanas, te mando pra sua aprovação. Eu só vou defender em 2025, eu acho, 2025.

M.: Mas, não se perda de mim não porque eu gostei de você.

S.: Ah, eu também adorei você!

M.: Tá bom?

S.: Pode deixar! E aí, quando eu terminar o trabalho, pode deixar que você vai ser a primeira a receber.

M.: Tá. E você quer que eu lhe mande, eu tenho o seu zap? Tenho ou não? Você me escreveu por zap ou não?

S.: Não, eu não te passei o zap porque eu não tenho celular por enquanto, mas aí cê me passa pelo e-mail, pode ser?

M.: Pode ser.

S.: Aí, se puder me mandar aquela foto também, eu agradeço.

M.: Tá, porque, sabe, é como eu lhe disse eu acho que... a Heleieth que eu conheci e que eu mais me aproximava era uma parte.

S.: Uhum.

M.: A da Sardenberg era outra.

S.: Uhum, sim.

M.: A da Betânia talvez esteja com um quadro mais total. Ah, pergunte à Betânia que, uma vez, Betânia deu um esculacho em Boaventura de Souza Santos. [risos]

S.: Sim! Vou perguntar pra ela, pode deixar. Essa história é famosa!

M.: Não é? Cê conhece?

S.: Uhum, já ouvi falar.

M.: Foi sobre o conceito de emancipação, né?

S.: Isso, isso mesmo, do Boaventura.

M.: A Heleieth adorava uma briga!

S.: Como pode, né? Uma pessoa tão pequenininha daquela ser tão briguenta? [risos]

M.: E era vaidosa!

S.: Uhum.

M.: Cheguei uma vez assim: “ô, Heleieth, queria ter o seu cabelo, o seu cabelo tá sempre tão bonito, tão arrumado”. “Ora, qualquer um pode ter o meu cabelo. Todo dia que eu acordo eu encho de laquê aqui, eu encho de laquê aqui, encho de laquê aqui. Boto rouge tudo. Ou você acha que eu acordo assim? De jeito nenhum!” E ela ia toda...

S.: [risos] Toda vaidosa.

M.: Muito vaidosa.

S.: Uma figura! Mary, muito obrigada, foi uma honra conversar com você. Eu já admirava você muito antes, já li muitas coisas que você escreveu. [risos] Nem imaginava que um dia ia conversar com você...

M.: Eu gostei.

S.: ...é um prazer contar com outras pessoas, principalmente, com uma pessoa como você, outras gerações, pra entender um pouco melhor, né, dessa figura que foi a Heleieth. E com certeza a gente continua em contado e aí eu vou te informando os próximos passos.

M.: Correto. Você entrevistando pessoas diferentes você vai fazendo um mosaico, né?

S.: Sim, com certeza.

M.: De cada um você tem um pedacinho dela. [risos]

S.: Isso mesmo.

M.: Prazer, Samantha. Tchau!

S.: Prazer, viu, Mary. Muito obrigada. Tchau, viu?

M.: Tchau.

[Fim da gravação]

Local: Google Meet (ambiente virtual)

Data: 02/05/2022

Entrevistadora: Samantha Camacam (S.)

Entrevistada: Regina Simões (R.)

Duração: 01:22:22

[Início da gravação]

S.: Pronto, começou. Bem, Regina, cê tem mais alguma dúvida?

R.: Não, Samantha, eu só espero poder te ajudar, né? Corresponder às expectativas do que você...

S.: Uhum.

R.: ...do que você tá buscando no seu trabalho de tese. E, bom, te parablenizo pela escolha do tema. Muito importante, né? Eh...

S.: Muito obrigada!

R.: A Heleieth até eu acho que, ultimamente, eu tenho percebido que ela está... tá mais falada, reverenciada, né? Mas, acho que ela não, na minha opinião, não teve o reconhecimento que ela merece.

S.: Uhum. Acho que essa pesquisa vem um pouco pra gente investigar porquê também, né?

R.: Uhum.

S.: O que acontece, o que que aconteceu nesse trajeto que ela... não ocupou determinados locais que talvez ela poderia ter ocupado, né? E eu queria começar perguntando um pouco da sua história com a Heleieth, como que vocês se conheceram...

R.: Eh, é uma história muito antigo, né? Eu tenho que falar um pouco da minha orientadora, a Karen Giffin, que foi quem me apresentou a Heleieth, já tinha contato... anteriores, né? A Karen Giffin, eu fiz o mestrado e o doutorado com ela na Fiocruz.

S.: Uhum.

R.: Na Escola Nacional de Saúde Pública. Ela criou, praticamente, o campo de gênero e saúde dentro da Escola de Saúde Pública. Ela foi, assim, uma desbravadora, né, desse campo em tempos em que não era muito bem recebido esse debate na academia mesmo nos setores assim mais progressistas entre aspas.

S.: Uhum.

R.: E a Karen, então ela abriu essa área na ENSP e eu fui aluna dela, não só aluna, como me tornei parceira de trabalho dela. Fizemos muitas coisas juntas, né, pesquisa e... enfim. E foi Karen quem me apresentou Heleieth. Eh... a Heleieth, na verdade, ela fez parte já da minha banca de mestrado. Que eu fiz, eu terminei o meu mestrado... ahn... gente, eu tô com problema de memória.

S.: Não tem problema. [risos]

R.: Dizem que tem a ver com covid, né? Eu já tive covid duas vezes...

S.: Nossa!

R.: ...e as pessoas tão se queixando muito disso! É um branco assim eh... ah... depois eu te digo essa data, tá?

S.: Tranquilo, fica tranquila.

R.: Eh, aliás, eh, tá no meu currículo lattes também. [risos]

S.: Eh, se você me permite ajudar... [risos] se você me permite ajudar, eu cheguei a ver isso, então foi 99.

R.: Ah, você viu? [risos]

S.: [risos]

R.: 99 o quê?

S.: Que foi a banca de qualificação do doutorado. Eu não cheguei a ver do mestrado.

R.: Ah, não! Eh eh, o doutorado eu sei, eu terminei em 2001. [risos]

S.: Ah tá. [risos] Eh, eu só cheguei a ver da banca de qualificação do doutorado, mas do mestrado eu não vi.

R.: Eu tô querendo, eh, eu tô querendo me lembrar do mestrado.

S.: Depois, a gente vê então.

R.: Eh, então já foi esse momento que eu conheci a Heleieth. Ela veio ao Rio pra minha banca, né? E nos conhecemos, foi uma coisa meio formal, né? Que eu fiquei muito impressionada com a Heleieth, né, porque... aliás, gente, acho que eu tô fazendo confusão, Samantha. Tsc, eu tô ficando meio... birutinha, sabia? Eh, eu tenho que consultar nas minhas... [risos] no meu currículo as datas e tal pra eu me lembrar. Eh... mas... deixa eu só olhar aqui pra não falar besteira, tá?

S.: Claro, sem problemas.

R.: Agora, eu já fiquei confusa se a Heleieth foi na minha banca de doutorado, na qualificação, né?

S.: Eh, isso tá lá, que eu cheguei a ver.

[breve pausa]

S.: É tanta coisa pra gente lembrar nessa vida que a gente tem esquecer de algumas coisas mesmo, né?

R.: Eh, mas... enfim. Eu... [breve pausa] só um minutinho.

S.: Fica tranquila.

R.: Se eu soubesse que eu ia ter tantos... [risos] apagamentos... eu já teria olhado antes, né?

S.: Fica tranquila, Regina.

[breve pausa]

R.: Tsc, eh, Samantha, essas informações eu vou te passar depois. Pera aí, deixa eu ver se por acaso tem aqui. Na própria tese, né, a gente... ah, mas é aquela folha de rosto que tem...

S.: Uhum.

R.: ...que tem... bom, eh, então foi nessa situação de tese ou de mestrado, acho que não foi de mestrado... [suspiro] que ela, então, veio ao Rio e ela, inclusive eu tinha muita expectativa assim, né, dos comentários dela. Por quê? Isso é que eu acho importante a gente situar. Porque, nos anos 80, o marxismo como teoria de referência e o feminismo marxista eles eram, relativamente, bem aceitos na academia, né? Porque foi um período de muitas lutas sociais, de muita crítica.

Por exemplo, na minha área que é a Saúde Pública, a Saúde Coletiva, o marxismo era a teoria de referência dos grandes sanitaristas, dos formuladores, dos teóricos, dos... né, dos... por exemplo, Sergio Arouca. Os grandes ícones da Saúde Coletiva, Hésio Cordeiro. Que são os protagonistas do movimento da reforma sanitária. O marxismo era nossa teoria de referência. Mas, houve todo um processo histórico-político, né, que foi, de certa maneira, tornando o campo marxista um campo... usa-se um tempo hoje que eu não sei nem se eu gosto dele, mas é um bom termo pra [risos] definir essa situação que é ele começou a ser cancelado, né?

S.: Hum... [risos]

R.: Ele começou a ser, primeiro, muito criticado, né? Muito criticado. A tal ponto de, tô falando, assim, ao meu redor, não estou fazendo uma análise genérica de Brasil de forma nenhuma. Essa opinião que eu tô te expressando ela é muito circunscrita a esse meio ao qual eu pertencço que é a Saúde Coletiva que teve uma contra marcha com o marxismo assim muito muito... muito séria, né?

S.: Uhum.

R.: A tal ponto que, quando eu fiz o doutorado já no final dos anos 90, eh... o marxismo não era ensino como teoria social na disciplina de Ciências Sociais que era oferecida pros pós-graduandos. Simplesmente, foi banido. Proscrito com a derrota do socialismo real, né? Então, quem continuou, né, nesse campo e abraçando esse referencial teórico que é teórico, é político, é epistemológico enfim, né? Ficou bastante isolado, né? Ficou bastante isolado, ficou sem muita interlocução. Eu sei que tem lugares, tem grupos, tem instituições em que grupos marxistas conseguiram se preservar, né? Formando grupos de pesquisa, quer dizer, na medida em que as pessoas se agrupam, elas se fortalecem e acho que conseguem sobreviver a essa onda neoliberal que exatamente começou no final dos anos 80 e foi, assim, um desastre ao longo dos anos 90 nesse sentido, né? Em todos os sentidos aliás, né? O neoliberalismo tem sido um desastre pra toda humanidade.

S.: Uhum.

R.: Então, pelo menos, na Saúde Pública, quem tinha o referencial marxista ficou, foi ficando bastante isolado. E sem falar do feminismo marxista! Porque começaram, então, a aparecer e a firmar correntes mais alinhadas com as correntes fenomenológicas, weberianas, enfim, muito

identificadas com aquela antropologia cultural que são correntes que são muito pouco críticas em relação ao capitalismo, né?

S.: Uhum.

R.: Então, na verdade, na minha percepção, nós éramos poucas que tínhamos essa perspectiva do feminismo crítico marxista, né, que... enfim. E a Heleieth foi uma pioneira, ela era uma referência pra todos nós, né? Com os estudos dela, enfim, com o desenvolvimento teórico que a Heleieth fez, né? Inclusive com muita profundidade, ela era uma estudiosa, uma teórica, assim, muito consistente, né? Começando que foi aluna de Florestan Fernandes, né? [risos]

S.: Uhum.

R.: Então, ela era uma referência gente, aliás foi uma referência pro feminismo no Brasil quando ele começa a rearticular no pós ditadura, né, o movimento da redemocratização. Mas então, foi esse processo, né, que nós fomos ficando eh... enfim, silenciadas, não convidadas pra participar de eventos. Enfim, são muitos mecanismo que se têm de apagamento, de cancelamento das *personas non gratas* no meio acadêmico. Inclusive, são mecanismos bem cruéis, bem sofridos. Eu posso dizer por mim que isso foi muito sofrido pra mim. Então, durante esse período todo, eu fiquei muito ligada à Karen, nós éramos ali duas sobreviventes. [risos]

S.: [risos]

R.: Nos alimentando mutuamente, desenvolvendo nossos trabalhos, né, de pesquisa. Eu fiquei muito trabalho de pesquisa-ação com a Karen que foi, assim, uma coisa... uma metodologia de pesquisa que nos deu muitos frutos, muito bons. E... e bom, e aí, no meio disso tudo, a Karen e eu decidimos organizar um seminário, nos 90, pior é que eu não sei o ano, Samantha! [risos]

S.: Tá tudo bem. [risos]

R.: Devo ter o cartaz desse evento, nem sei se isso tá registrado no nosso currículo lattes. Se você já olhou o meu lattes, você pode talvez lembrar. Foi um seminário que nós fizemos aqui no Rio que o título, eu me lembro do título do seminário: “Feminismo e marxismo: um casamento mal resolvido?” Uma interrogação. [risos]

S.: [risos] Excelente!

R.: Até me lembro do cartaz desse encontro que a Karen e eu acabamos nos divertindo muito bolando essas coisas. Era de um lado era aquela cara do Marx barbuda, aquele homem assim do século XIX e do outro era essa imagem de uma feminista libertária. Então, ali só as fotos já davam... um impacto grande. E, justamente, nós chamamos pra esse seminário a Mary Castro e a Heleieth, quer dizer, já fomos logo... [risos] nas nossas vacas sagradas, né?

S.: Uhum.

R.: Do feminismo marxista, feministas da primeira hora, né? Que tão aí nessa, desbravando esse campo há tanto tempo, né? Com tantas dificuldades que a gente sabe o quanto esse campo de feminista, das pesquisas feministas e o debate de gênero foram, o quanto isso foi rejeito nas academias, que são muito conservadoras, né? Academia é uma instituição muito conservadora por sua natureza história, né? Então, resolvemos, assim, ousar! Fazer um seminário e até com a expectativa de nos agruparmos com quem compartilhava essa... essa perspectiva do feminismo marxista. Então, foi nesse momento que eu pude conviver mais com a Heleieth

porque ela veio ao Rio e a gente saiu do seminário, depois fomos almoçar juntas, eu tenho até uma foto!

S.: Ai, que legal.

R.: Desse... não da mesa. Eu não sei, naquela época a gente não tinha telefone pra fotografar tudo que a gente fazia. Eu não sei se a gente a registrar esse encontro em fotos. E nós fizemos esse encontro até numa espaço muito bonito que tem da UFRJ que chama-se, é na parte antiga da UFRJ que fica ali na Praia Vermelha. Não sei se você conhece.

S.: Não conheço.

R.: Eh, a UFRJ tem um campus que é o campus antigos, né? Que fica na Praia Vermelha que é uma construção... imperial, é muito antiga, né? E ali tem uma... como é que se diz? Um núcleo da UFRJ que se chama Fórum Ciência e Cultura que é, exatamente, um espaço onde se promove debates, seminários etc. Então, nós fizemos lá porque é um local de fácil acesso, além de ser um lugar lindo assim pela estrutura do prédio, aquele prédio antigo e... enfim. E fizemos esse cartaz provocativo, divulgamos, né?

Na época, a gente não dispunha desses recursos todos que hoje nós temos de divulgação, de mídia, de redes e etcetera e tal. Era muito mais manual tudo que a gente fazia. Nós contamos com a ajuda dos nossos estudantes, né, que tavam com a gente pra nos ajudar a divulgar. Mas, eu tenho assim na minha memória que essa divulgação ela não foi uma divulgação muito ampla e o resultado disso é que nós tivemos uma presença de público muito pequena. Muito pequena! [suspiro] Foi assim... meio impactante pra gente ver que um tema... e com duas instituições de peso, que são a Fiocruz e a IFRJ, né?

S.: Uhum.

R.: Eh... não conseguirem despertar interesse. Não que a gente imaginasse um auditório lotado, né?

S.: Sim.

R.: Não, não éramos ingênuas [risos] a esse ponto, mas, de qualquer maneira, a gente não esperava que tivesse tão pouca gente. E dessas pessoas que foram uma boa parte eram ou orientandos nossos ou pessoas que trabalhavam nas nossas pesquisas, né? E isso foi... posso até te dizer, aproximadamente, a época porque nesse período nós estávamos com uma pesquisa em campo, Karen e eu, trabalhando a questão das masculinidades.

S.: Hum. [palavra inaudível]

R.: E aliás, Heleieth também! Ela... em coerência com seu debate, ela dizia que os homens também têm que se transformar, né? E nós tivemos uma oportunidade – que acho que ela também teve – de financiamento externo, a Fundação MacArthur, na época, tava apoiando grupos de pesquisa aqui no Brasil que pra trabalhar o tema das masculinidades. E eu tenho impressão que a Heleieth pegou algum edital desse financiamento porque uma vez a encontrei em um seminário que a Fundação MacArthur fez no Rio. Eh... onde todos que tinham projetos apoiados vieram pra apresentar seus projetos e discutir etcetera e tal e a Heleieth estava também. Depois, eu conto desse encontro que foi muito curioso.

S.: Legal.

R.: [risos] Foi muito legal até. Talvez, tenha sido o momento em que eu estive, assim, mais próxima dela, assim, na intimidade, né?

S.: Uhum.

R.: E, bem. Então, voltando pra esse seminário, a Heleieth veio, Mary e nós fizemos a nossa apresentação, o nosso debate, foi muito legal, umas ouvimos as outras, né? E depois, fomos almoçar juntas. Eu tenho a impressão que ou a Heleieth voltou no mesmo dia pra São Paulo ou ela voltou logo depois porque ela teve um período que ela viveu no Rio de Janeiro que ela foi professora visitante da UFRJ. Cê deve saber disso, claro, né?

S.: Uhum.

R.: Pessoal lá do Serviço Social, a Suely Almeida. Ela ficou um período aqui no Rio, mas foi anterior a esse nosso contato com ela, né? Bem, então... e aí, foi isso. Fomos almoçar, depois essa nossa equipe desse projeto de masculinidades que tava presente foi também. Foi um ótimo encontro, foi muito gostoso! Eu vou localizar essa foto pra te mandar que ela é muito legal.

S.: Ah, muito obrigada!

R.: Tamos nós a Karen, ela, eu, a Mary e a... o nosso pessoal numa mesa de restaurante todo mundo assim... acho que feliz de estar junto, né? [risos]

S.: [risos] Uhum, com certeza.

R.: E encontro foi muito bom, quer dizer, é uma pena que pouca gente tenha [risos] podido usufruir, né, de pessoas como a Mary, como a Heleieth, como a Karen, né? Enfim.

S.: E de [não] ter tido também o encontro com outras pessoas que era o que vocês também queriam, né?

R.: Exatamente! Bem, então, esse foi outro momento que eu estive com a Heleieth, né? E teve um outro momento também que foi, mais ou menos, na mesma época, um tempo depois, um ano depois, eu não me lembro. Que nós fomos a São Paulo, tava tendo um seminário de marxismo promovido eu não sei se pelos editores da revista “Crítica Marxista”... eu não me lembro bem quem organizou esse encontro. Ia ter uma mesa sobre feminismo marxista e Karen e eu vimos o programa. A gente: “Ai, gente, vamos assistir? Vamos pegar um ônibus pra São Paulo? [risos] Assistir, estar com a Heleieth, estar com a Mary”. A Mary e a Heleieth foram as pessoas convidadas pra essa mesa desse encontro.

S.: Uhum.

R.: Então, nós fomos e até... [risos] pintou uma tensão muito forte entre a Heleieth e a Mary. A Heleieth ela era uma pessoa, assim... ela era dura na crítica dela, né?

S.: Uhum.

R.: Não sei se já te falaram isso. [risos]

S.: Já falaram bastante! [risos] Que ela era briguenta...

R.: Muito briguenta, gente. [risos] Era uma figura, cá pra nós, né?

S.: Imagino.

R.: Você não deve ter conhecido ou conheceu?

S.: Não, não conheci. [palavra inaudível]

R.: Era uma senhorinha toda elegante, magrinha, só andava assim com roupas muito formais assim, aqueles *tailleur*, sabe?

S.: Uhum.

R.: Saia, paletozinho, saltinho alto. Eu nunca vi a Heleieth, assim, mais despojada, de calça cumprida. Ela era bem paulistana, diga-se de passagem. Os paulistas são assim muito formais, né? E ela era e ela era elegante, magrinha, sempre muito arrumada, acho que ela era, assim, bem vaidosa. E ela era dura e ela era briguenta sim. E teve um... uma fagulha entre ela e a Mary, eu não tô bem lembrada, capaz da Mary lembrar, mas eu acho que foi uma divergência delas em relação ao conceito de patriarcado. Eu acho.

S.: Hum...

R.: Eh, não sei se você já entrevistou a Mary, ela...

S.: Já já conversei com a Mary.

R.: Ela falou sobre isso?

S.: Ela não citou isso, mas ela citou várias outras brigas. [risos]

R.: [risos]

[falam concomitantemente, trecho incompreensível]

R.: Elas eram gato e rato, mas se amavam, né?

S.: Eh, exatamente! Mas, que, no final, eram grandes amigas.

R.: E aí, ficou um mal estar e eu e Karen ficamos assim... assustadas! A gente nunca tinha visto a Heleieth assim, né, fazer aquilo. Nunca tínhamos visto. Foi a primeira vez e em público e com uma pessoa que era companheira dela, nossa companheira. Não que você não deva discordar de companheiras, né?

S.: Claro.

R.: Mas, a maneira como ela se colocava ela era muito dura. E ela era dura e ela... ela desqualificava a pessoa. Eu sei que nós saímos do seminário, depois de tarde teve mais e fomos almoçar com a Mary. A Mary ficou muito chateada! [risos] Ficou muito chateada. Mas, bom, entre mortos e feridos, posso te disse que nós saímos desse seminário, fomos jantar com a Heleieth e dormir na casa dela! [risos]

S.: Olha só! [risos] Rendeu.

R.: Foi muito assim, foi interessante uma coisa que começou tensa, começou aquele mal estar e que acabou a gente dormindo na casa dela porque não dava mais pra gente voltar pro Rio naquele dia, então nós dormimos lá pra voltar no dia seguinte, né? Então, foi muito interessante, eu conheci o apartamento dela. Ela morava ali na Praça da República, se não me engano, em São Paulo...

S.: Isso.

R.: ...num apartamento gigantesco! Era assim, tipo uma cobertura sei lá. Acho que era uma cobertura. Tinha uma varanda... um negócio assim muito muito muito grande! E interessante que era no centro de São Paulo, né? Quer dizer, eu até fiquei pensando: “meu deus, como é que ela mora aqui? Sozinha, uma senhora, né, mora no centro de São Paulo?” O centro de São Paulo não é um lugar muito residencial cá pra nós, né? E bom, mas enfim, foi esse momento, né, que eu estive com a Heleieth. Você vê que é sempre em torno do feminismo marxista. [risos] Acho que éramos poucas.

S.: Uhum. Com certeza, nossa.

R.: E depois, ela foi da minha banca de doutorado... aliás, o currículo lattes ele diz a banca que compôs o... sabe que eu não me lembro?

S.: Então, ele não diz a banca, mas lá no lattes dela, da Heleieth...

R.: Ah...

S.: ...tá escrito as bancas que ela participou. Aí, aparece a banca de qualificação de doutorado com o seu nome.

R.: Só essa?

S.: Eh, eu não cheguei a ver se tem mais outro, mas eu vi essa.

R.: Eh. Acho que ela não foi do mestrado não. [suspiro] Eh... eu entrei no doutorado em 97 e eu defendi minha tese em 2001. E sabe que a Heleieth não veio pra minha banca de defesa? Eu queria muito que ela tivesse vindo porque, na época, a ENSP tava com cortes de despesas e não tava pagando passagem, assim, pra banca de fora. Então, ahn... ficou uma situação meio complicada, teve que ser, né, só gente aqui do Rio.

S.: Uhum.

R.: Então, a Heleieth acabou não vindo. Bom, cê quer me perguntar mais alguma coisa? Eu tô aqui falando...

S.: Uma coisa que eu fiquei, assim, pensando, né, mesmo por curiosidade, quando você falava “nós” era o seu grupo de Saúde Pública ou era um grupo mais interdisciplinar? Quando você falava “nós as feministas marxistas”, quando vocês eram poucas...

R.: Éramos poucas na Saúde Coletiva.

S.: Na Saúde... uhum.

R.: Eh. Até muitas, tinham muitos grupos, né, trabalhando com esse tema do feminismo, gênero, mas eram outras perspectivas e, realmente, [risos] a minha interação com esses outros grupos era mínima pra não dizer nenhuma.

S.: Uhum, entendi.

R.: Nunca nos convidavam pra nada... e uma coisa que eu notei, assim, ao longo da minha trajetória de vida acadêmica, é que até muito anterior a essa questão do feminismo marxista. Porque antes de me tornar feminista, eu já era marxista. A minha formação marxista antecedeu

a minha vinculação ao feminismo. Foi quando eu comecei a ter o meu engajamento não só político, como também teórico. Eu tinha um grupo, a minha formação originária é na Psicologia e eu tinha um grupo de psicólogos, psiquiatras que tinham a identidade marxista teórica. E esse nosso grupo desenvolveu, incipiente, mas começou a desenvolver uma teoria psicológica sobre a nossa subjetividade, o nosso psiquismo, tendo como referência o marxismo.

S.: Uhum.

R.: A gente, foi uma época em que a psicanálise era hegemônica e numa visão muito subjetivista, muito desvinculada, subjetividade desvinculada da sociedade. E esse meu grupo tentou fazer essa conexão até onde a nossa subjetividade, o nosso psiquismo são sociais. E nós defendíamos a tese de que nós éramos seres sociais e que a dinâmica da sociedade em que nós vivemos ela vai se refletir na conformação da nossa subjetividade, das nossas relações, das dinâmicas familiares. Então, a gente começou a caminhar por esse caminho da Psicologia até resgatando os escritos de Marx onde ele se dedicou mais a essas reflexões, né, assim mais... aqueles “Manuscritos econômico-filosóficos” que são os textos de Marx, pelo menos do que estava publicado na época, que mais traziam elementos pra gente pensar essas questões da subjetividade. Questão essa que ficava muito marginalizada no marxismo ortodoxo, né?

S.: Claro.

R.: Então, eu venho, minha trajetória vem daí. E aí, final dos anos 70, início dos anos 80, com todo aquele movimento já de pela redemocratização, com a reorganização dos movimentos sociais... as feministas começaram também a se movimentar. E também coincidiu, ou não coincidiu, com a volta do exílio de muitas brasileiras que tinham ido exiladas pros Estados Unidos, pra Europa e que lá elas tiveram contato com o feminismo europeu, norte-americano. Então, elas, quando voltaram essas exiladas, elas já trouxeram uma discussão que já tava bem mais avançada na Europa – a gente aqui tava na ditadura, tava sob a ditadura, né –. Então, elas impulsionaram também bastante essa questão. Foi quando começaram a se organizar os grupos feministas... enfim, vários! Vários grupos feministas. E isso causava uma tensão muito grande com os nossos companheiros marxistas, pra variar, né? [risos]

S.: [risos] Olha, muita coisa não mudou.

R.: Eh, esse casamento continua meio mal resolvido cá pra nós, né? [risos]

S.: Exatamente.

R.: Enfim, mas eu me engajei, óbvio, né? Era uma coisa que tava ali, mobilizando a gente e nós mulheres sentíamos muita falta de ter esses espaços próprios. Eu me vinculei a um grupo feminista que... preservou, né, a prática dos grupos de reflexão de gênero.

S.: Uhum.

R.: Que é algo que tá no nascedouro do feminismo nessa segunda onda que são grupos de mulheres mais intimistas em que as mulheres elas podem falar mais de si, das suas questões íntimas, privadas, né, que tem dificuldade de compartilhar, sexualidade, relações amorosas e as insatisfações com a vida. Esse grupo que eu me filiei, ele tinha essa característica de valorizar muito essa prática, entendendo que isso era muito constitutivo do nosso fazer-nos feministas: identificar em nós mesmas, na dimensão das nossas vidas, onde, como e quando o machismo tinha se feito presente.

E isso implicava, obviamente, em lembrar de experiências de violência sofridas, não necessariamente violência sexual, mas outras formas de violência. [suspiro] E, bom, e já desde essa época, eu ainda não tinha tido contato nem oportunidade de ler o feminismo marxista. Que depois, quando eu conheci a Karen e comecei a fazer a minha formação de pós-graduação com ela, eu tive mais acesso porque a Karen, por ser uma pessoa de língua inglesa, ela é canadense, ela sempre teve muito acesso à produção acadêmica dos Estados Unidos, do Canadá, né? Que eu, pra gente aqui era muito difícil, né?

S.: Uhum.

R.: Então, eu quando fui fazer o mestrado, por exemplo, a Karen me apresentou uma série de textos em inglês de feministas marxistas americanas. E aí, que eu pude perceber que já havia todo um esforço de construção, né, de uma teoria feminista a partir da perspectiva marxista. Então, e aí, a gente brigava muito com o pessoal, os nossos companheiros de militância, política e tal que diziam que a questão das mulheres, elas... os grupos feministas iam dividir a esquerda. Aquela velha conversa, né?

S.: Uhum.

R.: E a gente argumentava que não, que não ia dividir, ia somar, mas que a gente tinha certeza que nossas questões não seriam resolvidas ali... [risos] dentro do partido, dentro do sindicato. [risos] Então, foi com a Karen que eu comecei, até então, isso tudo pra mim era meu envolvimento político, né? E foi quando eu fui fazer o mestrado que eu comecei a me dedicar mais a... a minha formação teórica nesse campo, que eu comecei a ler. E diga-se de passagem, as autoras, né, não brasileiras a gente não tinha acesso a essa literatura, isso não era traduzido no Brasil, né?

S.: Uhum.

R.: É uma coisa que a gente hoje se dá conta. Meu deus, a gente começou a ler Angela Davis em português há alguns anos atrás!

S.: Sim, é surreal!

R.: Graças à Editora Boitempo que tá fazendo esse papel fundamental de disponibilizar aqui pra gente toda essa produção maravilhosa que tá correndo o mundo aí, né? Que, do contrário, não chegaria à gente, né? Que tá aí: Federici, o grupo lá dos 99%, a própria Angela Davis, a bell hooks, a Patricia Hill Collins, enfim, o feminismo negro. Então, foi aí que eu comecei a minha formação e aí que eu tive o contato com a Heleieth porque, por incrível que pareça, a gente, o nosso país é um país extremamente colonizado do ponto de vista epistemológico, do conhecimento e a nossa tendência é sempre buscar a fonte externa. Mas, de qualquer maneira, foi quando eu li a Heleieth, eu estudei a Heleieth, li Mary Castro, né? Que eram as nossas referências nesse campo. Enfim... bom, eu acho que eu me perdi, Samantha.

S.: Não, tá super... tá super no caminho. [risos]

R.: Não, não sei onde que eu vou chegar. [risos]

S.: E você lembra o que você leu primeiro da Heleieth? Foi o livro famoso, “A mulher na sociedade de classes”?

R.: Foi foi foi, foi sim.

S.: Entendi.

R.: Era o livro de referência dela. Tamos falando de anos 80. Ela depois publicou, né, o do patriarcado, da violência. Eu acho até, não sei, posso tá completamente errada porque eu acho que a nossa, quando a gente fala sobre isso, a nossa opinião... eu tenho consciência que a minha opinião é muito limitada à bolha onde eu vivi sempre, né?

S.: Uhum.

R.: É difícil saber o que que tava acontecendo em São Paulo, em Minas, na Bahia, em outros centros produtores de conhecimento, de pensamento. Eu não sei bem como é que... como é que essas questões tavam acontecendo. Eu tô falando assim do que eu consegui enxergar ao meu redor, né? E a gente sabe que o nosso olhar assim ele é muito limitado.

S.: Mas, ao mesmo tempo, tem muitos pontos em comum, né? Acho que você fez uma análise muito boa no começo, pensando a questão do desgaste do marxismo, o avanço do neoliberalismo, né? São, inclusive, influências, consequências que a gente sente até hoje. Eu, inclusive, fiquei muito emocionada, ouvindo da sua trajetória, assim uma trajetória muito linda. Eu também venho da Psicologia...

R.: Ah é?

S.: ...sim. A primeira obra que eu li do Marx também foi os manuscritos. [risos]

R.: [risos]

S.: Então, acho que tudo isso tá respingando até hoje nessa história...

R.: Uhum.

S.: ...eh... do feminismo, do marxismo feminista. Enfim, eu acho que tem bastante a ver.

R.: Marxismo feminista ou feminismo marxista?

S.: Sim! [risos] Também é uma velha questão.

R.: [risos] Tô te provocando.

S.: Verdade, é uma boa questão de pesquisa. [risos] E eu conversei com a Amelinha Teles, acho que você deve conhecer a Amelinha, e ela relatava muito isso também dos anos 70, né? Dessa dificuldade de ter acesso, principalmente, a um livro físico. Não existia um livro, né? Ela falava muito disso na militância, eram pedaços do livro.

R.: Isso.

S.: Não existiam traduções, as pessoas não conseguiam, pelo menos da militância, ler outras línguas. Então, essa limitação mesmo de... teorias externas era uma coisa que uma coisa, pelo menos do que eu tô conversando com as pessoas, que não era só aí, entendeu?

R.: Sim.

S.: Acho que era uma coisa muito comum... desse tempo que vocês viveram.

R.: A gente conseguiu, às vezes, acesso a coisas que eram difíceis, de difícil acesso pra gente através de xerox!

S.: Isso!

R.: Eu até tenho uma... eu tenho uma gaveta cheia das xerox dessa época que já tão amareladas assim, sabe?

S.: Uhum.

R.: De tão antigas que elas são e que, ai, eu não tenho coragem de me desfazer daquilo! [risos]

S.: [risos] É uma história, né?

R.: Eh! Porque aquilo pra gente foi tudo tão precioso, difícil de conseguir, né? A gente guardava, emprestava porque, de fato, a coisa não circulava. A gente hoje vive um outro mundo nesse sentido, né? Eu fico... aliás, me surpreende! Eu tô aposentada há quatro anos, não sei se eu te falei.

S.: Não.

R.: Eh, um pouco dos meus esquecimentos tem a ver com isso. Por exemplo, o currículo lattes, eu não abro o meu currículo há mais de quatro anos. Desde que eu me aposentei, eu não quis nem mais olhar praquele currículo lattes! [risos]

S.: Ai que delícia! [risos] Ai que paz a sua vida!

R.: Eu até brincava que eu só volto ao meu currículo lattes pra colocar coisas, tipo: o meu bloco de carnaval que desfilou... [risos] só coisas assim.

S.: Adorei! [risos] Excelente.

R.: Te confesso, cá entre nós, que me deu vontade de trocar a minha fotografia do currículo por uma de eu fantasiada. [risos]

S.: [risos] Acho ótimo, deveria mudar.

R.: Provocação! [risos]

S.: Aposentada tem que colocar uma nova foto. [risos]

R.: Eh. Mas então... deixa eu tentar recuperar o fio da meada. Eu te falei que eu tava aposentada por isso que eu tava assim... inclusive datas, sabe? Porque a gente vai, aposentadoria você sai daquela coisa do dia-a-dia institucional que a tua vida é mediada por agenda, por compromissos, por relatórios de atividades que... não é só o currículo lattes que você tem que tá colocando tudo que você faz lá. A universidade cobra da gente relatório de atividade no mês, no ano. É um inferno! Então, a gente tá o tempo todo, tendo que ver datas, lembrar de tudo que aconteceu, registrar o que aconteceu pra não esquecer depois. Mas, eu saí disso, eu desliguei disso. Apesar de que eu continuo trabalhando voluntariamente. Eu continuo dando a nossa disciplina de pós-graduação, essa que foi criada pela Karen...

S.: Hum...

R.: ...no início dos anos 80! Ela, até se aposentar, ela deu a disciplina e aí eu já me associei à ela. Depois que eu terminei meu doutorado, eu passei a oferecer a disciplina conjunta com ela, só que na UFRJ na minha unidade de Saúde Coletiva. E depois, enfim, é uma disciplina que ela tem muita história, inclusive o título dela mudou muitas vezes. Como a Karen se aposentou, a

gente continuou eu, a Sônia que também foi orientanda dela, é mais uma cria acadêmica da Karen, e umas amigas companheiras nossas que são lá da Escola de Saúde Pública da área de Saúde do Trabalhador.

S.: Uhum.

R.: Que também são marxistas, então a gente sustentou essa disciplina que é uma disciplina que discute gênero e saúde de um ponto de vista crítico, né? Com todas as... implicações e vertentes que esse tema tem no campo da Saúde Coletiva que é o nosso campo.

S.: Perfeito.

R.: Então, essa disciplina continua. Eu me aposentei e as minhas amigas, e agora, ainda abrimos mais... um braço que é na Universidade Federal Fluminense. Então, se por um lado a UFRJ saiu com a minha aposentadoria, por outro lado entrou a UFF. Então, atualmente, é uma disciplina Fiocruz/UFF. E eu sou colaboradora, né? Então... as minhas colegas, né, elas contam comigo também pra gente... e eu considero isso uma militância.

S.: Com certeza!

R.: Porque é uma disciplina que eu acho que tem sim um diferencial. Você não vai encontrar outras disciplinas como essa por aí dando sopa. [risos]

S.: Sim.

R.: Pelo menos, na nossa área de Saúde Coletiva.

S.: Eu nunca vi assim. Gostaria de ter tido uma disciplina dessa na Psicologia. [risos] Teria feito toda diferença.

R.: Eh, e a gente discute na disciplina não só as bases teóricas, epistemológicas e políticas do feminismo marxista, né? Apesar de que não é uma disciplina que se propõe a oferecer o feminismo marxista. A gente... a gente apenas assume que essa é a nossa posição e até abrimos pra outras leituras, como tem que ser. [risos] Eh... mas enfim, a gente então faz uma discussão conceitual, epistemológica até do feminismo, a crítica feminista à ciência que é tão interessante! E a Heleieth tinha muita profundidade nisso, né? Ela realmente é uma referência. E abordamos alguns subtemas relacionados, como as questões da saúde reprodutiva e as políticas de saúde relacionadas a isso, políticas de Estado, né, que são... bem controversias.

A gente discute a dimensão da violência contra as mulheres e as implicações que isso tem para a saúde. Tudo nosso é fazendo o gancho com a saúde. E o trabalho. O trabalho feminino e não só o trabalho produtivo, o trabalho remunerado, e as implicações que têm pra saúde das mulheres trabalhadoras já que é o trabalho mais precarizado que tem, é o trabalho feminino, né? Como também, a interface do trabalho produtivo com o trabalho reprodutivo que consideramos trabalho igualmente. Sem remuneração e sem reconhecimento, mas é trabalho.

S.: Trabalho invisível.

R.: É o trabalho invisível. É o trabalho invisível, como é... como é que a Hirata e a Kergoat chamam isso? Isso é a “servidão doméstica”. [risos] É o trabalho de amor, trabalho escravo em nome do amor. [risos]

S.: Exatamente.

R.: Então, eu continuo nessa disciplina, então tô aposentada em termos, mas eu saí daquela... vida acadêmica com todos esses compromissos e onde tudo que a gente fazia era anotado, era declarado, era não sei quê. E aí, eu tô meio esqueci meio esquecida mesmo disso, sabia? Eu não me preparei pra essa entrevista hoje. [risos]

[falam concomitantemente, trecho incompreensível]

R.: ...pra tentar puxar datas e tal pra poder ser mais precisa com você.

S.: Mas, que delícia que você tá nesse momento da vida. Acho que é importante, acho que você merece. [risos]

R.: Ô! Nem fala.

S.: É uma vida de luta e trabalho, né?

R.: Eh... e uma vida difícil na academia, muito difícil, muito sofrida. Eu acho que essa questão do isolamento que a gente fica, né, quando te cancelam [risos] é muito doloroso isso. Aliás, isso é considerado, hoje que surgiu essa coisa aí do assédio moral no trabalho, eles consideram uma das violências que se comete no âmbito das relações de trabalho o... o não reconhecimento do trabalho do outro, né?

S.: Uhum.

R.: Então, você ou você ignora ou você trata como se não existisse ou você critica ou você desmerece. São várias maneiras que você tem de... praticar essa violência, né? E eu sofri muito porque eu fiquei muito isolada na UFRJ na minha posição. Eu tinha um grupo lá de colegas também das Ciências Sociais que trabalhavam com gênero, mas eram de posições outras e tinham aquela visão assim que não era uma visão crítica do marxismo, era uma aversão ao marxismo que é diferente. Se você pensa no campo das ideias, do debate de ideias, as divergências fazem parte, mas você pode ter divergências respeitando quem pensa diferença, quem partilha de outro ponto de vista. Mas, eu acho a academia muito cruel, as relações são muito cruéis. Não basta você discordar, você tem que anular, você quer varrer do mapa, né?

S.: Uhum.

R.: [suspiro] Então, eu saí do meu trabalho, coisa que eu nunca imaginei que fosse acontecer comigo, e a Heleieth também problemas, não sofreu lá na PUC?

S.: Sim, ela foi demitida.

R.: Demitida demitida! Eu me lembro que ela fez um auê danado, né?

S.: Eh, ela fez uma manifestação em favor do aborto e aí ela foi demitida.

R.: Pois é. E a Mary Castro também sofreu perseguição lá na PUC, lá na Bahia.

S.: Isso.

R.: Também por conta das ideias subversivas dela sobre família, sexualidade. [risos]

S.: [risos] A sociedade não é párea pra nossas ideias.

R.: [risos] Não é.

S.: Mas, sinto muito que você tenha passado por tudo isso, né?

R.: Não, mas eu fico feliz de ter sobrevivido, não adoeci seriamente. Porque eu conheço tantas pessoas que adoeceram em função das relações tóxicas de trabalho, né? E eu não adoeci graças a deus, consegui preservar minha saúde, consegui preservar minha cabeça erguida. [risos] Nunca nunca em nenhuma momento eu fraquejei nas minhas ideias, né?

S.: Uhum.

R.: E... e continuo hoje fazendo o que eu gosto com as pessoas que eu gosto, e aí sim eu acho que eu consegui recuperar a dimensão do prazer do trabalho que é tão importante.

S.: Uhum. É possível encontrar prazer ainda nesse mundo. [risos]

R.: Eh, com certeza.

S.: E eu acho que isso tem tudo a ver com essa posição briguenta da Saffioti. Ela não só defendia, mas acho que ela representava, né, o feminismo marxista ou marxista feminista.

R.: Eh...

S.: Então, acho que existia nela uma figura que já era pra ser atacada talvez, não sei se você concorda um pouco com isso.

R.: Eh... a Joana d'Arc da... [risos]

S.: [risos] Eh. E o feminismo também é cruel, né? Os feminismos.

R.: Uh! Muito! [risos]

S.: Não é fácil o debate também.

R.: Não, não é fácil. Enfim. E... bom, e eu acabei me ligando mais afetivamente à Mary Castro, né? Mas, eu... não tem muito tempo, eu acho foi o pessoal lá de Recife que fez uma homenagem à Heleieth, não foi? Lá do SOS Corpo?

S.: Uhum, sim.

R.: O pessoal da Betânia Ávila. E que a Mary foi convidada, né? E ela escreveu um texto sobre a Heleieth e, antes dela falar, ela me mandou. A Mary, às vezes, me pede opinião. [risos] Que eu fico assim orgulhoso. [risos]

S.: [risos] Tem que ficar mesmo!

R.: Eu achei tão emocionante o que ela escreveu sobre Heleieth. Muito emocionante! Achei que foi uma homenagem assim... muito bacana, foi um reconhecimento da Heleieth, foi uma... uma superação da Mary de todos os desencontros que elas tiveram espinhentos, né? [risos]

S.: Uhum, sim. Uma resolução.

R.: E eu não te contei desse encontro que ela veio pro seminário da Fundação MacArthur. Que foi um encontro que foi no Hotel Glória aqui no Rio. Que é um super hotel, era, né? Porque agora tá totalmente descaracterizado. Mas então, os convidados que vieram de outros lugares, veio gente de todo Brasil, mas, quem veio de fora, eles reservaram quartos no próprio hotel.

Então, a ideia era que o seminário as pessoas nem precisassem sair do hotel, né, pra participar. E a Heleieth, naturalmente, ela ficou hospedada lá.

E, quando eu cheguei pra participar do encontro, eu nem sabia que ela tava, aí nos encontramos, foi uma boa surpresa, a gente se reencontrar. Ela também não sabia que eu tinha projeto da MacArthur e até ficamos muito juntas nesse encontro assim, né, conversando nos intervalos e... e aí, eu fui avisada no hotel que eu tinha reserva de quarto. Eu achei aquilo tão estranho! Falei, “gente, como reserva de quarto? Eu moro na cidade, eu não vou dormir aqui”. [risos] “Eu moro a 20 minutos daqui, se eu morasse muito longe ainda vai lá”, mas era 20 minutos do hotel Glória. Então, eu falei: “não, eu não vou dormir aqui”. Aí, bom, eu não sei de que maneira a Heleieth descobriu que eu ficaria no quarto com ela, olha que coincidência, me botaram junto com ela no mesmo quarto.

S.: Caramba!

R.: E foi engraçado porque quando ela descobriu, ela falou: “Regina, então é você que tá no quarto comigo.” Eu falei, “é, sou eu, Heleieth”. Ela falou “e você vai dormir aqui?” Falei “não, Heleieth, não vou dormir na minha casa!” Ela: “ai que bom! Eu não gosto de dormir com outra pessoa”. [risos]

S.: [risos] Super sincera.

R.: Eu achei ótimo. É isso.

S.: Muito engraçado. Adorei. Você lembra quando foi esse evento? Mais ou menos.

R.: [suspiro]

S.: Pode não lembrar também, fica tranquila. [risos]

R.: Eh, isso tá no lattes com certeza porque...

S.: Eu olho lá depois.

R.: ...é um projeto de masculinidades.

S.: Tá.

R.: A MacArthur, foram quatro anos de projeto. Esse seminário deve ter sido no segundo ano do projeto. Foi nos anos 90 com certeza.

S.: Eu olho lá sem problema.

R.: Eu acho que 94, talvez até 98. E esse seminário foi no meio desse processo. Eles reuniram os projetos que eles apoiavam e aí esse encontro foi tão legal! Quer dizer, a lembrança que eu tenho de maior cumplicidade com a Heleieth foi nesse encontro. Não sei se porque a gente tava meio desenturmada com o resto do pessoal. [risos]

S.: [risos] Uhum. Se encontraram.

R.: Eh, teve uma hora que deu uma brecha lá, tinha um intervalo. Ela falou: “ai, Regina, cê não quer subir aqui o Morro da Glória pra gente conhecer a igrejaíinha, o Outeiro da Glória?” Que é uma igrejaíinha que fica lá em cima do morro. É muito conhecida, é meio cartão postal do Rio, não sei se você conhece.

S.: Não, eu conheço muito pouco o Rio.

R.: Eh, então, é uma igreja antiga que fica no alto desse morro. E ela falou, “ai, vamo conhecer o Outeiro da Glória?” Falei “vamo”. Saímos nós do hotel e fomos lá na nossa... nosso intervalo subimos o morro, mas tava fechada a igreja. A gente não conseguiu...

S.: Ah! Que pena.

R.: Mas, passeamos! Subimos o morro, fomos vendo, lá de cima você vê a vista, né, da Baía de Guanabara.

S.: Que lindo!

R.: Foi muito legal esse encontro, eu guardei assim uma lembrança muito... afetiva da Heleieth.

S.: Sim, imagino, com certeza.

R.: Ah! E outro detalhe que eu posso te contar também que me impressionou dela na banca de qualificação é que eu esperava altos comentários teóricos, epistemológicos dela. Ela praticamente não me falou nada do conteúdo do que eu tava apresentando ali! Tudo que ela fez foi fazer correção ortográfica, gramatical. “Aqui na página tal, essa vírgula aqui tá incorreta. Você tem que tirar. [risos] Aqui na página tal...” [risos]

S.: E aí? [risos] Não teve um...

R.: [risos] Eu falei meu deus do céu, essa mulher veio opinar sobre a minha dissertação, a minha tese e fez um trabalho de revisora de Língua Portuguesa! [risos]

S.: Exatamente. [risos]

R.: Ela... ela era implacável com a escrita! Ela fazia isso com todo mundo depois eu soube que ela corrigia todos os erros, as imperfeições de vírgula, de ponto, de frase, de... enfim. Ela era muito rigorosa com isso e ela se dava ao trabalho de fazer isso. Porque eu percebo, quando eu tô lendo uma tese, você de uma banca, eu percebo muitos erros, mas não me vejo eu corrigindo os erros. [risos] Eu só vou avisar, né?

S.: [trecho incompreensível] Eh.

R.: “Olha, essa tese precisa de uma revisão”. [risos]

S.: Uhum, sim. Principalmente, às vezes, que não há tempo viável pra fazer uma correção tão... apurada, né?

R.: Exatamente! E olha que, modéstia à parte, eu escrevo bem. Por quê? Porque eu fiz a minha formação na língua, cê é de São Paulo?

S.: Eu sou do interior de São Paulo.

R.: Ah, do interior. Porque eu sou da capital.

S.: Uhum.

R.: Eu vim pro Rio com uns 13, 14 anos. Mas, eu fiz o meu, na época se chamava, o primário em São Paulo num colégio que era considerado assim... aquele colégio, sabe? Antigo, de

excelência. E, gente, eu aprendi Língua Portuguesa quase que debaixo de chibata, entendeu? [risos]

S.: [risos] Meu deus! Entendi.

R.: Não que eu fosse muito interessada, mas ali não tinha jeito. [risos]

S.: [risos]

R.: Era, assim, extremamente rígido o ensino da nossa língua com as regras! E a Língua Portuguesa é muito complicada, né? Nossa senhora.

S.: Com certeza.

R.: Que língua complexa! E a Heleieth era do tipo assim perfeccionista. E aí, no final, ela disse: “eu vou deixar o meu exemplar com você porque tá tudo anotado, você vai olhando e vai corrigindo”. Que foi o que eu fiz aliás. [risos]

S.: Então, assim, se ela não fez apontamentos teóricos é porque ela concordava, né? Eu acho.

R.: Exatamente! Eu acho que sim.

S.: Eu acho que tava muito bom.

R.: Eh, eu acho que ela não teve nenhuma... questão pra comentar. Aliás, ela deve ter comentado, eu que não lembro, né? Ela, claro, ela deve ter feito comentários genéricos, mas ela não fez nenhuma crítica. Isso eu tenho certeza porque se tivesse feito eu me lembraria. [risos]

S.: O que era raro, né? [risos]

R.: O que era raro, eh. [risos]

S.: Ai, Regina, deixa eu te perguntar uma coisa. Falando da passagem dela aí pelo Rio, né? Tem uma passagem na biografia dela que diz que ela ajudou a fundar o GECEM que é aquele núcleo Gênero, Etnia e Classe eh... de Estudos Multidisciplinares. Ele não existe mais.

R.: Onde que era?

S.: Era junto com a Suely de Almeida.

R.: Tá.

S.: Eu queria saber se você sabe alguma coisa sobre isso. Eu sei que você é de outra, outro campo, mas só se você souber. Se você presenciou algo...

R.: Então, eu conheci, eu não conheci a Suely de Almeida nessa época – a não ser, assim, de UFRJ –. Eu posso te pedir um minutinho de licença, Samantha?

S.: Claro!

R.: É que eu preciso ir ao banheiro, eu tô com uma infecção urinária.

S.: Vai lá, fica à vontade.

R.: Já vou, tá?

S.: Tá bom, vai lá.

R.: Já volto.

[breve intervalo]

R.: Voltei.

S.: A sua câmera tá fechada. Ah, abriu. [risos] Então, cê tava falando que você não chegou a conhecer a Suely de Almeida, né?

R.: Não, a não ser de vê-la nas... nos eventos, grandes eventos da UFRJ. Eu conheci melhor a Suely Almeida, não ela pessoalmente, mas o... o legado que ela deixou com o pessoal, ela trabalhou muito com violência com a Heleieth, né? Elas têm publicação inclusive. E depois, muito tempo depois, acho que ela já tinha morrido, eu acabei me envolvendo e trabalhando com o pessoal lá do Serviço Social naquele Centro de Referência de Mulheres que tem lá no Fundão. Que foi uma estrutura, um prédio, um projeto, né, de criar um centro de referência de excelência que foi, basicamente, concebido e viabilizado pela Suely.

Foi um baita de um financiamento externo que financiou a construção do prédio que ficou parado e fechado durante anos! Porque acho que o grupo se desfez, eh, não sei bem o que aconteceu e o projeto não foi pra frente. Depois, ele foi retomado por colegas lá do Serviço Social, a Lilia Pougy e outras, né, que tentaram reativar o centro de referência, o CRM, que aliás está ativo, embora à meia bomba, né? É uma coisa que funciona, é uma estrutura espetacular, uma construção incrível, mas que não tem pessoal pra trabalhar. O que elas idealizaram não se realizou por conta do nosso país, das políticas, dos recursos, das dificuldades, das universidades e o desfinanciamento, né, de recursos públicos. Que aí teria que ter concurso pra entrar gente pra trabalhar enfim. Então, eu acabei convivendo muito com pessoas que conviveram intimamente com Suely que, provavelmente, foram desse grupo dela, né?

S.: Uhum. Cê saberia dizer algum nome de alguém que eu poderia conversar?

R.: Sim sim, Lilia Pougy.

S.: Lilia Pougy. Vou mandar e-mail pra ela então.

R.: Eh, se você quiser eu tenho o contato dela.

S.: Ah, eu aceito, vou falar que foi você que indicou. [risos]

R.: Tá, pode falar. Eu acho que a Lilia conheceu bem a Heleieth, sabia?

S.: Ah, legal.

R.: Porque ela passou um tempo, né, colaborando lá com a Suely. Eu não sei se ela ficava no Rio, se ela vinha ao Rio, eu não sei bem como foi a dinâmica porque, por incrível que pareça, estamos falando da mesma universidade. Mas, o mesmo instituto de Saúde Coletiva fica no Fundão, no campus do Fundão, e o Serviço Social fica na Praia Vermelha e não tem canais de contato. É incrível, né? Eu só vim a conhecer esse grupo da Praia Vermelha e até a trabalhar com elas, né? Eu fiz muita coisa lá, criaram uma residência multiprofissional em atenção à violência contra a mulheres e eu participei dessa residência, fui coordenadora dessa residência.

S.: Olha só!

R.: Tive um vínculo muito muito estreito, né, com esse grupo que é um grupo que era muito ligado à Suely.

S.: Uhum.

R.: E a Lilia Pougy eu acho que ela conheceu a Heleieth. A Lilia fez tese, a tese dela eu acho que é muito referenciada na Heleieth, o debate da violência. Que deve, provavelmente, deve ter a ver com esse período que ela... que ela ficou lá no Serviço Social e... enfim.

S.: Ah, legal.

R.: Acho que a Lilia pode ser uma pessoa bem interessante pra você entrevistar.

S.: Ah, legal. Queria conhecer um pouco também desse lado do Serviço Social.

R.: Uhum.

S.: E eu vi também que você, como você já falou, você estuda gênero e saúde, com ênfase na questão da violência. Aí, eu queria saber se... que relação que você tem hoje com essas ideias da Saffioti, né? Olhando também pro seu legado, né, pra sua obra, que legado que a Saffioti deixou na sua história, na sua trajetória? Tem uma grande influência, não teve...

R.: A Saffioti a influência maior dela pra mim é o legado teórico.

S.: Uhum.

R.: Eu não trabalho diretamente com violência. Nunca foi o tema que eu me dediquei, que eu estudei. Essa interação que eu tive com o grupo, né, lá do Serviço Social foi mais no âmbito da formação de profissionais pra trabalharem nesses equipamentos voltados pra o atendimento de mulheres em situação de violência. E até o meu papel nessa formação era mais trabalhar a questão da saúde, da assistência à saúde das mulheres em situação de violência eh... trazer as questões [da] abordagem da Saúde Pública, da Saúde Coletiva. E, na verdade, minha grande atuação no campo de gênero muito em função da Karen, nós nos dedicamos muito ao campo da saúde reprodutiva das mulheres.

S.: Hum...

R.: Mortalidade materna, aborto, DST/Aids. Eu trabalhei muito com Aids e mulheres quando chegou a epidemia de Aids eu mergulhei de cabeça. A minha tese... a minha dissertação de mestrado foi dedicada a isso.

S.: Uhum.

R.: A quando, ahh... quando tava se começando a desconstruir essa ideia de que a epidemia de Aids era um problema de homens, né? Homossexuais, drogados e hemofílicos, né? Quando os dados epidemiológicos já mostravam a crescente contaminação de mulheres. E, quando começa-se a perceber que as mulheres contaminadas, ao contrário do que se pensava pela ótica do preconceito, não eram as prostitutas e as parceiras de homens usuários de drogas injetáveis. Eram as mulheres casadas, mães de família que tavam sendo infectadas pelos seus parceiros, né?

Quando se descobriu a transmissão heterossexual da Aids e como isso afetava as mulheres. E eu me dediquei, eu mergulhei durante muito tempo nesse tema, fazendo muitas pesquisas, inclusive, tentando compreender que estratégias a gente podia desenvolver pras mulheres que

viviam em relações estáveis poderem... se proteger do HIV que era uma coisa extremamente difícil, complexa falar em camisinha, fidelidade, tocar em assuntos tabu, né? Nessa sociedade hipócrita em relação à sexualidade. Então, a minha, o meu campo sempre foi esse. A violência sempre esteve presente em todas... todas, envolvendo todos os aspectos que dizem respeito à vida das mulheres, mas não como um foco.

S.: Uhum.

R.: Essa minha amiga da UFF, por exemplo, ela é uma estudiosa da violência, né? Contra mulheres. Ela conhece os equipamentos, os modelos assistenciais enfim. É uma, quase que uma área de especialização dentro do nosso campo, embora isso sempre tenha estado atravessado obviamente em tudo que eu fiz e pesquisei, né? Inclusive porque eu trabalhei durante muito tempo na, ali na, no Complexo da Maré, aquela área favelada ali do Rio, né? Que a universidade tinha uma unidade de saúde ali, uma unidade... uma unidade de saúde-escola pra formação de estudantes nossos em saúde, campo de formação de estudante. E eu trabalhava, trabalhei durante muito tempo lá. Eu tinha muita interação com a população de baixa renda, mulheres da favela, tanto que a minha dissertação de mestrado o meu campo de pesquisa foi lá, né?

S.: Uhum.

R.: Então, a violência nunca foi o meu foco de estudos, de aprofundamento, né? Então, não foi por esse viés. Embora, esse livrinho da Heleieth – porque é um livrinho, né – esse do violência e patriarcado, patriarcado e violência, como é que chama?

S.: “Gênero Patriarcado Violência”

R.: Eh, “Gênero Patriarcado Violência”. É um livro muito importante do ponto de vista conceitual, né? Na definição de patriarcado, né?

S.: Uhum.

R.: Eu acho que a Heleieth amadureceu esse referencial, inclusive, pra abordar a questão da violência contra as mulheres a partir dessa ótica do patriarcado, do poder, da ótica do poder, como ela sempre chamou atenção.

S.: Uhum. Que tem tudo a ver com direitos reprodutivos, né, com a saúde?

R.: Sim, com certeza.

S.: Perfeito. Eh, tem mais alguma questão que você queria falar que as perguntas não... alcançaram?

R.: Olha, eu acho que eu te contei tudo que eu me lembro, Samantha. [risos]

S.: [risos] Ai, eu queria agradecer muito, Regina, porque foi uma honra mesmo conversar, muito... pra mim, tá sendo muito rica essa experiência de ouvir essas histórias entrelaçadas, de conhecer trajetórias de feministas, como você, e de ouvir essa continuidade, como você tem... trazido o legado da sua orientadora, continuado com essa disciplina tão necessária pra Saúde Coletiva. Então, assim, queria agradecer muito, de coração.

R.: Ah, imagina! Eu que te agradeço a oportunidade dessa conversa tão boa.

S.: Ai, foi muito boa mesmo.

R.: Eu não sei se eu, eu acho que, provavelmente, das que você tá entrevistando, que tiveram contato muito estreito com a Heleith, cê vê que as minhas histórias são assim meio...

S.: Não, todas são muito válidas porque vai criando esse mosaico, né? Cada um vai contando um pedacinho.

R.: Eh! Cada um conta e por um ângulo, né?

S.: Exato. Então, todas são ricas da sua maneira. [risos]

R.: Eh. Eu posso te dizer que eu gostava muito dela, admirava e gostava. Achava ela uma mulher íntegra!

S.: Uhum.

R.: Ela não transigia. Ela era dura, mas ela era firme, né, nos princípios dela. E isso nesse mundo da gente, né? [risos] Se torna uma virtude rara! Cada dia mais rara.

S.: Pois é. Fico imaginando se ela tivesse aqui hoje, né?

R.: Nossa! Nem me fale! Nem me fale.

S.: [risos] Imagina!

R.: Ela, acho que, não sobreviveria a isso que tá acontecendo conosco, viu? Meu deus do céu...

S.: Seria uma pessoa muito necessária, mas seria muito duro também, né?

R.: Uh! É isso, Samantha.

S.: Mas, é isso.

[falam concomitantemente, trecho incompreensível]

S.: Eu vou fazer a transcrição da entrevista, aí nas próximas semanas eu te mando pra você aprovar, mas sem pressa também. E aí, a gente vai se falando.

R.: Tá bom. E você não quer ficar em contato comigo pelo zap, hein?

S.: Pode ser. É mais fácil pra você?

R.: Não, é como eu te disse, o fato de eu tá aposentada muita coisa muda. Eu não olho mais o e-mail com frequência porque...

S.: Tranquilo.

R.: ...tudo hoje acontece pelo WhatsApp e eu tô mais ligada no zap. Como a minha vida já também numa outra dinâmica, eu tô envolvida com outras coisas que não tem a ver com trabalho, eu acho que chega mais a mim o que vem pelo zap.

S.: Claro, pode falar eu anoto aqui.

R.: Ah tá, então o prefixo é 21, né, que é do Rio.

S.: Uhum.

R.: 99348-0698

S.: Tá, é o 2199348-0698?

R.: Isso.

S.: Perfeito. Aí, eu te mando um oizinho lá, a gente continua conversando.

R.: Tá. E você quer o contato da Lilia Pougy.

S.: Isso, pode ser.

R.: Tá.

S.: Mas, se você quiser me passar depois por lá também...

R.: Tá, eu passo.

S.: Tá bom?

R.: Tá bom.

S.: Regina, muito obrigada, viu?

R.: Boa sorte!

S.: Obrigada.

R.: Vou muito querer ver essa tua tese.

S.: Daqui uns anos eu te mando. [risos]

R.: Qual o teu prazo? Quando é que cê pensa em estar finalizando?

S.: Eu vou finalizar em 2025, é isso. Tem um tempo ainda.

R.: Ah... uau.

S.: Tem uns aninhos. [risos]

R.: Opa. Tá bom.

S.: Mas, tá logo ali, né?

R.: Eh, antes que eu perca de vez a minha memória, espero eu. [risos]

S.: [risos] Magina! E ótima aposentadoria, aproveita bastante.

R.: Tá bom, brigada, Samantha. Tchau tchau!

S.: Tchau, brigada!

R.: Tudo de bom.

S.: Pra você também.

R.: Tchau.

S.: Tchau.

[Fim da gravação]

Local: Google Meet (ambiente virtual)
Data: 13/05/2022
Entrevistadora: Samantha Camacam (S.)
Entrevistada: Hildete de Melo (H.)
Duração: 01:10:52

[Início da gravação]

S.: ...feito também um consentimento assim, eh... verbal também tá tudo...

H.: Não precisa, nem precisa de... de assinar nada.

S.: Eh.

H.: Cês tem meu consentimento, eu tô dando a entrevista...

S.: Uhum.

H.: ...pra falar de Heleieth é sempre uma... um prazer enorme conversar sobre a nossa história! Porque a Heleieth é a história! É a história do feminismo no Brasil a partir da década de... a Heleieth é *avant la lettre*. Ela é daí já do final dos anos 60 quando ela abraçou escrever aquela tese de doutorado, né?

S.: Uhum, sim. Então, é justamente sobre isso eu gostaria de falar com você hoje. Queria te deixar bastante à vontade, né, pra você pra você ficar bastante livre. Eu te mandei o roteiro só pra você ficar a par do que a gente vai conversar, a gente não precisa ficar preso a ele, tá?

H.: Eu não vi o teu roteiro não, Samantha.

S.: Não?

H.: Não.

S.: Não, sem problemas. Eu te mandei quando a gente combinou a data, mas não tem problema não. É mais mesmo por uma questão ética. [risos]

H.: Ah, tava tendo compromisso. Eu nem olhei porque como vocês tão pedindo, eu já tô acostumada, pedindo só pra... porque cês vão trabalhar com ele, não sei se vão publicar, mas vão trabalhar, faz parte do projeto de pesquisa...

S.: Uhum.

H.: ...eu deixei [palavra inaudível] o negócio. Mas, se puder a gente... eu dou meu consentimento, não preciso nem vê-lo.

S.: Tá bom.

H.: Porque eu acredito que a, pelo menos... nós temos interesse em contar essa história, né?

S.: Sim, exatamente!

H.: Contar a história, quer dizer, como a Heleieth tem um papel significativo na explosão da questão feminina da minha geração, então... eu começaria dizendo que, primeiro, que a Heleieth é a primeira tese de Sociologia feminina do Brasil.

S.: Uhum.

H.: Então, ela defendeu em 67, 69. Fica sempre, tenho algumas dúvidas, não sei você já chegou apurar. É 67 ou 69?

S.: Ela defendeu em 67, né?

H.: 67. Em 69, a segunda mulher que defendeu doutorado em Sociologia é a Neuma Aguiar.

S.: Uhum.

H.: Então, isso a gente já levantou porque a gente fez uma coletânea e a Neuma é homenageada, e a Neuma eu fiz uma longa entrevista com a Neuma, eu também conheço muito a Neuma, né? A Neuma mora no Rio inclusive. Mas, a gente, quer dizer então, nessa, quando a gente tava fazendo a pesquisa com a Neuma, nós começamos a remexer mais os baús porque a Heleieth tem um significado na minha vida.

S.: Uhum.

H.: Ela nem sabe. [risos] Ela nem chegou a sabê-lo. Mas, ela foi... eu descobri a questão das mulheres e do feminismo lendo o livro da Heleieth, a sua primeira versão, da versão de 72. Então, quando a tese dela foi publicada, né? Até aqui bem pertinho de mim, até porque de vez em quando ela é até hoje iluminadora. [risos] [mostra a segunda edição do livro “A mulher na sociedade de classes”]

S.: [risos]

H.: É a primeira Heleieth, a versão primitiva, a primeira. Eu tinha... eu sou uma mulher, eu sou uma geração 64 porque eu era, já em 64, eu já estava na universidade na Paraíba. E eu desde a... 61, desde a renúncia do Jânio e a... e a crise que isso provocou porque os militares se opuseram a que o vice-presidente da república, João Goulart, assumisse a presidência brasileira que a política entrou – eu era já do colégio, eu fazia científico, né, lá em Campina Grande na Paraíba – e eu descobri a política na resistência dos estudantes de Campina Grande, defendendo a posse do vice-presidente eleito pelo povo brasileiro. Então, portanto, eu cheguei... o feminismo entra na minha vida nesses anos. Quer dizer, como eu fui militante do PCB, eu lia uma... tinha uma coluna no jornal “Novos Rumos” duma mulher chamada Zuleika Alambert. [risos]

S.: Uhum.

H.: Que todo mundo conhece! Que depois também eu me tornei grande amiga dela.

S.: Que incrível!

H.: E a Zuleika assinava, mas ela não falava de mulher, ela falava de jovens.

S.: Hum...

H.: Porque cê tinha, porque cê não tinha essa... o feminismo ficou dormindo. O feminismo já existe, hoje domina a história das mulheres e tal, mas, na década de 50, isso não chegava. Chegava a luta de classes, chegava a questão da espoliação, a questão da pobreza, da desigualdade – quer dizer, chegava lá na Paraíba – e, sobretudo, as lutas pela posse da terra. Quer dizer, essas eram as questões. Claro que as coisas aconteceram, os militares tomaram o poder e nós fomos... e eu continuei, quer dizer, eu terminei o curso de, eu sou economista, né? Eu não sou socióloga.

S.: Uhum.

H.: E fui morar na França porque eu me casei, fui morar na França, meu marido foi fazer o doutorado, eu comecei a fazer, fiquei grávida. No lugar de voltar com a tese de doutorado, eu voltei foi com um bebê no colo. Então, essas coisas estão na vida das mulheres e acabei vindo morar no Rio em 70. Eu tenho que contar minha história pra poder cê entender como é que Heleieth entra nela, né?

S.: Claro. Claro, são trajetória entrecruzadas, né? É muito importante conhecer sua trajetória.

H.: [trecho incompreensível] (...) Porque, sem entender isso, cê não vai saber porque o livro da Heleieth foi tão importante na minha vida.

S.: Claro.

H.: Então, na realidade, eu entrei com a... eu tinha uma militância estudantil. E olhe que na Paraíba, mocinha, fazer política era uma confusão!

S.: Imagino!

H.: Não tinha mulher na política. Não, não tinha! Só tinha homem, só tinha menino, só tinha rapaz, né? Então, quer dizer, nós, havia duas meninas que tinha, que fazia política estudantil era eu e uma outra também da, que depois foi pra Sociologia, e eu fiquei na Economia e uma advogada que era advogada das Ligas Camponesas da Paraíba, chamada Olga Muri, né?

S.: Uhum.

H.: Então, ela mora em São Paulo. [risos] Ela é mais velha que eu, mora em São Paulo atualmente já, acho que, viúva parará. Bom, essa... assim, eu vim pro Rio de Janeiro, fiz concurso, entrei na Universidade Federal Fluminense em março de 73. Eu vou fazer 50 anos de UFF no ano que vem!

S.: Caramba, uma vida!

H.: [trecho incompreensível] ...uma festa. E eu tô lá ainda até hoje, né?

S.: Uhum.

H.: Bom, o que aconteceu foi que os militares também fizeram perseguições, na universidade, pesada. E lá na UFF, aqui no Rio, na UFF, em 76, houve uma perseguição muito grande e claro eu acabei tava envolvida no meio dessa confusão toda. Aí, teve demissões, foi um... metade do departamento de Economia foi demitido pelos militares...

S.: Gente...

H.: ...e uma parte foi perseguida, teve que se esconder. É nesse momento, quando eu tive que ficar escondida com três crianças, cê pode imaginar a confusão!

S.: Imagino!

H.: Eu inventei, eu e meu marido inventamos que eu tava fazendo um projeto em São Paulo. Então, só via no final de semana num esquema complicadíssimo! E o livro da Heleieth caiu no meu colo. Porque eu ficava o dia inteirinho sozinha, escondida numa casa que não podia nem abrir a janela... aqui no Rio. E o livro da Heleieth... eu tinha comprado. Não sei, não sei como, sei que ele tava na minha mão e aí eu comecei a ler “A mulher na sociedade de classes: mito e realidade”.

Então, a leitura do livro da Heleieth foi um mundo novo que se abriu! Porque eu nem a conhecia nem nada e tal. Mas, eu já conhecia a Neuma Aguiar porque, nesse momento, mas a Neuma tava acabando de chegar dos Estados Unidos porque o marido da Neuma Aguiar – olha como o mundo é pequeno – era colega do meu marido porque meu marido era engenheiro da COPE do Rio de Janeiro, tava na COPE. E eu conheci a Neuma por conta das crianças e meu filho, antes dessa perseguição, estudava no mesmo colégio que o filho da Neuma Aguiar.

S.: Gente!

H.: Eu não sabia, não tinha noção que a Neuma era uma figura importante na academia. Eu aprendi, eu a conheci nessa confusão, aí explodiu a perseguição na Universidade Federal Fluminense, sobretudo no Departamento de Economia e o qual eu tava enrolada. Porque os militares estavam atrás de uma pessoa que eles perseguiam muito, que era um paraibano...

S.: Uhum, nossa...

H.: ...e que eu sabia onde ele tava, né, porque a gente dava guarida pra ele. Estava escondido. Isso foi um... terremoto na minha vida! O ano de 1976 é um terremoto. Mas, é o ano que eu descobri Heleieth, descobri o feminismo! Então, pra você ver que tem todas as coisas tem... desde que tenha vida, a vida continue, a gente tem, tira eh... tira aprendizados de tudo que acontece conosco. Então, eu fiquei tão entusiasmada com a leitura daquele livro, com toda a discussão. Eu já trabalhava com desenvolvimento, com a Economia, eu dava aula de Introdução à Economia na UFF, então todo o arcabouço do...

Eu tinha estudado também na França, eu passei dois anos na França, eu vivi em 68 na França, tá? E é interessante porque eu vi muitas mulheres na rua, mas eu nunca vi uma mulher com microfone em 68 na França. Os microfones tava na mão dos homens! Então, o feminismo, quer dizer, ele já tava meio como fogo de monturo porque o livro da Betty Friedan já tinha saído dos

Estados Unidos, mas ele não tinha chegado. Mesmo na França, eu não vi nenhuma... ressonância dessas questões, mas tinha a revolta estudantil pesada, né? Mas, era liderada pelos meninos. Alô? Caiu.

[Breve pausa por falha de conexão]

S.: Hildete, desculpa, acabei de cair aqui a conexão, perdão. [risos]

H.: Eu sei. Você caiu porque você desligou ou você caiu por causa que a rede?

S.: Não, a rede caiu mesmo. Você tava falando, sumiu sua imagem e aí apareceu que minha internet tinha caído. Desculpe.

H.: Não, imagine. É só porque eu tenho um tempo meio apertado, eu tenho outro... o departamento lá, a Economia resolveu fazer uma reunião que queria que fosse duas horas. Eu falei “não, eu tenho já uma reunião que tá programada, eu não posso”. Então, passaram pra duas e meia, eu chego lá um pouquinho atrasada nela, mas eu tenho que entrar. Vamo lá. Tá ouvindo, Samantha?

S.: Tá bom. Tô ouvindo.

H.: Tá?

S.: Tô ouvindo. Pode ir.

H.: Então, só pra encurtar. Então, a Heleieth entra. Quando as coisas foram ficando um pouco mais calmas, eu voltei pra casa, eu não podia sair porque eu tinha medo, eu inventei – aqui é que tá o bom da Heleieth – fazer um grupo de reflexão com o livro da Heleieth com as mulheres dos colegas do meu marido no ITA. Porque meu marido fez Engenharia Eletrônica no ITA e ele tem um grupo aqui no Rio de umas dez pessoas, doze. E eu era... eu tinha uma grande relação, eu tinha muita relação, tinha umas relações eh... com elas porque nós todas tínhamos filhos pequenos, essas coisas da maternidade, das mulheres que tão começando a trabalhar e tal. Aí eu fiz, elas iam lá pra casa, era um café da tarde e a gente começou a ler o livro da Heleieth. Então, você percebe que a Heleieth... [risos]

S.: Uhum.

H.: ...e do livro da Heleieth com o grupo de mulheres das amigas mais próximas do Rio de Janeiro que era o... do pessoal que tava ligada a... eram relações do meu marido porque eu não conhecia ninguém quando eu cheguei no Rio, então essa foi uma porta. Foi... e nós, depois que a gente leu o livro durante dois, três meses nessas reuniões e discutindo – porque elas eram sociólogas, uma era pedagoga, eu era que era economista, eu dominava mais a teoria marxista, então essa discussão entrou bem –, nós fomos todas, em 76, pro Centro da Mulher Brasileira! Claro, porque nem todas ficaram, mas o bicho do feminismo mordeu todo mundo, entendeu?

S.: Uhum.

H.: Militância não é todo mundo que gosta de fazer, então eu continuei na estrada na militância do feminismo desde então, desde setenta... e em 75, eu já tinha, esse mesmo pessoal que eram

minhas amigas e tal, a gente já tinha a Semana da Mulher que houve em julho de 75. Nós tínhamos conversado e tal, fomos e tal parará, mas aquilo ainda não era uma... uma consigna de militância de completa descoberta das questões relativas à inferioridade, à invisibilidade do trabalho da mulher.

Então, a Heleieth, portanto, é minha... foi a minha porta de entrada pra trabalhar, do ponto de vista da academia, porque a gente vai ter que sempre pesar o feminismo no Brasil, esse feminismo da década de 70, 80, ele vem, quer dizer, pelas camadas médias da sociedade, com mulheres já com diploma superior (a maioria delas) e, portanto, que, na época, a maioria também tavam começando alguma profissão. Tinha muito advogada, eu tava começando a carreira acadêmica e tal, mas a maioria eram recém casadas, com filhos pequenos, recém saídas da universidade, portanto, eram uma... eram mulheres ainda muito jovens.

Não era adolescente nem nada, nem era estudante, mas tava passando e tavam vivendo desconfortável, primeiro, com a ditadura, com o fechamento do regime, sobretudo também com a sua condição feminina. Então, a Heleieth abriu as portas pra mim, a Heleieth é fundamental porque foi a partir da leitura do seu livro que eu abracei a causa e passei a fazer uma dupla militância: na academia e na vida também. Na vida com o partido político, eu sempre gostei de política, então foi uma abertura. Só depois que com a redemocratização é que eu vou conhecer a Heleieth, né?

S.: Uhum.

H.: Porque essa, nesse final de 70 e tal, nós aqui fizemos, o Rio de Janeiro foi um ponto, não só Rio, mas São Paulo também, mas o Rio teve uma importância relativamente significativa no espalhamento dessas... do movimento de mulheres pelo Brasil inteiro. Quer dizer, sobretudo começou aqui com o seminário organizado lá na ABI (Associação Brasileira de Imprensa), né? Em julho com Mariska (Ribeiro), Branca Moreira Alves, com Comba Marques Porto, Jacqueline (Pitanguy), Leila Linhares. Todo aquele, aquilo tudo reverberou... Heloneida Studart, Rose Marie Muraro, Moema Toscano. Quer dizer, então fundou-se o Centro da Mulher Brasileira e o Centro da Mulher Brasileira foi o grande celeiro de formação de mulheres para uma prática feminista e para a militância.

S.: E nesse momento do Centro a Heleieth não tava?

H.: Não porque a Heleieth é paulista.

S.: Uhum.

H.: Então, eu sou... eu moro no Rio desde 1970, tá? Desde que eu voltei da, praticamente desde que eu voltei da França. Então, a Heleieth, quer dizer, depois a gente se encontrou porque nós fizemos muitos encontros feministas, quer dizer, ao longo desse... a partir de 76, encontro feminista em Minas Gerais, em São Paulo. Então, de uma maneira geral, eu mesma com criança, mas eu tinha uma a... [sorriso] a maternidade foi vivida de forma diferente entre a minha geração e a geração de vocês.

S.: Uhum.

H.: Porque nós tínhamos, eu além de ter uma... uma pessoa, uma empregada doméstica que foi praticamente... eu diria que a minha maternidade é um pouco vivida por mim, por ela – pela Graça, ela já é morta, tá, uma pena – e por a minha sogra. Porque, além do mais, a minha sogra... minha mãe tava em Pernambuco, minha mãe é outro departamento! Porque mãe é mãe e mãe tenta, mãe pensa que manda em filha, né?

S.: Uhum. [risos]

H.: A sogra não! A minha sogra muito... [risos] fora do padrão também porque era uma mulher que sempre trabalhou – minha mãe nunca trabalhou fora de casa, mas a minha sogra trabalhou – porque minha sogra era professora e ela formou-se, fez normal em, formou-se em 36 e ela foi uma... uma mulher trabalhadora. Quer dizer, uma mulher fora da exceção, era uma amazonense e era uma pessoa [palavra inaudível]. E a gente vivia juntas não porque ela precisasse de mim porque ela tinha pensão, o seu dinheiro, a pensão dela, tudo tudo. A gente vivia junto porque a gente se gostava! [sorriso] Entendeu?

S.: Uhum.

H.: Então, eu sou uma... eu tinha uma casa, parece uma casa do século XIX, muita mulher dentro da casa! Entendeu? [risos]

S.: [risos]

H.: Todo mundo meio participante, então tudo isso me ajudou, do ponto de vista, me ajudou muito porque eu construí uma carreira. Uma carreira universitária e uma carreira política também. Eu tinha uma certa liberdade de... de fazer, como se diz, zuação na rua. [risos]

S.: Uhum.

H.: E nós fizemos muitas! Porque a minha sogra acabou se envolvendo também, essa moça, que era babá dos meus filhos, também era envolvida no feminismo. A gente fazia as fantasias e coroas e confusão pras passeatas feministas, quer dizer, aquela era uma casa produtora de de... [risos]

S.: [risos]

H.: E a Heleieth tá, né, quer dizer, a Heleieth tá nesse conjunto. Depois, a Heleieth veio pro Rio, quer dizer, ela não veio pro Rio, ela fez uma... ela tinha um... uma... ela fez um trabalho grande com o pessoal da (...) [falha na conexão, interrupção da fala]

(...) fui expulsa da universidade em 76 e eu só voltei com a anistia. Mas, eu fui trabalhar, nesse intervalo depois que as coisas ficaram mais serenadas, eu fui trabalhar na PUC no departamento de Economia da PUC.

S.: Uhum.

H.: Eu dei aula na PUC, eu dei aula na Cândido Mendes. Como eu não tinha terminado o doutorado de *troisième cycle* lá em... na França na Universidade de Toulouse, eu fiquei sem passaporte por causa do problema e eu não voltei pra lá e eu acabei refazendo minha vida

acadêmica aqui. Aí, fiz o mestrado nos anos 70 e fiz o doutorado em 80, quer dizer, eu sou bem a cara das mães que é universitárias. Meu marido defendeu tese de doutorado na França aos 28 anos, eu defendi tese de doutorado no Rio de Janeiro aos 50! Que que tu achas? [risos]

S.: Uhum.

H.: Com toda essa família que eu tô te contando, grande, ampliada, com muita mulher, com participação. Então, você pode ter uma ideia das dificuldades que as mulheres enfrentam pra construir carreiras acadêmicas sólidas. As carreiras acadêmicas feministas, das mulheres, das feministas não, das mulheres é uma carreira da menopausa.

S.: [risos]

H.: Não, e eu tenho pesquisa sobre isso. Isso não precisa falar porque nosso mote é Heleieth, não sou eu.

S.: Uhum.

H.: A Heleieth, pra mim, é a descoberta... me permitiu descobrir a questão feminina. Eu acho, eu diria que esse é o maior mérito que eu... dessa relação que eu mantive com ela ao longo de toda vida. Porque a gente se encontrava muito no Fazendo Gênero, eu frequentei todos, Heleieth também ia. Aqui no Rio, nos seminários que se organizava na universidade, a Heleieth era uma... uma figura. A última vez que eu vi a Heleieth foi no Fazendo Gênero de 2010.

S.: Hum... no último ano de vida dela.

H.: Foi. Ela já tava muito... ela não... ela ficou muito acelerada no final. E ela foi homenageada, a gente organizou, o pessoal da UFSC organizou e nós, eu já estava na Secretaria de Política pras Mulheres. Porque eu fiquei viúva em 2008, meus filhos já tavam tudo grande, eu fui trabalhar com a Nilcéa (Freire). E o Fazendo Gênero era uma coisa que a Secretaria de Política pras Mulheres tinha muito respeito pelo encontro porque era o maior encontro feminista do Brasil, assim da academia.

Porque precisa ter muito claro, ô Samantha, que o feminismo também se manteve ao longo desses 40 anos por conta, eu diria até principalmente, era um feminismo que tinha pretas e brancas, mas a maioria das mulheres eram mulheres brancas por conta da chama que ficou sempre na universidade. Porque a passagem do feminismo pro movimento sindical, primeiro, que as mulheres no movimento sindical também não controlam os sindicatos. Os sindicatos são masculinos! Elas são filiadas aos sindicatos, mas quando você, eu já orientei tese sobre isso, quando você olha, mesmo quando você olha a CUT, o comando sindical são dos homens. E do ponto de vista do trabalho, dos trabalhadores, manter as mulheres serem responsáveis pelo trabalho de cuidado das pessoas, da reprodução da vida, é uma coisa que facilita a vida deles. Não facilita é a vida da gente, mas a deles facilita!

S.: Com certeza. Uhum.

H.: Então, tem essa questão, não vamo discutir agora, mas a Heleieth, quer dizer, na década de 80, na década de 90, na década de 90 sobretudo ela lança o livro acho Capitalismo e Patriarcado [na verdade, se trata do “Gênero Patriarcado Violência”]. Ela avança, eu diria, na... do livro “A

mulher na sociedade de classes: mito e realidade”. A pesquisa dela é uma pesquisa, mesmo quando você lê hoje, depois de 40 anos de feminismos, de pesquisas acadêmicas, e a história, por exemplo, tem muita pesquisa em relação a essas questões, a Heleieth, o livro da Heleieth “A mulher na sociedade de classes: mito e realidade” é uma contribuição seríssimo pra essa discussão. Escrito, como você sabe, em 67. Claro que entre a defesa e a aprovação, quer dizer, ela tava também com o melhor da Sociologia brasileira, né? Ela era orientada pelo Florestan Fernandes! Mas, os homens não sabe nada da gente. Nem ele...

S.: Eh. [risos]

H.: [risos] ...por mais que eles sejam brilhantes, que eles tenham escrito coisas importantíssimas a respeito do, por exemplo, do negro – hoje, por exemplo, faz 134 que a abolição foi assinada –, tudo isso, eles não tem nenhuma sensibilidade pras questões da condição feminina. Então, é preciso mesmo, quer dizer... e é interessante porque eu nunca conversei com a Heleieth porque que foi que ela, como foi que ela construiu esse argumento da sua tese de doutorado com o Florestan. Claro que o Florestan era simpático à coisa dos oprimidos, mas ele não tava, ele tava preocupado com a questão da raça, com a questão de classe!

S.: Uhum.

H.: Porque a questão do feminismo é a questão da sexualidade, é o sexo. A variável do feminismo é sexo. Enquanto que a variável da teoria marxista é a classe, né? Classe social.

S.: Sim.

H.: Então, depois a Heleieth fez o Capitalismo e Patriarcado, discussões de violência, ela dava curso aqui no Rio, mas ela vinha um dia, dois dias e voltava pra São Paulo, entendeu?

S.: Entendi.

H.: A última vez que eu vi a Heleieth foi, portanto, no Fazendo Gênero... e aí logo, em dezembro, ela faleceu. A gente tinha, eu tava acabando de escrever um livro junto com Lourdes Bandeira. Quando nós soubemos lá na SPM que ela tinha falecido, a gente só conseguiu botar uma homenagem a ela no livro. Porque o livro já tava na gráfica, já tava praticamente impresso quando a gente chegou lá correndo porque a gente queria dedicar o livro pra Heleieth, né? A pioneira das pioneiras, tá?

S.: Uhum.

H.: Então, foi... mas, ela tinha... ele já tava impresso, aí o que nós negociamos com a editora foi uma nota que até posso ver se mostro aqui pra ti. [levanta para pegar o livro] É “Tempos e Memórias do Movimento Feminista do Brasil”, sou Lourdes e eu.

S.: Uhum.

H.: Nós fizemos, então, uma nota assim. Não sei se dar pra ver, acho que não dá não, dá? [mostra a nota no livro em homenagem à Heleieth Saffioti]

S.: Ah, dá sim!

H.: Dá?

S.: Uhum. Ah, que legal!

H.: “Tributo à Heleieth Saffioti, 1934-2010. Após a conclusão do projeto gráfico, foi anunciada a morte de Heleieth Saffioti, pioneira das lutas feministas no Brasil a partir da segunda metade do século XX. Seu livro, ‘A mulher na sociedade de classes: mito e realidade’, publicado em 69, é um marco nos estudos acadêmicos sobre as mulheres brasileiras”.

S.: Ai, que lindo!

H.: É a nossa homenagem à... à grande pioneira!

S.: Que bom que deu tempo de vocês colocarem, né?

H.: Pois é, fazer, pelo menos, um tributo, né?

S.: Uhum.

H.: A gráfica não gostou muito não, mas a gente forçou a barra. [risos]

S.: [risos] Hildete, só pra voltar um pouquinho, quando foi, mais ou menos, que vocês se conheceram?

H.: A gente se conheceu no final dos anos 70.

S.: No final dos anos 70. Aí no Rio, né?

H.: No Rio, no Rio.

[falam concomitantemente, trecho incompreensível]

S.: (...) Eu tinha visto que você chegou a fazer duas entrevistas com ela, né? Foi em 2000 e 2008. Eu vi numa nota que você escreveu no CNPq sobre a Heleieth, aí queria que você contasse um pouco como foram essas entrevistas, se você tem esse material ainda, cê lembra um pouco dessas conversas?

H.: Não porque a gente tinha... é diferente quando você olha, quer dizer, nós tínhamos muito pouco material. Quer dizer, eu ainda tive mais problema porque como eu tive problema com os meus arquivos. Porque, na década de 90, em 90 ou 91, eu fui pra Inglaterra. Eu tava na minha pesquisa do meu doutorado, eu defendi doutorado em 93, como eu te falei com 50 anos.

S.: Uhum.

H.: E meu material da UFF, a minha colega que pegou a minha sala enquanto eu tava fazendo doutorado, a minha colega chegou meu material fora.

S.: Gente!

H.: Pois é. Ela já morreu, portanto já não tem mais. E eu não podia fazer nada porque, quando eu voltei que eu procurei todo o meu, os meus cadernos, porque, naquela época, a gente trabalhava com caderno, Samantha.

S.: Uhum.

H.: A gente copiava tudo. Eu ainda tive esses problemas de ficar escondida um tempo e você tinha medo do material que você tinha porque qualquer coisa que você tava escrita podia ser contra, sair contra você, você também se desfazia muito. Por exemplo, além da Heleieth, eu entrevistei todas as mulheres que foram do partido na década de 30.

S.: Hum...

H.: Por exemplo, eu tinha uma entrevista enorme num caderno com uma grevista de 17!

S.: Caramba!

H.: A Elvira Boni. Ela era do Sindicato das Costureiras e Chapeliras.

S.: Que incrível!

H.: Foi tudo embora! Com a (Mariza) Campos da Paz também que é outra, que ficou presa com a Olga Prestes, com a Olga Benário. Porque o marido dela era o médico que examinou a Olga Benário no navio que tava expulsando ela pra Alemanha. Pra te dar uma ideia de quem era a... tudo isso foi embora, entendeu?

S.: Uhum.

H.: Então, a gente... as questões políticas junto com o... levaram de roldão e as possibilidades de qualquer coisa ser prova ser prova contra você, você ficava muito muito sem... com esses arquivos do passado... não tem quase foto se você pensar. A gente tem pouca foto de quando você faz as pesquisas atuais. Hoje, enquanto hoje, tem uma profunda, tem foto até demais porque as pessoas tira até pra, não sei, pra qualquer... pra palitar um dente!

S.: [risos]

H.: Então, isso tudo não, esse material só a memória nossa que... e o que as pessoas escreveram e o que a gente conseguiu escrever sobre... elas ao longo desse tempo. Quer dizer, a Heleieth, a gente sempre se encontrava muito nos encontros feministas, nos Fazendo Gênero, nos encontros da Sociologia. Porque eu sou economista e sou professora de Economia, mas na Economia não era possível fazer nenhuma pesquisa com mulher. Na Economia só é possível fazer pesquisa, não que eu não fizesse, eu fiz! Mas, era à margem da Faculdade de Economia. Quer dizer, eu publiquei a publiquei o primeiro artigo sobre as trabalhadoras domésticas, uma pesquisa que eu fiz em 83, o livro só saiu em oitenta e... é um livro até que saiu nos Estados Unidos, mas nunca saiu no Brasil que é “Muchachas no more”.

S.: Olha só.

H.: Que foi organizado pela Elsa Chaney e pela Mary Castro. A Mary Castro, acho que é do começo dos feminismos, a Mary Castro também foi um, era uma figura na Sociologia. Na Economia, isso não tinha. Os trabalhos de Economia são todos, quer dizer, eu publiquei coisas, a revista da Unicamp já publicou o que, eu diria, é o trabalho seminal sobre a questão da divisão sexual do trabalho quando a gente fez uma proposta de mensuração do PIB em 2007! Portanto, quer dizer, a Economia é a das Ciências Sociais a que foi mais resistente. Na Sociologia, não; eu diria que a Sociologia Heleieth Saffioti é a explosão dos estudos da mulher no Brasil! Não tenha dúvida, se tem uma pioneira é Heleieth Saffioti, né?

S.: Uhum.

H.: Depois, você vai ter a Neuma em seguida, mas a Neuma só vai defender a tese de doutorado dela nos Estados Unidos em 69, por isso que eu atralhei. A Heleieth é primeiro. É a primeira tese de doutorado em Sociologia de uma mulher! Não é só porque é um estudo sobre as mulheres não, é de uma mulher!

S.: Uhum. Isso é muito significativo, né?

H.: Muito. Muito significativo. Eh...

S.: E além desses eventos vocês chegaram ocupar outros espaços políticos, intelectuais em comum? Por exemplo, você falou que você foi do PCB, né? Ela chegou a participar de algum encontro?

H.: Nunca vi.

S.: Nunca viu.

H.: Assim, a Heleieth era uma simpatizante, eu diria, né?

S.: Do PCB?

H.: Como simpatizante com a teoria marxista, mas não com, eu não sei de nada porque a Heleieth tem uma história de vida também bem delicada, né? Não sei se você sabe. Então... ela tinha um grande, ela tinha uma relação muito profunda com o Saffioti.

S.: Uhum.

H.: Isso ela deixava muito antever na sua... ela chamava ele (de) Saffioti, eu achava tão engraçado. [risos]

S.: [risos]

H.: Ela não chamava pelo prenome, chamava “é o Saffioti”, “Saffioti”, “Saffioti”. Era muito engraçado.

S.: Uhum.

H.: Então, não... a Heleieth era muito reservada com relação essa questão. Acho que é por conta da perda do filho, tudo isso, né?

S.: E aí, você acha que esse relacionamento deles interferia nisso de alguma forma? Como é?

H.: Não, não absolutamente! O Saffioti era igual o meu marido. [risos] Era dos feministas também, *avant la lettre*. [risos]

S.: [risos] Uhum, entendi.

H.: Não não, ela falava dele com carinho. “Não porque o Saffioti não sei quê e tals”. Isso ela deixava, ela... na conversa. Mas, a Heleieth era muito focada na questão... na luta ideológica. Muito! Ela não... ela tava sempre afiadíssima pra não deixar passar nada do ponto de vista teórico, entendeu?

S.: Uhum. Por isso que você também não acha que ela participava desses espaços mais políticos. É isso?

H.: Eh, por isso que eu nunca encontrei. Eu era, na realidade, a partir dessas discussões e dos meus percalços com a questão da liberdade democrática, eu fui pro, fiquei dentro do MDB. Na medida em que o partido político que era da oposição era o MDB eu atuava. A Heleieth trabalhava, mas eu não lembro de ter visto a Heleieth nessa luta política. Por exemplo, porque eu trabalhei muito, como eu era do MDB e do PMDB Mulher, com Ruth Escobar porque a gente fazia uma ponte Rio de Janeiro e São Paulo, com Eva Blay, com...

Porque, quando o Montoro foi eleito governador em São Paulo e o Tancredo foi eleito em Minas Gerais, você vai, o feminismo vai dar um passo grande que é a criação dos conselhos estaduais. Que é a primeira intervenção assim de... da luta feminista com feministas dentro do espaço do Estado: o Conselho Estadual de São Paulo e o Conselho Estadual de Minas. É tanto que nós fomos, a gente foi em caravana, eu Branca (Viana), Jacqueline (Pitanguy), pra posse da Eva Blay do Conselho Estadual da Mulher Paulista.

S.: Olha que legal!

H.: Então, a gente tinha, quer dizer, porque também não foi fácil. Porque o feminismo não tava achando... havia uma facção do feminismo que não queria participar dos governos por causa da autonomia do movimento de mulheres. Então, em nome da autonomia, você ia deixar que as políticas públicas eh... essa discussão pegou fogo! De intervenção nas questões de políticas públicas. Eu não me lembro da Heleieth ter tomado muito partido. A Heleieth era muito teórica.

S.: Uhum.

H.: Ela era, extremamente, aguerrida nos conceitos teóricos, na construção de uma abordagem que explicasse a questão da mulher na nossa sociedade, tá?

S.: Uhum. Faz bastante sentido. E várias, eu já conversei com algumas outras pessoas, né, a própria Mary Castro, a Céli...

H.: Ah, cê já entrevistou com a Mary?

S.: Eh, a Céli Pinto...

H.: A Mary é uma pessoa importantíssima na minha vida! Porque ela quem primeiro me empurrou pra fazer um trabalho... em paralelo com a faculdade porque isso é tudo paralelo, né? Na Economia nem adiantava porque a Economia não queria saber disso. Vai, diga.

S.: A Mary é uma mulher incrível, né?

H.: Eh, impressionante.

S.: Impressionante, gostei muito de conversar com ela. A Céli Pinto, conversei com a Amelinha Teles também, e várias delas tem uma desconfiança, não uma desconfiança, mas assim citam que a Heleieth ela tinha aproximação com o PMDB. E aí, você me falando isso que você fazia parte, eu fiquei curiosa de saber se você sabia algo... que algumas falam que ela era simpatizante, se você sabe algo.

H.: Olha, pois é, você tá me perguntando uma coisa que eu não me lembro. Olha que eu era do PMDB Mulher, pesada. Tanto que eu sou conselho, eu fui do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher em 85, tá?

S.: Uhum.

H.: Porque a gente fazia um bom, muita agitação e... junto com Minas Gerais, o pessoal de Minas e o pessoal de São Paulo. Quer dizer, o Nordeste também tinha, mas tinha umas distâncias e as viagens aéreas eram muito caras! Quer dizer, as coisas baratearam e parece que agora de novo avião, andar de avião vai ser uma coisa cara porque os preços tão na estratosfera.

S.: Uhum.

H.: Mas, eu não me lembro da Heleieth, eu me lembro da Heleieth nos congressos feministas. Na militância feminista, entendeu?

S.: Uhum.

H.: Nessas questões e nos congressos científicos que eram pertinentes à área da Sociologia: o Fazendo Gênero e o... não sei porque tá... ah. Do Fazendo Gênero, sobretudo no Fazendo Gênero ao longo do tempo. Tanto que a última aparição dela em público é em 2010.

S.: Uhum.

H.: Mas, ela já tava muito, só aqui pra nós, você não precisa... (suprimir) ela tava muito perturbada, assim, do ponto de vista do foco dela, entendeu?

S.: Uhum.

H.: Eu não sei se ela tava já, assim, um pouco adivinhando que ela tava partindo, entendeu?

S.: Ela não tava muito bem.

H.: Não. Ela falou, ela falou horas, mas ela numa... jogando fumaça, como diz no Nordeste, pela venta.

S.: [risos] Sim.

H.: Entendeu?

S.: Entendi.

H.: Que a gente até ficou tentando sustentar pra... eu me lembro tanto! Tava era Lourdes (Bandeira), eu, pessoal de [palavra inaudível], mas tentando ver como é que a gente conseguia porque ela era a grande homenageada. Houve uma palestra dela que ela era a grande homenageada. Quer dizer, isto que foi interessante porque o Fazendo Gênero 10 fez uma homenagem à Heleieth em vida! Ela usufruiu disso, ela viu o auditório, 400 pessoas, lotado, entendeu? Todos ansiosos por ouvi-la. É bom. É um afago ao ego, é um afago.

S.: Isso é ótimo.

H.: É um reconhecimento a nossa primeira, quer dizer, teórica, né, vamos dizer. Porque as mulheres políticas que fizeram, tipo Bertha (Lutz), sobretudo Bertha, elas têm uma contribuição da luta política pelos direitos civis, pela cidadania, então era uma luta política. A Romi, a luta pela autonomia da mulher casada, quer dizer, o Estatuto da Mulher Casada que não podia trabalhar se o homem não permitisse, o marido. Aí, tem várias mulher que vão se, ao longo da década de XX... desde a proclamação da república, elas tão presente na... gritando, clamando por direitos políticos, civis, por direitos. Agora, reflexões teóricas, tinha algumas romancistas, mas ainda a Sociologia brasileira, a Ciência política, isso tudo vai ter grande desenvolvimento a partir da segunda metade do século XX, né? Até então a gente não tinha uma... então, desse ponto de vista, eu diria que o livro “A mulher na sociedade de classes: mito e realidade” é um livro pioneiro nessa discussão.

S.: Uhum, perfeito. E que legado você acha que ela nos deixa, assim, pras novas gerações?

H.: Ela deixa um legado importante porque ela faz uma análise dentro da sua visão sociológica, um legado dessa história do Brasil. Não só do Brasil, mas ela traz, inclusive, a luta feminista nos Estados Unidos, né? Porque as feministas vão tá presentes já na luta pela abolição, tem uma mistura do feminismo. A luta pelo direito ao voto da mulher e a luta abolicionista como tem no Brasil também. Em geral, as pessoas... essa participação das mulheres na luta abolicionista do Brasil é bastante desconhecida, até por conta de que a parte dos arquivos históricos eles são muito comprometidos porque a gente não consegue colocar a mão neles.

A gente sabe de coisas que aconteceram e tal, por exemplo, de clubes de mulheres pra organizar... arranjar dinheiro pra comprar alforria porque isso foi um movimento grande que aconteceu na década de 80. Clube do Cupim em Pernambuco, você tinha abolicionistas em vários locais. Por exemplo, na Amazônia eu sei porque a minha sogra [risos] trazia essa memória lá de Manaus, então tinha em vários estados. No Ceará, no Crato. Então, esse é um garimpo que vocês da nova geração de pesquisadoras, eu também ainda, mas eu já tô mais pra lá de Marrakech, tá?

S.: [risos]

H.: Tô meio com o pé na cova. [risos] Espero que ainda leve um tempão, tá?

S.: Tem bastante vida ainda. [risos]

H.: Eu espero, eu espero! Com saúde, com saúde.

S.: Uhum.

H.: Então, de qualquer maneira, nós temos pistas, menos documentação histórica. Até porque a história esconde as mulheres! A história da humanidade é uma história que as mulheres só aparecem pra fazer, pra tentar os homens, né? Eva, Pandora, por aí. Nós fazemos malefícios, somos as malditas. Então, eu acho que os livros da Heleieth, quer dizer, a sua referência, da “Mulher na sociedade de classes”, Capitalismo e patriarcado. A Heleieth depois, quer dizer, depois dessa discussão ela também puxa o fio pra discussão da violência.

S.: Uhum.

H.: Então, ela tem os seus trabalhos também, a sua importância, mas eu diria que, pra mim, o significado maior da obra dela tá nessa, a partir da tese de doutorado, é da contribuição pesada que ela faz pro estudo da mulher na sociedade de classes com a questão da classe nessa junção na qual ela faz um grande panorama. Fico impressionada! Tenho impressão que ela fez aquilo sozinha porque eu não acredito que o... sei que o Florestan Fernandes é uma figura importantíssima na Sociologia brasileira, eu tenho o maior respeito o ele. Mas, ele quando escreveu, ele nunca botou mulher nessa jogada, né? Não sei quão...

S.: Uhum.

H.: E ela nunca falou assim de como tinha sido o relacionamento. Como eu tô te dizendo, Heleieth era uma pessoa muito fechada. Ela conversava o tempo inteiro e conversava muito de teoria sociológica, de política e tal, mas, no campo pessoal, ela era mais hermética.

S.: Uhum, entendo.

H.: Embora o Saffioti era patente pra nós que o Saffioti era um homem muito importante e um marido muito liberal. Liberal assim um marido que não temia nenhuma concorrência, nem queria uma mulher pra tomar conta dele.

S.: Uhum, entendi.

H.: Isso pra mim era importante, quer dizer, eu achava extremamente interessante! Era uma pessoa mais velha, era um químico, mas ele era um homem pra frente.

S.: Uhum, era uma outra configuração ali, né?

H.: Era uma outra configuração. Eram poucas configurações que nós mesmos repetimos nos nossos casamentos. Eu só tive um marido, fiquei casada o tempo inteiro, fiquei viúva e choro até hoje. [risos]

S.: Ah...

H.: A Heleieth chegou a chorar, não me lembro não. Acho que o Saffioti não morreu, morreu depois dela eu tenho impressão.

S.: Ele faleceu em 99, faleceu antes.

H.: Ah... ele faleceu 10 anos antes. Engraçado, eu não me lembro. É porque ela já tava muito em São Paulo porque ela era de 37. Não, 34.

S.: 34, isso.

H.: Ela era nove anos mais velha que eu, tá? Eu sou de 43.

S.: Hum. Entendi.

H.: Faz uma diferença, mas eu não me lembro dessa. Então, de Heleieth o que eu posso dizer mais é mostrar essa interação. Eu diria que o livro da Heleieth, quer dizer, sobretudo este o livro de doutorado, ele é marcante pros estudos da mulher no Brasil.

S.: Uhum.

H.: Porque da minha geração em diante, entendeu? Todas nós bebemos da fonte da Heleieth pra pensar a desigualdade, pensar a divisão sexual do trabalho que ainda não tava tão sedimentada assim dessa forma, mas do trabalho pago, do trabalho não pago, entendeu?

S.: Uhum.

H.: Mas, embora ela tivesse muito preocupada com a questão da desigualdade no mundo do trabalho remunerado. Esse outro mundo da dona de casa é o mundo que a gente vai permeando. É tanto que quando ela escreve Capitalismo e Patriarcado ela já tá com a ideia da questão patriarcal, né? Então, ela já deu uma... ela fez um avanço.

S.: Uhum, sim. Hildete, acho que você tá com o horário apertado. Posso te fazer mais uma pergunta?

H.: Pode pode, querida.

S.: Posso? Que lugar que você acha que a Heleieth ocupa hoje no feminismo brasileiro?

H.: Um minuto só. [celular toca]

S.: Claro.

[breve pausa para atender o celular]

H.: Angela, eu tô numa live, eu ligo daqui a pouco, tá? Tá.

S.: Cê quiser atender, fica à vontade, tá?

H.: Não, eu já disse que eu tava numa live ela... eu sei que é trabalho que ela tá me, ela quer alguma coisa que eu faça. [risos]

S.: Uhum. [risos]

H.: Diga. Você disse que eu...

S.: Que lugar que você acha que a Heleieth ocupa hoje no feminismo brasileiro?

H.: [suspiro] Olha, a Heleieth é surpreendente porque a Heleieth mesmo sendo uma pioneira e já pra minha geração, quer dizer, a Heleieth foi quem abriu, arrombou as portas pra nós passarmos. A Heleieth, ainda hoje, ela é uma figura importante pra geração, pros feminismos atuais, tá?

S.: Uhum.

H.: Eu vejo na universidade os livros dela, a escrita dela, a lembrança dela permanece. Quer dizer, depois de 12 anos, praticamente, tem 11 anos e meio – ela morreu em dezembro – que a Heleieth faleceu, a Heleieth ainda é uma figura citada e significativa pros feminismos atuais, tá? Ela permanece. Ela permanece através da sua escrita, da sua contribuição teórica, tá?

S.: Ela vive nos nossos estudos, nas nossas lutas, né? E no campo de estudos, você traz Heleieth? Como é isso pra você?

H.: Trago, trago sempre. No material que a gente, como eu gosto, eu trabalho muito com história da mulher nessa construção de divisão sexual do trabalho e tal porque, como eu sou economista, às vezes tem agora todo... nós não trabalhávamos com o “cuidado”. Esse conceito de cuidado é um conceito que entrou agora, na realidade, ele é o trabalho não pago.

Então, só um... eu resisti muito por causa da história do “care” porque isso era uma ideia americana junto com europeia pra explicar o problema dos cuidados com os idosos. Primeiro, ele surgiu todo nessa discussão mesmo quando a Nadya Guimarães, que é uma precursora aqui tal. Mas, nós, na Economia, isso entrou pesado agora nessa última década, a partir de 2015, eu diria que esse tema agora ele tá... e a gente tem escrito muito e a gente agora resolveu nada de fazer concorrência: cuidado é divisão sexual do trabalho e trabalho não pago, entendeu?

S.: Uhum.

H.: Os cuidados podem ser pagos podem ser feitos por amor. Por amor, a gente já cuida da humanidade há dez mil anos, entendeu?

S.: [risos] Uhum.

H.: Então, é só, tem todo uma... na realidade, você faz a rainha do lar e o cuidado, o amor da sua mãe, tudo isso pra enfeitar um trabalho gratuito que você faz pra todas e todos. Então, isso é a desmistificação. Eu acho que o trabalho da Heleieth ele permite começar a colocar os pilares, os alicerces pra uma discussão mais profunda da questão da invisibilidade.

S.: Uhum. Perfeito. E até tem uma conversa, né, falando sobre a tese dela, algumas... na verdade, foi a Mary que comentou isso de que quando ela tava defendendo a tese dela teve um problema na USP porque jogavam ela prum canto. Falavam que a tese dela era de Economia e aí não podia ser aceita pelo departamento. Aí, jogava pro outro, falava “não”, o departamento de Economia falava: “isso aqui é uma tese sobre Sociologia, a gente não pode aceitar”. Então,

ficava nesse meio do caminho porque eu acho que é uma tese, justamente, que transita entre esses dois campos, né?

H.: Exatamente. Eu não sabia disso não porque a Mary nunca tinha me contado isso não. Eu me dou muito bem com a Mary, eu tenho o maior carinho porque Mary é uma responsável quando me mandou fazer um estudo sobre a trabalhadora doméstica. Não que eu não tivesse preocupada com isso porque no Centro da Mulher Brasileira, em 79, a gente já foi pro Sindicato das Domésticas – não chamava sindicato, chamava Associação dos Trabalhadores Domésticos do Rio de Janeiro – para tentar juntar os esforços, né? Então, essas coisas todas, apesar de ser todas mulheres de classe média educadas, a gente... como eu tinha um pé, vinha de luta social, a gente sabia que tinha que fazer, quer dizer, que todas as mulher tinham que se unir.

Isso é interessante porque depois que eu li a Heleieth, depois conhecendo, estudando, conhecendo um pouco mais Florestan o problema da raça, negro, né, de Florestan que é o livro clássico dele, a “Revolução burguesa” e tal aquelas coisas, eu... ficava me indagando: como o Florestan orientou essa tese da Saffioti? Porque ele não dá nenhuma pista dessas suas preocupações. As preocupações é a preocupação da classe social e da questão de classe, que eu diria, que é a variável principal do marxismo que é classe. Enquanto que pros feminismos a variável é sexo, são as relações de sexo. Entendeu?

S.: Uhum.

H.: Então, isso, eu acho que a Saffioti fez uma costura bem interessante de como fazer as duas coisas e nem ficar mal com ninguém.

S.: Eh, acho que é uma hipótese boa. Tem também uma conversa de que no meio do caminho, né, ele é perseguido e aí ele vai pro Canadá. E aí, o Antonio Candido que continua orientando ela pra ela consiga terminar. Acontece isso também, né? Então, acho que ela deve ter ficado um pouco sozinha nesse processo.

H.: Sim sim. Pois é, eu diria isso, eu diria. Porque Antonio Candido também não vai dar nenhuma pista nas suas obras de estar preocupado com essas questões. É um grande intelectual, mas não tá preocupado com isso. Eu diria que a Saffioti, que a Heleieth ela é uma desbravadora. [risos]

S.: É exatamente.

H.: Ela usou, ela leu, refletiu e colocou uma... ela avançou nos estudos da Sociologia pros Estudos da mulher. Não tenha dúvida! Ela é... o livro, esse livro é o livro pioneiro do Brasil.

S.: Uhum. Foi estabelecendo novas vinculações, né?

H.: Novas, não permitiu construir uma interpretação pra essa questão.

S.: Exato.

H.: E é interessante porque, mesmo ela tando preocupada com a classe social, ela dava todos os elementos pra vocês construir a questão do... que as francesas vão depois colocar com mais precisão, que é a divisão sexual do trabalho, entendeu?

S.: Uhum, sim.

H.: Ela é muito instigante e muito importante, tá, Samanta.

S.: Faz todo sentido, Hildete. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar que as perguntas não abarcaram?

H.: Não não, tá tudo bem porque eu tô apertada com a agenda, me desculpa. Se você precisar de mais alguma coisa, a gente pode... você pode me perguntar e a gente pode conversar de novo, tá, Samantha? Fica à vontade.

S.: Tranquilo. Só queria te perguntar depois se você lembrar de algum nome que eu possa entrevistar que você acha interessante, aí você pode me dizer.

H.: Tá.

S.: Tá? Se você lembrar de alguém. Eu já entrevistei algumas pessoas...

H.: Tem um pessoal de Serviço Social do Rio, mas que foi a promotora que trouxe a Heleieth pro Rio, ela era do Programa de Pós-Graduação, ela vinha dois dias no Rio tal. Ela morreu já a Suely.

S.: Eh.

H.: Eu vou ver com... mas, tinha umas militantes, só que as pessoas também, não é todo mundo que fica na militância, tipo eu, não. Tô há 40 anos, tô sempre! Umas pessoas entraram, saíram. Eu acho que a vida leva cada uma prum lado.

S.: Com certeza.

H.: Eu vou dar uma pensada lá na turma do Serviço Social. Na UFF, a gente tinha uma coisa com, mas as que são, as mais antigas, elas estão meio fora do... a Rachel Soihet, mas ela não, a Heleieth não foi tanto. A Heleieth vinha pra cá pra UFRJ.

S.: Uhum.

H.: E a Suely morreu e, ainda daquela época, eu fui outro dia da banca... a Lilia Pougy não é, tal. Eu vou dar uma sondada, se eu... alguém que fez o curso da Heleieth...

S.: Eh, a Lilia eu vou conversar com ela.

H.: A Lilia Pougy?

S.: Eh, vou conversar com ela.

H.: Era ela que eu ia dizer.

S.: Uhum.

H.: E tem uma outra baixinha chamada Maria... Marilda... como é que é o nome? Uma meia gordinha de lá também que era da época. Eu vou ver se eu me lembro do nome dela, entendeu?

S.: Tranquilo.

H.: Mas, a Lilia deve saber. É uma... vai dizer assim é uma meia gordinha tal, é meio chato. [risos]

S.: [risos] Não tem problema, é uma característica. Mas, Hildete, eu agradeço muito.

H.: E é um prenome no M. Maria...

S.: Tá, eu pergunto pra Lilia.

H.: Tá? Que é dessa época. Porque a Lilia Pougy deve lembrar desses cursos que... a Suely morreu porque a Suely morreu em, ainda morreu primeiro que meu marido, dois mil e, antes que meu marido, 2008.

S.: Uhum.

H.: Eh, porque foi uma morte assim muito... chorada entre as mulheres.

S.: Morreu super jovem, né?

H.: Eh, exatamente. E o pessoal da UFSC. Tem a Mara, acho que você deve entrevistar o pessoal do Fazendo Gênero.

S.: Ahn...

H.: As velhas do Fazendo Gênero.

S.: Legal, vou procurar também.

H.: A Mara (Lago), a... Mara não. Eu vou olhar aqui o nome, vou mandar direito do pessoal mais antigo porque a Joana Pedro, hoje, depois, mas a Joana Pedro é mais nova que a gente, entra um pouquinho depois, entendeu?

S.: Uhum.

H.: Então, o pessoal do Fazendo Gênero... o próprio Jair Zandoná ele lembra perfeitamente, sobretudo do congresso de 2010. Se pudesse, se você tivesse acesso, eu não sei se eles gravaram e tal, mas é a última fala dela eu diria.

S.: Nossa! Seria bem legal.

H.: O Jair Zandoná, tá?

S.: Uhum.

H.: A Miriam Grossi, esse pessoal todo é da... a Claudia (de Lima Costa)... a Mara (Lago) que era o pessoal do Estudos Feministas. Não, era do Fazendo Gênero, que fazia o Fazendo Gênero, Estudo Feministas... se pegar aqui uma das revistas, você já vê o... antiga, mas eu diria que a UFSC é um *locus* interessante porque ela frequentava, ela ia sempre, tá? Eu me lembro bem dela!

S.: Ah, legal.

H.: Mas, os congressos que a gente fez, organizou do... Bertioga e tudo, a documentação a gente não tem.

S.: Não?

H.: Não, que eu saiba não.

S.: Uhum.

H.: Tem assim, tem as lembranças das pessoas, mas a documentação... eu doeie todo o meu material do feminismo até o século XXI pro Arquivo Nacional.

S.: Olha!

H.: É um fundo com o meu nome, Hildete Pereira de Melo, que é meu nome de solteira.

S.: Que legal!

H.: Então, eu doeie muita coisa, o material todo assim de militância.

S.: Uhum.

H.: Eu ainda tenho algumas coisas aqui, mas eu não... mas, eu doeie tudo pra lá porque a gente... a memória da Constituinte, os atos. Quer dizer, a Saffioti ela se caracterizava por ser uma pessoa que frequentava esse tipo de... dos congressos, tá? Saffioti era extremamente engajada com o debate teórico.

S.: Uhum, entendi.

H.: A maior garra dela era de desvendar porque que a ciência sonegava [risos], apagava as mulheres, tá?

S.: Perfeito. Muito obrigada por essas pistas, esses nomes e muito obrigada por essa oportunidade de poder te conhecer, conversar com você. Já te admirava muito antes [risos]...

H.: Imagina, querida.

S.: ...e poder conversar com você é uma satisfação mesmo, poder contar com você pra gente recontar essa história dessa trajetória tão incrível, dessa pessoa tão importante pra nossa luta feminista.

H.: Exatamente. A Heleieth a gente precisa fazer uma estátua!

S.: É uma boa ideia! [risos]

H.: Na USP! [risos]

S.: Magina! A USP pega fogo! [risos] Então, eu vou fazer a transcrição dessa entrevista e depois eu te mando pra você aprovar, ver se você quer que tire alguma coisa e aí depois a gente vai continuar falando.

H.: Tranquilo, eu não quero tirar nada não.

S.: Eh?

H.: Eh, eu não falei...

S.: Tá bom.

H.: ...tudo o que eu falei é público, eu não tenho nada... Heleieth é uma figura impoluta. [risos]

S.: Então, tá perfeito, viu, Hildete?

H.: Tá, um abraço, Samantha.

S.: Um abraço.

H.: Eu vou te mandar no coisa o nome do pessoal lá de Santa Catarina que eu me lembre. De Pernambuco, eu acho que a Betânia, o pessoal do SOS. Você já falou com ela, com a Betânia Ávila?

S.: Ainda não, eu mandei e-mail pra ela, mas ela ainda não respondeu. Se você tiver um e-mail dela que eu consiga falar mais fácil, eu agradeço.

H.: Tá, eu tenho, eu tenho e-mail e tenho o telefone dela. Eu te passo.

S.: Ah, tá bom.

H.: A Betânia em Pernambuco... as da Bahia, a Ana Alice morreu, então tem a...

S.: Tem a Cecília que tô marcando.

H.: ...a Cecília, a Cecília Sardenberg. A Cecília e a Ana era... são as pioneiras lá da Bahia, tá?

S.: Uhum. A Cecília eu já tô agendando com ela também.

H.: A Lourdes Bandeira morreu, foi uma pena.

S.: Sim, uma grande perda, né?

H.: De Brasília... a outra também, a Mireya (Suarez) também morreu, a Rose morreu. A gente vai ficando velha e vai partindo. [risos]

S.: Sim, faz parte do movimento...

H.: Do Ceará, tinha a Gema (Galgani). Tinha a Luisa lá do Pará, mas a Luisa do Pará é bem mais velha que eu, mas acho que ela tava viva, não acho que ela tá morta não.

S.: Uhum.

H.: E tinha o pessoal da Paraíba, mas o pessoal da Paraíba é... já é uma geração que é mais nova que eu, as que tão lá hoje, né? Eulina (Pessoa)... eu acho que a Heleieth também andou pela Paraíba. Pernambuco, Paraíba. Todo o Brasil admirava a Heleieth! As meninas feministas que tavam, que sempre tinham um lado na universidade e outro lado na militância, (pra) todo mundo, a Heleieth era um ícone pra todas nós, tá?

S.: Uhum, isso é muito interessante de ver. [risos] Muito obrigada, viu, Hildete?

H.: Até logo, Samantha.

S.: Até, bom final de semana pra você, viu?

H.: Pra você também, querida.

S.: Tchau!

[Fim da gravação]

Local: Google Meet (ambiente virtual)

Data: 19/05/2022

Entrevistadora: Samantha Camacam (S.)

Entrevistada: Maria Moraes (M.)

Duração: 01:38:41

[Início da gravação]

S.: Pronto, começou. Então, só pra gente começar, só pra explicar nossa dinâmica vai ser bastante livre, né? A gente tem o roteiro pra nos orientar, mas a gente não precisa ficar preso a ele. Meu objetivo é bem mais que a gente converse sobre essas histórias, essas narrativas que amarram as trajetórias de vocês. Então, você bastante livre pra falar sobre temas, inclusive, que eu não consegui alcançar com as perguntas, tá bom? Eh, então pra gente começar, professora, queria que você pudesse falar um pouquinho de como que foi a sua história com a Heleieth Saffioti.

M.: Então, como eu já disse em outros momentos, eu conheci a Heleieth em 1964. Foi o ano do golpe e o ano em que eu comecei a graduação em Ciências Sociais na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. E fui aluna dela durante os quatro anos de graduação porque ela ministrava Sociologia em todos os anos, então tive essa oportunidade não só de conhecê-la, como também de receber dela os ensinamentos e a formação básica bastante importante da Sociologia. Então, foi desde então que eu conheci a Heleieth, portanto e até a morte, né? Então, foram muitos anos aí de contato.

S.: Uhum. E você conheceu esse lado enquanto professora que é um lado pouco falado, pouco conhecido. Como que era essa relação do ponto de vista, do seu ponto de vista como estudante? Como que era ela como professora diante dos alunos? Como que era essa relação?

M.: Olha, a Heleieth, apesar dela ser uma pessoa que, aparentemente, ela se distanciava dos alunos, era apenas uma aparência. Ao contrário, ela era muito próxima de nós, era muito próxima. Ela tinha toda aquela aparência assim de distanciamento, mas, na verdade, não era isso que acontecia. Ela era bastante rigorosa, muito rigorosa! Ela era infalível em relação ao horário das aulas por exemplo. A aula, geralmente, começava às oito horas; às oito horas em ponto, a Heleieth entrava na sala de aula. Ela dava intervalo às dez horas, 10h15 ela já estava de volta e ia até meio dia. Então, era muito rigorosa! Você percebia que ela preparava todas as aulas, não ia lá só pra... conversar sobre outros assuntos muito pelo contrário. Ela tinha, portanto, uma sistemática... que era voltada, principalmente, para a nossa formação.

S.: Uhum.

M.: Eu, hoje, posso avaliar assim. Ela tinha, realmente, uma preocupação muito grande com a nossa formação. Então, nesse sentido, alivia o rigor, a competência, sem dúvida alguma, e era uma excelente professora! Tinha uma excelente didática, ela sabia, realmente, transmitir o conhecimento que ela nos passava. Então, eu posso dizer que, do ponto de vista da docência, a Heleieth cumpria, assim, o seu papel da melhor maneira possível da mesma forma que ela cumpria o seu papel enquanto pesquisadora e também enquanto militante, enquanto ativista. Eu

tenho impressão que a Heleieth foi, realmente, uma pessoa... integral eu diria. Não vejo assim nenhuma falha dela se eu pensar nesses vários aspectos.

Agora, ela era rigorosa, era bastante rigorosa. Correção das provas, ela corrigia o português, entende? Eram provas dissertativas, poucos seminários. Não era aquela professora que chegava no primeiro dia de aula e já distribuía seminários até o final, não era isso. Nós dávamos seminários, mas, geralmente, depois das férias. Então, isso significava que a gente tinha um trabalho a fazer durante as férias, geralmente, o mês de julho. Então, ela passava alguns textos, quer dizer, texto tô falando em livros e distribuía esses livros e aí no começo de agosto nós fazíamos o seminário. Mas, era só isso e depois as aulas dela na sua grande maioria eram aulas expositivas. Então, posso dizer que, realmente, eram excelentes aulas. Eu posso te afirmar que foi um privilégio tê-la enquanto professora, principalmente, nesse momento da minha formação.

S.: Uhum. Isso tudo num contexto político muito complexo, né?

M.: Sim, um contexto político complexo, um contexto político perigoso porque era o momento da repressão, era o momento dos desaparecimentos de professores, de aposentadorias compulsórias. Então, eu sentia que a Heleieth, tanto ela, quanto o professor Saffioti, eles... estavam ali numa corda bamba, eu diria, entende? Porque todos nós sabíamos do posicionamento político deles e é claro que a ditadura também. Agora, de forma nenhuma ela deixou, por exemplo, de nos ensinar Marx, entende? Eu aprendi Marx, li Marx pela primeira vez nas aulas dela. Então, ela dava uma Sociologia... Clássica, dos clássicos, inclusive o próprio Marx, ela nunca deixou de dar, entendeu?

S.: Uhum.

M.: Mas, era, sem dúvida alguma, um momento muito difícil e, às vezes, eu até me pergunto como foi possível? Como foi possível tanto pra ela, quanto pro professor Saffioti terem sobrevivido naqueles momentos tão complicados. Só pra você ter uma ideia, na minha turma, nós entramos em 30 alunos; no meio do ano, nós éramos seis apenas.

S.: Nossa!

M.: 24... desistiram. E boa parte dessas desistências se deveu ao medo que os pais tinham que os filhos fizessem o curso de Ciências Sociais em razão da situação política do país.

S.: Nossa! É muito... essa história do nosso país ela... ainda dói muito, né, na pele de quem viveu e ela ainda sangra, né? Eu imagino.

M.: Sem dúvida, sem dúvida. E sobretudo, a Faculdade de Filosofia de Araraquara era muito visada, era muito visada porque havia muitos professores ali... professores que foram perseguidos inclusive. O próprio professor Paul Singer, não sei se eu já te contei a história do professora Paul Singer.

S.: Não.

M.: Ele estava ministrando uma disciplina no segundo ano, uma disciplina de Economia, Economia Política Brasileira, e eu me lembro dessa cena perfeitamente! Então, ele estava

ministrando, dando aula e, num determinado momento, entrou uma pessoa, falou alguma coisa ao ouvido dele e, em seguida, os dois saíram pela janela.

S.: Durante a aula?

M.: Durante a aula. E logo em seguida nós saímos e vimos os militares na frente do prédio da escola, entendeu?

S.: Uhum.

M.: Então, só pra você ter uma ideia de como era. Aí, na sequência, veio o professor Calil Padis, pra substituí-lo, que era assistente dele, e o professor Pedro Calil Padis ficou muito pouco tempo também porque foi perseguido. O... Calil foi pra França e se tornou o diretor do IEDES (*Instituto du développement économique et social*) onde depois, mais tarde, eu estudei, fiz mestrado e doutorado lá.

S.: Uhum.

M.: Então, era essa situação. Professor de Antropologia, nós tínhamos poucos professores ali. Então, começava com um professor, de repente, o professor não aparecia mais. E um detalhe: a Heleieth, muitas vezes, assumia essas aulas. Então, além das aulas da Sociologia, da disciplina dela, ela procurava também assumir essas aulas para que nós não ficássemos prejudicados. Entende?

S.: Uhum.

M.: Então, aula de Antropologia mesmo eu acho que ela assumiu em dois momentos por conta dessas perseguições.

S.: E como que era isso pra vocês? De repente, o professor sai pela janela, vocês não têm mais professores...

M.: Então, era uma instabilidade muito grande e aquilo de sentir na carne, na alma o que é o medo, entende? Era uma situação de medo e de terror. Em 1965, entraram quatro militares no curso de Ciências Sociais e eles assistiam às aulas fardados. Eles faziam questão de irem fardados, eles não tinham nenhuma preocupação de disfarce. Quatro! [suspiro] Imagina você a Heleieth dando aula pra essa gente. E ela dava! Mesmo programa que ela dava pra nós, ela dava pra eles também. Mas, era assim eles ficavam o tempo todo nos olhando; quando nós íamos à biblioteca, eles procuraram saber o que a gente estava lendo, entende? Então... era... foi um momento muito... muito difícil. Sempre assim com muito medo, muito medo.

S.: Uhum.

M.: E sem contar que havia também no curso de Ciências Sociais uma pessoa que era informante do SNI (Serviço Nacional de Informações) que nós depois ficamos sabendo também. Que era uma pessoa ligada a esses militares.

S.: Gente! Tudo isso acontecendo em Araraquara, né?

M.: Em Araraquara. Mas, Araraquara, assim como São Carlos, Ribeirão Preto, Piracicaba eram cidades que formavam um polígono de muita resistência à ditadura militar, não só pelos professores, como também pelos alunos. Então, muitos alunos eram lideranças da UNE, por exemplo, da UEE. E... então, por isso que havia toda essa repressão, entende?

S.: Uhum.

M.: Naquele momento, não era só você pensar a repressão em São Paulo na USP de São Paulo, não era só. O interior tinha... uma... sofria os efeitos desse momento político desastroso pra nós. Era isso. Era, por exemplo, vários professores da Medicina de Ribeirão, professores de Piracicaba da Esalq, professores aqui de Araraquara. Então, era isso, era Ribeirão... e de São Carlos, da Engenharia de São Carlos que, naquele momento, não era USP ainda São Carlos era uma escola isolada de Engenharia.

S.: Uhum. Então, de alguma forma, vocês também se pegaram à Heleieth...

M.: Sem dúvida.

S.: ...nessa figura da professora que fica, né?

M.: É a professora que fica, aquela que te inspira confiança, que, até certo ponto, te serve como modelo pra você enfrentar os seus medos e assim por diante, entende?

S.: Uhum.

M.: E, pra ela, era, talvez, mais fácil pelo fato dela ficar, dela morar, resistir em Araraquara. Porque muitos desses professores eles residiam em São Paulo, então eles vinham pra Araraquara toda semana pras aulas. Vinham, inclusive, viajavam de trem de São Paulo pra Araraquara.

S.: Nossa!

M.: Eh, então eram esses os professores, em geral, que foram perseguidos. Agora, a Heleieth e alguns outros residiam em Araraquara.

S.: Uhum. E aí, você sabe se ela sofreu perseguição? Tem a conversa da banca, né, de livre docência que ela fala em entrevistas, mas além da história da banca você vivenciou, presenciou alguma coisa além disso?

M.: Olha, eu nunca presenciei. Eu tenho impressão, é a minha análise, que a Heleieth e o Saffioti eles não foram, eles não sofreram uma aposentadoria ou mesmo uma perseguição maior porque a ditadura, até certo ponto, ela sabia onde atuar. Então, por exemplo, o curso de Química em Araraquara ele existia por conta do professor Saffioti. Foi ele quem criou o curso de Química e, sem dúvida alguma, se ele saísse dali, ia acabar o curso de Química. E dentro dessa política desenvolvimentista dos militares, a Química era uma profissão extremamente importante e necessária. Não havia químicos no país.

S.: Uhum.

M.: Só pra você ter uma ideia, meu marido foi formado lá e, assim que ele se formou, ele trabalhou um ano aqui em São Carlo enquanto professor de cursinho e depois ele começou a dar aula na UFSCar! Porque a UFSCar foi criada e não tinha professor de Química, entendeu? Então, ele foi direito pra UFSCar! Um... um recém graduado, né? Não tinha mestrado, não tinha doutorado, não tinha nada, tá?

S.: Uhum.

M.: Então, eu tenho a impressão que aqui havia uma... um planejamento, entende? Quer dizer, até que ponto retirar o professor, perseguir o professor Saffioti isso não resultaria em danos maiores pra ditadura, então “vamos deixá-lo ali e vamos ver o que fazer com que eles fiquem, minimamente, comportados”, digamos assim, sabe?

S.: Uhum.

M.: Eu tenho a impressão que... aconteceu isso, aconteceu isso na minha análise.

S.: Faz muito sentido.

M.: Uma estratégia. Porque a Sociologia, realmente, poderia ser banida, mas a Química não. Entende? Pra eles, a Sociologia poderia ser banida, mas não a Química.

S.: Faz sentido.

M.: Então, eu tenho a impressão que isso, até certo ponto, faz um certo sentido. Mas, isso não quer dizer que eles tenham deixado de cumprir com suas devidas obrigações, né? Isso jamais!

S.: Uhum. Entendi. E aí, você se formou em 67, isso?

M.: Eh, terminei em 67, aí o diploma foi expedido em 68. Em 67, no começo de 67, a Heleieth defendeu a livre-docência dela. Que foi um momento, pra nós assim, de extrema alegria porque nós presenciamos esse momento, né? Foi tão importante pra carreira dela. Mas, aí você conhece já toda aquela história da defesa, do imbróglio, da mudança dos participantes da banca. Então, por ali, você pode verificar o quanto de ingerência política desses militares havia nas universidades.

Inclusive, não só nesse momento, mas um pouquinho mais tarde quando ela criou o curso de pós-graduação, ela teve que mudar o nome. A disciplina que ela dava na pós-graduação era Sociologia do Desenvolvimento que não tinha nada de Sociologia do Desenvolvimento! Na realidade, era um curso sobre Marx, mas ela teve que botar esse título pra que... o Conselho Estadual de Educação – porque, naquela época, era o Conselho Estadual de Educação, não era CAPES ainda – aprovasse. Entende?

S.: Uhum.

M.: Então, havia, realmente, uma ingerência... direta do conteúdo das disciplinas, dos nomes das disciplinas, dos concursos e tudo mais. A ingerência era em toda estrutura acadêmica, toda estrutura acadêmica. E era algo que se estendia também ao ensino médio, certo? Quer dizer,

toda educação brasileira passou por esse processo de reestruturação, de mudança e de controle, certo?

S.: Uhum.

M.: Então, e eu comecei a dar aula no ensino médio... e aí, havia uma disciplina que chamava Estudos Sociais. Então, antes havia Sociologia e Filosofia, se tiraram, né? E aí... criaram essa disciplina com essa denominação, “Estudos Sociais”, e eu ministrava essa disciplina porque era formada em Ciências Sociais. Mas... da mesma forma que eu dava aula nessa disciplina, um geógrafo também podia dar, um historiador podia dar ou alguém da Filosofia também. Não era só, especificamente, dos formados em Ciências Sociais. Então, veja você que essa mudança curricular atingiu, quer dizer, todos os níveis da educação com a ditadura.

S.: Uhum.

M.: E eu estava, eu tô lendo um livro que depois eu posso falar mais pra você a respeito, tô bem no começo, não sei se você vê aqui, dá pra você ver? [mostra o livro “Agro, ditadura e universidade: Esalq-USP e a modernização conservadora (1964 a 1985) de Rodrigo Sarruge Molina]

S.: Sim.

M.: Esse livro é “Agro, ditadura e universidade” é sobre a Esalq.

S.: Hum, que bacana.

M.: É muito interessante! Porque o autor defendeu uma tese... que ele fez na Unicamp, uma tese na área da Educação, e ele mostrou a influência não só dos militares, como também da... dos Estados Unidos, principalmente, daquele órgão dos Estados Unidos chamado USAID, né?

S.: Uhum.

M.: De todos acordos MEC/USAID e foi através desse acordo que houve toda essa mudança na estrutura curricular. E aqui tem uma foto, só pra você ter uma ideia, não sei se você vê...

S.: Sim.

M.: ...nessa foto aqui, você pode ver, aqui, esse aqui é o Médici.

S.: Hum...

M.: Entendeu? E esse é o Laudo Natel que era governo do estado. E esses daqui são os membros da Esalq, os professores, diretores, entende?

S.: Uhum.

M.: Então, aqui pela foto, você já vai observando o que significou isso aqui. E é muito interessante esse livro pra mostrar o seguinte: que a implantação da chamada revolução verde se deu através da Esalq, entende? Com essa influência dos americanos e dos militares. Então,

por exemplo, várias turmas de alunos tiveram como paraninfo e patrono os militares, inclusive, Geisel.

S.: Caramba!

M.: Entendeu? Então, um conluio ali, conluio mesmo, certo? A palavra. Entre a ditadura, a universidade e os Estados Unidos, certo?

S.: Uhum.

M.: Então, isso que acontece na agricultura brasileira, durante a ditadura, o chamado “milagre brasileiro”, a “modernização conservadora”, enfim, tudo isso se deveu a esse... plano instaurado na Esalq de que cabeça você vai formar, que tipo de aluno você vai formar e que professor também deverá estar ali. Certo? Inclusive, o autor do livro ele faz uma homenagem final a um aluno que foi assassino, aluno da Esalq, que foi assassinado que é esse aqui ó. [mostra uma ilustração no livro] Luiz Hirata.

S.: Luiz Hirata.

M.: Luiz Hirata. Entende? Inclusive, tem uma frente de defesa da democracia chamada Luiz Hirada lá na própria Esalq.

S.: Nossa, que emocionante. Uhum.

M.: Eh, então veja você que, quando você falou “nossa, em Araraquara”, só pra você saber que aqui, realmente, era uma... era... havia, sem dúvida alguma, um movimento expressivo de resistência à ditadura.

S.: Uhum.

M.: Tanto é que Pirassununga a aeronáutica veio pra Pirassununga, foi depois disso, certo? Então, eles colocaram ali um polo da aeronáutica pra facilitar esse controle sobre as universidades.

S.: É muito interessante isso. Quando a gente vai estudar a história do movimento estudantil, né? A história de resistência durante a ditadura e como que isso também se conecta, né, com a história até da formação da própria Unesp, né? Que é a universidade da onde eu também venho, isso respinga até na própria arquitetura, né? A ditadura ela vive ainda na arquitetura da universidade. Por exemplo, em Assis, não sei se a senhora se lembra como é ela, não sei se a senhora já foi lá.

M.: Conheço.

S.: Conhece? Os prédios lá de Assis eh... as salas de aulas têm buraquinhos assim nas partes de cima que era por onde os militares passavam durante as aulas pra ficarem ouvindo que tipo de assunto que os professores falavam. Então, isso perpassam todo esse interior, né? Eu falei “nossa, Araraquara” porque, justamente, é uma história que não é tão dita, né? A gente olha pra essa... essa história do movimento de resistência sempre localizado nas capitais.

M.: Eh, e não é só nas capitais.

S.: E não é só, tanto é que a USP funcionava antes, pelo menos o curso de Ciências Sociais, funcionava ali na Maria Antônia. Depois disso, cê viu pra onde foi a USP.

S.: Uhum.

M.: Também pra tirar do centro, pra colocar em lugares mais isolados. O que que são esses campus ou campi? É um isolamento espacial.

S.: Sim.

M.: Você observa que as universidades elas tão fora da cidade. Aqui São Carlos, a própria UFSCar, ela tá fora! Tá fora da cidade. Cê vê lá a FCL de Araraquara também, entende?

S.: Uhum.

M.: Então, esse controle também partiu dessa orientação que veio desse acordo MEC/USAID. Não era só pra influenciar nos currículos, na estrutura curricular, na criação dos departamentos. Porque, antes, não havia os departamentos, havia o professor com seus assistentes do catedrático. Então, tudo isso se desmantelou e você passa a ter essa departamentalização do conhecimento, quer dizer, a especialização do conhecimento e a separação. Então, isso tudo, sem dúvida alguma, foi um processo terrível que aconteceu. Então, quando você dentro dessa estrutura – estrutura de poder, estrutura de controle –, você imagina como é que esses professores vivenciaram tudo isso, né? Então, não só os professores, como também nós alunos. A dificuldade era, sem dúvida alguma, muito grande. Acabei de mostrar a foto de um aluno que foi assassinado. Nós tínhamos aí uma das lideranças da UNE era da Odontologia de Araraquara e que também desapareceu.

S.: Uhum.

M.: Eram os desaparecidos. [breve silêncio] Ribeirão Preto também, a Faculdade de Medicina, perseguição de médicos, professores. Muitos tiveram que deixar o país nesse momento.

S.: Não foram só os professores, né?

M.: Não.

[breve silêncio]

S.: Mas, muito interessante esse livro. E tem tudo a ver com o que você tava falando sobre a questão do ensino médio, da... do nome da disciplina, na verdade, não o nome, mas a mudança curricular que você passou com essa disciplina e também a descaracterização dos profissionais que dão aquela disciplina. É um pouco do que a gente também vive hoje, né?

M.: Eh. No caso, no meu caso, eu não tinha como... ser uma professora... permanente. Eu não tinha como prestar concurso, então eu era contratada à título precário, era assim que aparecia [risos] na minha (carteira).

S.: [risos]

M.: Então, essa coisa do precário – é que hoje a gente sabe, “que os trabalhadores são precarizados” e tal –, mas o meu é por escrito.

S.: O seu era um título. [risos]

M.: Eh, exatamente. Então, era temporário, a cada ano terminava e, depois se houvesse a oportunidade no próximo ano, eu poderia voltar. Mas, isso se não aparecesse alguém da História por exemplo, né? Poderia prestar concurso. No nosso caso, não havia concurso. Não havia concurso pra ninguém das Ciências Sociais.

S.: Olha só.

M.: Sem concurso, sem concurso.

S.: E isso foi já em São Carlos? Você se formou e foi pra Carlos?

M.: Aí, antes, eu fui, aliás, quando eu estava ainda no quarto ano, eu comecei a dar aula, no quarto ano. E aí, eu dava aula numa cidadezinha chamada Dobrada que é ao lado de Araraquara, então eu dava aula lá. Geografia até, mas também nessa situação super precária. Era à noite, eu ia com os professores e dava, acho que, duas aulas por semana ou quatro, não sei, pouca coisa. E depois, eu vim pra São Carlos no (Escola Estadual) Álvaro Guião, aí era muito pesado! Eram 32 aulas! Então, eu trabalhava de manhã e à noite, eu dava todas as turmas do ensino médio. Foi bastante tempo.

S.: Uhum. E aí, durante esse período, você e a Heleieth continuaram alguma relação?

M.: Sim, a gente se visitava... não com muita frequência, mas a gente se visitava e mesmo porque foi um período também muito atropelado porque eu tive os filhos nessa época, trabalhando muito. Depois, meu marido começou a trabalhar na UFSCar, fazer o mestrado junto com as atividades ali da universidade enfim. A gente acabou se... se distanciando um pouco, mas, volta e meia, nós nos encontrávamos. Inclusive, quando eu fui pra França antes eu conversei bastante com ela pra saber o que que ela poderia me indicar lá na França e tudo mais, entende?

S.: Uhum.

M.: Então, na verdade, a gente nunca perdeu assim o contato, né? Ah, e houve também, nesse período, que ela deu um curso de especialização em Araraquara e eu fiz esse curso. Era aos sábados, uma vez por semana, então, durante um ano eu fiz esse curso de especialização com ela.

S.: Era especialização em quê? Cê lembra?

M.: Não lembro o nome, mas... eu me lembro assim que nós lemos assim os autores... bastante importantes que estavam saindo naquele momento. E até autores que, na verdade, hoje, estão sendo lidos, relidos e estão sendo caracterizados como autores decoloniais. Por exemplo, Albert Memmi, eu me lembro que nós lemos esse livro todo durante o curso que ela deu. Eu acho que o (Frantz) Fanon também nós lemos, então autores assim que, hoje, estão sendo retomados dentro dessa perspectiva dos decoloniais e ela ministrou esse curso com esses autores lá atrás.

S.: Olha, que interessante!

M.: Foi bem interessante. Esse autor Albert Memmi é um argelino e ele tem um livro muito interessante que é... que se chama “O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador”, entendeu? Então, trabalha nessa contradição, nessa ambivalência do que é ser colonizado, do colonizado. Que é, mais ou menos, a linha do Fanon, aquele “Peles negras, máscaras brancas”, né?

S.: Uhum.

M.: É um livro que lemos também nesse curso.

S.: Uhum. Uma coisa que eu fico me perguntando, Maria, eh... durante as aulas ou nesse momento que vocês se aproximaram, a questão do ser mulher, do feminismo aparecia nessa relação? Como era?

M.: Olha, a Heleieth, como eu disse a você, ela tinha uma preocupação muito grande com a formação. Então, ela nunca assim dirigia só pra questão de gênero, sabe? Pra falar do feminismo. É claro que isso perpassava as aulas dela, mas nunca era só isso.

S.: Claro.

M.: Então, esse... eu me lembro bem da... do curso que ela deu e, até mesmo quando eu retomo “A mulher na sociedade de classes”, quer dizer, todo aquele apanhado da Sociologia, todos aqueles autores que ela menciona da Sociologia americana, mesmo da Sociologia europeia – no caso ali, da alemã, da francesa –, todos aqueles autores nós estudávamos com ela, entendeu? Todos! Todos todos todos todos todos.

S.: Uhum.

M.: Então, veja bem, esse curso de especialização mesmo não foi especificamente sobre feminismo, né? Então, a Heleieth acho que ela teve essa marca de fazer com que, realmente, tivesse uma preocupação com a formação. E é claro que a questão do feminismo aparecia. Eu acho que eu também tenho essa preocupação. Eu, quando eu dou um curso, eu não fico só falando do rural, sabe? Quer dizer, se for pra dar um curso, vamos supor... sobre memória e sociedade vou falar sobre isso, não vou ficar falando só sobre o rural, mas é claro que o rural, em vários momentos, vai aparecer.

[breve silêncio]

S.: Porque é o campo pelo qual você se constitui também como pesquisadora, né? Inevitavelmente, ele aparece, né? Emerge como... referência, né?

M.: Sim sim.

S.: E como que foi essa descoberta, não sei, bom, quando que você passou a ler a Heleieth? Como que foi essa relação sua, dela enquanto autora?

M.: Olha, eu acho que logo que ela defendeu a tese, logo em seguida, o livro foi publicado e ali eu já comprei o livro e li o livro dela.

S.: Uhum.

M.: Bem... bem no início, bem no início. Assim que o livro foi publicado, eu li o livro. Assim depois, “O poder do macho”, a mesma coisa e toda a sequência de textos dela e de livros. Esse “O poder do macho”, eu não sei se eu já falei com você, mas caso você se interesse um dia eu te mostro, eu tenho uma cópia... do texto datilografado.

S.: Hum, verdade, cê comentou.

M.: Comentei, né? Então, eu li “O poder do macho” antes dele ir pra gráfica, pra editora. Ela me deu a cópia, eu tenho a cópia datilografada. Tem aquele outro livro que ela discute a questão do galinheiro, lembra? Que foi um livro assim que ela fez, especificamente, pra uma editora... sobretudo do... pra livros destinados ao ensino médio, paradidáticos, aquela coleção de paradidáticos. Esse texto também eu tenho datilografado por ela.

S.: Olha só!

M.: Do galinheiro, referente à questão do galinheiro [palavra inaudível] da galinha número nove, dez até a última. [risos]

S.: [risos]

M.: [palavra inaudível] (...) criação dela, isto é, explicar o poder, né?

S.: Uhum.

M.: Mostrar que não é só o galo que tem o poder, mas as várias galinhas têm o poder também. É muito interessante. Esse livro eu acho incrível! É de uma imaginação muito grande.

S.: Então, vocês chegaram a trocar, escrever juntas, né?

M.: Não.

S.: Tinha esse espaço assim de troca?

M.: Eu nunca publiquei nada com ela. Não publiquei.

S.: Uhum.

M.: Eu tinha... eu tinha essa preocupação assim sempre em estar lendo aquilo que ela escrevia, mas nunca cheguei a publicar nada com ela. Participei daquela pesquisa que ela desenvolveu junto com a Vera Botta sobre as trabalhadoras rurais. Ela publicou, acho que, um artigo, eu tenho o relatório inclusive que elas fizeram. Acho que foi em 88 ou 87 que elas publicaram o relatório, eu tenho esse relatório. Então, mas eu trabalhei nessa pesquisa, como pesquisadora. Eu era aluna.

S.: Como foi?

M.: Ah, foi interessante. Era... não, não foi nessa pesquisa sobre trabalhadoras rurais não. Foi uma pesquisa sobre o emprego doméstico em Araraquara. Foi exatamente aí: o emprego doméstico. Depois, ela publicou logo em seguida um livro sobre isso, assim que ela defendeu a livre-docência, publicou o livro e depois ela publicou esse livro. Mas, essa pesquisa ela já fez também durante esse período que eu fui aluna dela. Eu participei aplicando questionários, eram questionários. Certo? Lá em Araraquara mesmo.

S.: É o... “Profissionalização feminina”, não é?

M.: Eu não...

S.: Eu já... eu já li ele datilografado. Tem ele lá na biblioteca de Araraquara.

M.: Eh, eu não me lembro o nome, mas era sobre o trabalho doméstico.

S.: Uhum.

M.: Então, eu fui aluna e... e aí, foi a primeira vez que eu fui a campo, digamos. Mas, era um questionário, me lembro que não eram perguntas abertas, eram perguntas fechadas sobre o trabalho doméstico.

S.: Uhum. Então, foi sua entrada também no... no campo da ciência assim enquanto cientista.

M.: Pra entender um pouco como era esse empírico, digamos. E as aulas eram muito teóricas, basicamente teóricas. Então, que... como proceder em campo, como fazer um questionário, como proceder... como fazer as perguntas, como abordar as pessoas e tudo mais.

S.: Uhum. Interessante! E até no prefácio que a Heleieth escreveu do seu livro ela fala que você foi muito habilidosa em articular o nó das relações sociais, né? Aí já um pouco adiante, mas dá pra ver quanto tem nas trajetórias de vocês essa influência mútua. Agora, você dizendo que também sua primeira experiência como pesquisadora nasce daí também, né?

M.: Claro, ah sim.

[falam concomitantemente, trecho incompreensível]

M.: Não, pode falar.

S.: Pode falar.

M.: Não, então, depois aí quando eu fiz a minha livre-docência e fiz a pesquisa, quer dizer, essa preocupação com essas três categorias de classe, raça e gênero... raça/etnia e gênero. Então, os últimos capítulos do livro vão se referir, exatamente, a isso, a essa temática, essa... essa interseccionalidade entre essas categorias, o nó. Então, eu acho que, realmente, eu consegui dar conta do que ela tava explicando [risos] enquanto nó. Aquela coisa das pontas: uma hora, uma ponta que você puxa; outra hora, menos.

S.: Uhum.

M.: Isso tudo foi possível perceber com uma clareza muito grande ali nas entrevistas. Então, ora, por exemplo, a identidade da mulher, a identidade de gênero era mais forte; uma outra hora, era a identidade de classe; outra hora, de raça e etnia enfim. Acho que isso ficou muito claro pra mim ali na escolha daquelas entrevistas e, sobretudo, pensando nas trajetórias daquelas mulheres. Acho que ficou sim bastante claro.

S.: Uhum. E como que você se relaciona hoje, né, vendo... tanto tempo já se passou, vendo sua obra em retrospecto, como que você se relaciona hoje com essas noções legou, talvez, pra sua trajetória, pra sua vida, como o nó, o patriarcado?

M.: Olha, Samantha, eu acho que tem uma atualidade incrível essas... esses conceitos, essas noções que foram criadas por ela. Porque o nó eu acho que tá aí eu acho que tá aí em toda essa discussão de interseccionalidade, consubstancialidade, enfim, tudo isso que o pessoal vem discutindo a respeito. Então, eu acho que, desde 88, quando nós organizamos... será que 88? 88, 90, por aí, nós organizamos um seminário lá em Araraquara era pra discutir a questão de gênero, a questão de classe, essa questão da interseccionalidade e a Heleieth escreveu aquele artigo “Rearticulando gênero, classe e raça/etnia”. Foi a primeira publicação dela que tá naquele livro que a gente publicou em Araraquara mesmo, pela gráfica de Araraquara, que é a “Mulher em seis tempos”. Não sei se cê conhece esse livro.

S.: Sim, eu tenho ele aqui ó, vou te mostrar também. [mostra o livro “Mulher em seis tempos”]
[risos]

M.: Eh, exatamente, esse é a “Mulher em seis tempos”. Inclusive, a capa desse livro foi feita pela Rose que era secretária do nosso departamento de Sociologia.

S.: Olha só!

M.: Você pode ver que é bem artesanal!

S.: Uhum.

M.: Foi feito pela Rose, aí dele participaram uma professora da PUC de São Paulo, a Regina (Bicalho Prates), eu gosto bastante desse texto da Regina também, da professora Silvia (Maria Schumuziger). Então, ela publicou, pela primeira vez, esse artigo “Rearticulando gênero, raça e classe”. Então, isso bem lá atrás, bem antes da Helena Hirata depois trabalhar com essa questão da interseccionalidade e assim por diante. Então, acho que tá aí, o debate está aí aberto e a questão do patriarcado também, então eu acho que... o que ela deixou, o que ela escreveu continua presente.

S.: Uhum, sim. E são noções que você utiliza e você tem acordo assim?

M.: Sim sim.

S.: Uhum. E pra além dessa questão da obra – claro que a obra vai perpassar, como a gente sempre conversa nas nossas orientações e nossos diálogos entre textos, que a obra atravessa de forma... quase que... não tem como a gente dissociar essas questões –, mas, pensando também esse espaço das ideias, vocês chegaram a ocupar outros políticos, intelectuais, grupos de pesquisas, grupos de trabalho? Vocês chegaram a ocupar?

M.: Olha, eu participava sempre com ela num grupo de gênero que existia na ANPOCS porque na ANPOCS havia dois grupos sobre gênero. Um que era Gênero e Trabalho e outro que era Gênero e Política. Então, nesse grupo Gênero e Trabalho eu sempre participava, então a Heleieth sempre trabalhou com a questão do trabalho também, então ela estava ali presente. E outros encontros também além da ANPOCS. Agora, algo que não apareça muito porque aparece bastante, eu acho que, nas entrevistas dela, que foram feitas com ela, a questão da... das DDMs, a criação das DDMs. Então, isso eu participei bastante com ela durante os anos 80 depois que eu cheguei da França.

S.: Uhum.

M.: Então, ela sempre me convidava pra participar das reuniões em São Paulo. Então, eu saía de São Carlos, ia até São Paulo porque, geralmente, as reuniões eram lá. Então, participei de várias reuniões que antecederam a criação dessas Delegacias de Defesa das Mulheres. Bom, havia seminários, havia encontros, enfim era uma discussão bastante profícua. E talvez, não se fala muito de uma outra participação importante da Heleieth que foi em relação àquele grupo... naquele grupo das Católicas Pelo Direito De Decidir. Não sei você já tomou contato com isso.

S.: Não ouvi falar, mas não específico sobre a história dela.

M.: Então, ela participou ativamente desse grupo. E, mesmo porque, havia algumas professoras, eu tenho a impressão que a presidente desse grupo, Católicas Pelo Direito De Decidir, é professora da PUC. Só que eu não me lembro mais o nome dela.

S.: Uhum.

M.: E, sobretudo, quando a Heleieth começou a dar aula na PUC, então ela participou ativamente desse grupo e eu também. Então, ela me convidou e eu participei de vários encontros desse grupo. Inclusive, eu acabei ministrando um minicurso sobre gênero pra mulheres da periferia e que participavam desse grupo.

S.: Que interessante!

M.: Tenho até fotos com elas aí, sabe?

S.: Que legal!

M.: Posso depois te ceder pra você, não sei se você vai fazer...

S.: Eu aceito.

M.: Assim, acho que seria interessante você ter uma parte aí do trabalho com fotos e tudo mais. Se quiser, depois eu te cedo. Então, eu me lembro que, na época, ela me perguntou se eu estaria interessada em dar esse curso pras mulheres e eu dei. E foi bem legal porque, no final, elas fizeram uma avaliação do curso. Foram dois dias, sabe? Em dois momentos, aliás, foi sexta à noite e sábado de manhã ou três... enfim. Eu fiquei um tempo lá com elas em São Paulo. E aí, elas gostaram muito! Eu tenho até aí as respostas delas, achei por aí. [risos]

S.: A senhora guarda tudo, né, professora? [risos]

M.: Eu tava vendo isso há pouco tempo, preciso achar onde é que tá, preciso reprocurar. [risos]

S.: [risos]

M.: [risos] Mas, foi muito legal, me lembrei bastante de quando (...) [trecho incompreensível]

S.: Nossa que interessante!

M.: Eh, Católicas Pelo Direito De Decidir. Então, você veja que era uma discussão sobre o aborto, na verdade, sobre a descriminalização do aborto. E a Heleieth era uma ferrenha defensora da descriminalização do aborto e foi por isso que ela foi mandada embora da PUC.

S.: Uhum.

M.: Um acontecimento horrível! Que se deu, mas foi por isso, entende? Mas, ela participava desse grupo aí.

S.: E você lembra, mais ou menos, em que época foi isso?

M.: Então, isso foi aí nessa passagem dos anos 90, do final dos anos 90 pro começo dos anos 2000 por aí, por aí.

S.: Uhum. E você pode contar mais detalhes? Como que era essa participação dela?

M.: Eu acho que era... aí, que eu acho interessante porque, sempre quando as pessoas pensam na Heleieth, pensam naquele rigor teórico e tudo mais. Sem dúvida! Nos encontros acadêmicos, ela tinha esse rigor teórico, uma linguagem bastante erudita e tudo mais. Mas, eu também assistia várias palestras da Heleieth, principalmente, nesses grupos, tanto de DDMs, quanto das Católicas Pelo Direito De Decidir, que ela tinha uma outra forma de se comunicar, entende? Então, ela não ia lá com esse linguajar sofisticado, com conceitos elaborados e tudo mais. Não. Ela ia com uma outra linguagem e, sem dúvida alguma, a preocupação dela era estabelecer um diálogo com as mulheres e isso ela conseguia e isso ela conseguia muito bem.

S.: Era muito bem aceita.

M.: Eh, sem dúvida. E era por meio de workshop, oficinas, entende? Nesse sentido. Então, não era somente a Heleieth aquela professora na sala de aula ou então nos acadêmicos. Ela também tinha toda essa preocupação em passar esse conhecimento fora da universidade, então por isso ela ficava ligada: esse pessoal que defendia as DDMs; o pessoal que defendia, no caso aí, as Católicas Pelo Direito De Decidir; aquele pessoal lá do Nordeste, de Recife, SOS Corpo, ela tinha uma relação muito grande com elas e assim por diante.

S.: Uhum. Eh, vou voltar só um pouquinho, professora. Sobre a ANPOCS, os grupos de trabalho, quando eu conversei com a Celi Pinto, ela chegou a comentar que foi, inclusive, nesses espaços que ela conheceu a... Heleieth. Aí, queria que você contasse um pouquinho mais como é que era essa convivência. Porque no começo eram esses dois grupos depois se tornou um só, né? Como que eram esses diálogos, esse espaço?

M.: Então, era a mesma estrutura da ANPOCS. Hoje, são os seminários temáticos; naquele momento, eram os GTs, eram os GTs sobre gênero: Gênero e Trabalho e Gênero e Política.

S.: Uhum.

M.: E aí, eu acho que era, mais ou menos, a mesma discussão. Eram os trabalhos, aí havia os coordenadores de mesa e depois apresentação dos trabalhos e... diálogo, a discussão. Mas, era uma discussão muito interessante! Porque, como os encontros era presenciais e, geralmente, feitos lá em Caxambu que era o local dos congressos aí, a maior parte dos congressos da ANPOCS, então essa discussão continuava lá em volta daquela piscina, sabe? [risos]

S.: [risos]

M.: A gente ficava assim mergulhada naquilo desde segunda-feira até na sexta-feira quando voltava pra casa, discutindo muito ali. Depois, tinha lançamento de livros enfim. Era... um ambiente, realmente, bastante rico sim. E havia, é claro, havia a separação dos dois grupos, mas, muitas vezes, as pessoas não estavam separadas porque, veja bem, naquele momento eram grupos pequenos. Hoje, você tem uma imensidão de pessoas trabalhando com essa questão feminista, de gênero e tudo mais. Naquele momento, era um grupo pequeno reduzido, então a gente tinha também essa oportunidade de conhecer todo mundo pessoalmente, sabe? Então, era muito bom, muito bom, tenho boas lembranças dessas reuniões. Acho que era um momento de muito aprendizado.

S.: Ai, que gostoso.

M.: Era muito.

S.: Então, a Heleieth também era bem recebida nesses espaços.

M.: Sim! Bom, sempre foi estrela, né? [risos]

S.: [risos] Como assim estrela?

M.: Ah, ela era estrela, né? Cê não se esquece que é uma das pioneiras, então isso... ela era muito reverenciada na verdade, entende? Muito reverenciada. Mas, por outro lado, também bastante amiga de todo mundo.

S.: Uhum. Entendi. E da questão também das DDMs que você comentou, os seminários que vocês participavam era via o Conselho Estadual da Condição Feminina? Como que eram esses encontros?

M.: Era, no geral, era. No geral, eram... dentro dessa programação. Mas, havia também alguns encontros internacionais sobre isso. Eu me lembro de participação do pessoal do Paraguai. Eu posso até procurar pra você um desses encontros que eu acho que eu tenho o material aqui.

S.: Hum, legal.

M.: Porque, na verdade, você sabe que o Paraguai, pelo menos naquele momento, estava muito mais à frente do Brasil, principalmente, em termos da Constituição? Em termos dos direitos das mulheres? Muito mais à frente!

S.: Não sabia.

M.: Eh, muito mais à frente. E a Heleieth sempre dizia isso: o Paraguai está muito mais a frente do que nós. Então, eu me lembro dessa, do encontro que houve em São Paulo em que vieram as representantes do Paraguai, certo? Muitas advogadas... então, isso que era bastante interessante. Eram encontros multidisciplinares onde você tem sociólogos, tem os antropólogos, tem psicólogos, muitos psicólogos – psicólogas e psicólogos – e também advogados. Havia bastante grande desse pessoal aí, entende? Então, na criação dessas DDMs eu me lembro de um dos encontros onde houve a vinda desse pessoal do Paraguai.

[Informação adicional: após a entrevista, Maria acrescentou que participou da III Conferência Mundial Sobre a Mulher, junto com Heleieth (Nairóbi, 1985)]

S.: Olha, que bacana! Não sabia dessas histórias.

M.: Eh, é sim. A Heleieth sempre dizia isso que o Paraguai tava muito mais à frente do que o Brasil, principalmente, em termos de legislação.

S.: Uhum. Interessante. Então, isso foram encontros pra criação das DDMs.

M.: Sim sim.

S.: E aí, ela também teve uma atuação na efetivação dessa política pública, né? Com espaços de formação, tanto em São Paulo, quanto no Rio, né?

M.: Sim.

S.: No Rio, ela até chegou a atuar com a Suely de Almeida. Você já presenciou, vivenciou alguma em relação a isso, esses espaços de formação com operadores do Direito?

M.: Não, eu acompanhei, como eu te falei, esses encontros em São Paulo. Não todos, mas alguns deles eu acompanhei. Inclusive, eu me lembro bem da discussão da Heleieth acerca do que fazer com esses homens violentos.

S.: Hum...

M.: Por exemplo, eu me lembro de uma das reuniões que apareceu uma... delegada do Mato Grosso e ela exercia violência sobre os homens, entende? Então, o homem que espancava a mulher, quando chegava na delegacia, ela espancava, certo? Por ordem dela e a Heleieth era contra. Era contra resolver o problema ou tentar resolver o problema, utilizando as mesmas ferramentas, os mesmos métodos. [risos] Então, era muito engraçado [risos] porque a delegada não queria mudar de opinião de forma nenhuma, certo? [risos]

S.: Uhum. [risos]

M.: Então, o mesmo tratamento que era dado à mulher, era dado a ele na delegacia e era ela quem impunha, né? Então, essa foi uma discussão longa, o que fazer com esses homens, certo? E, olha, a outra questão era que, no início, as delegadas eram os delegados, não eram mulheres. Então, também foi uma discussão longa porque não era só pra colocar mulher lá, essa mulher tinha que ter uma cabeça de gênero, uma formação de gênero! Não é pelo fato de ser mulher que ia resolver o problema, era outra discussão que foi bastante lenta também. Então aí, por isso que eu te falo: esses encontros eram multidisciplinares, principalmente, com o pessoal do Direito porque tinha que haver essa consonância com os objetivos da criação dessas DDMs.

S.: Uhum.

M.: Então, o que fazer com os homens violentos? Ela tinha uma briga aí com essa mulher lá do Mato Grosso que não mudava de forma nenhuma. Ela batia mesmo! Mandava espancar os caras, sabe?

S.: Olho por olho, dente por dente.

M.: Exatamente. Pra ela, o jeito de resolver era isso: ia pra delegacia apanhar, ia sofrer os mesmos... danos físicos que eles impunham às mulheres. Era contra isso (a Heleieth). Você pode ver que a Heleieth teve uma preocupação muito grande com o estudo da violência, entende? Então, do meu ponto de vista, essa categoria da violência aparece pra ela a partir, exatamente, dessa vivência que ela teve com os movimentos de mulheres, movimentos sociais, com esse processo da criação das DDMs. Eu imagino que sim.

S.: Uhum.

M.: Eu imagino que sim... porque aí emergiu esse tema da violência como uma força muito grande porque isso tava ali, né? Tava ali fora do campo teórico, até então, que ela tava utilizando.

S.: Perfeito, uhum. E... em relação também à atuação política dela, né, que comentou dos movimentos de mulheres, você sabe de outros movimentos de mulheres ou de atuação política, de militância que ela tenha participado?

M.: Olha, eu acho que são esses aí que eu te mencionei: a criação das DDMs, a luta pra instalação dessas DDMs em várias localidades – não somente na cidade de São Paulo, principalmente pensando aqui em São Paulo, várias localidades do Estado –, a criação dos Centros de Referências da Mulher também bastante importante. Outra discussão da qual ela participou foi, por exemplo, o abrigo, né? O que fazer com essas mulheres que sofrem abuso, sofrem violência, então a criação do abrigo exatamente como uma política protetiva dessas mulheres. Então, veja bem, isso tudo não nasceu... de uma hora pra outra. Quer dizer, foi todo um processo de discussão e acompanhamento daquilo que, realmente, estava acontecendo. E, também, o SOS Corpo, Corpo Mulher, então acho que esses foram os principais movimentos que eu pude acompanhar e participando.

S.: Perfeito. E já é bastante coisa, né? [risos]

M.: Eh, outra coisa também: preocupação com a questão de ensino, da questão de gênero na escola. Então, quando ela escreveu esse livro aí do galinheiro, foi pedido de uma editora! Não

me lembro agora qual, mas é fácil você checar isso aí. Da editora que pediu, ela escreveu isso acho que numa semana esse livro, tá?

S.: Uhum.

M.: Então, bastante interessante porque era também uma forma de você também levar essa discussão, essa temática pras escolas. Então, veja o que acontece o que acontece no atual governo, a preocupação é que isso não ocorra. É interesse do capitalismo, do Estado que permaneça essa cisão e essa, entre homens e mulheres, e, sobretudo, essa cisão que leva a essa hierarquização e esse domínio sobre as mulheres porque quem ganha com isso é o capital mesmo. Então, você pode ver que é um debate que nós temos hoje que, infelizmente, tem toda uma política que foi desmanchada, desfeita, mas cuja discussão tava lá atrás! Entende? De levar essa discussão pras escolas, de estabelecer um contato com as professoras, de fazer oficinas com as professoras e assim por diante.

S.: E assim vai perpetuando a violência, né?

M.: Sim.

S.: Faz todo sentido, professora. Eh... você chegou a viver alguma parte dessa história da PUC dela? Da demissão? Você... dividiu alguma coisa?

M.: Sim... sim sim. Bastante traumática. Bastante traumática. Inclusive, essa aluna que eu te falei, a Carmen Andriolli que namorava o Paulo, ela participou da banca dela. Era dissertação sobre as mulheres colonas nessa fazenda, Fazenda Jataí aqui no município de São Simão. Então, a Carmen trabalhou com memória e com a memória dessas ex-colonas, entrevistou mulheres acima de 70 anos. E um trabalho que eu considero assim precioso! Foi muito bem feito o trabalho, a Carmen excelente e a Heleieth participou da banca. Então, no dia que ela veio de São Paulo pra cá, ela recebeu telegrama, telegrama da PUC demitindo-a! Ela foi demitida por um telegrama, entende?

S.: Hum...

M.: Eu me lembro que foi uma situação muito traumática pra ela. Inclusive, ela... ela teve muitas dificuldades aí durante a participação da banca por conta disso, entende? Foi muito traumático. E depois disso, eu acho que a Heleieth... ela não conseguiu lutar, entendeu? Até então, era aquela mulher que... lutava, tava em luta o tempo. Mas, eu acho que, depois disso, a Heleieth começou a... declinar. Acho que ela foi perdendo as forças, eu considero. Porque foi muito traumático, acho que foi muito injusto a forma como ela foi despedida, uma pessoa que deu assim uma contribuição enorme pra PUC! Para o departamento, para o curso de pós-graduação. Formou muita gente lá na PUC, era muito querida pelos professores, colegas, pelos alunos. E, de repente, ela receber isso da instituição. Não foi dos professores, foi da instituição PUC. Então, foi muito difícil. E a forma de demissão.

S.: Muito... desumano, né?

M.: Desumano desumano. Eu acho que, depois disso, a Heleieth não foi mais a mesma. Não foi. Acho que ela perdeu, ela foi perdendo, gradativamente, as forças dela porque foi muito injusto!

S.: Uhum.

M.: Agora, o grande problema foi que ela estava assim empenhada nessa luta pela descriminalização do aborto. e, nesse sentido, ela batia de frente com Dom Evaristo Arns, na verdade, era o responsável pela PUC, né?

S.: Coisas incompatíveis, né? E faz bastante sentido porque é tirar da pessoa a atividade que a sustenta intelectualmente, né? É tirar uma parte muito importante da vida dela.

M.: Sem dúvida.

S.: Imagino que não deve ter sido fácil.

[breve silêncio]

S.: Bem, professora, eu queria perguntar, caminhando já pro final da entrevista, eu acho que eu passei por algumas questões que eu julgo que são importantes, mas aí você pode falar também outras questões que você queira. Mas, eu queria perguntar pra você quem que você considera que é a Heleieth Saffioti pro feminismo brasileiro hoje?

M.: Olha, eu acho que ela não foi somente pioneira, acho que além disso, entende? Acho que ela foi muito mais do que isso! Porque, ela não somente introduziu uma temática extremamente importante pra discussão, um tema considerado menor, um tema considerado sem importância. Ela fez com que esse tema tivesse importância. Acadêmica sobretudo. E depois, fez também com que esse tema tivesse a visibilidade que teve por meio da participação dela nos movimentos... sociais. E ela foi incansável nesse sentido! Então, muitas vezes, eu consigo que a Heleieth Saffioti ela é assim... falada, lembrada a partir da sua contribuição teórica. Eu estou, totalmente, de acordo com isso.

Mas, muitas vezes, as pessoas esquecem da Heleieth Saffioti enquanto uma ativista, enquanto uma militante, mas uma militante que estava orientada por uma teoria. Então, a gente sabe que ela tinha essa formação marxista, cujo princípio básico, sem dúvida alguma, era lutar por uma sociedade mais justa, por uma sociedade igual, mas que não fosse somente uma sociedade igual do ponto de vista das classes sociais, como também do ponto de vista do gênero e da raça/etnia. Nesse sentido, eu acho que ela foi também bastante pioneira, muito importante porque ela se remetia sempre aos chamados países socialistas no caso de Cuba e no caso da União Soviética.

Então, ela dizia o seguinte: “não adianta querer fazer uma revolução pra resolver primeiro a questão de classe e depois a questão de gênero e de raça e etnia. Quer dizer, uma revolução ela tem que partir de uma... de um processo de mudança de todos esses elementos conjuntos. Não é que primeiro vou cuidar de um, depois o outro”. E aí, ela trazia, pra discussão, todos aqueles exemplos, todas as autoras – principalmente da União Soviética – que mostravam a situação das mulheres lá e, principalmente, mulheres que trabalhavam em fábricas, que eram operárias e que recebiam um salário bem menor do que os homens. Não somente as trabalhadoras, como também a questão do trabalho doméstico.

Então, quer dizer, o trabalho doméstico, nesses países, continuou recaindo sobre as mulheres e não sobre os homens. Então, ela chamava bastante atenção pra isso. Então, eu acho que a importância da Heleieth foi, vou repetir, acho que não é somente pelo pioneirismo porque

trouxe uma nova categoria de análise, uma categoria história e tudo mais pra discussão acadêmica, mas também ela abriu um leque muito grande a partir desse ativismo que ela tinha. Ou seja, um ativismo fundamentado por uma teoria, a teoria do materialismo histórico e também do próprio feminismo, entende?

S.: Uhum.

M.: Eu acho que a importância dela... vai nesse caminho.

S.: Perfeito. E pra Sociologia brasileira? Que lugar você acha que ela ocupa?

M.: Olha, eu acho que está havendo um reconhecimento! Não sei se você viu que saiu uma lista dos 200 livros, saiu a semana passada, a relação dos 200 livros para você conhecer o Brasil (na Folha de São Paulo). Um deles é o da Heleieth, “A mulher na sociedade de classes”.

S.: Uhum.

M.: Tá lá. Não sei se você chegou a ver isso.

S.: Sim.

M.: Então, tá havendo um reconhecimento, quer dizer, e aí foi uma indicação porque todos aqueles livros que estão ali foram indicados e a Folha escolheu esses livros. E o livro dela está lá. Então, eu tenho impressão que, embora a passos lentos, esse reconhecimento foi ocorrendo, foi acontecendo, entende? Eu vejo isso. E a importância pra Sociologia brasileira porque, sem dúvida alguma, a Sociologia ela... com essa perspectiva teórica do gênero, sem dúvida alguma, a Sociologia teve uma abertura muito grande não somente pra repensar os nossos problemas aqui, mas também pra trazer pra cá toda uma discussão que já acontecia em outros países, como nos Estados Unidos, como na França, enfim, em outros país. Quer dizer, lá fora esses assuntos já estavam ocorrendo; aqui, não.

Então, acho que a Heleieth teve essa primazia, digamos assim, de fazer, portanto, essa conexão com esse debate acadêmico internacional e que, sem dúvida alguma, foi uma contribuição muito grande pra Sociologia brasileira. Abriu novos temas de pesquisa, novos grupos... procurar assessorar esses diferentes movimentos sociais, movimentos feministas. Sempre ela dizia, né, a necessidade de você colocar uma cunha. [risos] Ela falava essa expressão, quer dizer, é a mesma coisa que você colocar o cabo numa enxada, se você não fizer aquela abertura e colocar uma cunha, não vai adiantar nada. Duas vezes que você dá o golpe na enxada, vai escapar. Então, sempre havendo a necessidade de você colocar essa cunha e a cunha era isso, né? Não adianta lutar por uma sociedade mais justa quando você tem essa situação de feminicídio, de abuso sexual, tortura e tudo mais que a gente vê. Quer dizer, a sociedade continua doente, a sociedade continua infeliz porque essa desigualdade de gênero ela é tão cruel como todas as outras.

S.: Uhum.

M.: E, sobretudo, porque eu acho que, na medida que trabalhou com as três categorias, ela também contribuiu pra que essas... caixinhas elas também tivessem uma porta aberta minimamente, entende? Então, a Heleieth era uma teórica que ela não via apenas o particular.

Então, acho que isso tá muito claro, tanto na obra dela, nas reflexões dela, como também no ativismo dela. Ela não pensava só na mulher, como você me perguntou, “mas, esse curso que ela deu, né?” Não, ela não discutiu essa questão do feminismo, foi trazer o Fanon, foi trazer o Albert Memmi, foi trazer outros autores. Então, eu acho que ela tinha uma preocupação com o universal.

E, muitas vezes, quando você pensa nesses identitarismos eles deixam de lado o universal, então eles ficam só no particular. “Bom, eu sou mulher, então eu vou só cuidar da questão de gênero”. “Ah, bom, eu sou indígena, então sou só vou cuidar da questão indígena”. “Sou negra, só vou cuidar da questão negra”. Não. A Heleieth tinha essa preocupação de entender esse processo na sua transversalidade e na sua complexidade e ela sempre chamava pra não hierarquização dessas categorias, entende? Então, nesse sentido, ela não... não compartilhava com Weber por exemplo. Tem toda uma explicação dela num livro a respeito. Quer dizer, não é que uma categoria, classe, é mais importante do que as outras, não. Você tem ali uma transversalidade entre essas categorias. Então, eu acho que a grande importância do pensamento da Heleieth, do qual eu partilho muito, é pensar no universal além do particular, entende?

Eu acho que isso é um ponto bastante importante. Sem dúvida alguma, é uma contribuição pra Sociologia brasileira não somente do ponto de vista de trazer temática até então obscurecida ou invisibilizada ou menos tratada, trabalhada, como também essa nova fórmula de pensar. Então, eu acho que é um novo pensamento nesse sentido, entende? Eu penso assim. Então, se você hoje pensa nessas... nos próprios grupos temáticos, muitas vezes, que a gente observa nos nossos congressos, existe uma divisão muito grande entre eles, não é isso? Muito grande, muito grande! E você não vê assim uma discussão que perpassasse, que se relaciona com a outra. Então, eu vejo, por exemplo, na Sociologia Rural, se você trabalha com o trabalho aí você não vê mais nada além do trabalho, entende?

S.: Uhum.

M.: Ou se você trabalha com a questão ambiental, você não vê o trabalho. Então, é horrível isso eu acho, entende? Porque você vai fazendo uma espécie de picadinho da realidade social! Então, a Heleieth não era assim, o pensamento dela não é esse do meu ponto de vista. Então, ela tá preocupada com o gênero, tá preocupada com a mulher? Sim, mas ela contextualizava: que mulher é essa, que relação de trabalho ela tem e por aí vai, que tempo ela está vivendo. O tempo histórico era muito importante, a Heleieth dava uma importância muito grande à História, tanto é que o livro dela a gente percebe isso, uma importância muito grande é a História. Esse conhecimento advindo da História é também, do meu ponto de vista, algo bastante importante pra gente entender essa complexidade que é o mundo social que a gente vive.

S.: Uhum. Faz todo sentido. Fiquei pensando em muitas coisas [risos], enquanto a senhora falava. Ela foi uma teórica, né? Acho que, além de tudo, ela foi uma grande teórica que trouxe uma teoria pra além, exatamente, que o nó não é uma questão do gênero, né? Acho que é um grande desafio pra nós que trabalhamos com essa temática mostrar pra Sociologia que o nó não é uma questão do feminismo.

M.: Uhum.

S.: Não é uma questão dos estudos de gênero. Ele é uma perspectiva epistemológica mesmo, isso é uma contribuição incrível que ela nos deixou. E, falando também sobre a História, eu conversei com a Hildete Pereira – inclusive te mandou um grande abraço, disse que te adora [risos] –, conversei com ela na sexta.

M.: Ai, que ótimo.

S.: E ela disse que... ela já fez um levantamento de que a Heleieth foi a primeira mulher a defender uma tese na Sociologia no Brasil, a segunda foi a Neuma Aguiar. E eu acho que isso também é duma importância histórica, né? Então, eu não sabia disso! Não sei se a senhora sabe.

M.: Não, não sabia.

S.: Queria compartilhar isso: a primeira mulher a defender uma tese na Sociologia. Acho que além de... gostei muito da sua frase “ela não foi só uma pioneira”, mas ela também foi uma pioneira na Sociologia, né? Acho que é importante a gente também voltar esse olhar pra Sociologia que, eu ainda acho, que a Heleieth tava muito assim circunscrita aos estudos de gênero e, ainda, uma parcela dos estudos de gênero, como você bem falou nessa departamentalização do conhecimento. Esse pedacinho nosso do feminismo marxista. [risos]

M.: Eh, exato.

S.: Mas, muito legal. Eu tô encerrando as entrevistas perguntando pras pessoas uma última lembrança que você tenha da Heleieth. Pelo que eu me lembre, a gente já conversou, talvez a sua última lembrança você não queira compartilhar, mas, se você quiser, fique à vontade.

M.: Olha, eu acho que a última lembrança foi num congresso em Santa Catarina.

S.: Hum...

M.: Acho que foi lá. Lá que nós nos encontramos, conversamos um pouco. Ela já tava muito abatida naquele momento, sabe? E eu fiquei pouco tempo também no congresso, não podia ficar muito tempo porque eu tava com uma série de compromissos. Acho que eu fui mais pra... pra participar do... do trabalho, da seção onde eu deveria apresentar o trabalho. Então, eu a vi por pouco tempo, acho que foi a última lembrança que eu tenho dela. Mas, ali eu já achei que a Heleieth tava em declínio, entende?

S.: Uhum.

M.: Declínio assim, sobretudo, físico! Físico. Muito magrinha, bom, ela sempre foi. Mas, assim... ela... assim muito com a aparência de uma pessoa adoentada. Então, essa é a última lembrança que eu tenho dela que, aliás é uma lembrança... é uma lembrança triste. Mas, por outro lado, houve assim momentos em que... eu procuro, pelo menos, lembrar de outras lembranças, né? [risos] “Lembrar de outras lembranças”, esquisita a frase. Mas, pensar em outras lembranças, trazer outras lembranças. Por exemplo, várias vezes meu marido preparou vatapá pra ela porque ela adorava! Era o prato predileto dela, era o vatapá. E o Elson cozinha muito bem. Não só aqui na minha casa, como ele... saía daqui, ia pra lá pra chácara pra fazer esse vatapá. Pra São Paulo! Ele foi umas duas vezes pra fazer o vatapá, aí ela convidava os

amigos lá de São Paulo, sabe? Foi um momento assim que eu percebia que ela ficava realmente muito feliz, muito contente.

S.: Uhum.

M.: Ou então quando a gente saía daqui, ela vinha de São Paulo e a gente ia a um restaurante bem assim, bem simplesinho, ali na rodoviária de Araraquara pra comer um peixe que o Saffioti gostava muito. Então, a gente ia pra lá, e aí passávamos um tempo ali. E uma última lembrança que eu realmente quero guardar é quando... é duro isso. Eh... quando saía daqui à noite, ela sempre queria que a gente fosse lá, sabe? Quando ela vinha de São Paulo, ela vinha com muita frequência à chácara, né, depois que ela saiu. Aí, ficavam os dois, um de cada lado ali naquela escada. Então, ficava um do lado e o outro... enquanto a gente chegava, sabe? Então, eu acho que eu quero pensar nisso.

S.: Que lindo, professora.

M.: Pera um pouquinho.

S.: Claro.

[M. se retira brevemente]

M.: Tem uma outra lembrança quando o Saffioti faleceu. E ele faleceu no ano 2000. Aí, quando... completaram-se os sete dias, ela veio pra chácara. E aí, ao invés de ter tido uma reunião de luto, alguma coisa assim, não sei se eu já te falei sobre isso.

S.: Não.

M.: Houve uma festa!

S.: Ai, que lindo!

M.: Houve uma festa do movimento negro ali na chácara, entende? Porque o Saffioti ele era muito ligado politicamente e, depois no final da vida, ele foi ficando mais localizado, entende? Porque, antes, era o estado todo, uma participação política muito grande. Aí, com o passar do tempo, foi ficando mais cansado, então ele tinha essa inserção política em Araraquara e ele se ligou ao movimento negro. E eles tinham organizado um evento enorme ali na chácara, entende? Era uma festa esse evento. Com palanques... um monte de coisa! E eles mantiveram a programação. Então... o sétimo dia, ao invés de ter sido comemorado com uma missa, alguma coisa, foi com uma festa! E aí, o pessoal dizia assim: “saravá, Saffioti! Saravá, Saffioti!” Gente, mas foi uma coisa... [risos]

S.: [risos]

M.: A Heleieth falava assim: “tá vendo, Maria? Ele era louco! Olha aí o que que tá acontecendo.” [risos]

S.: [risos]

M.: Olha, foi uma coisa incrível, sabe? Não dava pra gente ficar triste, você acredita isso?

S.: Nossa!

M.: E ela... ela participou, ela veio, ela participou e tal, mas assim... aquela chácara tava lotada! Tinha umas 100, 200 pessoas, sei lá. Um monte de gente!

S.: Gente, que impressionante!

M.: “Saravá, Saffioti!” Enfim, toda a programação eles mantiveram! Não mudaram. Nada nada. E foi ali na chácara. Foi a última vez que eu fui a chácara.

S.: Caramba, faz tempo!

M.: Depois, ela não voltou! Depois que ele faleceu, ela não voltou. Aí, já foi aquele processo de doação pra UNESP e tudo mais, ela não voltou, entende?

S.: Uhum.

M.: Mas, era isso. Me lembro também quando... bom, aí eu já morava aqui, São Carlos. Quando eu ia lá, ela tava sempre... sempre ali estudando na biblioteca que era na parte de baixo. Até minha filha se lembrou que ela era criança, às vezes, ela ia comigo e ela se lembrou da ampulheta. Chamou a atenção dela enquanto criança.

S.: Uhum.

M.: Deve ter ali ainda, né? Imagino.

S.: Acho que tem, não me lembro.

M.: Era grande, sabe? E a Valéria tava falando: “mãe, eu me lembro sempre daquela ampulheta, tinha aqueles grãozinhos de areia caindo”.

S.: Uhum.

[breve silêncio]

S.: São muitas histórias, muitas memórias.

S.: Sim... e a gente tinha bastante contato com o Saffioti por conta da política, né? Porque teve um momento, uma época, que ele foi candidato. Ele foi candidato a prefeito, depois ele foi vereador de Araraquara, candidato a prefeito, depois ele foi candidato a deputado federal. Quer dizer, de vereador ele já queria ser deputado federal. E meu marido era uma espécie de cabo eleitoral dele, entendeu?

S.: [risos]

M.: Então, andava por todo lado com o Saffioti. [falam concomitantemente, trecho incompreensível] (...) fazer política por aí na época de eleição. Eu me lembro que uma época, na minha casa, era assim caixas e caixas na sala de visita com os santinhos do Saffioti.

S.: [risos]

M.: Aí, todo mundo ia lá pra pegar as propagandas do Saffioti, os vereadores, todo mundo ia lá na minha casa. Então, o Elson foi uma espécie de cabo eleitoral dele. Então, foi uma época também de bastante proximidade com eles.

S.: Uhum.

M.: E, bom, acabou não dando certo essa ida dele aí pra ser deputado federal, mas ele voltou, acho que, ser diretor da Química, tanto é que o nome dele está lá no centro acadêmico. Os alunos gostavam muito dele, endeusavam! Era “tio Safa”.

S.: Ah! [risos] Não sabia.

M.: Eh, todos os alunos o chamavam de “tio Safa”. Ele era [palavra inaudível] pros alunos, muito querido.

S.: Acho que a festa combinou muito com o que vocês dizem dele.

M.: Ah, uma figura! Assim, extremamente inteligente... e tinha assim uma visão, sabe, política incrível! Incrível. Era muito... muito engraçado. Muito humilde. Excelente.

S.: Uma pessoa muito importante também, né, na vida da Heleieth.

M.: Muito! Muito importante na vida dela porque eu acho que o Saffioti ele deu muito apoio emocional, principalmente, depois da morte do filho. Entendeu? Ele... ele segurou muito a onda, a barra, sabe, que foi muito pesada. Filho único se matar aos 16 anos é muito triste.

S.: Uhum.

M.: Então, ela... tinha essa... essa tristeza, sem dúvida alguma, dentro dela.

S.: Com certeza.

M.: Não dá pra dizer que não, embora ela não falasse. Mas, tinha. Eu percebia que tinha.

S.: Uhum. E você já... era amiga dela nessa época que isso aconteceu?

M.: Sim porque foi em setenta e... foi no ano que nós fomos pra França. Foi em 76, foi um pouquinho antes da gente ir viajar.

S.: Uhum.

[breve silêncio]

S.: Entendi.

M.: E ela tava fora do país, ela tava num congresso na Holanda quando isso aconteceu, a morte. Então, foi bem pesado.

S.: Nossa!

M.: Foi. Então... bem pesado.

S.: E ela soube lá então.

M.: Eh, aí ela veio, né? Então... eles demoraram um pouco mais com o velório e tudo mais, mas foi muito triste! Ele foi velado lá na chácara... foi muito triste! Então, acho que... isso que foi silenciado, mas pesou muito. Eu não sei, eu acho que, depois que aconteceu ali essa decisão da PUC, da diretoria da PUC... não sei, eu acho que isso veio à toa, entende? Porque a impressão que eu tenho é que a Heleieth se transfigurou. Ela não era mais a mesma pessoa...

S.: Como se tivessem tirado os filhos dela?

M.: Eh, a impressão que me deu, a impressão que me deu. Quer dizer, ela passou a refletir no corpo aquela tristeza, sabe? Aquela amargura que ela tinha dentro dela. Essa é a impressão que eu tenho.

S.: Que triste, né?

[breve silêncio]

M.: Mas, tamos aí com a memória dela e falando dela e da importância dela, né?

S.: E com muitas outras memórias ótimas, né?

M.: Sem dúvida. [palavra inaudível]

S.: Muito obrigada, professora, por compartilhar...

M.: Não sei se eu ajudei um pouco.

S.: Ajudou muito. Tem algo mais que você gostaria de falar, fica à vontade.

M.: Olha, eu acho que não, mas se tiver alguma coisa aí que lembrar, aí a gente vai passar a conversar. Quando é que você vem pra cá pessoalmente pra gente se ver? Aí, a gente vai...

S.: Então, eu tava pensando em ir agora em junho agendar de ir lá na chácara, tava pensando. Aí, a gente poderia marcar de se ver.

M.: Tá.

S.: Não sei como que tão suas datas também. Não sei se você acha que eu deveria ir na chácara também, é que eles tão me perguntando: “e aí, quando você vem?” Sabe? Porque eles já autorizaram...

M.: Sei.

S.: ...aí, tá tendo essa conversa. [risos]

M.: Então, no dia oito eu vou fazer essa live e depois no dia 14 o Elson vai passar pelo segundo procedimento, né?

S.: Hum.

M.: Tudo indica que vai ser algo simples, que ele vai ficar um dia só no hospital, então dia 14, dia 15 ele sai. Bom, e se ocorrer tudo bem, é claro que é somente alguns cuidados com esse pós-operatório e etcetera. Porque o aparelho é colocado subcutaneamente aqui na altura do coração, então vai tirar esse aparelho que ele tá e botar outro. É isso que eles vão fazer. Então, aí se for lá pelo dia 20, eu acho que eu já estarei bem tranquilo aí, tá?

S.: Tá, a gente pode ir combinando.

M.: Eu acho que também... espero que... vai dar tudo certo aí, então estarei por aqui.

S.: Vai sim, a gente vai combinando então. Em relação às fotografias, eu tô...

[falam concomitantemente, trecho incompreensível]

S.: ...eu tô pegando fotografias com outras entrevistas também, depois eu te mostro umas fotografias bem legais, aí se você tiver alguma depois, você me manda, a gente vai pensando junto.

M.: Vamo sim. Tenho algumas fotos com ela sim, tenho sim.

S.: Legal.

M.: Vou achar essas fotos ali das Católicas Pelo Direito De Decidir também...

S.: [palavra inaudível] Uhum. Perfeito.

M.: [trecho incompreensível]

S.: Professora, mais uma vez, muito obrigada pela participação, é muito bom poder contar com você, tanto nesse processo de orientação, quanto também agora pra contar essa história junto da Heleieth, né? Também ouvir um pouco mais da sua história, dessas histórias que se entrelaçam. E... eu vou fazer a transcrição, então, da entrevista, vou te entrevista, vou te enviar pra você aprovar e a gente continua conversando então pra gente marcar de se conhecer pessoalmente, né? [risos]

M.: Tá bom.

[Fim da gravação]

Local: Google Meet (ambiente virtual)

Data: 24/05/2022

Entrevistadora: Samantha Camacam (S.)

Entrevistada: Lilia Pougy (L.)

Duração: 01:19:08

[Início da gravação]

S.: Pronto, começamos. Então, só pra te explicar, né? A dinâmica da conversa vai ser bastante livre. Eu te mandei o roteiro mesmo pra você ficar a par e também pra orientar pra orientar um pouco a nossa conversa, mas fica bastante livre pra gente permear por essas histórias, essas trajetórias entrecruzadas, né?

L.: Uhum.

S.: Acho que é aí que tá a riqueza eh... dessas histórias todas. E aí, pra gente começar, Lilia, queria saber um pouquinho de como é a sua história com a Heleieth, como que vocês se conheceram, como que foi isso tudo.

L.: Eu conheci a Heleieth porque ela foi orientadora, primeira orientação de doutorado concluída dela foi da Suely Souza de Almeida. Uma grande amiga e professora da Escola de Serviço Social da UFRJ, né? Local que eu também era docente, nós trabalhávamos juntas, né? E eu conheci a Heleieth por meio da Suely. Então... enfim, o envolvimento nos grupos e nas sessões de estudos. Porque, quando ela vinha ao Rio de Janeiro, ficava hospedada na casa de uma... de uma feminista dessas históricas, mas cujo nome eu agora... de repente, eu me lembro, tá? Mas, eu acho que a covid embaralhou mais ainda a minha mente, sabe como é que é? Mas, enfim.

S.: Uhum. A Regina comentou mesmo sobre isso. A Regina falou que a memória dela tá muito ruim depois da covid.

L.: Pois é. Então... Heleieth vinha pro Rio Janeiro com uma agenda justinha porque, nessa ocasião, ela era professora na PUC de São Paulo. E orientava o doutorado da Suely, né? A tese da Suely sobre feminicídio – na época, era femicídio, não era feminicídio –. Quer dizer, havia um debate entre as duas expressões e depois as latino-americanas que vieram com outros aportes, mas, enfim, isso não é sobre o que eu quero falar. Heleieth participou da banca de mestrado da Suely também e esse, nós a conhecemos, eu e várias... nós éramos chamadas “meninas do Rio”. Na época, nós éramos mais meninas, digamos assim... [risos]

S.: [risos]

L.: ...mas, éramos eu, Eliana Amorim Moura, Mariléa Venâncio Porfírio... a Marlise (Vinagre Silva) já tava também se aproximando, até antes da gente acho que ela entrou pra turma do doutorado do programa lá de Ciências Sociais da PUC antes da minha entrada. Foi consolidando

uma aproximação num campo de estudos na área de gênero que nós tínhamos isso na Escola de Serviço Social. Magina! Né? Os estudos sobre a mulher eram incipientes, quicá pensar num debate sobre gênero. Então, quando a Heleieth chega com os aportes teóricos sobre o gênero relacional, isso foi bastante novo na história da Escola, na história do nosso grupo e área temática de estudos, né? E nós nos congregamos pra estudar e participar dessa agenda da Heleieth e era um encanto! Vinha aquela pessoa magrinha, e-le-gan-tér-ri-ma! Sem tirar um fio de cabelo, bem paulista mesmo, sabe? Você é paulista?

S.: Eu sou do interior de São Paulo.

L.: Eh, então. Não é demérito isso, não.

S.: Uhum.

L.: Quando a gente chegava em São Paulo e eu pedia lá na xerox um... texto: “Ah, é na pasta tal, não sei o quê”. Parava todo mundo e olhava pra minha cara. Aí, eu falava assim: “mas, vem cá, tão olhando por causa de quê? Vocês falam cantado! Não sou eu que falo cantado!” [risos]

S.: [risos]

L.: E todos nós ríamos muito, mas enfim. Chegava a Heleieth com aquele jeito dela, com os *tailleurs*, toda bonita, né? E fazia uma bagunça nas referências teóricas que a gente tinha. Era um encanto! Um encanto! Ah, fora as chopadas que depois a gente ia, depois do final dos dias. [risos]

S.: [risos]

L.: Era uma relação muito prazerosa essa agenda dela no Rio de Janeiro. Nós nunca comemos um saquinho de feijão, digamos assim. Saquinho de sal.

S.: Uhum.

L.: A gente nunca conviveu muito, né? Embora teria sido orientanda dela do doutorado durante quatro anos e participasse dessa agenda de estudos. Mas, foi sempre muito vigorosa essa relação. Essa é minha história com Heleieth, o começo dela. E nessa história tem variáveis mil. Quando eu defendi a minha tese e estudei direitos reprodutivos, eu não entrava na agenda de estudos da área de violência e ela coordenava um grande projeto de “Violência doméstica: questão de polícia e de sociedade”, um projeto nacional, em que havia concertação no âmbito desse país continental e de pesquisas juntas de delegacias especializadas de atendimento à mulher enfim.

Era um projeto assim que eu não queria nem chegar perto porque eu achava aquilo uma coisa muito árida. E eu ficava só na área da saúde dos direitos reprodutivos [risos]. Eu fui capturada pelo debate de gênero numa perspectiva de entender a realidade a partir dessa lente também e seus diferentes efeitos, tanto na saúde, quanto na cidadania como um todo. Então... uma situação pitoresca da Heleieth é que na defesa da minha tese ela me arguiu.

S.: Uau!

L.: Uau. Foi o quinto membro. [risos] Foi o quinto membro, ou seja, pra você ver como que nós... nós... era uma provocação recíproca e um respeito recíproco também, né?

S.: Uhum.

L.: A defesa da tese foi 98 e nessa [risos] defesa foi tão inusitada. A banca toda só assim [olha de espanto], ninguém entendeu nada! [risos]

S.: [risos] “Ela é sua orientadora?”

L.: Pois é. Mas, olha... o convívio com a Heleieth foi muito bom. Teve uma ocasião em que nós fomos ao apartamento dela. Ela morava, no apartamento contíguo ao dela, era uma cobertura no Chopin. Naquele edifício ali do... é Chopin o nome? Daquele edifício famoso ali... Copan! Chopin não, Copan. Na praça da República, né? E nós fomos lá, não me lembro quem estava. Eu sei que a mãe dela morava no apartamento contíguo ao dela e aí eu descobri que ela se vestia tão impecavelmente porque a mãe era costureira, tinha sido costureira, costurava as roupas dela e tal, conheci a mãe... ah, eu acho que ela tava... tinha quebrado a... não sei! Eu já não me lembro mais, ai, desculpa. Que coisa, que fiasco!

S.: Magina!

L.: O que eu quero te dizer é o seguinte. Ela falou: “olha, vai conhecer a vista lá em cima, é maravilhosa”. Eu subi pra ir na vista maravilhosa, né? Eu não conhecia o espaço, fui acendendo todas as lâmpadas que eu via na minha frente. Tchum, tchum, tchum, tchum. E a vista maravilhosa! Uma coisa assim... uma cobertura no Copan você pode imaginar: São Paulo inteira aos meus pés!

S.: Uhum.

L.: Aí, fiquei lá um pouquinho, apreciei e vim embora. Aí, dois depois, a Heleieth me liga: “ô, Lília, você deixou todas as lâmpadas acesas!” [risos]

S.: [risos]

L.: “Eu vou mandar a conta pra você pagar!” [risos]

S.: [risos]

L.: Ela era muito espirituosa realmente. Muito espirituosa!

S.: É bem o que as pessoas me contam mesmo, uma pessoa muito autêntica, né?

L.: Eh... eu vi uma vez ela dando uma bronca enorme! Foi uma reunião de feministas, né? E ela dando uma bronca enorme porque as feministas estavam usando o mesmo raciocínio que... os patriarcas usavam “e era isso que nós estávamos querendo?” E parara parara. Deu uma bronca que eu fiquei: “meu deus!” [risos] E todo mundo assim, sabe quando o ambiente passa mosquinha?

S.: Uhum.

L.: E sem levantar o tom de voz! É assim de uma elegância, sempre com elegância muito grande, né? Também era uma pessoa muito só. Muito só também, né? Mas, fala. Eu só tô na primeira pergunta. [risos]

[falam concomitantemente, trecho incompreensível]

S.: Não, não precisa se ater às perguntas.

L.: Ah, tá bom.

S.: Você comentou do... da pesquisa sobre violência, sobre a questão das delegacias de proteção. Eu sei, por exemplo, que aí, com a Suely de Almeida, ela fez um curso que ela ministrou pra alguns comandantes e subcomandantes da polícia do Rio de Janeiro. Você acompanhou isso?

L.: Acompanhei acompanhei.

S.: Como foi? Você podia contar uma história? Porque, assim, é uma história que não se conta essa.

L.: Esse curso foi preparado... se não me engano, eu dei uma aula nesse curso também, eu já não me lembro mais, cê me desculpa. Podia ter chegado... [risos] antes do covid entrar...

S.: [risos] Não... fica tranquila.

L.: ...é muito recente. [risos] É muito recente. Mas, era um curso dirigido a comandantes e oficiais da PM, né? Não havia policiais civis. Eles sentaram e assistiram às aulas todas, à proposta toda. Havia diálogo, mas... realmente, a impressão e a lembrança que eu tenho é que... aquilo era muito pitoresco, né? A gente usava filmes, não só debates, mas filmes... e os debates eram todos eivados de posições ultraconservadoras e de deboche e a gente debochava, mas apresentava o que tinha que apresentar enfim. A capilaridade desse tipo de iniciativa, na minha avaliação hoje, é nenhuma. É pra sair na foto: professora, uma feminista histórica, professora foi tal.

Mas, era toda uma tentativa, veja, em um contexto em que o campo das políticas pras mulheres ele estava sendo construído. Havia os centros de referência, havia as delegacias especializadas, mas não havia uma articulação, uma rede articulada com relação a isso. E as delegacias especializadas era a cozinha da polícia, era aquele lugar, né, “ah, põe essa mulher lá que ela tá falando muito alto”. E não havia também um preparo por parte dos sujeitos pra recepcionarem uma agenda de gênero. Então, era um debate que ficava... no campo da denúncia de uma essencialidade feminina e essencialidade masculina em que havia muita rejeição porque esse paradigma da essencialidade, da natureza, do biológico se sobrepondo era algo muito... muito confortável pra todos os sujeitos ali que representavam autoridade.

S.: Uhum.

L.: E no caso da polícia civil, nem... nem nada. Nem nada. Não me lembro.

S.: E você se lembra como nasceu essa iniciativa? Se foi um acordo entre a universidade e a polícia? Se foi uma iniciativa da Suely? Você se recorda?

L.: Olha, a Suely, ela fazia parte, mas isso é anterior à Heleieth de um projeto sobre a implantação de delegacias legais.

S.: Hum...

L.: E havia equipes técnicas nesses ambientes das delegacias legais, então... eu não participei desse projeto, né? Mas, eu lembro que ele movimentava muito, no âmbito do Serviço Social, o debate acerca da função social da nossa profissão – eu sou assistente social também de graduação – e... a incompatibilidade da nossa profissão no escopo de uma delegacia policial. Então, eu acho que foram dois anos, aliás, essa história é contada um pouquinho naquele... “A Captura da História” que é um capítulo que foi Suely que escreveu do “Violência de Gênero: poder e impotência”.

S.: Hum!

L.: Então, metodologicamente, ela fala um pouco desse projeto ali. Porque aquele livro as duas assinam, mas quem as conhece, eu as conheci, sabe quem foi que escreveu o que, né?

S.: Uhum.

L.: Embora tenha uma assinatura, cada uma... tem um estilo de escrita. O “Captura da história” e o “Cidade maravilhosa” são de autoria da Suely e os demais, os dois outros capítulos, são da Heleieth e o último – é porque eu não tô com ele aqui, né? –, o último são as duas quando falam das políticas públicas. Então, o campo das políticas públicas ele tava sendo constituído naquele momento. Nós estamos falando no finalzinho dos anos 1980, começo dos anos 1990, em que havia essas iniciativas, né? Em meados de 1990 também, né? As delegacias policiais de atendimento às mulheres foram criadas em 85.

S.: Uhum.

L.: Então... enfim. E houve um trânsito muito grande e uma participação crítica muito importante por parte da Heleieth a respeito do enquadramento da violência contra a mulher como crime de menor potencial ofensivo no escopo da lei 9.099(95), né? [creio se tratar da Redação dada pela Lei nº 10.455, de 13.5.2002]

Havia um engajamento muito firme, rigoroso da Heleieth na defesa da agenda das pautas que ela considerava importantes, né? A Suely foi a primeira tese orientada dela, né? Foi 96. A minha foi 98 a defesa.

S.: Uhum.

L.: Então, nesse período de... pelo menos da minha parte, de 94 a 98, foi vigoroso. Porque eu ia pra São Paulo toda semana, assistir aula... enfim, a pesquisa, o... engravidei da minha terceira filha no ano final do doutorado.

S.: Caramba.

L.: Eh, estudando direitos reprodutivos. Que tal? [risos]

S.: [risos]

L.: Cê pode imaginar qual não foi a reação da Heleieth, não é verdade? Ela: “mas, não acredito! É incompatível!” Me deu um esporro danado!

S.: Caramba, te deu um esporro!

L.: Eh, uma cobrança, né? Eu caí na besteira de levar... a Renata pra uma atividade, a terceira filha, era um bebê! Pra uma atividade no auditório e tive que sair porque ela começou a filha incomodada, claro, um bebê num auditório com um monte de gente. E eu tô saindo, tomando cuidado pra descer com bebê, né? Sacola, não sei quê e ela falando, falando e sem mudar o tom de voz: “olha, isso aí é incompatível”. E eu como sou uma palhaça também, aí eu fazia assim: não [sinal negativo com as mãos], mostrava o neném, tudo.

S.: [risos]

L.: Tava na minha casa, né? Tava na Escola da minha unidade de ensino!

S.: Claro.

L.: Mas, foi um susto muito grande quando... ela recebeu a notícia da terceira gravidez. Porque, além da gravidez, de um terceiro filho que tava chegando, né, tinha os dois anteriores. [risos]

S.: [risos]

L.: [risos]

S.: Entendi. E como que foi esse processo do doutorado? Você decidiu ir pra lá por conta dela ou não? Porque você fez o mestrado também aí no Rio, né?

L.: Sim, eu fiz o mestrado na Escola em que eu já trabalhava como docente. Embora já tivesse o curso de doutorado na Escola, eu decidi não fazer, em hipótese alguma, um curso na unidade em que eu trabalhava porque tem atravessamentos muito particulares. Então, a experiência do mestrado [risos] foi uma experiência... que me disse, olha, vai fazer em outro campo. E eu já tinha essa interação, essa aproximação com Heleieth, né? Com os aportes teóricos que ela trazia, mas, nesse momento, eu ainda não trabalhava na área da violência. Eu trabalhava, como eu te disse, na área dos direitos reprodutivos, saúde da mulher e cidadania feminina e a minha tese foi sobre isso. A pergunta foi, qual foi mesmo?

S.: Como que foi esse processo de doutorado, de fazer na PUC, como que era...

[falam concomitantemente, trecho incompreensível]

L.: Nessa ocasião, ela abriu uma vaga pra o meu ingresso. Eu acho que eu fui lá fazer uma prova de línguas, era uma tradução (de livros), um trecho do Lévi-Strauss. Uma coisa assim bem básica! [risos]

S.: Uhum, claro!

L.: E nessa ocasião, eu acho que o Edgard (Carvalho) era o coordenador do programa e, depois, foi a Lucia Bógus, mas enfim. E foi isso. Eu assistia às aulas, né? Eu saía daqui de casa, daqui de casa, daqui do Rio, pegava o ônibus das seis horas da manhã, chegava em São Paulo uma hora, almoçava e já almoçava por ali pelo Macedo, por ali por perto da PUC e já ia assistir à aula. E a gente concentrava uma área de estudos, não só com as disciplinas da Heleieth, claro, mas com outras também do programa e pegava o ônibus da meia noite, o leito. E chegava em casa... [risos] e as crianças “minha mamãe!” [risos]

S.: [risos] Acabada!

L.: Elas tavam acordando às seis horas da manhã, seis, sete horas da manhã, do dia seguinte, né? [risos]

S.: Uhum. [risos]

L.: Foi. Quando a gente é nova, a gente [palavra inaudível], cê sabe disso porque você é nova. Quando é nova, a gente faz muita coisa! [risos]

S.: A gente aguenta algumas coisas que depois que passa...

L.: Eh... e nessa época, imagina ir de avião! Era Dutra mesmo! Era Dutra mesmo

S.: Claro. E como que era a relação de vocês, como orientanda e orientadora?

L.: Foi uma relação muito tranquila, muito franca. Eu sou... extrovertida, né? Heleieth é também muito espirituosa, né? E... os textos, assim, as implicâncias recíprocas porque eu fazia críticas também, ela fazia – claro – críticas à forma de escrever e tal. Teve um autor cujo nome eu não vou falar, claro, né? Que eu tinha uma opinião muito diferente da dela e ela queria eu fosse mais generosa na avaliação sobre o que ele estava dizendo, mas aí isso... não fui, né? Então, havia um respeito entre a gente e entre as nossas histórias. Então... foi uma relação de orientador... e orientanda. No final desse processo, foi um pouco difícil porque eu já estava com três crianças em casa e as orientações eram por telefone. Não havia... como é? Ligação por vídeo.

S.: Uhum.

L.: Eram por telefone em cima do material enviado. E Heleieth, eu guardo até hoje, ela pega cada – ela pegava – cada uma das questões e escrevia. E aí, mandava pelo correio, mas ela tinha as anotações. E esse processo de orientação por telefone ele foi bastante... desgastante, mas eu também não podia pegar um ônibus e ir pra lá. E nessa ocasião, ela já não tinha agenda aqui.

S.: Hum... entendi.

L.: Entendeu? Então, eh... enfim, quando tinha, a gente aproveitava, né? Porque houve uma época que ela vinha quase que mensalmente, de dois em dois meses, era... mais fácil. Então, foi uma... uma participação dela no núcleo de estudos lá da UFRJ que também carregava também muitos alunos de graduação e de pós-graduação. Todos ficavam ali querendo beber daquela... enfim, orientação teórica e metodológica bastante diferente daquilo que a gente vinha

oferecendo na Escola. E a Escola da Serviço Social foi uma das primeiras unidades de ensino no Brasil a adotar a disciplina A Questão de Gênero no Brasil, como uma disciplina obrigatória.

S.: Olha, que incrível!

L.: Com a disciplina de Direitos Humanos também... do Brasil. [disciplina: Direitos Humanos no Brasil]

S.: Gente!

L.: Na grade curricular anterior, a disciplina de gênero, de raça eram disciplinas eletivas, mas que acabam sendo obrigatórias, né? A gente falava que eram optatórias porque não havia um elenco grande e nem pessoas capazes de oferecer aquele conteúdo. Então, havia sempre a oferta de gênero, da disciplina de gênero – antes dela se tornar obrigatória –, como optativa, de raça também. E de uma disciplina que se chamava Violência nas Relações Sociais que, depois, a gente redimensionou esse conteúdo pros (disciplinas) Direitos Humanos (no Brasil) e pra Questão de Gênero no Brasil.

S.: Olha só, que incrível!

L.: E nós, eu e Suely, a gente revessava nessas disciplinas, tanto a de Direitos Humanos (no Brasil), quanto a de... a Questão de Gênero no Brasil.

S.: Uhum. A Suely também é um nome muito importante nessa história toda.

L.: Muito! Muito! Suely é um nome fundamental no campo dos estudos de gênero, né? Porque há uma distinção, há distinções vigorosas entre a formulação... tanto da Heleieth, quanto de Suely, embora ambas... tenham tido, como eu também, a mesma raiz, o mesmo eixo de origem, né?

S.: Uhum.

L.: Mas, as formulações da Suely, pra nossa área, foram preciosas! E a Suely sempre teve uma preocupação muito presente na aplicabilidade daquilo que a gente tava produzindo como conhecimento, como lente de observação da realidade. Então, a Suely, junto Nilceia Freire, que era então ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres... isso no Lula 1, logo no primeiro governo Lula. Mas antes disso também, quando a Secretaria de Políticas para as Mulheres era uma subsecretaria do escopo do Ministério da Justiça lá da área dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, né?

A Suely criou as condições para dois centros de referência para o atendimento à mulher em situação de violência na... na UFRJ que são serviços que “servem” [aspas gestuais] à política pública, ao campo das políticas públicas pras mulheres e à formação de graduação, de pesquisadores, ou seja, de pós-graduação e a extensão, e sociabilizando esses níveis de ensino presente nas universidades públicas. Além disso, tem uma faceta assistencial, tal como, sei lá, um hospital universitário que tem essas três dimensões e também tem a dimensão assistencial. Os serviços inventados pela cabeça da Suely que tinha essa preocupação da aplicabilidade da política pública, eles funcionam até hoje.

S.: Eh, inclusive, a Regina comentou sobre um que tem no Fundão, não é?

L.: Eh. Tem o Centro de Referência pra Mulheres no Fundão e que tem, inclusive, o nome da Suely e tem o Centro de Referência pra Mulheres da Maré “Carminha Rosa” que foi uma outra grande mulher que trabalhava na Agência Brasileira de Cooperação no escopo do Ministério... na Secretaria de Direitos Humanos do Ministério da Justiça. É porque é tanta configuração... passa um ano, piscou, muda tudo!

S.: Uhum.

L.: Mas enfim. [risos]

S.: [risos]

L.: Nessa época, a Secretaria de Políticas para as Mulheres não tinha o status de ministério que só veio a adquirir depois do Lula 1. Mas, criava as condições pro campo das políticas públicas serem construídos, né? Então...

S.: E graças...

L.: Não é muito linear a minha narrativa, né? [risos]

S.: Mas, nenhuma narrativa é.

L.: É verdade, né?

S.: Assim que a memória vai, né?

L.: Eh, isso aí.

S.: Eh... e aí, graças a esses esforços coletivos, né, de muitas feministas que vem desde lá de trás. Tô lembrando da Hildete contando também desses esforços desde lá do Centro da... Mulher Brasileira, né?

L.: Uhum.

S.: E contando de várias iniciativas nesse sentido mesmo de, essas disputas. “E aí, a gente vai disputar o Estado? Vamo promover a política pública? Ou não?” Isso também é uma discussão também que teve muito aqui no estado de São Paulo aqui nos anos 80, né? Com a formulação dos Conselhos Estaduais da Condição Feminina, então acho que tudo isso se conecta, né?

L.: Com certeza. A Hildete é usina! É um vigor! Eu fico assim, “meu deus do céu! Hildete, que que cê tá fazendo?” [risos]

S.: [risos] Sim, né?

L.: É uma coisa! É uma beleza! É uma beleza. A última vez que eu encontrei Heleieth [Hildete?], junto com Lourdes Bandeira, foi... a gente não sabia da pandemia e nós fomos pro oito de março, né?

S.: Uhum.

L.: De 2021, em plena pandemia, nós só não sabíamos. E foi uma delícia encontrar com elas lá porque parece que foi uma despedida da rua e Lourdes faleceu recentemente, né?

S.: Sim, uma grande perda, né?

L.: Bom, depois eu estive com a Lourdes numa banca também, mas, enfim, em mesas, em lives e tal, mas... realmente, muito triste. Uma grande perda! Uma grande perda.

S.: Uhum, sim. Muitos nomes aí que se vão, mas que deixam a sua marca, né?

L.: Com certeza. Eu encontrei com a Lourdes, eu fui, logo depois da eleição dessa... coisa, eu fui pra Portugal, arranjei lá uma agenda de atividades, palestras e tal. E eu tava... ai meu deus, entre o Porto e Lisboa... Coimbra. Eu tava em Coimbra. [risos]

S.: [risos]

L.: É uma associação da mulher... Associação Portuguesa de Estudos da Mulher, eu acho que é isso. Não posso tá inventando, né, Samantha? Tá vindo tão assim, mas eu acho que é isso.

S.: [risos]

L.: Então, nós fomos falar sobre o quadro atual. A sala encheu! E eu olho pro lado quem tá? A Lourdes.

S.: Nossa!

L.: “Eu vim te escutar. Eu sabia que você vinha”. A gente já se conhecia da secretaria, enfim, das atividades, do CRMM [Centro de Referência de Mulheres da Maré Carminha Rosa], né? Eu atuo desde o começo do serviço que foi em 2005, o acordo de cooperação técnica entre a UFRJ e a Secretaria de Políticas para as Mulheres, eu atuo como supervisora na formação das equipes técnicas dos serviços.

S.: Uhum.

L.: Então, essa dimensão da aplicabilidade, daquilo que a gente vem estudando, que a gente vem debatendo e que a gente vem criando, né? Porque aí, a partir desse estudo e dessa formação que teve origem na Heleieth, nas provocações da Heleieth, nós criamos uma metodologia de atenção integral às mulheres em situação de violência que ultrapassa a sua condição de “vítima” [aspas gestuais] ou de... violência propriamente dita, né? Recuperando a capacidade da mulher de se ver em situação não de modo tutelado: “ó, vá pra lá”, “faça isso”, “denuncie aqui”. Não, não isso.

S.: Uhum.

L.: Essa metodologia de atenção integral é algo que... nós... estamos desenvolvendo ainda, mas que foi criado inicialmente pela Suely.

S.: Uhum. Essa palavra que você falou: na “aplicabilidade”. É uma questão que aparece muito, né, na prática, na teoria e prática da Heleieth também, né?

L.: Uhum.

S.: Acho que tem tudo a ver com a teoria marxista também. Assim, o legado da Heleieth, de alguma forma, trouxe isso pra sua trajetória? De que a teoria precisa resvalar na prática, essa... aplicabilidade que você tá falando? Porque, de alguma forma, a gente vem vendo que essa história da Heleieth ela se conecta não só com todo esse... conjunto teórico que ela nos deixou, mas também tem uma história aí, que é o que eu tô investigando, dessas contribuições que ela deixou de conquistas pras políticas públicas, das lutas feministas.

L.: Uhum.

S.: Então, a minha pergunta vai um pouco nesse sentido: se você via também na Heleieth essa dimensão da aplicabilidade, né?

L.: Não.

S.: Não?

L.: Não. Não... eu via na Heleieth uma capacidade de criticar... e de construir um solo com o qual a gente pudesse transitar a respeito do operacional.

S.: Uhum.

L.: A preocupação da Heleieth, do meu ponto de vista, nunca foi procedimental ou interventivo. Ela questionava, questionava! Se você examina a condução dela que ela faz das histórias de vida e dos eixos de questões e tal, ela tá... tentando entender aquele depoimento, aquela narrativa, a partir duma referência teórico-político-metodológica que ela... [risos] o rapaz aí ou a rapariga [trecho incompreensível] (...).

S.: [risos]

L.: (...) Que ela pudesse construir isso, muito mais que aplicabilidade propriamente dita. E Heleieth sempre foi isso. Ela... mobilizava debates e autores dos mais diversos espectros políticos pra trazer uma dimensão importante que era preciso compreender. Por exemplo, vamos pensar na dominação masculina e pega Bourdieu. Mas, no meio da dominação masculina, ela introduz as relações de poder foucaultianas! Imagina Foucault e Bourdieu conversando entre si.

S.: Uhum.

L.: Só Heleieth mesmo! E não satisfeita, ela começa a fazer uma crítica à inteligibilidade de gênero já na Butler! [risos]

S.: [risos]

L.: Que conversa muito, né, com os filósofos de modo crítico, uma interface, né, mas nem tanto. Aí, ela vai pegar uma briga com as francesas! [trecho incompreensível] (...) a própria Danièle Kergoat, que, aliás, foi orientadora do sanduíche da Suely da França.

S.: Olha, não sabia!

L.: Olha só. Eh eh, foi. Helena Hirata também conheceu Suely. Enfim, Suely passou não sei se um ano ou dois anos lá... não sei, já não sei. Acho que foi um só. Mas, enfim, ela trazia esse povo todo... [risos] e sempre trazia Marx, claro. Com uma propriedade, com uma... agora, nessa época, não havia o debate que, por exemplo, a Silvia Federici tá... publicizando, embora já houvesse o debate, nós não conhecíamos já que... Heleieth não adotou. Eu fico vendo Heleieth com as polêmicas dela discutindo com a Federici a respeito da questão do ponto zero. [risos]

S.: [risos] Magina ela aqui hoje.

L.: Magina! Magina, ia ser divertido!

S.: [risos] Ela discutindo com as novas gerações de feministas que acham que o feminismo começou hoje... [risos]

L.: Eh... agora, tem... eu, uma vez, eu dei uma disciplina que usei, preponderantemente, o “Mulher na sociedade de classes”. Tinha acabado de ser reeditado. E, aliás, a Heleieth tem toda a produção dela na internet, né?

S.: Uhum.

L.: E isso é muito bom! Porque são textos assim chaves para o entendimento não daquela época em que eles foram produzidos, mas do que isso: uma capacidade de mobilizar autores, debates, discutir com eles, fazer a crítica e formular outra coisa. E formular outra coisa. Isso aí ela era, ela fazia com uma maestria muito grande. A última vez que eu encontrei com a Heleieth foi no Fazendo Gênero da vida, já não me lembro em qual deles, né?

S.: Uhum.

L.: Eu fui a todos, acho que os quatro ou cinco últimos... minto, esse último eu nem sei se já teve, mas eu não fui, o da pandemia. Eu tinha até contratado ir, mas... acabei cancelando a coisa toda. Morria de medo de pegar covid. Bom, também não havia vacina, não havia nada, né?

S.: Claro. Uhum.

L.: Então... mas, eu tava falando do Fazendo Gênero, sim. E, você já foi a algum Fazendo Gênero? Lá em Santa Catarina?

S.: Ainda não fui.

L.: Bom, você imagina um campus e uma praça de alimentação de um campus universitário. Era uma muvuca enorme! E seções, painéis, mesas, tinha de tudo. É muito bom o ambiente do Fazendo Gênero, tenho saudades disso, dessa muvuca. [risos]

S.: [risos]

L.: Mas, enfim. Eu tava saindo do restaurante porque eu tava indo pra uma atividade em que eu ia participar, quando eu vi a Heleieth sozinha, sozinha. Todos partilhavam mesa e era uma muvuca danada e eu vi a Heleieth sozinha numa mesa. Não tinha ninguém perto dela. E eu fiquei pensando, “nossa, mas como que essa mulher, essa referência, ela conhece todo mundo e todo mundo a conhece, tá fazendo aqui sozinha?” Eu não conseguia ficar sozinha!

S.: Uhum.

L.: Eu fiquei pensando: “nossa, mas que coisa! Que que terá acontecido?” E eu não tive a oportunidade de falar com a Heleieth. A gente se cruzou de longe e tal e eu tava afobada pra ir pra esse... porque também é tudo assim: no bloco não sei o quê, de não sei aonde, a gente tinha que descobrir onde era a coisa... e por mais que eu já tivesse ido a outros eventos desses eu... e tenha bom senso de direção, eu não conseguia achar as coisas muito tranquilamente, mas enfim. Eu acho, não sei, Heleieth sempre juntou e reuniu pessoas próximas a ela, né? Mas, depois da orientação e do doutorado, da defesa, foram poucas as vezes que a gente esteve juntas ou falamos. Participei de petições em apoio na história da PUC... enfim. Porque ela fez a defesa do aborto como questão de saúde pública e acabou sendo demitida da PUC e...

S.: E teve uma mobilização na PUC naquele momento?

L.: Na PUC não, a PUC tirou.

S.: Sim, mas eu digo...

L.: Uma empresa privada.

S.: Sim, mas eu digo os professores, os alunos. Houve... não?

L.: Não.

S.: Uhum.

L.: Não porque eu acho que ela não tava mais em sala de aula.

S.: Uhum.

L.: Quer dizer, houve alguma coisa tanto que eu participei da nota de apoio. Mas, eu já não sei, eu já não sei o quê... eu já não tenho essa memória porque eu já não tinha mais tanta proximidade com a Heleieth.

S.: Sim. E também com a PUC, né?

L.: E também com a PUC. Eu participei de bancas lá, mas não tinha também. E na carreira acadêmica, eu acabei assumindo coordenação de programa de pós, depois... com três crianças, aí depois eu fui pra estrutura média da universidade, acabei sendo decana. Eram reuniões em cima de reuniões!

S.: Nossa, já fazia demais!

L.: Eu não tinha... porque eu tinha atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão.

S.: Uhum.

L.: Então, realmente, eu não conseguia dar cabo, dar continuidade às interações.

S.: Não, com certeza. Ninguém conseguiria, né? Muita coisa.

L.: Bom, eu não consegui, eu não consegui. Mas, sempre trabalhei com... enfim, com bibliografia da Heleieth, com... ensinamentos e memórias a respeito das sacadas dela, do nó enfim. E todas as minhas orientandas usam, claro, né? [risos] Todas elas usam.

S.: São ideias tão com vocês até hoje então.

L.: Eh... sim porque... representa, de modo figurado, o gênero relacional que é um conceito bastante utilizado – uma categoria teórica – bastante utilizado por ela. Não dá pra pensar somente em gênero, é fundamental pensar em classe e raça. Embora esses elementos, sobretudo raça, não tivesse muito presente na formulação... orgânica da análise dela. Ela sempre fazia a chamada sobre a importância de, mas não fazia o debate sobre. E aí, cada autor que eu vejo, tava estudando noutro dia, uma sobre a fragilidade branca, esqueci o nome dela... desculpa!

[Parece se tratar da autora Robin Diangelo cujo livro original se chama “*White Fragility: Why It's So Hard for White People to Talk about Racism*” que na língua portuguesa ganhou o título “Não basta não ser racista: Sejamos antirracistas”]

S.: Tudo bem.

L.: Mas, é fácil de você procurar: fragilidade branca, né? Que teve uma tradução horrorosa aqui no Brasil... como ser antirracista, uma coisa bem, sabe, pragmática, parece uma palavra de ordem. E eu fico pensando: “nossa, que que a Heleieth falaria sobre a ‘fragilidade branca’?” E fico pensando da própria Suely e aí eu vou... nos, enfim, nas formulações delas pra ver de que modo discutiria com essa autora cujo nome eu esqueci. Ô meu deus do céu! [risos]

S.: Tá tudo bem. Tenha um pouco de piedade com você, você tá num momento complicado. [risos]

L.: [risos]

S.: Não, mas eu concordo bastante com você, Lília. Eu fiz um mestrado que eu estudei bastante a obra dela, né? E eu tive o prazer, inclusive, de ter a professora Renata Gonçalves da Unifesp...

L.: Olha!

S.: ...na minha banca de qualificação e a gente discutiu bastante sobre isso. Havia um cenário político do feminismo negro que estava em debate, né? A própria Lélia Gonzalez cita a Saffioti, mas se você olha na obra da Saffioti ela não cita a Lélia Gonzalez. Então, assim tem essa questão que eu acho bastante importante que você levanta.

L.: Eh, mas a Lélia também dá uma chamada nessas feministas brancas. [risos]

S.: Com certeza, com certeza.

L.: Não é fortuito o fato, mas ela nem... aliás, ela fala da Lélia Gonzalez sim, mas assim muito... pontualmente, né?

S.: Hum...

L.: Aquela outra autora negra que... formulava questão do trabalho. Ai, meu deus do céu! Com quem ela discutia bastante porque Heleieth tinha uma tradição desses temas: trabalho – discussão, inclusive, da tese de livre-docência – e a questão da violência contra a infância e juventude – a partir da questão do assédio, do assédio sexual – e também a violência de gênero. Então, ela trabalhava nesses campos.

S.: Uhum.

L.: E... [breve silêncio] daqui a pouco vem o nome, acho que não vai vim não.

S.: É brasileira?

L.: É brasileiríssima!

S.: Não é Sueli, né?

L.: Não!

S.: Não.

L.: Não é a Sueli. Morreu antes, mas no finalzinho dos anos 90.

S.: Beatriz Nascimento, não?

L.: Não.

S.: Não vou saber quem é.

L.: Nunca vi uma referência da Heleieth à Beatriz Nascimento.

S.: Eu também, mas é... mas é mesmo esse debate que a professora Renata Gonçalves vem fazendo no grupo de estudos dela.

L.: Uhum.

S.: De fazer essas correlações inclusive... de tentar entender um pouco disso, né? Lá em Araraquara, tem a biblioteca que você deve ter conhecido e tem muitos livros lá de feministas negras. Eu acho isso uma coisa curiosa.

L.: Uhum. Heleieth estudava isso, embora não formulasse sobre isso, é isso que você tá falando?

S.: É, eu acredito que sim porque na biblioteca dela havia livros de várias feministas negras... bem, do pouco que eu conheço da obra dela, não sou uma grande...

L.: Eu nunca fui a Araraquara.

S.: Uhum.

L.: Não sei... eu... mas, conheci a biblioteca dela no Copan. Inclusive, ficou com a luz acesa.
[risos]

S.: [risos] Inclusive, pagou a conta de energia.

L.: Eu não, imagina! [risos]

S.: [risos] Até parece!

L.: Faz me rir, ha-ha-ha-ha! [risos] Ai ai.

S.: E vocês chegaram, você comentou, né, que durante essa passagem que ela teve pelo Rio, vocês participavam de um núcleo em comum. Esse núcleo era o Gecem? Era...

L.: Foi antes do Gecem, foi o NIPAS.

S.: Foi antes.

L.: Mas, eu não vou saber dizer o que que era o NIPAS.

S.: Não tem problema, mas ela ajudou a participar na fundação do Gecem? Como que foi essa... esse processo? Porque ela cita isso numa entrevista, eu fiquei curiosa.

L.: Eu não tenho mais essa memória.

S.: Uhum.

L.: O acervo do Gecem, ele foi sistematizado por uma bibliotecária do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. A Suely foi decana lá antes da minha gestão. Talvez, tenha... você pesquisa a história do Gecem...

S.: Hum...

L.: ...a partir dessa sistematização. Eu não sei se entrando lá na biblioteca do CSCH ou no próprio sistema FIB, UFRJ, você consegue localizar esse acervo.

S.: Legal, vou procurar.

L.: É possível que tenha.

S.: Uhum.

L.: Cê me desculpa, eu não lembro.

S.: Não, imagina.

L.: Eu não lembro.

S.: São coisas muito antigas também, muito específicas.

L.: Eu coordenei o Gecem, foi uma herança da Suely. [risos]

S.: [risos]

L.: Mas, não lembro. Eu lembro da Heleieth mais... que também o NIPAS foi algo assim que foi muito pontual, né? Foi um núcleo, mas... foi muito pontual. Inclusive, tem, num dos livros uma menção ao NIPAS e à participação da Heleieth na UFRJ, num dos artigos de alguma coletânea que eu não sei mais qual seria.

S.: Uhum.

L.: A minha biblioteca aqui... eu tava isolada num sítio em Petrópolis. Eu tô aposentada, mas não deixei de trabalhar ainda: orientação, participar de live, publicar. Então, tem parte da minha biblioteca que tá lá e eu só vou ter aqui o que eu ia arrumando as coisas pra ir pra São Paulo. [risos]

S.: [risos] Ah, entendi.

L.: Então, eu fico falando com você sobre essas autoras e fico aqui com cócegas porque ia ser muito fácil pegar o livro... aliás, essa era uma característica da Heleieth. É possível que eu tenha aprendido isso com ela. Ela gostava de escrever no escritório dela que era no andar de baixo da cobertura dela. A parte íntima era embaixo, ali tinha os quartos, a biblioteca, a sala, cozinha, dependências e tal e, em cima, [risos] a tal cobertura maravilhosa. [risos]

S.: [risos]

L.: E ela gostava de escrever e de produzir na biblioteca dela. Ela reuniu tudo isso em São Paulo e, enfim... ela era muito produtiva e escrevia como falava! Ela falava daquele jeito! Quando a gente... enfim, eu já tô aposentada inclusive, então eu já falei muito e já escrevi também alguma coisa, né? É muito diferente esses dois códigos de comunicação. Na Heleieth, não. Ela falava exatamente daquele jeito! Com as frases curtas, com aquelas terminologias e com a voz muito pausada. Também era uma característica dela.

S.: Muito erudita.

L.: Muito!

S.: Por conta do livro que cita o NIPAS.

L.: Ah sim! Um desses livros... tem lá um texto dela e tem um pé de página o NIPAS.

S.: Legal, eu vou procurar, ver se eu encontro. Eu já li bastante coisa, mas já também nem sei... tanta coisa, né? [risos]

L.: Tá.

S.: E Lilia, além desses espaços todos, dessa orientação que vocês viveram juntas, vocês chegaram a ocupar outros espaços políticos, intelectuais juntas? Além desses?

L.: Que eu me lembre não. Era em torno da academia... eh, não.

S.: Você chegou a presenciar, ouviu algo sobre lutas feministas que ela se engajou ou não?

L.: Não... não. Eu tô quase que desmemoriada. Ela tinha um protagonismo muito grande, mas a partir do lugar da academia.

S.: Uhum.

L.: E falava como ninguém pras próprias feministas. Então, eu cansei de ver a Heleieth fazendo críticas rigorosas a... textos ou pequenos textos de feministas e isso irritava muito as pessoas. Porque ela tratava isso como se todos estivessem no ambiente da academia e não era isso, não era isso. Agora, Heleieth quando esteve à frente da coordenação do projeto lá da Violência Doméstica: Questão de Polícia e Sociedade, ela trazia com mãos de ferro... a orientação da coleta de dados.

S.: Uhum.

L.: Que depois a Suely veio chamar de “captura da história”. Tinha que ter uma unidade, uma direção muito rigorosa porque havia equipes por esse Brasil todo – se não engano, a sua orientadora fez parte, elas tinham alguma produção –. A Lourdes fez parte, a equipe de Brasília era comandada pela Lourdes e estudantes da UnB, da Sociologia e tal, né?

S.: Uhum.

L.: Mas, eu não tava muito próxima desse projeto porque eu ainda tava na *vibe* dos direitos reprodutivos. [risos] Esse negócio de violência não... não me apetecia mais.

S.: Mas, que também é um campo super árido, de direitos reprodutivos. Não é tranquilo, como você tá falando.

L.: Nada, mas, naquela ocasião, a gente falava muito das conquistas das conferências internacionais recepcionadas pelo Estado brasileiro.

S.: Uhum.

L.: Nós estamos falando da década de 1990. Essa década fertilizou muito este campo e este debate de uma forma que provocou uma reação neoconservadora, cristã, seja, no primeiro momento, da igreja católica, da santa sé e, depois, também das denominações evangélicas, sobremaneira o neopentecostalismo.

S.: Perfeito.

L.: E é isso que tá vendo hoje: *homeschooling*.

S.: Nossa, *homeschooling*. Uhum.

L.: *Homeschooling*. O que essas crianças serão mais e mais e mais vítimas de violências.

S.: E aí, fecha o ciclo. Você impede que as crianças saiam de casa e mantém... no vespeiro, né? [risos]

L.: Pois é. Não só impede que as crianças saiam de casa, como as mulheres também.

S.: Uhum.

L.: Que são as cuidadoras.

S.: Exatamente. Tem toda razão.

L.: Em nome da liberdade.

S.: Uhum.

L.: Eu fico vendo a Heleieth falando sobre isso.

S.: Que que seria dela aqui hoje? Seria que ela ajudaria ou ela taria surtada? [risos]

L.: Eu acho que ela ajudaria, ela ajudaria. Porque até as explosões eram muito... muito impactantes nessa forma de falar, nessa forma... de postura do corpo, da voz. Heleieth ela não falava sentada. Não lembro de uma vez que Heleieth falasse sentada, ela sempre levantava e caminhava. Ela ia atrás de quem estivesse, com quem ela tava falando, ela ia atrás, numa interação. E capturava!

S.: Uhum.

L.: Então, tinha aqueles seguidores na PUC. Éramos eu e a Eliana, as “meninas do Rio”, né? De tênis, calça jeans, [risos] camiseta e casaco com mochilinha, cê imagina!

S.: [risos]

L.: Bom, você tá me vendo agora, mas isso eu tô falando... [risos] isso em 94!

S.: Uhum.

L.: E nós éramos muito diferente porque todas ali ultra arrumadas. Ma-qui-a-das! [risos]

S.: [risos]

L.: Era muito bom, a gente passava, sempre passava o nosso batom, mas era uma outra estética. Aliás, se a gente hoje for à PUC Rio – eu moro aqui na Gávea, pertinho da PUC –, o ambiente da PUC é completamente diferente da UFRJ da Praia Vermelha onde, enfim, reúne mais a área das Ciências Humanas, né?

S.: Uhum.

L.: Em São Paulo então, era uma... quer dizer, Heleieth era capturava to-do mun-do! Diferentes públicos. [risos]

S.: Tinha um magnetismo, né? No que ela dizia.

L.: É uma liderança acadêmica, eu diria uma liderança acadêmica. Ela capturava esse magnetismo era base de muita interlocução com... a rebeldia. E ela estimulava a rebeldia porque ela queria conversar, ela queria conversar. Ela queria que as pessoas pudessem perguntar, contestar. Ela não queria vaquinha de presépio.

S.: Uhum, perfeito. Muito interessante, né, essa figura que foi a Heleieth.

L.: Eh.

S.: E, Lília, que lugar que você acha que a Heleieth ocupa hoje no feminismo brasileiro?

L.: Um lugar central não tenho a menor sombra de dúvida! “Mulher na sociedade de classes” foi uma... grande aposta na articulação dos temas de gênero e classe social que ninguém tinha feito! Ninguém tinha feito. E ela faz isso a partir da psicanálise! Engraçado e não conversa aí com a Lélia, né?

S.: Uhum.

L.: Ela cita Lélia, ela fala alguma assim, mas muito *en passant*. Psicanálise, a partir de Florestan Fernandes! Ela, da Sociologia, ela não deixa barato. Isso daí é uma tese de livre-docência de lá atrás! E depois disso, a produção dos artigos, dos textos, ela escreveu em coautoria muito pouco. Acho que a única que eu conheço é com a Suely, “Violência de gênero: poder e impotência”, né?

S.: Uhum.

L.: E mesmo assim nesse tipo de produção: “eu escrevo esses capítulos, você escreve esses capítulos e aqui a gente faz assim assim assado”. Combinando tudinho bonitinho, né? Embora as duas tenham assinado o livro, há essa separação. E... todos os artigos dela são centrais pra se pensar a subjetividade. O texto dela da violência na construção da subjetividade, “Violência e práxis na constituição da subjetividade”, acho que é isso. É um texto assim central! Central. Mesmo “Rearticulando gênero e classe social”... tem um texto dela também sobre infância e juventude na coletânea “Quem mandou nascer mulher?” da Felícia Madeira enfim.

Ela tem... uma produção vigorosa que desestabiliza entendimentos apressados e fáceis. Aquela interlocução dela com as irmãs Azevedos à respeito do... da cisão estabelecida entre os planos societal e pessoal, né? Essa polêmica é uma polêmica central pra gente entender uma perspectiva de gênero relacional! É central. Na aplicabilidade disso também. A gente não pode perceber a mulher que vai procurar um serviço de apoio à sua condição no centro de referência pra mulheres somente com enquadramento do sistema de justiça criminal. Talvez, não seja isso que ela queira. Então, é diferente esse tipo de enquadramento e a gente só consegue entender isso quando a gente percebe essa mecânica dialética entre o pessoal, o interpessoal e o societal. E isso ela trouxe pra gente nessas grandes polêmicas que ela estabeleceu aí na geração dela.

S.: Uhum. Perfeito. E nas Ciências Sociais? Sei que você fez um doutorado em Ciências Sociais, mas você também pode dizer sobre o seu campo de estudos e de atuação hoje se você preferir.

L.: Eu acho que isso, essa formulação anterior, pode ser também uma chave o protagonismo dela nas Ciências Sociais. Ela fazer uma crítica ferrenha a... essa separação dos sujeitos das relações sociais que lhes eram constitutivas e formadoras!

S.: Uhum.

L.: Ela criticava uma... uma tendência vitimizadora que não procede o feminismo e a condição de sujeito das mulheres em situação de violação de direitos. Então... e ela fazia isso com maestria! A partir... a partir de insumos das pesquisas que ela realizava e do trabalho nos centros de atendimento.

S.: Uhum. Que que você diz assim sobre um legado deixou pras novas gerações?

L.: Uma chave de leitura sobre a sociedade brasileira fundamental! Porque ela coloca o feminismo num outro patamar, ultrapassando a sua feição de movimento social, mas como campo de interlocução, de intervenção para enquadrar a sociedade a partir de uma perspectiva. Uma perspectiva... que tenha acuidade com a totalidade e não episódios mencionados aleatoriamente. Então, ela falava, por exemplo, que não basta eleger mulheres porque não é qualquer mulher que ela quer eleger, né?

S.: Uhum.

L.: Isso daí, logo depois... da Constituinte por exemplo. O protagonismo... você já viu “O lobby do batom”?

S.: Como?

L.: “O lobby do batom”. É um documentário...

S.: Não.

L.: ...que tá na GNT. Vai lá no NOW, não sei se você tem o NOW, mas, enfim, acho que você consegue achar... [palavra inaudível]

S.: “O lobby do batom”... uhum.

L.: “O lobby do batom”. A Hildete tá no “O lobby do batom” e tal.

S.: Olha, que legal!

L.: Não obstante, o protagonismo das mulheres, numa agenda feminista, não basta isso ou não basta ser mulher ou basta ter a genitália de mulheres. É mais do que isso. E ela sempre dizia isso com todas as letras! Da forma como ela dizia, com firmeza, com propriedade, com erudição o que... balança muito o campo de estudos, né?

S.: Uhum, perfeito. E não é à toa que, até hoje, estamos aqui, falando dela, estudando, recuperando o seu pensamento, sua história, né? Acho que ela deixou marcas indeléveis em todas nós.

L.: Com certeza.

S.: Até a minha geração que não a conheceu, né? Acho... acho esse poder dela muito interessante, né?

L.: Uhum.

S.: E tem algo mais que você gostaria de falar, Lilia, que as perguntas não abarcaram?

L.: Eu já tirei a pergunta aqui da tela pra eu te ver melhor. [risos]

S.: [risos]

L.: Mas, não... eu acho muito importante, Samantha, esse seu esforço de resgatar esse legado, né? A Renata tem feito isso também e isso é muito importante. O fato de existir essa circulação da produção dela e a menção às questões que ela traz. Acho que são... iniciativas muito vigorosas pra esse pensamento revolucionário! Porque ela não se aquietava, ela tava sempre querendo mais, tava sempre querendo interlocutores e um protagonismo também nas grandes celeumas dela. Faz uma falta enorme! Faz uma falta enorme o conhecimento que ela tinha, a erudição... depois de mim, a Rosana Morgado, que foi orientanda dela também, e que a tese foi sobre infância e juventude – tem até o livro “Mulheres Mães (e o Abuso Sexual Incestuoso)”, ela trabalhou as mulheres mães de crianças que sofreram abuso incestuoso –.

S.: Hum...

L.: E foi orientada pela Heleieth, né? Tem assim... eu acompanhei a Heleieth até aí, até a tese da Rosana que foi dois mil, já não sei... foi logo depois da minha. Foi, talvez, dois mil e... não sei. Foi depois.

S.: Uhum.

L.: E sempre esse vigor na interlocução, na... na análise de temas áridos. A tese da Suely foi sobre a não acidentalidade das mortes das mulheres que examinou processos-crime e... havidos no tribunal de júri. O fato dela transitar por esses temas áridos, tentando enquadrá-los teoricamente e superá-los do ponto de vista teórico pra entender cada qual dessas que a gente acha, apressadamente, que seja mazela, como um fenômeno social o efeito dessa estrutura social. A vida da Heleieth não foi fácil. Ela tem dramas na vida dela... que, dificilmente... enfim, se recompõe, a gente consegue se recompor disso, né?

S.: Uhum.

L.: Mas, a Heleieth sempre foi muito valente. Sempre foi muito valente e foi firme no domínio em que ela podia transitar com maestria. Mais do que o domínio emocional, talvez pela própria história de vida dela. Então, com quem ela tramava uma interação e uma relação afetiva mais próxima, havia sempre depois uma... uma ruptura, como se... “vai”. “Já teve aqui? Agora, vai”. É, mais ou menos, assim que eu vejo a minha relação com a Heleieth até hoje.

S.: Entendi. Então, então tinha um momento que as coisas não prosseguiam, é isso?

L.: Não prosseguiam porque a vida da gente tomava outras dimensões, né? Mas, as tramas afetivas e proximidade acabavam sendo... por conta desse cotidiano e por conta, eu penso hoje,

retrospectivamente, mais pela história de vida dela e pelos dramas e tal, uma dificuldade dela tramarmos relações duradouras também.

S.: Entendi.

L.: Uma dificuldade de investir nesse campo.

S.: Faz bastante sentido, Lilia.

L.: É, é uma impressão minha. Eu nunca elaborei isso com ela, então eu não me sinto muito à vontade de falar sobre isso já que eu não o fiz com ela.

S.: Claro porque também eram temas que ela não falava com ninguém.

L.: Não falava, exatamente. Exatamente.

S.: Mas... mas, faz bastante sentido. Lilia, eu agradeço muito ter conversado com você. Adorei te conhecer, foi um prazer enorme. Parabéns por ser avó, novamente, parabéns por ser essa mulher maravilhosa.

L.: [risos]

S.: [risos] De verdade, foi uma aula a nossa conversa, aprendi muito com você aqui hoje.

L.: Ah, imagina!

S.: Foi muito rico conhecer um pedacinho da sua trajetória e também conhecer esses entrelaçamentos com a história da Heleieth. Acho que é muito importante vários pedacinhos pra compor esse grande mosaico, né, dessa trajetória, como eu disse, pra gente somar, pra contar essa história, né? Que é uma história coletiva.

L.: Ótimo, uhum.

S.: E aí, eu queria te perguntar: se você tiver algum nome que você acha que seria interessante pra eu entrevistar...

L.: Olha, a última orientanda que eu conheci foi a Rosana. Eu posso passar o e-mail dela pra você, a Rosana Morgado, também lá da Escola.

S.: Ah, legal! Uhum.

L.: Eliana (Amorim) Moura também orientanda dela, só que não concluiu com ela, concluiu com a Lucia (Bógus). São nomes de pessoas que tiveram uma proximidade com a Heleieth.

S.: Ah, bacana.

L.: Posso passar pra você depois o e-mail por zap e aí também eu vou ver a autora. [risos]

S.: Tranquilo. E deixa eu perguntar mais uma coisa: você tem alguma fotografia com ela, algum registro assim? Porque eu tô juntando algumas fotografias, aí, se você tiver, não tenha pressa,

e você puder me mandar e eu agradeço. Que aí no final da tese, eu vou juntar essa... essa trajetória em fotos. Acho que vai ficar uma coisa bem legal.

L.: Eu... eu não sei se tenho ou não tenho. Porque... como eu te disse eu me aposentei.

S.: Uhum.

L.: Então, a salinha que eu ocupava lá... na Escola, tem mais três ou quatro professoras lá ocupando. [risos]

S.: [risos]

L.: E eu não sei o que que foi feito, quer dizer, eu botei as minhas caixas pra cima. Eu não vou lá há dois anos. Eu realmente não sei, Samantha, não sei.

S.: Não tem problema.

L.: Mas, eu não vou conseguir ver isso nem e nem tanto cedo! Porque eu já me vejo espirrando, subindo na escada, pegando as caixas, procurando as coisas todas.

S.: Não tem problema.

L.: A gente junta muito papel.

S.: Sim!

L.: Depois de uma vida na universidade, é muito papel! É muito papel! Não é pouco não.

S.: Sim.

L.: Deixa eu te falar: eu vou querer saber dessa tese.

S.: Pode deixar que eu vou te mandar. [risos]

L.: [risos] Tá bom!

S.: Eu vou defender lá por 2025, mas eu te envio com certeza.

L.: Ah, que maravilha! 2025 e cê já tá nessa pesquisa. Olha, que coisa boa!

S.: Precisa de bastante energia, né? [risos]

L.: Eh, verdade. [risos] Mas, é um trabalho muito bacana, parabéns.

S.: Muito obrigada.

L.: Parabéns pela escolha do recorte ele tem uma função social: de preservar a memória e o legado de uma grande teórica, uma grande mulher que tá presente até hoje nas nossas formulações.

S.: Uhum.

L.: Que bom, parabéns.

S.: Muito obrigada, muito obrigada, Lilia.

L.: Tá bom?

S.: E aí, eu vou fazer a transcrição e aí te mando pra você aprovar, tá bom?

L.: Tá bom, querida, tá bom. Brigada!

S.: Um abraço!

L.: Tchau!

S.: Dá um chêro bem grande lá no seu netinho. [risos]

L.: Eu vou. [risos]

S.: [risos] Tchau, brigada!

[Fim da gravação]